

Mestrado em Sociologia

Identities, between Belonging and Differentiation. The case of Brazilian Students in the University of Porto

Jorge José Queiroz Corsi

Setembro, 2021



Jorge José Queiroz Corsi

Número do Aluno: 201902269

**Identities, entre a Pertença e a
Diferenciação. O caso dos Estudantes
Brasileiros na Universidade do Porto**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientado pelo Professor
Doutor José Manuel Pereira Azevedo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Jorge José Queiroz Corsi

Identities, entre a Pertença e a Diferenciação. O caso dos Estudantes Brasileiros na Universidade do Porto

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em sociologia, orientada
pelo Professor Doutor José Manuel Pereira Azevedo

Membros do Júri

“O homem é necessariamente reconhecido e é necessariamente reconhecedor.”

Georg Wilhelm Hegel

“Eu sou um homem meio sem pátria, eu não tenho pátria. A minha pátria é a humanidade.”

Vinícius de Moraes

“Eles e as suas atuações deixam um rastro de impressões maravilhosamente belas, estéticas, harmoniosas, delicadas, de formas inteiramente sustidas e perfeitamente acabadas. Vocês acreditam que uma tão grande arte pode ser alcançada com o simples estudo de um sistema de atuação ou com o aprendizado de uma técnica externa? Não. Isso é criatividade verdadeira, vem de dentro, de emoções humanas, não teatrais. Por esta meta é que devemos nos esforçar.”

Constantin Stanislavski

Sumário

Declaração de Honra	III
Agradecimentos.....	IV
Resumo	V
Abstract	VI
Índice de Tabelas	VII
Índice Esquema.....	VII
Índice de Gráficos	VIII
Lista de Abreviaturas e Siglas	IX
Índice de Anexos.....	X
Introdução.....	1
1. O processo de identificação no mundo moderno	15
1.1. Uma abordagem teórica das dimensões da identidade.....	15
1.1.1. A Identidade do Eu entre a Semelhança e Diferença, o sentimento de pertença aos grupos e de diferenciação para com os outros	21
1.1.2. Sistema de Ação e a Dialética das Interações/Representações.....	24
1.1.3. A Dialética das Interações	26
1.1.4. Relações inter-grupais – as trocas informacionais entre fronteiras como fundamento do desenvolvimento humano	35
1.1.5. Fronteiras – Reconhecendo as diferenças, a construção do sentimento de pertença.....	40
1.1.6. Fronteiras – Representando a Semelhança, a construção das comunidades	43
1.1.7. O poder das instituições	48
1.1.8. Formas Identitárias no mundo moderno	51
1.1.9. Essencialismo, identidades manipuladas	54

1.2. Metodologias de investigação construtivista sobre as identidades – <i>small stories</i> e ego-ecologia	60
1.2.1. A metodologia da <i>small stories</i> (pequenas histórias)	62
1.2.2. Teoria Ego-ecológica – os caminhos para a análise introspectiva, método de contextualização representacional	72
2. Narrativas identitárias de estudantes brasileiros na Universidade do Porto	77
2.1. Procedimentos metodológicos	79
2.1.1. Procedimentos para a aplicação do Inventário da Identidade Social	80
2.1.2. Amostra	82
2.2. Análise das entrevistas – as práticas narrativas	83
2.2.1. Frederico – o antropófago	84
2.2.2. Jean – o geógrafo, o <i>flâneur</i> , o admirador de paisagens	87
2.2.3. Melissa – a cientista	91
2.2.4. Marcelo – o diplomata, personalidade fronteira	94
2.2.5. Maria “Portuguesa” – a militante metropolitana, personalidade fronteira	98
2.2.6. Margarida - feminista e advogada	104
2.3. Análise Comparativa das Práticas Narrativas	109
2.4. Resultados da Introspecção Focalizada – a Região do Eu	110
2.4.1. Os grupos e o contexto através da Região do Eu	113
Considerações Finais	118
Referências Bibliográficas	125

Declaração de Honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

Porto, 10/09/2021

Jorge José Queiroz Corsi

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a todas as pessoas que contribuíram para minha formação.

Agradeço ao meu irmão Jader Corsi, nossas conversas sobre literatura, história e filosofia ajudaram a manter a vivacidade de minha imaginação sociológica, mesmo em tempos de confinamento. São raras as pessoas com quem posso divagar tanto sobre os problemas e as virtudes do nosso mundo.

Agradeço ao professor José Azevedo, sua orientação revelou uma dimensão da teoria das identidades com a qual encontrei maior confiança para tratar das minhas dúvidas sobre a sociedade. Agradeço especialmente pela sua atenção e calma em responder às minhas perguntas, e, principalmente, nas explicações dos conceitos e direcionamentos metodológicos para alcançar os resultados.

Termino essa dissertação muito mais motivado e preparado para pensar e agir no mundo.

Obrigado.

Resumo

As imigrações estão a marcar o início de nosso século, não por ser algo novo, mas pelos desafios que envolvem a acolhida, a integração legal e as questões da discriminação frente a intensificação das ideologias nacionais. Sabemos dos paradoxos da integração e os problemas de discriminação entre grupos nacionais que se encontram no território de acolhida, a tendência para construção de identidades essencializadas e a generalização estereotipada dos outros tem suas origens no desconhecimento entre as comunidades. A condição migratória é por si um fator de estranhamento entre comunidades, são dois grupos nacionais que precisam se conhecer, i.e., criar categorias de reciprocidade entre os grupos. Sabemos que a diferenciação intergrupal é fator básico para afirmação da identidade do eu. Contudo, dentro das fronteiras do nacionalismo os riscos para categorização estereotipada são mais elevados, potenciando a discriminação e a criação de guetos. A teoria das identidades é chave mestra para solucionar tais problemáticas. Em Portugal os paradoxos da imigração se intensificaram nos últimos anos, principalmente, com o crescimento exponencial da imigração brasileira. O fluxo da população brasileira vem caracterizando o ensino superior português, colocando em destaque a relação entre estudantes brasileiros e portugueses. No mundo universitário o crescimento das comunidades imigrantes traz novos desafios para a integração e aproveitamento escolar das comunidades que se encontram nos espaços de ensino. Para melhor conhecer essa realidade essa dissertação adentra no mundo interacional que compõe as estratégias de identificação dos estudantes brasileiros na Universidade do Porto, a perspectiva das identidades enquanto práticas narrativas pretende clarificar as dimensões de reconhecimento e diferenciação dos estudantes em contexto, para que sê possível desvelar fatos que estructurem pontes para o reconhecimento recíproco entre as comunidades em contexto.

Palavras-chave: imigração; identidades; estudantes brasileiros; práticas narrativas; nacionalismo.

Abstract

Immigration is marking the beginning of our century, not because it is something new, but because of the challenges that involve acceptance, legal integration, and discrimination besides the intensification of national ideologies. We know about the paradoxes of integration and the problems of discrimination between national groups. A tendency to construct essentialized identities and the stereotyped generalization of others has its origins in the lack of knowledge between communities. The migratory condition is a factor of estrangement between communities, we talk about two national groups that need to know the reality of each other, that is, groups need to create reciprocity. Identity theory is a master key to solving such problems. Intergroup differentiation is a factor for affirming self-identity - cultural exchange is an inseparable condition of the human world. However, within the borders of nationalism, the risks for stereotyped categorization are higher - enhancing discrimination and the formation of ghettos. In Portugal, the paradoxes of immigration have intensified in recent years, mainly with the exponential growth of Brazilian immigration. The flow of the Brazilian population has characterized Portuguese higher education, highlighting the relationship between foreign and national students. In the university world, the growth of immigrant communities brings new challenges for the integration and school performance of the communities located in the teaching spaces. To better understand this reality, this dissertation enters into the interactional world that makes up the identities construction of Brazilian students at the Porto University. A perspective of identities as narrative practices intends to clarify the dimensions of recognition and differentiation of students in context, so that it is possible to unveil facts and knowledge that build bridges for mutual recognition between Brazilian and Portuguese communities.

Key-words: immigration; identities; brazilian students; narrative as practice; nationalism.

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Organização do Mundo Humano.....	22
Tabela 2 - Informações Amostrais dos casos analisados.....	82

Índice Esquema

Esquema 1 - Organização do Espaço Interacional – Resultados da Introspecção Focalizada	116
---	-----

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Evolução das 10 principais nacionalidades estrangeiras numericamente mais residentes em Portugal, em 2018 e 2019 2

Gráfico 2 - Evolução de Estudantes Estrangeiros Inscritos no Ensino Superior em Portugal e importância de estudantes brasileiros no total de inscritos, entre os anos letivos de 2011-2012 e 2019-2020 5

Gráfico 3 - Evolução de Estudantes Estrangeiros Inscritos no Ensino Superior Português, segundo as principais nacionalidades no total de inscritos, entre os anos letivos de 2011-2012 e 2018-2019 - entre 2019-2020 segundo estudantes brasileiros, angolanos e cabo-verdianos 6

Gráfico 4 - Total de Estudantes Inscritos na U. Porto, em relação ao total de estudantes Portugueses, Estrangeiros e Brasileiros, ano letivo 2019-2020 6

Lista de Abreviaturas e Siglas

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

DGES – Direção Geral de Ensino Superior

DGEEC – Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

EACH – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

FAUP – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

FCUP – Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

FDUP – Faculdade de Direito da Universidade do Porto

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento

PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

REEI – Rede de Escolas de Educação Intercultural

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

U. Porto – Universidade do Porto

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

Índice de Anexos

Anexo 1 - Inventários da Identidade Social e Região do Eu com indicação dos Grupos	130
Anexo 2 - Guião Entrevista Semi-Estruturada – zonas de (re) conhecimento dos estudantes brasileiros em situação migratória em Portugal	144
Anexo 3 - Transcrição das Entrevistas	147
Anexo 4 - Formulário de Consentimento Informado	206
Anexo 5 - Enquadramento das Identidades	207
Anexo 6 - Quadro para Análise de Conteúdo a partir do esquema teórico de Dubar (1997, 2006).....	222
Anexo 7 - Observando as Identidades	223

Introdução

As imigrações contemporâneas estão a transformar o cenário social português. De um país tipicamente de emigrações, Portugal está constituindo-se cada vez mais em um país de imigração. A postura de vanguarda nas políticas migratórias, as estratégias adotadas nas relações internacionais, atreladas ao crescimento económico após a superação da crise financeira global de 2008 e as políticas sociais a partir do ano de 2015, juntamente com os laços históricos lusotropicalistas¹, e as subseqüentes crises políticas e económicas nas antigas colónias – em especial as crises no Brasil – são os principais fatores do crescimento exponencial da população imigrante em Portugal.

No ano de 2015, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) registrou 388.731 imigrantes residentes no território português; no ano de 2016, 397.731; em 2017, 421.711; 480.300 em 2018 e 590.348 em 2019. Tal crescimento merece atenção, principalmente pelos impactos que as transformações demográficas causam nas relações do cotidiano: são imaginários, culturas, línguas e dialetos, ideologias, rotinas de trabalhos e comportamentos entre sujeitos de nações distintas que estão em constante interação.

Segundo as estatísticas do SEF (2020) a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) representa o contingente mais expressivo de residentes em Portugal, com mais de 230 mil imigrantes, sendo a imigração brasileira responsável por mais de 151 mil pessoas. No que se refere às 10 principais nacionalidades estrangeiras residentes em Portugal nota-se que o grupo de estrangeiros do CPLP é maior que o grupo de estrangeiros da União Europeia devido ao contingente de brasileiros. À parte a imigração brasileira, a CPLP regista cerca de 79.000 imigrantes em Portugal, frente aos 143.674 imigrantes de países da União Europeia.

Dos 129.155 títulos de residência emitidos no ano de 2019, a nacionalidade brasileira representou 37,8% (48.820), um aumento de 38,7% frente ao ano de 2018 e de 110,3% comparado com o ano de 2017, superando os títulos de residências emitidos

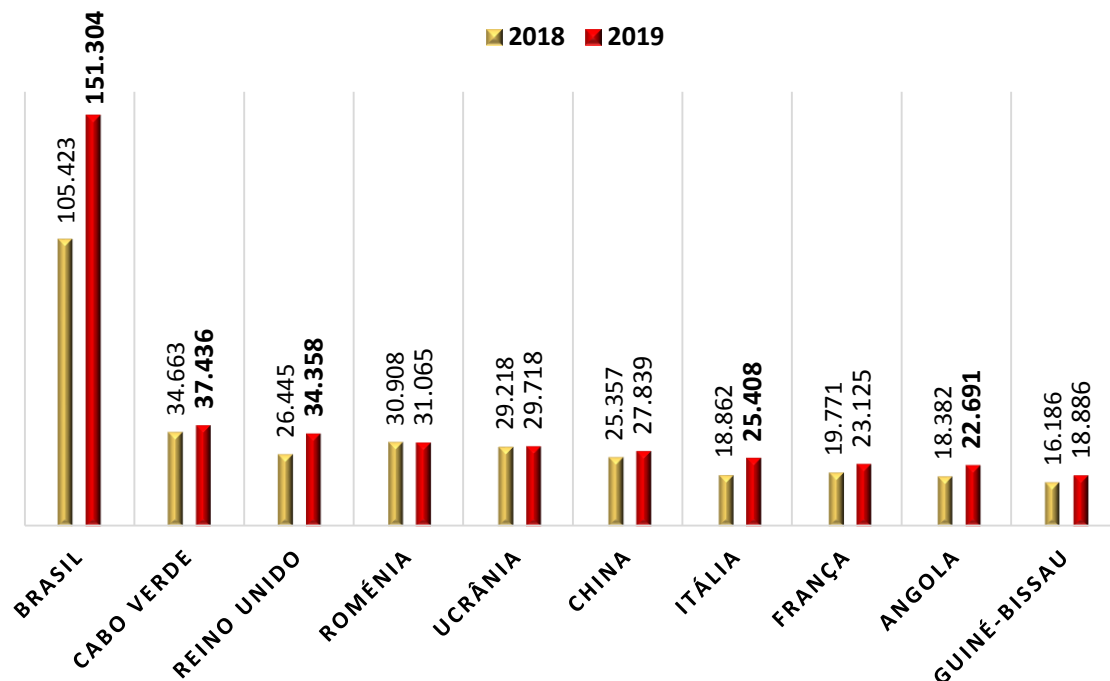
¹ Relações de proximidade linguística e cultural, devido ao período colonial, que implicam no tipo de fluxo migratório.

aos cidadãos da União Europeia, de 27,6% (35.646). Dentre os títulos de residência emitidos para os imigrantes brasileiros, 11% (13.356) foram solicitados com fins de estudos; 26,9% (31.511) por reagrupamento familiar, e 34,5% (38.204) por atividade profissional (Oliveira & Gomes, 2019).

Fonte SEF (2020)

O crescente fluxo migratório incide em novas fronteiras grupais que se cruzam, são novos sentimentos de pertença e diferenciação entre grupos nacionais no contexto social português. Nos limites de cada grupo, os indivíduos devem encontrar maneiras de se comunicar e de continuar o devir do cotidiano. Através do sentimento de pertença a um grupo, os sujeitos encontram seu lugar no mundo, definem sua identidade e, ao mesmo tempo, estão se diferenciando dos membros de outros grupos. Segundo Azevedo (2007, p.82), “[...] o sentido da identidade resulta igualmente de um sentimento de diferenciação”, onde o processo de categorização das semelhanças e diferenças resulta na afirmação de uma identidade social positiva.

Gráfico 1- Evolução das 10 principais nacionalidades estrangeiras numericamente mais residentes em Portugal, em 2018 e 2019



Fonte SEF (2020)

Sabemos que, na relação entre fronteiras nacionais, emergem barreiras ideológicas complexas no processo de categorização que organiza as interações das populações envolvidas (no nosso caso, de brasileiros e portugueses), revelando tendências para o conflito e para a formação de guetos entre os grupos, pois o conteúdo das identidades nacionais² é bastante manipulável, e pode direcionar o eu para a exclusão racial do outro³ através de generalizações e categorias essencialistas. Nesse sentido, devemos refletir sobre os imaginários e as experiências entre os diferentes grupos nacionais que se encontram no contexto, seja no sistema de ensino, no mundo do trabalho, ou nos demais espaços da sociedade receptora, permitindo desvendar o processo de identificação dos indivíduos em causa. No caso dessa dissertação, o foco incide sobre o devir migratório dos estudantes brasileiros na Universidade do Porto.

A partir dos relatórios da Direção Geral de Estatísticas da Educação e da Ciência (DGEEC)⁴, seguimos com uma caracterização primária do perfil dos estudantes estrangeiros no ensino superior português tendo como objetivo iniciar uma construção básica dos principais grupos nacionais (comunidades imaginadas) em experiência migratória no ensino superior português, formando uma base sólida para iniciar a investigação das dimensões (interacional, institucional e individual) do processo de identificação (nós-eles, o que é o que, quem é quem) dos estudantes brasileiros na Universidade do Porto.

A análise da série temporal dos anos 2011 a 2020 apresenta um crescimento exponencial de estudantes estrangeiros no ensino superior português, em especial, a presença dos estudantes brasileiros. A segunda nacionalidade estrangeira mais presente é a angolana, seguida pela espanhola, pela cabo-verdiana e pela italiana.

² Segundo Azevedo (1992, p.111), a importância do conceito das identidades para análise social se evidencia, dentre outros fatores, com a intensificação do nacionalismo nas sociedades contemporâneas, sendo demasiado importante inserir no debate da ideologia nacional o conceito multidimensional das identidades. No caso desta dissertação, torna-se um conceito chave para desvendar as relações entre portugueses e brasileiros, evidenciando os essencialismos e generalizações que o nacionalismo tende a produzir na relação entre grupos.

³ Ver debate sobre nação, raça e classe a partir de Appiah (2018), Balibar (2021) e Jenkins (2008, 2008a).

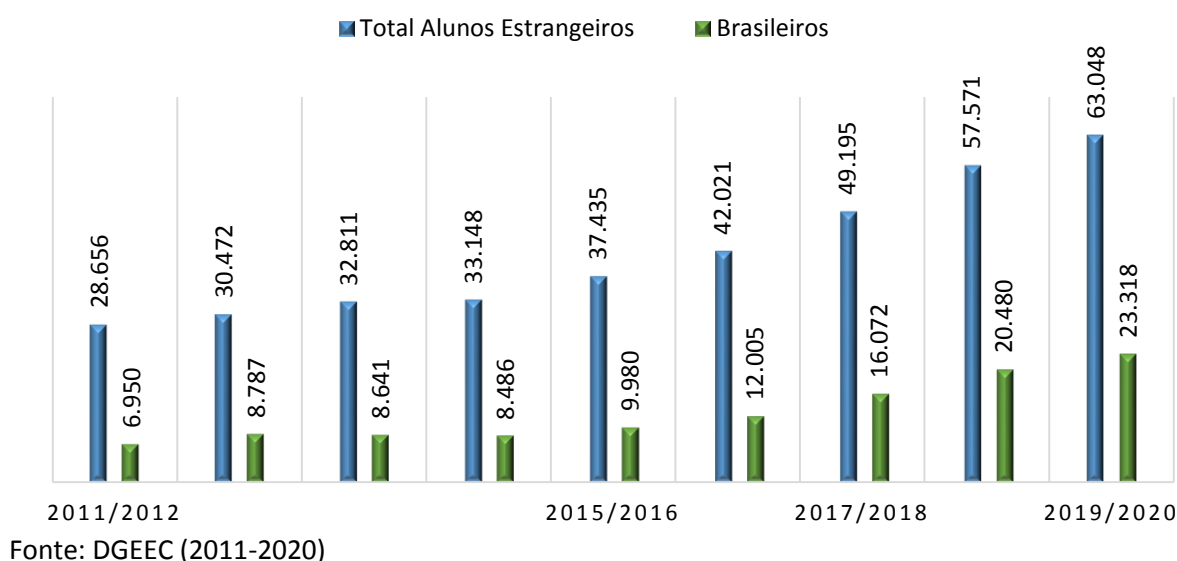
⁴ Relatórios do ano letivo de 2011/2012 até os de 2018/2019. Disponíveis em: <https://www.dgeec.mec.pt/np4/estatglobal/> (os dados referentes ao ano letivo de 2019/2020 são complementados com fontes da Direção Geral de Ensino, DGES).

O ano letivo de 2011/2012 somou 28.656 estudantes estrangeiros (sendo 6.950 brasileiros). No ano de 2012/2013, o número de matriculados mantém sua taxa de crescimento, registrando 30.472 estudantes estrangeiros (dentre os quais, 8.767 brasileiros); em 2013/2014, 32.811 (com 8.641 brasileiros); em 2014/2015, 33.148 (com 8.486 brasileiros); em 2015/2016, 37.435 (com 9.980 brasileiros); no ano de 2016/2017⁵, soma um total de 42.021 estudantes estrangeiros (com 12.005 brasileiros); no ano letivo de 2017/2018, registra 49.195 (16.072 brasileiros); em 2018/2019 com um total de 57.571 (20.480 brasileiros); no ano letivo de 2019/2020, o ensino superior português totalizou a inscrição de 63.048 estudantes estrangeiros (dentre os quais, 23.318 brasileiros). Segundo a Direção Geral do Ensino Superior (DGES), no ano letivo de 2019/2020, a Universidade do Porto foi a instituição pública que mais recebeu novas inscrições de estudantes estrangeiros (595), totalizando 5.155 estudantes estrangeiros inscritos.

A Universidade do Porto é a universidade com maior número de brasileiros inscritos frente à totalidade dos estudantes estrangeiros: são 3.567 brasileiros, cerca de 70% do total de estrangeiros inscritos na instituição, em sua maioria estudantes em mobilidade de grau, isto é, que pretendem realizar um curso de licenciatura, mestrado ou doutoramento por completo. Com esse contingente de estudantes brasileiros, Portugal chegou à 21ª posição no ranking da OCDE de países que mais recebem estudantes estrangeiros no mundo. Com quase 10% de estrangeiros em relação ao total de estudantes inscritos, Portugal se aproxima de países como Irlanda, Alemanha e França.

⁵ Neste mesmo ano letivo (2016/17), a Universidade do Porto passa a aceitar a inscrição de alunos brasileiros com a utilização do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) para candidatura em concurso especial. Exame feito no Brasil, equivalente aos exames nacionais necessários para ingresso no ensino superior português. Com a manutenção da taxa de crescimento dos estudantes estrangeiros, a U. Porto passa a receber boa parcela da população brasileira em crescimento.

Gráfico 2 - Evolução de Estudantes Estrangeiros Inscritos no Ensino Superior em Portugal e importância de estudantes brasileiros no total de inscritos, entre os anos letivos de 2011-2012 e 2019-2020



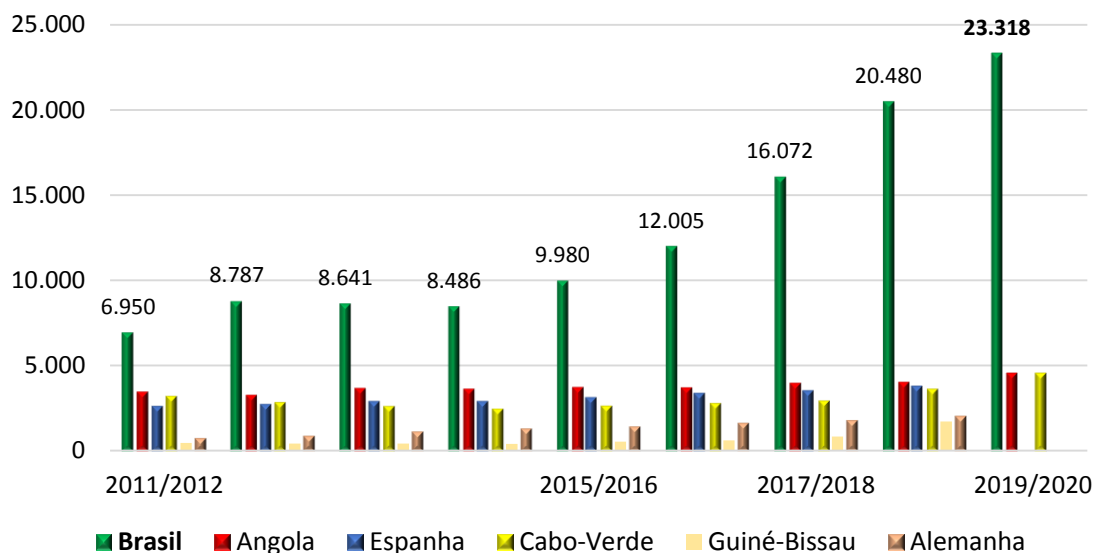
A internacionalização dos alunos do ensino superior português é resultado da articulação dos interesses dos dirigentes das instituições de ensino superior e dos agentes responsáveis pelas políticas educacionais⁶, situações que criam pontes institucionalizadas para a imigração⁷ e fomentam o imaginário (as identidades visadas) dos jovens brasileiros que planejam estudar no estrangeiro.

A presença de estudantes brasileiros na U. Porto acompanha a linha de crescimento do total deste conjunto imigratório, com um contingente ainda mais significativo, pois, como dito, a comunidade brasileira representa cerca de 70% dos estudantes internacionais da U.Porto. Isso revela um campo intensificado de interações entre portugueses e brasileiros.

⁶ Faz parte das estratégias adotadas para equilibrar o número de estudantes matriculados frente ao declínio da procura nacional por formação superior – tanto por razões demográficas, pela taxa de natalidade baixa, como por razões socioeconómicas, pois Portugal é um dos países europeus com maior taxa da população em situação de pobreza – cerca de 1,78 milhões de pessoas (17,3%) – situação que tende a influenciar o número de jovens portugueses que procuram ingressar no ensino superior.

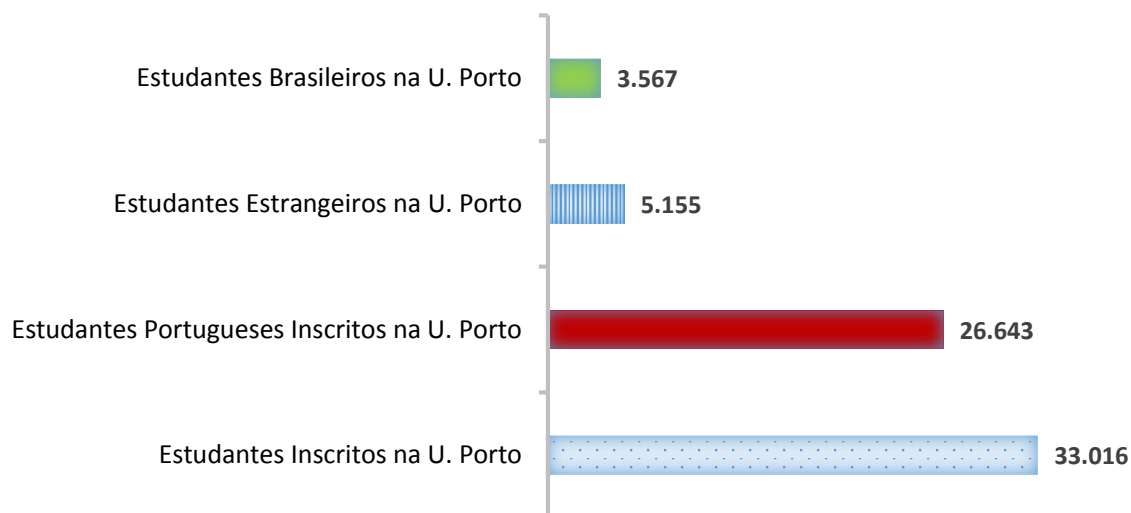
⁷ Como os acordos de desenvolvimento bilateral, e.g., a validação do ENEM para ingresso no ensino superior português.

Gráfico 3 - Evolução de Estudantes Estrangeiros Inscritos no Ensino Superior Português, segundo as principais nacionalidades no total de inscritos, entre os anos letivos de 2011-2012 e 2018-2019 - entre 2019-2020 segundo estudantes brasileiros, angolanos e cabo-verdianos



Fonte: DGEEC (2011-2020)

Gráfico 4 - Total de Estudantes Inscritos na U. Porto, em relação ao total de estudantes Portugueses, Estrangeiros e Brasileiros, ano letivo 2019-2020



Fonte DGES (2020)

Esta dissertação tem o intuito de aprofundar a compreensão dos processos de identificação dos estudantes brasileiros na U. Porto para, seja possível, divulgar conhecimento e fatos (tanto à sociedade como a outros investigadores) suficientes para o desenvolvimento de ambientes inclusivos que possam ir além de simples construções discursivas em torno da discriminação.

O passo inicial para tal tarefa consistiu no aprofundamento sobre a teoria das identidades. Os esforços teóricos do primeiro capítulo pretendem apresentar uma concepção dialética e não essencializada das identidades com o fim de encaminhar o leitor para o encontro das práticas narrativas⁸ (identidades em construção dialógica, em eventos comunicativos) da comunidade de estudantes brasileiros na Universidade do Porto. As identidades são entendidas como o resultado da relação contraditória entre categorias de pertença e diferenciação em constante dinâmica interacional no mundo humano (do eu com os outros) – categorias corporificadas em práticas que servem para identificar o eu e os outros, argumento fundamentado, principalmente por Richard Jenkins (2008, 2008a), Claude Dubar (1997, 2016), Kwame Appiah (2018), Anthony Giddens (2002, 2003) e Georgakopoulou (2008, 2015). Outros autores como George Herbert Mead (1934), Wright Mills (1985), Fredrik Barth (1976), Erving Goffman (1963, 1985), Henri Tajfel (1971, 1974), Marisa Zavalloni (1973, 1979) e Anthony Cohen (1985) aparecem como ferramentas importantes para complementar as ideias expostas.

No primeiro tópico do capítulo I, as identidades são fundamentadas enquanto categorias que dão sentido ao mundo humano, demonstrando a dominação dos grupos sobre as categorias dispostas para os indivíduos e a socialização como dependente das modalidades performáticas de diferenciação e pertencimento – um eu sem identidade é um eu sem existência (Dubar, 1997). No seguimento, apresentamos como um conjunto de categorias (classificações para reciprocidade e diferenciação) compõem a estruturação dos espaços, isto é, como as identidades servem para definir e organizar o mundo humano (o que é o que, quem é quem). O fim das identidades é construir um

⁸ Conceção definida a partir da teoria construtivista que fundamenta a metodologia da small stories de De Fina e Georgakopoulou (2008, 2015).

horizonte de comportamentos previsíveis e expectáveis num dado espaço social, através da comunicação recíproca, endo que é dentro de cada espaço organizado onde os indivíduos encontram as categorias identitárias necessárias para comunicar-se uns com os outros, desvelando as potencialidades e as restrições de si mesmo com os outros (Jenkins, 2008; Honneth, 2011).

No tópico 1.1.1. apresentamos a relação de causalidade entre as práticas e as comunidades, demonstrando como as identidades coletivas e individuais não devem ser estudadas separadamente, pois fazem parte do mesmo processo humano que dá sentido ao mundo, são o resultado da relação dialética da semelhança e da diferença que se materializa sobre os sujeitos – ora nos corpos como práticas narrativas performáticas, ora no pensamento estruturado pelo hall de classificações como generalizações e previsibilidade sobre o comportamento dos outros – as duas grandezas estão em constante relação e, definitivamente, não são estáticas. No final deste tópico, seguimos com uma apresentação das estratégias performáticas da ordem individual da organização do mundo humano (Jenkins, 2008) como preâmbulo para o tópico 1.1.2., que é sobre as estratégias performáticas (identitárias) pela interpretação de Dubar (1997) da dialética do senhor e do escravo de Hegel conceptualizada a partir da dualidade do eu, permitindo-nos fundamentar o conteúdo das representações que orientam as práticas narrativas dos indivíduos enquanto produto da relação eu-outro. Segundo Honneth (2011), esse aporte hegeliano está inscrito na teoria interacionista de Mead (1934) e na tradição de pensadores modernos pós-metafísicos que pretendem superar as visões que separam o indivíduo e a sociedade.

No tópico 1.1.3. apresentamos uma leitura crítica do pensamento de Erving Goffman (1985), no que se refere às lacunas de não integração da vida cotidiana à estrutura social e, principalmente, aos mecanismos calculistas do ator cínico de Goffman. Demonstrando, através da interpretação do conceito de *habitus* de Bourdieu (2008) por Dubar (1997), Appiah (2018) e Jenkins (2008), como as práticas de cada indivíduo são muito mais produtos da relação entre a adaptação, a memória e as interações do cotidiano (do eu ao mundo) do que ações racionais meio-fim. Essa concepção da relação entre memória, interações, adaptação e habituação enquanto

movimento principal das práticas humanas é demasiado importante para esse trabalho, pois quando iniciamos a reconstrução das práticas narrativas de cada sujeito, desvendamos maneiras, gestos, modos de falar que estão circunscritos no campo daquilo que aconteceu e que ainda está acontecendo nas relações em contexto, demonstrando a plasticidade da identidade do eu frente aos imprevistos, às variações e às diferenças – e observar o comportamento dos outros altera nossas representações para ação sem mesmo que possamos perceber, i.e., nossas práticas são adaptadas conforme a acumulação das interações em nossa memória⁹. Este debate se propõe como construtivo, a fim de aproveitar o pensamento de Goffman (1963, 1985) em seu escopo sobre as estratégias identitárias para apresentação do eu conforme a relação da imagem-pública e da autoimagem, permitindo-nos focalizar nas dinâmicas internas e externas do processo de identificação, ou seja, nos aspectos interacionais da corporificação performativa das identidades; em outras palavras, nas práticas narrativas performáticas. No final desse tópico seguimos com a crítica que Jenkins (2008, p.43) faz sobre a sociologia do desvio de Howard Becker (2008), contestando a passividade da internalização dos estereótipos no indivíduo de comportamento desviante de Becker. Para Jenkins, o processo de internalização das categorias identitárias não é unilateral, ou seja, os indivíduos podem contestar e ressignificar os estereótipos. Essa crítica é importante para abrir caminho para o encontro das fronteiras grupais, momento de trocas, contestações, repressões e assimilações das categorias identitárias.

Nesse debate das identidades como resultado da dinâmica do interno e do externo, começa a emergir o campo do comportamento entre grupos (*in-groups* e *out-groups*), como sendo uma relação essencial para a constituição das identidades. Para melhor entender o processo de diferenciação entre grupos nacionais, seguimos o debate nos tópicos 1.1.4. e 1.1.5. através da teoria do comportamento intergrupal de Henri Tajfel (1971, 1973, 1974), e da teoria do processo coletivo de identificação das diferenças como fonte de manutenção da semelhança grupal apresentado pela

⁹ Stanislavski (2016) desenvolve uma concepção de comportamento humano semelhante, colocando esse conteúdo para ação habitual como o principal e mais rico acervo para construção do personagem, que é humano e não teatral.

antropologia de Fredrik Barth (1976). No tópico seguinte, 1.1.6., aprofundamos o debate sobre a teoria das fronteiras, com o foco nos mecanismos simbólicos de construção das comunidades na perspectiva de Anthony Cohen (1985) e Jenkins (2008, 2008a). O aprofundamento sobre os processos que envolvem a manutenção das fronteiras grupais foi essencial para compreender as dinâmicas impositivas dos símbolos da comunidade nacional sobre as práticas dos estudantes brasileiros, verificando-se como a identidade nacional gera categorias genéricas e essencializadas para uma diferenciação positiva dos sujeitos. No tópico 1.1.7 seguimos com um debate sobre o poder de modelação que as instituições exercem sobre as identidades.

No 1.1.8 e 1.1.9, apresentamos formas específicas de identidades e como ocorrem as relações entre as diferentes identidades que perfazem a unidade do eu. Apoiados em Appiah (2018), apresentamos ao leitor os mecanismos de manipulação do conteúdo das identidades através do poder da crença. O debate de Appiah sobre o processo identitário e as armadilhas do essencialismo é fundamental para qualquer trabalho sobre o encontro de comunidades nacionais, pois possibilita desmistificar as ideologias grupais; em especial, permite desmascarar os oportunismos de diferentes oportunismos.

Na segunda secção do primeiro capítulo, realizamos uma revisão teórica das metodologias aplicadas para desvendar o processo de construção das identidades dos estudantes brasileiros em Portugal. No início da secção, explicamos porque selecionamos a entrevista semi-estruturada como primeira abordagem para recolha de dados e como a metodologia da *small stories*, em especial os trabalhos de Georgakopoulou (2008, 2015) e De Fina (2015), permitiu-nos definir as identidades enquanto práticas narrativas performáticas em constante construção nos processos dinâmicos das interações sociais, possibilitando, após adaptações da metodologia da *small stories*, desvendar nas narrativas coletadas os processos de identificação em jogo. No primeiro ponto da segunda secção, 1.2.1., fazemos um aprofundamento na metodologia da *small stories*, desvendando a ligação íntima entre as narrativas e as identidades, definindo como as identidades estão contidas no eu e precisam se exteriorizar através do diálogo performático (práticas narrativas). Essa concepção

dialógica das identidades deriva do caráter situacional das identidades, isto é, enquanto produtos do contexto sócio-histórico no aqui e agora das interações.

No ponto 1.2.2., apresentamos a teoria ego-ecológica de Marisa Zavalloni, teoria que organizou a segunda abordagem para recolha de dados através de uma entrevista estruturada pelo inventário da identidade social construído pela autora. O enfoque de Zavalloni (1973, 1979) às modalidades de organização da representação para ação e à postulação da memória como paradigma do pensamento, possibilitaram a reconstrução do contexto, das interações e dos grupos que compõem a vida dos entrevistados através da coleta e introspecção de categorias positivas e negativas associadas aos grupos pelos sujeitos entrevistados.

No capítulo II, começamos a apresentar mais detalhadamente o processo de identificação dos estudantes brasileiros na U. Porto através da análise das práticas narrativas dos entrevistados.

No seguimento do segundo capítulo, relembramos a problemática dos níveis de desconhecimento entre as comunidades de estudantes brasileiros e portugueses, buscando na abordagem construtivista das identidades soluções para os problemas de integração e conflitos entre as comunidades de brasileiros e portugueses na U. Porto, pois o conceito construtivista de identidades têm fundamentos sólidos para analisar as dimensões práticas e simbólicas que envolvem os paradoxos da relação entre diferentes comunidades nacionais.

Com esses fundamentos teóricos resta apresentar como os estudantes brasileiros estão construindo suas identidades em Portugal e estritamente na U. Porto e quais as principais categorias e grupos são mobilizados no encontro das fronteiras das comunidades em contexto. Para alcançar esse objetivo, aplicamos dois métodos com os seguintes procedimentos: construção de um guião para entrevistas semi-estruturadas; adaptação da metodologia da *small stories* para analisar as informações coletadas nas entrevistas; adaptação do inventário da identidade social da teoria ego-ecológica para o caso dos estudantes. A principal adaptação desse método de Zavalloni consistiu em dialogar com o entrevistado durante a primeira etapa de coleta das associações livres e,

após obter algumas associações livres, dialogar mais sobre o significado que pretendiam especificar à palavra. Nessa conversa, outras categorias surgiam e descrições sobre os grupos e contextos associados à palavra, inclusive com interferências do investigador. O inventário da identidade social foi aplicado em seguida da entrevista semi-estruturada; a ideia era deixar o entrevistado mais confortável e mais atento às questões da sua identidade. As duas entrevistas foram acompanhadas por um gravador de voz. Os inventários preenchidos e com desenvolvimentos da região do eu¹⁰ podem ser encontrados no anexo 1; as transcrições das entrevistas semi-estruturadas, no anexo 4.

No seguimento do capítulo, apresentamos as informações dos estudantes entrevistados. Na análise das práticas narrativas apresentamos sínteses das histórias narradas durante as entrevistas, numa tentativa de reconstruir os detalhes das cenas do cotidiano onde as histórias aconteceram. Em cada narrativa aparecem os momentos mais íntimos e repletos de diálogos organizados pelas categorias e grupos dos sujeitos. Após a análise dos contextos, interações e processos de identificação das práticas narrativas dos entrevistados, seguimos com uma análise comparativa dos casos, onde definimos os modelos de ação (quadro categorial da estrutura simbólica para ação). O primeiro modelo de ação se refere às estratégias e recursos discursivos (práticas) de diferenciação entre os grupos. O segundo, sobre o poder estruturante que os espaços exercem sobre as práticas. O terceiro se refere às práticas que desafiam e (res)significam os estereótipos e as generalizações. O quarto modelo de ação se refere às práticas narrativas de personalidades fronteiriças que agem através das categorias de pertença e diferenciação tanto da comunidade brasileira como portuguesa, criando novas categorias de reconhecimento (pontes) entre os grupos nacionais.

No ponto 4 do capítulo 2, apresentamos os resultados das entrevistas organizadas pela teoria ego-ecológica aplicada no inventário da identidade social. Os principais resultados da introspecção focalizada consistem no desvelar de categorias positivas e negativas que organizam os espaços e as interações dos estudantes com seus *in-groups* e *out-groups*. após analisar essas categorias em seu devir identitário em sua

¹⁰ A região do eu representa as modalidades de definição, de resposta, de adaptação e de interação do sujeito com o ambiente (Zavalloni, 1979).

associação com os grupos, foi possível construir um esquema de organização do espaço interacional que pretende demonstrar padrões das práticas narrativas dos estudantes brasileiros na U. Porto. Por fim, realizamos um aprofundamento sobre a relação das categorias negativas e positivas com os grupos e o contexto das interações que foram desveladas durante a introspecção. Os dois grupos que entram em destaque nas associações categóricas são o grupo nacional de brasileiros e o grupo de imigrantes brasileiros. O primeiro é definido por categorias mais gerais e essencializadas, demonstrando como os sujeitos deslocados tendem a utilizar a identidade nacional para afirmar positivamente suas identidades. O grupo de imigrantes apresenta categorias mais práticas das relações do dia a dia dos estudantes brasileiros em Portugal, e nessas categorias emergem dualidades da identidade brasileira ao ponto de categorias serem empregadas na distinção entre grupos de imigrantes brasileiros mais jovens e liberais frente a grupos de imigrantes mais velhos e conservadores.

Esperamos que este trabalho possa aprofundar o debate sobre a relação de comunidades de estudantes estrangeiros e nacionais no contexto universitário, vislumbrando que o diálogo da comunidade científica possa auxiliar na construção de pontes entre imigrantes e nacionais, melhorando os índices de aproveitamento escolar e reduzindo os índices de discriminação entre as fronteiras.

1. O processo de identificação no mundo moderno

1.1. Uma abordagem teórica das dimensões da identidade

O conceito de identidades é fundamental para alcançar os objetivos em estudos das ciências sociais que envolvem fluxos migratórios. Seu caráter holístico permite o diálogo entre diversas disciplinas para responder os problemas oriundos da intensificação da globalização nas interações do mundo contemporâneo.

O primeiro trabalho que sistematizou analiticamente a teoria das identidades foi *Mind, Self and Society* de George Hebert Mead, publicado em 1934. O trabalho de Mead (1934) desenvolve um conceito de *self* (identidade social) baseado na resposta interacional do “Eu” com os outros, constituindo internamente um “Mim”, um eu interno reflexivo para e pela ação com os outros. Contudo, segundo Appiah (2018) o conceito de identidade só vai ganhar sua forma moderna após a segunda guerra mundial, com a obra pioneira do psicólogo Erik Erikson, *Child and Society*, publicada em 1950.

A relação entre o conceito de representações e identidades também é demasiado importante para a consolidação da teoria moderna das identidades. Tal relação começa a ser melhor delineada através do debate de Jean Piaget (1932) sobre a obra de Émile Durkheim (2010, 2012), a qual podemos conferir nos comentários críticos de Dubar (1997, p.17-36). Na interpretação de Dubar o processo de socialização (relações entre indivíduo e sociedade) é um processo de identificação que permite ao indivíduo a aquisição de um código simbólico que estrutura suas representações e direciona suas ações, organizando uma estrutura simbólica que serve como base para as formas de comunicação inseridas em determinadas condições culturais e em determinadas relações de poder.

A partir dessa apresentação, podemos definir as identidades como um conjunto de categorias que formatam as representações para ação de cada sujeito, postas em constante transformação frente às sucessivas contradições do processo interacional

constitutivo da vida humana¹¹. Essa concepção é demasiado oportuna para a compreensão das identidades migratórias, pois abre a possibilidade de perceber as novas dinâmicas, transformações, opressões, resistências e as estratégias de cada ser imigrante que está interagindo com novos ambientes, novos grupos e códigos linguísticos. Desta forma, apresento detalhadamente a concepção de identidades enquanto categorias de reconhecimento e de diferenciação, iniciando este capítulo teórico com um debate sobre o processo de construção das categorias identitárias que organizam o mundo humano.

As identidades são categorias que dispõem sentido para a vida dos indivíduos, elas permitem a apresentação do sujeito ao mundo, são o produto da energia vital de buscar sempre conhecer as realidades que circundam a existência (uma identidade é como dar os primeiros passos, deriva da liberdade de movimento – tal liberdade depende das relações de poder simbólico e material de uma dada sociedade [grades, grilhões, posições], juntamente com as contradições da necessidade e do desejo de caminhar entre os outros). As identidades são o produto dos humanos no tempo, corporificadas nas trajetórias individuais a partir das identidades coletivas (símbolos erguidos nos espaços, comunidades imaginadas no tempo, i.e., grupos que derivam em posições na hierarquia social).

Um conjunto de categorias forma um sistema de classificações. Nesse sentido, são a base organizacional do mundo humano, servem ao interesse dos grupos (conforme a compreensão das informações da realidade¹²) que se estabelecem na

¹¹ As realidades vividas são absorvidas e (res)significadas na performance de cada indivíduo; em sucessivas interações surgem novas imaginações sobre si e sobre os outros (representações), e vice-versa - nas fronteiras da alteridade reside a potência maior para o desenvolvimento da humanidade que está contida nos indivíduos.

¹² Os grupos humanos compreendem a realidade conforme a sua necessidade, categorizam para saber fazer e dar continuidade à sua existência – a relação de mutualismo entre humanos e natureza solicita uma indexação, como forma de armazenar esse conteúdo informacional, que ao ser corporificado nos indivíduos possibilita o suprimento de suas necessidades e a manutenção do próprio grupo. A máxima de Aristóteles, de que todo sujeito pede um predicado, é clarificadora. A história oral (os mitos cantados, contados, narrados pelos vivos e líderes de cada sociedade) demonstra como esse hall de classificações têm uma origem muito mais fluída do que fixa; a rigidez das formas classificatórias pode ser explicada

sociedade. A corporificação construtiva das identidades pode validar ou revolucionar a ordem das coisas – quanto mais um indivíduo conhece o seu ambiente mais ele enriquece a si mesmo, mais autêntica fica a sua identidade, mais possibilidades desvenda para romper as tradições e para dar um passo para além do homem (é do mundo externo que pode construir a sua identidade). As identidades são o meio pelo qual o indivíduo se faz conhecer no mundo; é por ela que encontra o seu lugar, entende a si mesmo e quem são os outros – um indivíduo sem identidade é um indivíduo sem existência, logo, sem capacidade para entender a realidade, os outros e a si mesmo.

“A identidade de alguém é, no entanto, aquilo que ele tem de mais precioso: a perda de identidade é sinónimo de alienação, de sofrimento, de angústia e de morte. Ora, a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no acto do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. [...] A identidade é um produto de sucessivas socializações.” (Dubar, 1997, p.13)

As identidades são construções dinâmicas e imagéticas, suas configurações podem resultar em imposições rígidas conforme as normas, status e hierarquias definidas por grupos tradicionais, i.e., as identidades podem ser manipuladas, mesmo que a maior parte do seu processo seja constituído por habituações no dia a dia dos indivíduos. O problema reside na essencialização da habituação pela manipulação dos conhecimentos existentes. O fim das essencializações está em consolidar uma estratificação social contra as mudanças.

Contudo, mesmo em cenários extremos de dominação violenta, muitas personalidades e grupos podem surgir com diferentes práticas, símbolos e significados – resistindo e podendo romper as amarras fundamentalistas da tradição (mesmo quando a transgressão possa resultar em morte, as pessoas ainda resistem). As identidades residem no campo das razões imaginadas, logo, mesmo que não possuam sentido para alguns, são razões para outros (fazem sentido para outros), sua validade depende do processo de luta pelo reconhecimento ou eliminação das categorias (e

pela concentração de poder das mesmas linhagens no domínio das sociedades, ao ponto dos interesses se tornarem essencializados.

grupos que manipulam o espaço) que impediam a sua realização. Uma identidade, para ser reconhecida, depende do poder do grupo na hierarquia social e, principalmente, da possibilidade de se fazer ouvir pelos outros nas fronteiras da identificação.

Uma identidade não é uma coisa estática, nem uma coisa de natureza determinada, não é uma essência que traça um destino imutável para a vida de uma pessoa, não é algo inexorável, nem impede a transformação dos indivíduos e da sociedade em que se vive – embora possa ser empregada para dominação, subjugação, exploração e violência (*vide* as essencializações das identidades de gênero, raça, classe, nação e religião). A construção das identidades são parte do processo histórico; detém, por sua própria característica social, potencialidades de transformação que são maleáveis como um objeto construído manualmente por um artesão, ou como um edifício de um arquiteto surrealista. A mais rija e tradicional das identidades pode ruir frente aos processos de reinterpretação para ação e de mobilização da força grupal¹³ na esfera pública.

O processo de identificação adquire singularidade nos indivíduos, emerge em seus corpos, é representado e recriado no devir do cotidiano; logo, como parte do processo interacional, é dependente das coletividades e da história (dos grupos e da sociedade, dos ritos, do sagrado e do profano, de seus ancestrais, do saber fazer, das próprias lembranças com os outros, das cenas de sua vida cotidiana).

A esfera pública tem uma importância fundante para a construção das identidades, pois os espaços coletivos, os ritos comunitários e os encontros nas organizações são os momentos e lugares nos quais o sujeito pode ser questionado pela posse de uma identidade; e são, também, onde uma identidade pode ser reconhecida – estar com os outros, ser como os outros, exercer práticas comunitárias. O coletivo, o indivíduo e o tempo se encontram no espaço da interação, na corporificação das

¹³ Pode surgir uma força social (movimento popular, consciência para ação) que destrua por completo formas tradicionais e ultrapassadas de identidades, assim como pode ocorrer o retorno de formas tradicionais para assombrar a humanidade (mobilizando massas neuróticas, fundamentalistas, etc.) - as rupturas, (res)significações ou recuperações identitárias estão dependentes do processo de conscientização para ação e da afirmação grupal na esfera pública.

identidades. Ou seja, as identidades emergem nas interações dentro e através de eventos comunicativos (Koven, 2015).

Em outras palavras, toda identidade do “eu” deriva de uma identidade coletiva. Os grupos possibilitam o reconhecimento e o melhor posicionamento do indivíduo na sociedade (é o desenvolvimento da singularidade a partir dos traços comuns com os outros: a identidade individual é construída a partir das identidades coletivas; o coletivo dispõe das ferramentas narrativas para construção habitual da individualidade).

A descoberta da potência do “eu” com o coletivo é o princípio de um movimento social, assim como abre o leque de possibilidades para o desenvolvimento pessoal criando o senso de força e resiliência do sujeito pelo sentimento de pertença.

As performances de um movimento social na esfera pública permitem o reconhecimento de particularidades individuais (pela luta coletiva). Um movimento social nas ruas é um corpo coletivo – e o reconhecimento do nós-coletivo permite a construção de individualidades –, portanto, cada aspecto pessoal de corporificação de uma identidade, na forma singular dos indivíduos, é como parte do corpo coletivo (práticas comunitárias). Nesse cenário, as possibilidades de reconhecimento público demonstram o nível de liberdade e as possibilidades de mudança nas esferas de uma dada sociedade, pois uma coletividade não reconhecida significa indivíduos sem liberdade de corporificar suas identidades em espaço público.

A existência humana é relacional e categorial (social), logo, depende do constante movimento interacional com os outros (interação que se faz a partir da compreensão dialética do eu-outro). constituição das identidades dá-se no diálogo (performativo) contínuo entre grupos que afirmam suas semelhanças, e entre pessoas que fazem reconhecer as suas diferenças. A identidade está enraizada na linguagem, contém em si a base informacional para o funcionamento do mecanismo dialógico das interações cotidianas¹⁴ (das narrativas, das identidades corporificadas em eventos

¹⁴ “A multiplicity of interconnected ‘identities’ and ‘contexts’ is particularly evident in narrative, as there are multiple, embedded communicative contexts or events at stake.” (Goffman, 1979; Bakhtin 1981, apud, Koven, 2015, p.392)

comunicativos). A afirmação de uma identidade depende da constante absorção das mudanças (reinterpretando, ressignificando, permitindo o sempre novo; toda identidade deve ser antropofágica), para que os sujeitos possam saber “quem é quem” e “o que é o que”, para que os outros saibam “quem nós somos” e para que, se possível, possa-se imaginar como “eles” pensam que “nós somos” (previsibilidade nas interações, previsibilidade de comportamentos). Nesse sentido, as identidades dispõem do reflexo performativo de “causar em si mesmo a reacção do outro” (Honneth, 2011, p.103), numa construção e apresentação contínua de imagens interacionais corporificadas¹⁵ no devir do eu na vida cotidiana, isto é, as informações que constituem a estrutura simbólica das representações são reflexos performativos do eu com outros e com o mundo.

O processo identitário nos apresenta o quadro de classificação do mundo humano – tais classificações não são neutras, elas envolvem avaliações, hostilidades, preferências eletivas, parcerias, etc. – são a expressão de hierarquias sociais e do molde moral que cerceia os grupos e os indivíduos.

Está ficando claro que para entendermos a realidade dos estudantes brasileiros na U. Porto, é necessário desvendar as conexões entre as práticas e as comunidades, a relação do eu com os outros, seja em seu nível de pertença seja no nível de diferenciação. Para tanto, é preciso que sejam aprofundados os caminhos da construção das comunidades e sua relação com a vida dos sujeitos.

¹⁵ Para George Hebert Mead (1934), a mente e as identidades são produtos sociais de interações para reciprocidade, generalizar os outros é parte fundamental da formação da identidade do eu. As sucessivas socializações acumuladas no processo informacional humano dinamizadas pela memória permitem e direcionam a performance corporificada dos indivíduos. Logo, um gesto, por mais singelo que seja, representa um gesto internalizado durante as sucessivas interações (identidade herdada); é a mimeses das coletividades que formaram a sua cultura, i.e., o gesto retorna ao pensamento como imagem interacional da resposta comportamental dos outros ao longo do tempo, assim como a voz. A performance corporificada da identidade retorna como imagem de previsibilidade de si com os outros.

1.1.1. A Identidade do Eu entre a Semelhança e Diferença, o sentimento de pertença aos grupos e de diferenciação para com os outros

Segundo Jenkins (2008, p.37), tanto a psicologia social como a teoria da identidade social e a teoria do discurso apresentam esquemas teóricos sobre os grupos que são insuficientes e simplificados, pois tratam a identificação pessoal e a identificação social como processos separados. A teoria do processo dialético de identificações, de forma contrária, entende que devemos trabalhar com as atividades de construção da identidade individual (processos subjetivos para ação) e coletiva (semelhança grupal, produção e distribuição de categorias sociais) com o mesmo foco e atenção.

A principal diferença entre a identificação coletiva e a identificação individual está na ênfase que a forma coletiva (grupo) dá para a semelhança, frente a ênfase que a forma individual (eu) dá para a diferença. Mas não são grandezas separadas, as duas são o resultado da interação humana entre a semelhança e a diferença, são parte do mesmo processo social que dá sentido ao mundo, que se materializa nas práticas narrativas performáticas de cada sujeito no mundo (na unidade do eu em ação). O individual e o coletivo se encontram no mundo humano. Nos resultados dessa contradição (semelhança-diferença) é que se pode definir “quem é quem” e “o que é o que” – os indivíduos falam de identidades a todo momento, sobre aquilo que conhecem e sentem pertencentes, assim como sobre aquilo que são e como se diferenciam.

Como apresentado por Wright Mills (1959), é preciso captar a relação do pragmatismo individual com as estruturas de dominação, pois essa relação aparece como uma fonte rica para desenvolver a imaginação sociológica. Segundo Jenkins (2008, p.50), a relação do pragmatismo individual com a estrutura social é a única base possível para compreender as identidades. Portanto, devemos analisar a relação entre o comportamento dos indivíduos concretos com a sua necessária absorção das coletividades (corporificação performativa). Jenkins segue a argumentação apoiado em Erving Goffman (1963, 1985), Frederick Barth (1976), em Anthony Giddens (2002, 2003) e, principalmente, em George Hebert Mead (1934), apresentando um esquema para conceptualização do mundo humano em três formas de organização: a ordem

individual, a interacional e a institucional. A partir desse esquema é possível analisar as identidades migratórias dos estudantes brasileiros na U. Porto, reconstituindo as cenas da vida cotidiana que foram narradas, pois as três ordens são produtos da simultaneidade da existência e, portanto, estão presentes na intersubjetividade (ambiente interno) e nos espaços físicos (ambiente externo) – o movimento dos contrários entre o interno e o externo é o que compõem as identificações.

Tabela 1 - Organização do Mundo Humano

Ordem Individual	Ordem Interacional	Ordem Institucional
É o mundo humano em sua singularidade, expressa no corpo dos indivíduos, na forma como imaginam a realidade, a si mesmos e os outros.	É o mundo humano definido nas relações sociais, nas relações entre os indivíduos. São as cenas da vida com os outros - aquilo de íntimo e profissional, recorrente e estranho, amigável e violento que se passa entre as pessoas.	É a dimensão do mundo humano onde ocorrem as atividades de organização, estratificação, de como as coisas devem ser feitas e distribuídas – é a dimensão que decide e divulga como as coisas devem ser realizadas.
Estratégias performativas	Corporificação performativa das identidades	

Os indivíduos são únicos e multidimensionais. Contudo, por mais que os sujeitos façam a sua própria história, as condições são dadas antes da nascença: as estruturas interpelam a identidade do eu. As instituições, os grupos e as crenças naturalizam as identidades – somos homens ou mulheres, pobres ou ricos, periféricos ou centrais, já no ventre materno. É no devir da existência que as possibilidades de mudança são construídas, as identidades mais rígidas, isto é, as da socialização primária (gênero, classe, nação, raça) e os subsequentes empuxos grupais só podem ser transformados através de mobilizações coletivas (na ordem das instituições ou das interações, enquanto movimento de massas; ou na ordem individual enquanto reinterpretação subjetiva para ação performativa que inspire os outros). Em síntese, a possibilidade de ressignificação de uma categoria, para a realização da pessoa, depende de tais rupturas. A personalidade (unidade das identidades) é produto da construção social, como parte singular do mundo humano; é a expressão básica da capacidade de criar e ressignificar realidades, e traço particular e sempre possível da existência da espécie.

“This view derives from American pragmatism, via the seminal contributions of Cooley (1962, 1964) and Mead (1934). From their work, an understanding emerges of selfhood as an ongoing and, in practice, simultaneous synthesis of (internal) self-definition and the (external) definitions of oneself offered by others. [...] the internal-external dialectic of identification as the process whereby all identities – individual and collective – are constituted.” (Jenkins, 2008 : 40)

A continuidade das identidades está na materialidade do corpo, na voz, nas maneiras de ser. O corpo é a continuidade contraditória da nossa individualidade (nem sempre somos o que queremos, os espelhos não refletem apenas o que imaginamos). O corpo é uma expressão da dialética da semelhança e da diferença que está no devir do mundo humano entre as interações individuais e coletivas, entre o que é promulgado pelas instituições e o que se passa na cabeça do sujeito. O processo de personificação (unidade identitária expressa na performance), juntamente com as outras formas de comunicação humana, apresentam fatos suficientes para demonstrar que as ações humanas não são direcionadas somente por razões meio-fim (cálculo racional para utilidade máxima), mas que a unidade humana para ação (identidades, personalidade) é modelada por contradições sentimentais e materiais (pobreza, riqueza, amor, ódio, solidariedade, estranhamento, bom, mau, amigo, inimigo, poder, submissão) – ser e querer são grandezas atravessadas pela imprevisibilidade, pela dualidade do mundo e dos outros.

Os paradoxos da identidade começam a ser desvendados entre o sentimento de pertença grupal e de diferenciação do eu para com os outros – trata-se da dualidade do eu como fundamento das representações para ação. Essa concepção é fundamental para entendermos as relações dos estudantes brasileiros nos espaços da U. Porto, devido ao alto grau de diferenciação causado pelas pertenças nacionais em jogo. Pois, falamos do encontro entre dois grupos nacionais distintos, “eles” e “nós”, separados pelos símbolos do nacionalismo – as relações entre os grupos, os atravessamentos das fronteiras e a dinâmica das antigas e novas pertenças grupais são a fonte para conhecermos melhor a realidade analisada.

1.1.2. Sistema de Ação e a Dialética das Interações/Representações

A obra de Claude Dubar (1997) é essencial para o desenvolvimento desse trabalho no que diz respeito ao aporte teórico, para analisar a operação estratégica dos indivíduos através de suas identidades na luta por reconhecimento social. Ela apresenta uma análise compreensiva da socialização, adaptando os conceitos de sociedade comunitária e sociedade societária de Max Weber e, também, sendo influenciada pela dialética do senhor e do escravo (o “eu” e o “outro” no tempo¹⁶) da tradição hegeliana (ibid., p.80-85). O modelo teórico de Dubar permite perceber a passagem das representações (mentais) nos espaços do devir social (sistema de ação), em suas formas operacionais (estratégicas) permeadas e conforme as relações de poder: as situações de reconhecimento, de envolvimento, de interesse ou de contestação na vida cotidiana; em relação com o futuro no sistema (futuros imaginados, identidades desejadas) presentes nas orientações estratégicas no devir cotidiano.

Com o modelo das categorias identitárias de Dubar é possível desvendar o processo reflexivo do indivíduo sobre as suas próprias capacidades (para ação) frente às ferramentas dispostas no sistema (estratégias narrativas), empregando sua ação para reconhecimento no espaço (das suas identidades herdadas e visadas), i.e., o que é possível fazer com as capacidades de origem [identidades herdadas], e o que pode ser reconvertido em si mesmo para ser capaz de manusear as novas ferramentas do sistema [identidades visadas]]. Essas formas de compreender as representações em seu devir social são captadas enquanto base das identidades.

A dialética do senhor e do escravo é essencial para aprofundarmos o debate da relação eu-outro na teoria das identidades. As identidades são o resultado de relações intersubjetivas frente às situações do cotidiano (trajetória posta em relação dialética

¹⁶ É possível desvendar muitos aspectos da dimensão subjetiva vivida e psíquica (mundos internos e externos) a partir do debate das dialéticas do senhor e do escravo e da causalidade do destino (eu e outro): tal dimensão, enquanto negatividade que fomenta a luta pelo reconhecimento, conduz à definição de identidade como resultado de um reconhecimento diferencial recíproco, isto é, implica que a identidade do eu só é possível com a identidade do outro, pelo seu reconhecimento e oposição, oposição e reconhecimento, por sua negação que afirma a identidade do eu e pelo reconhecimento que diferencia a identidade do outro (será esse processo que leva à construção dos grupos, ou à aproximação ou ao afastamento do indivíduo de um grupo).

representacional no sistema de ação); a “causalidade do destino” (Hegel, 1973, apud, Dubar, 1997, p.81) é o motor da “dualidade do eu” – está circunscrita na história.

A concepção da “dualidade do Eu” é uma chave mestra para entender o processo de construção identitária: acontece na negatividade entre o indivíduo e o social no devir interacional. Nesse resultado dialético do fracionamento do “eu” em símbolos diversos, em corporificações performativas na continuidade do processo social, juntamente com a negação desse fracionamento do simples para uma nova reconciliação, dá-se o devir interacional das identidades do eu. Segundo Dubar, através desse esquema teórico foi possível superar a visão psicanalítica incapaz de apresentar sínteses sobre o ambiente externo (pois o objeto da psicanálise está no inconsciente). Em outras palavras, Dubar introduz, através da teoria das identidades, “a dimensão subjetiva, vivida, psíquica no âmago da análise sociológica” (ibid., p.105). Os ‘mundos vividos’ e os ‘mundos expressos’ que emergem da dimensão intersubjetiva podem ser entendidos como a corporificação das identidades no devir cotidiano.

Continuando com o aporte hegeliano, o conceito de dialética das representações/interações (que fala da interpretação da realidade frente a estruturação da sociedade) relacionado com o conceito das identidades visadas (oportunidades no sistema, desejo de construir novas identidades) aparece como ferramenta interessante para a reflexão sobre a questão migratória. No devir do sujeito, no espaço-tempo da estrutura social, as interações e os contextos são absorvidos e (re)interpretados constantemente pelo sujeito (constituindo o conjunto de informações armazenadas da sua longa trajetória na memória). Como ser pensante, reflexivo, o indivíduo faz um julgamento das características e evoluções prováveis das interações nos espaços sociais, o que é possível e impossível (relação entre a identidade visada e a identidade herdada). Na dualidade do social não existe uma determinação sobre os desejos de interação, de construção de si ou de conquista de posição (apreciações das oportunidades), pois o processo de reflexão deriva da negatividade das interações do presente, a trajetória passada (o peso das identidades herdadas) em relação com as novas condições da realidade: o que tem contido em si que pode ser transformado, dispensado ou exponenciado no seu devir cotidiano (ibid., p.108).

O esforço teórico para desvendar a dualidade do eu no processo de socialização (identidade para si em relação dialética com a identidade para o outro no devir das trajetórias) nada mais é do que evidenciar a corporificação dialógica das interações na vida cotidiana. Para tanto, Dubar destrincha os conceitos de etiquetagem, identidade nominal e identidade virtual de Erving Goffman (1963). As identidades nominais são uma questão de atribuição de categorias, de nomes, de classificações, de estereótipos. Já as identidades virtuais dão sentido à classificação atribuída, são as consequências dos estereótipos nas interações, são as experiências e os comportamentos modulados pelas classificações (Jenkins, 2008a, p.43).

As categorias (classificações, rótulos, estereótipos) que servem para identificar os outros e para definir a identidade do eu, aumentando a previsibilidade dos comportamentos (compondo um mundo organizado em fronteiras identitárias), são variáveis de acordo com os espaços sociais onde as interações acontecem. A legitimidade de uma categoria depende das temporalidades biográficas e históricas onde as trajetórias se encontram (interações).

No anexo 6 apresentamos um quadro para análise de conteúdo, que serve para desvendar os paradoxos identitários. Suas dimensões localizadoras de categorias identitárias são as seguintes: trajetórias sociais; auto-identidade; estratégias identitárias, transações externas; estratégias identitárias, transações internas.

1.1.3. A Dialética das Interações

A identidade não é uma construção unilateral, isto é, o processo de identificação depende dos outros. Não é suficiente que o indivíduo afirme a sua identidade, é preciso que essa seja validada pelos outros, ora nos processos da ordem interacional (indivíduos e grupos), ora nos processos da ordem institucional (organizações e instituições legitimadas pelo Estado). Goffman (1985), ao descrever as formas de apresentação do eu na vida cotidiana, demonstra como os indivíduos não podem controlar a interpretação feita pelos outros da imagem performada de si mesmo. Nesse sentido, a performance individual na esfera pública ganha um poder central quando percebida como encenações da vida cotidiana (pequenas cenas que constroem o todo). A

construção da identidade revela o drama moderno que a imagem do eu (auto-identidade) enfrenta para apresentar-se em simultâneo com a imagem pública – é um campo de contradições. Para Goffman, a relação é menos contraditória¹⁷, os indivíduos fazem uma espécie de “gestão estratégica das impressões” que sua apresentação despoleta nos outros. De qualquer forma, esta perspectiva de Goffman faz-nos focar nos aspectos da corporificação performativa das identidades na ordem interacional do mundo humano, o que demonstra, mais uma vez, como o processo de identificação é inseparável da rotina cotidiana (Jenkins, 2008, p.42).

A capacidade de reflexão para ação (a gestão estratégica das impressões, ou cálculo racional) realmente é uma chave para compreender as identidades, contudo, não podemos cair na armadilha do utilitarismo que generaliza as ações humanas como produtos racionais para fins – a crença na ação racional utilitária é a base para a essencialização das ações individuais, é o principal meio de justificar as desigualdades, pois coloca, de um lado, os eficientes e, do outro, os ineficientes: a culpa é do indivíduo que não se esforçou o suficiente, “se quiser cria uma startup, só é pobre quem quer” – em síntese separa o indivíduo da sociedade. Para não cair nesta armadilha, é preciso colocar as contradições, as imprevisibilidades da existência e o processo de habituação em simultaneidade ao processo de reflexão subjetiva para ação (cálculo racional, estratégias premeditadas) – na dimensão das interações. O que mais ocorre são ações habituais organizadas pela memória (práticas narrativas dentro de eventos comunicativos). Segundo Jenkins, o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (2008) oferece uma perspectiva que clarifica as interações sociais que geram e são geradas por contradições, rupturas, mudanças, imprevistos e situações rotineiras da vida humana¹⁸.

¹⁷ e inclusive, não dialética. Goffman não integra a vida cotidiana à estrutura social. Por não trabalhar com contradições do eu (*self*) nas interações, Goffman, desenvolve uma teoria da representação baseada num ator cínico, inclinado para ação conforme seus interesses individuais, como se a identidade do “eu” fosse meramente uma questão de atuação conforme as situações do cotidiano – o ator de Goffman é um “eu” sem história. Como sabemos, as trajetórias interacionais são repletas de variações e imprevistos, de contradições entre o indivíduo e o coletivo, entre o eu e os outros que fazem da performance uma ação muito mais habitual do que racional.

¹⁸ Bourdieu define o *habitus* enquanto “sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, enquanto princípios geradores e organizadores de práticas e representações.” (Bourdieu, 1980 apud Dubar, 1997, p.66). A

A ação habitual está muito naquilo que não pode ser governado por cálculos racionais ou pela observação das regras, a ação habitual “acontece” pela realização do eu conforme suas trajetórias (práticas). O *habitus* clarifica o domínio das práticas cotidianas, pois as práticas não são dominadas por ações sempre conscientes ou espontâneas; elas são necessidades vitais da existência com os outros, são maneiras de fazer andar a vida (de responder às emoções e de alimentar fisicamente), e suas formas dependem das interações. As práticas são um produto da dialética da trajetória social.

A ação racional meios-fins é parte da capacidade humana e se apresenta como uma das ferramentas para ação no mundo. Tal cálculo racional vem sendo mais estimulado desde a ascensão do capitalismo, já premeditado pela ascese protestante, que inculcava a vocação como a salvação individual (Weber, 2004). Contudo, a vida é repleta de imprevistos, variações e contradições que são resolvidas pela capacidade de adaptação e habituação. A habituação é produto ambíguo da violência simbólica do Estado e demais organizações, como por exemplo a família, que naturalizam e distribuem categorias sociais, e da ação (agência) que contesta, afirma, interpreta, ressignifica ou transforma tais categorias e o mundo. O *habitus*, enquanto mecanismo dialético interacional, dispõe de previsibilidade nas ações e reações com os outros na vida cotidiana, pois nas interações do aqui e agora, ou nas expectativas das relações futuras, o acervo informacional do cérebro humano está a distribuir imagens de comportamentos previsíveis; isto é, maneiras de ser que já foram encenadas nos dramas do cotidiano, permitindo assim ações habituais, práticas corriqueiras ativadas por engrenagens da memória, sem mesmo que o indivíduo tome conta de que seja um processo de escolha, ou uma construção. As pessoas simplesmente agem sem refletir na ação, são ações por reflexo, são ações habituais; são temporalidades biográficas que situam o indivíduo no espaço, permitindo a simultaneidade de sua individualidade em sua semelhança imaginada com os outros. Em síntese, as identidades dispõem de

interpretação interacional dialética do conceito de *habitus* ajuda-nos a superar o enquadramento temporal do *habitus* bourdiano, onde as práticas dos indivíduos são determinadas por “estruturas objetivas” sincrônicas, o debate apresentado por Dubar permite focar no *habitus* como um produto da trajetória social (com os outros). Passado-presente-futuro em relação dinâmica nas modelações e construções da identidade do eu.

informações práticas de reconhecimento (previsibilidade) de certas formas de comportamento social: desde dialetos e acentos sonoros de classe, até maneiras de andar e de se vestir. As identidades dão razão e direção para as pessoas fazerem as coisas, para desenvolverem suas vidas no cotidiano. Ao conceituar as identidades com o *habitus*, é possível perceber as identidades operando enquanto práticas de adaptação às interações, organizadas pela memória. Por exemplo, a adaptação do estilo verbal para legitimar uma identidade social (ou qualquer adaptação em busca de legitimidade) acontece não apenas por um interesse em utilizar ao máximo as oportunidades (cálculo racional), mas pela necessidade de se fazer compreender, para que as relações do cotidiano possam fluir. A maior parte das vezes, as pessoas querem praticidade para a vida cotidiana, a adaptabilidade ocorre habitualmente nas ações humanas, e servem para coisas tão simples como tomar um táxi no estrangeiro, ou se apresentar num jantar para a família da namorada, ou até a apresentação das qualidades pessoais numa entrevista (Appiah, 2018; Jenkins, 2008). De forma mais complexa, estão, também, no campo das adaptações de desvio, as etiquetas e estereótipos, que são pré-estabelecidos por identidades marcantes. De forma habitual, as pessoas começam a reinterpretar estereótipos em conversas de bar, fazem piadas, incluem-nos em uma música, colocam-nos nos diálogos, etc., até que aquela marca se transforme, ganhe outro sentido¹⁹. Durante o trabalho de observação, ficou visível como no dia a dia das relações entre estudantes imigrantes e nacionais, as adaptações linguísticas ocorrem a fim de facilitar o entendimento entre os falantes.

De qualquer forma, a teoria interacional de Goffman (1963, 1985) é uma base sólida para iniciar uma jornada para a compreensão das identidades em sua apresentação do eu na vida cotidiana, pois ela permite-nos entender os espaços de

¹⁹ Essencializar um objeto cultural leva a sua ruína pela deterioração no tempo, pois o objeto essencializado sofrerá com as intempéries derivadas da paralisação na história. Um barco sobre o rio dura anos, e se for reformado frente às mudanças de condição pode durar centenas de anos, como o navio de Teseu. Caso esse barco seja essencializado e sacralizado, o tempo irá destruir átomo por átomo. Uma peça de madeira que flutua num rio navega os sete mares; uma peça de madeira fixada numa margem irá apodrecer o mais tardar (e o pior é que pode contaminar as águas do rio). Em síntese, como Appiah (2018), compreendo ser ótimo existir apropriação cultural, faz parte da humanidade. Resistir à troca cultural é fomentar o essencialismo.

interação como um momento externo de recepção da autoimagem (identidade do eu) pelos outros, onde a autoimagem passa para sua forma pública, podendo ser aceita e validada, ou questionada e negada, e vice-versa.

“Goffman’s actors want to appear creditable to others; they want (or need) to make a good impression. Thus most people most of the time extend to others the minimal interactional support which they require themselves if their own identity performances are to succeed (or, at least, not fail).” (Jenkins, 2008, p.94)

A dimensão moral da identidade está baseada na reciprocidade. A singularidade do eu entende a humanidade do outro, elas se encontram nos paradoxos da identidade. Os outros constituem a nossa própria identidade), um indivíduo age, tendencialmente, conforme as regras para aceitação de sua apresentação no espaço interacional, absorvendo e ressignificando dialeticamente a imagem pública na imagem do eu. A questão sobre a abordagem de Goffman (1985), como dito na linhas acima, é superar o imperialismo do cálculo racional; e há também a questão do distanciamento que o autor faz da estrutura social do debate das identidades. Tal superação é possível através de uma concepção dialética de identidade.

A apresentação do eu é resultado da dialética da imagem do eu (auto-identidade, identidade do eu) com as expectativas de recepção pública desta imagem. Ao mesmo tempo, a imagem pública está dependente e se formata conforme as categorias sociais disponíveis no contexto. Quando identificamos os outros, somos identificados por eles; nesse sentido a identidade do eu é produto das interações (ajustes, modificações, submissões e rupturas), daquilo— que os outros compreendem da ação performativa ntecemontecem, conforme um índice de valores estabelecidos na sociedade. A interação entre imagem pública e autoimagem é internalizada (armazenada na memória) e expressa performativamente nas relações; em síntese, a identificação pelos outros tem consequências. Uma categoria nominada estabelece relações de poder, está nas dimensões da luta de classes e da luta pelo reconhecimento.

O processo de identificação está dentro das relações de poder, assim como sua definição irá organizar as formas de mando e obediência, nominando os sujeitos para

exercerem o poder na hierarquia social: quem manda menos, quem manda mais, quem manda ou quem obedece, etc. Mesmo que a ordem seja rígida e estável, ainda assim está em definição, isto é, a ordem é variável conforme as transformações constantes dos espaços e dos sujeitos.

Identities corporificadas são encenações da personalidade. é unidade indivíduo-socialização é apresentada conforme as ordens de interação em determinados espaços. As personalidades são levadas a encenar em espaços destinados para sua performance. Por exemplo: um jovem apresenta suas capacidades de estudante na sala de aula, e as cenas da sala de aula solicitam performances adequadas às hierarquias escolares e conforme os saberes tradicionais. Um jovem camponês sem formação educacional básica terá muitas dificuldades de apresentação numa sala de aula de nível universitário.

No entanto, as interações não dependem apenas da capacidade de apresentação individual – a abertura interacional dada pelos outros pode modificar completamente o isolamento do jovem camponês. Também, um grupo de camponeses pode ocupar a universidade e forçar a adequação do espaço à cultura camponesa. O processo de identificação é algo aberto, não existe um destino determinado, existem tendências conforme as variáveis do contexto histórico. Nada é determinado frente à capacidade humana de imaginação para a construção de realidades organizadas (sociedades estruturadas), logo, imagens do eu com os outros na esfera pública e na apresentação de si (com o eu internalizando os rótulos, na definição pelos outros e dos outros) fazem parte do processo dialético de identificação que constitui o movimento do mundo humano. Os pilares da ordem tradicional podem ficar, mas os sujeitos podem iniciar uma transição, ressignificando o espaço e suas interações, até que um dia os pilares tenham ruído e as novas categorias sociais possam emergir nas instituições e formalmente nas relações.

Nesse sentido, Jenkins (2008, p.43) faz uma crítica ao modelo conceptual de Howard Becker (2008) sobre a internalização autoritária dos rótulos (estereótipos imprimidos pelos outros), que deriva do comportamento desviante. Segundo Jenkins, o

modelo de internalização das categorias sociais não é unilateral, mas uma relação de poder, logo, está aberto um campo de resistência que pode alterar o quadro categorial que diz que aquele comportamento é anormal (estranho, marginal), ao ponto de superar a ordem tradicional: ser de determinada forma (corporificar determinada identidade ou praticá-la) já não será um comportamento desviante, mas fará parte das práticas formais de identificação.

As consequências das categorias sociais se “consolidam” na estratificação social (o posicionamento na hierarquia, situações de exclusão ou inclusão, direcionamento dos recursos, ajuntamento por empuxo entre grupos, etc.) e nas internalizações subjetivas dos indivíduos que carregam (apresentam) as identidades na esfera pública. Como já dito, esse processo não deve ser separado da construção de identificação entre os membros de um grupo, pois um depende do outro – as identidades surgem na interação das diferenças, nada pode surgir se mantiver sempre o mesmo, o novo precisa do diferente. As identidades são construídas, negociadas através das fronteiras.

A dualidade do processo de identificação estabiliza e movimenta a estratificação social (estrutura organizada), assim como permite a afirmação da existência individual pela pertença e diferenciação. Possuir uma identidade significa deter um lugar na hierarquia social, e significa, também, estar submisso às aberturas e restrições à/por ela impostas.

A centralidade do processo dialético do interno-externo se expressa na relação das dimensões da identificação grupal (processo interno de construção de semelhança entre os membros) com a categorização social (experiências da identidade nominal, categoria impressa no mundo humano pela imagem do grupo e definida pelos outros). Categorias podem se transformar em grupos, e grupos sempre são categorias, e novas categorias podem ser construídas (por práticas, sejam filosóficas ou performativas) possibilitando ressignificar o grupo para si (e seus membros), ao mesmo tempo que ganha nova visibilidade no espaço público (recebendo novas interpretações classificatórias). A categorização social e a identificação grupal são processos distintos, mas um implica no outro – evidenciar a relação dialética entre processos de

categorização social e identificação grupal nos apresenta a importância do campo do poder e da dominação para se compreender as identidades.

A distinção feita por Marx entre “classe em si” e “classe para si” clarifica o processo de identificação em sua relação dialética da produção de semelhança interna e categorizações externas (do mundo das experiências fronteiriças, onde as identidades sempre se encontram e tendem a se transformar pela antropofagia categórica da realidade humana). A classe em si é a unidade do grupo representada pela imagem externa de categorias sociais, impostas pela compreensão dos outros, pela semelhança de situação que é exposta publicamente. Trata-se da previsibilidade para o mundo que os membros do grupo expõem em suas semelhanças pela condição do grupo no mundo (são os outros que indicam quem é quem). É uma coletividade que é identificada e definida pelos outros (formando uma categoria em si). Já a classe para si depende da conscientização dos indivíduos para a semelhança com os outros, quando os indivíduos entendem que existem pessoas que vivem em condições semelhantes, logo, definem-se como membros de uma coletividade, uma coletividade que identifica os seus e que define a si própria (grupo para si). O devir relacional dessas duas formas é repleto de contradições, suas formas dependem das lutas para a manutenção de posição das categorias tradicionais frente às lutas para emancipação, superação ou (res) significação do estado das coisas, feita pelos grupos que se colocam contra as categorias tradicionais, a fim de ressignificar as categorias e alterar as posições da hierarquia social.

A identidade ganha singularidade em sua face performativa (práticas), cada ser é um ser. Contudo, na modulação para ação, que a identidade atua sobre os corpos dos indivíduos apresenta as marcas das relações sociais. Entre as categorias e as identificações grupais, isto é, o nome partilhado que está passando pelas validações sociais, que são perspectivadas e acionadas pela singularidade do eu, o seu processo depende inexoravelmente de relações sociais. As identidades dependem do encontro dos corpos coletivos. Os outros, diferentes, afirmam seus opostos pela categorização, nas experiências do cotidiano, e tais afirmações categóricas permitem o sentimento de diferenciação positiva, situando o eu no mundo, dando sentido ao nome que se carrega, e vice-versa.

As identidades devem ser analisadas em seus limites, ou seja, nos processos de encontro de identificações distintas, nas fronteiras da alteridade, nas lutas sociais, no momento que as formas internas se apresentam às realidades externas (eu-outros, *ingroup-outgroup*), no seu processo dialético, nas apresentações do eu e nas oposições dos resultados categóricos que se expressam nas experiências do cotidiano. A identificação é um processo de fronteiras, surge nas diferenças, nos espaços da realização da dialética da existência, nas interações. Ocorre através de apropriações de ferramentas categoriais e nominais (simbólicas, discursivas, posições e recursos materiais) reconhecidas, apropriadas ou ressignificadas, juntamente com desapropriações culturais (trocas identitárias, ressignificação de antigas categorias e símbolos). A humanidade é o exemplo da troca cultural que fomenta a produção simbólica que serve de conteúdo às identidades.

"[...] group identification is characteristically constructed across the group boundary, in interaction with others. Boundaries are permeable, persisting despite the flow of personnel across them, and identity is constructed in transactions at and across the boundary. During these transactions a balance is struck between (internal) group identification and (external) categorization by others." (Cohen, 1985, apud, Jenkins, 2008, p.44).

A resistência grupal às categorias de marginalização e a necessária troca dos conteúdos das identidades entre grupos díspares são movimentos essenciais para desvendar as estratégias de adaptação da comunidade imigrante frente aos estereótipos. Na vida estudantil, a relação entre estudantes estrangeiros e nacionais portugueses ocorre entre estereótipos, resistências, ressignificações, novos sentimentos de pertença e novas diferenciações positivas. No próximo subcapítulo, buscamos aprofundar o debate sobre a teoria das relações entre fronteiras com o foco no comportamento intergrupal.

1.1.4. Relações inter-grupais – as trocas informacionais entre fronteiras como fundamento do desenvolvimento humano

A afirmação coletiva da semelhança, as práticas comunitárias, ou a afirmação pública do “nós” é o que permite a construção grupal, é o que dá corpo ao grupo (*in-group*), e faz perdurar a sua existência. Ao mesmo tempo, essa semelhança coletiva possibilita a diferenciação do “eu” através da performance corporificada dos indivíduos – a pessoa pertencente ao grupo é única, logo, é diferente dos próprios membros de seu grupo (apesar das semelhanças), e ainda mais distinto dos membros de grupos externos (*out-groups*).

Na fronteira descobrimos o que somos pelo encontro das identidades, identidades corporificadas atravessam as fronteiras dos outros tanto na performance gestual como na narrativa dialógica. São trajetórias que se encontram, biografias reescritas e ressignificadas com novas imagens da totalidade que compõe o eu no tempo – a luta entre o velho e o novo.

Nas zonas de fronteira, os espaços de diferenciação grupal, as identidades se atravessam. É nesse espaço em que os grupos trabalham para construir um hall de índices de organização do mundo humano. Afirmamos ou criticamos o que somos pela correlação (comparação de situação) com as performances que os outros apresentam nas interações em zonas de encontro de grupos distintos. O processo humano de (re)conhecimento fronteiriço pode ser entendido através dessas zonas em que a auto-identidade desvela-se com o eles, e o nós é reivindicado como forma de autenticidade frente ao eles (“eu sou assim porque...”, “sou brasileiro por isso...”). Tal encontro deve ser entendido como um processo intrínseco do devir social, tende a transformar e a construir novos grupos e novas modalidades performáticas (novas corporificações individuais e coletivas e novos conteúdos culturais), pois o ser humano é um ser multicultural (unidade do diverso), sua qualidade típica de existência é trocar cultura; ele é uma unidade individual que produz coletivos e movimentações coletivas que transformam a unidade individual.

A individualidade é uma noção mais fácil de exemplificar, pois o mundo humano é composto por corpos reais que detêm personalidade própria. São objetos sociais com personalidade, performances corporificadas dos indivíduos no mundo. Já as identificações coletivas, os diversos grupos, são realidades muito mais complexas de encontrar, de definir, pois são realidades imaginadas.

A distinção entre grupos e categorias pode facilitar o trabalho de identificar grupos nos espaços. A categorização é um processo de definição externa do grupo, dos outros e pelos outros, e o grupo é o produto coletivo de identificação interna pela agência entre os membros do grupo para manutenção da semelhança, através das práticas comunitárias. O que entra em evidência é que as duas formas são parte dos processos de identificação coletiva, são reflexos das interações em seus momentos internos (grupos) e externos (categorias) que se materializam novamente nos indivíduos (categorias da identidade). A troca de informação entre os grupos depende de um léxico de categorias (um índice social organizado entre o nós-eles). A categorização impacta a formação grupal tanto pelo reflexo nas identificações internas como pela continuação de sua função de permitir o diálogo através das fronteiras onde os membros dos grupos se encontram.

Os grupos são expressões das identificações coletivas, através do grupo os indivíduos afirmam a identidade do eu, pois os indivíduos acreditam fielmente nas identificações internas construídas coletivamente. O processo de identificação coletiva permite a existência do grupo, por ser reconhecido por seus membros e afirmado em práticas comunitárias. Não se limitando às zonas de reconhecimento interno, as fronteiras erigidas pela semelhança são percebidas e alcançam os outros-diferentes, pois as práticas comunitárias dependem de espaços sociais para sua realização, onde coexistem outros grupos.

As pessoas identificam a si próprias e aos outros coletivamente. O índice que organiza o mundo humano armazenado na memória é produto da relação dialética entre categorias externas e identificações grupais (categorias de pertença).

A identificação grupal sempre gera categorias, seja pelo reconhecimento dos outros sobre o comportamento que surge, de que trata-se de um semelhante na esfera pública, seja pela força de ordenação do mundo que um *in-group* necessita para que seus membros possam agir coerentemente, mantendo a semelhança grupal. Para a manutenção da identificação interna é preciso que os membros do *in-group* possam captar informações suficientes para ação no mundo. Uma identidade coletiva tem de servir ao entendimento do mundo, pois é preciso ter uma base informacional para que a interação com os outros externos ao grupo aconteça.

Um autor pioneiro nos estudos do comportamento intergrupal é Henri Tajfel (1971, 1973). Tajfel estava preocupado em introduzir a dimensão social para a teoria das identidades. Ele trabalhou para desvendar os efeitos da categorização social nas relações intergrupais a fim de superar as vertentes individualistas na psicologia social.

Para Tajfel, os sujeitos tendem a favorecer os seus grupos de pertença (*in-groups*) perante aos desafios de distribuição de recursos e de valorização de posicionamento, de manutenção de poder ou da disposição de reconhecimento público para aqueles que detêm as mesmas práticas comunitárias e carregam os mesmos símbolos grupais.

Toda relação intergrupal depende da categorização social, os aspectos mais relevantes do ambiente social que são constituintes de diferenciação entre o nós (*in-group*) e o eles (*out-group*). Esses aspectos estão reunidos num hall de classificação e são acessados pelos sujeitos através das relações grupais.

O processo de classificação desvenda os *in-groups* e os *out-groups*, pois apresenta o processo de diferenciação entre os grupos. Para classificar o próprio grupo é necessário diferenciar as práticas comunitárias, enquadrando-as num conjunto de valores que correspondam às categorias sociais do ambiente analisado. Em outras palavras, quando um grupo se afirma como detentor de determinadas posições, de determinados cargos, de determinadas culturas, ofícios, produtos, ou, classicamente, quando um grupo diz ser o detentor dos meios de produção, e que os outros devem ser os assalariados. Quando um grupo se afirma como dominante num dado espaço, está

automaticamente distribuindo funções na sociedade para os próprios membros e para os membros dos outros grupos.

O mais interessante de se apropriar da teoria de Tajfel está na percepção de que as relações sociais ocorrem através de uma rede onipresente de categorizações intergrupais.

Para Tajfel e Billig (1973, p.27-28), o simples fato de os indivíduos categorizarem o mundo que vivem entre “eles” e “nós” é condição suficiente para introduzir no seu comportamento social condições para o favoritismo e para formas de discriminação contra *out-groups*.

Com as condições de distinção baseadas na comparação entre grupos a partir do *status quo*, é impossível se dispor de segurança à identidade social e a um consenso grupal permanente, pois existem alternativas cognitivas e práticas individuais e coletivas que desafiam os valores tradicionais (*status quo*), funcionando como parte do movimento da história dos sujeitos no seu devir cotidiano. Uma identidade social “segura” e um grupo com distinção e superioridade na hierarquia social só podem ser mantidos através da dominação dos signos e símbolos que representam o poder do *status*, sem que estes possam ruir frente às transformações do tempo e do espaço, dos indivíduos e da sociedade. Issomantém o consenso de superioridade na hierarquia social, logo, uma identidade segura e estável depende de um mecanismo psicológico de distinção.

Estudar o comportamento intergrupar é bastante pertinente para compreender as identidades migratórias, pois, em geral, os grupos migratórios são minoritários e tendem a ser categorizados como inferiores na hierarquia social – as posições sociais para os imigrantes, tanto no trabalho como na moradia, são posições marginalizadas.

Segundo Tajfel (1974, p.78), os critérios de categorização de inferiorização que destacam as possibilidades de mobilidade de grupo ou mudança das condições são as principais variáveis que predizem a segurança de uma identidade. Nos grupos imigrantes, são perceptíveis os cenários de insegurança decorrentes da posse de identidades nacionais deslocadas. A partir dessa referência, podemos indicar alguns

comportamentos intergrupais mais comuns na realidade migratória: aceitação por ambos os grupos de certos tipos de distinção psicológica intergrupai, o que evita a ocorrência de problemas de identidade e permite a troca de informações através das fronteiras (expansão do conteúdo cultural humano); hostilidade explícita pelo grupo externo e reações defensivas igualmente hostis pelo outro; manutenção dos interesses e da posição sem desestabilização dos valores que mantém a unidade interna dos grupos; conscientização de que outras realidades sociais podem ser construídas, tanto pelo grupo que sofre as mazelas de categorias de inferioridade, como por parte de membros do grupo dominante, que começam a debandar e a criticar os valores que mantém o grupo como dominante; assim como pode ocorrer uma ruptura total dos valores sociais ao ponto de ocorrer uma superação das fronteiras intergrupais; luta por legitimação das novas formas de comparação intergrupai; intensificação da competição social pela construção e apresentação das diferenciações positivas entre os grupos, das categorias que permitem a distinção. Nota-se que essas formas podem ocorrer simultaneamente no mundo humano em diferentes níveis e até entrelaçadas.

Dentro das relações intergrupais, Tajfel analisou as condições que possibilitam a saída de um grupo, bem como as condições que conduzem à escolha de manter a sua posição. Os movimentos de mobilidade e mudança de grupos desenvolvidos por Tajfel são extremamente interessantes para compreendermos as dinâmicas sociais.

Mobilidade social: a possibilidade do indivíduo mover-se para outros grupos depende em parte do tipo de “definições” disponíveis para serem usadas como critério identitário, isto é, se o indivíduo se enquadra ou se pode incorporar as categorias contidas no grupo, e como essa mudança grupal (novas identificações) podem dispor o seu desenvolvimento na sociedade (posição na hierarquia, trabalho, etc).

Mudança Social: quando a passagem para outro grupo é muito difícil ou impossível. Refere-se às transformações das relações entre os grupos como um todo (rupturas na organização social), às expectativas, medos ou desejos de tais mudanças, assim como às ações destinadas para induzir ou prevenir tais ações.

1.1.5. Fronteiras – Reconhecendo as diferenças, a construção do sentimento de pertença

O que se passa dentro grupos e como seus membros se identificam é um fenômeno dependente do que acontece entre os grupos, pois a identificação é produção e reprodução durante as interações da semelhança e diferença. O processo coletivo de identificação das diferenças, ou seja, as relações entre diferenças culturais ou aquilo que ocorre nas fronteiras grupais, segundo Jenkins (2008), está muito bem trabalhado por Fredrik Barth (1976).

Barth (1976) não estava focado no conteúdo cultural dos grupos (étnicos, identitários), mas nos relacionamentos de diferenciação cultural, especificamente, sobre o cruzamento entre coletividades diferenciadas (processo de encontro grupal). Por exemplo, o encontro de “nós” e “eles”. Um dos pontos negativos da obra de Barth está em negligenciar os constrangimentos estruturais, mesmo assim sua obra apresenta um aporte importante para a compreensão das identidades, ainda mais para analisar as identidades migratórias, onde as fronteiras estão mais evidentes.

A antropologia de Barth oferece uma promessa ao mundo humano: relativizar noções de etnia; logo, resistir à naturalização das identidades (Jenkins, 2008a, p.15).

Cultura ou etnia (identidades) são coisas com as quais as pessoas sentem-se pertencidas. São repertórios complexos que as pessoas experimentam, usam, aprendem, fazem no seu cotidiano, onde constroem a si mesmos e compreendem os outros. Barth (1976) argumenta que devemos analisar as práticas e processos onde são construídas as etnias e as fronteiras étnicas (identidades e fronteiras intergrupais.). O primeiro o foco do etnógrafo deve ser a ação e as situações construídas (e mantidas) pela interação do cotidiano. No segundo passo, o foco passa a ser sobre os processos que permitem a manutenção das fronteiras na interação entre o “nós” e “eles” (a partir de uma perspectiva interna de como os membros são atraídos ou assimilados).

Os grupos tendem a se complementar, aproveitar conteúdos culturais (informações) uns dos outros, ao invés de serem rígidos e impermeáveis; os grupos tendem a se espalhar para manter a hegemonia, para manter sua existência.

Complementação ou apropriação entre grupos não quer dizer fim das fronteiras, nem o fim das diferenças. Quer dizer que os grupos estão abertos a assimilar as pessoas e as informações comunitárias, ou a fazer, pela força da interação, com que as pessoas assimilem as maneiras, as classificações, as categorias do grupo.

Barth apresenta a identificação coletiva (fronteiras que permitem encontrar os outros) como um processo construído através de transações e interações; logo, as fronteiras que perfazem um grupo são potencialmente flexíveis, mutáveis, situacionais e negociáveis (novos membros podem ser recrutados, tradições podem ser modificadas, membros podem abandonar as antigas coletividades, etc.).

As diferenças culturais (as distinções identitárias) continuam seu constructo e se afirmam através das fronteiras entre grupos, e o “nós” tem de se apresentar no encontro com o “eles”. As fronteiras identitárias são limites entre grupos que permitem identificar “quem é quem” e “o que é o que”. As fronteiras são o sentido prático das identidades, o aqui e agora das trocas entre o eu e os outros (implica na coerência e autenticidade da prática do indivíduo conforme seus grupos de pertença, ou na coerência da ação conforme identidades visadas depende do encontro com os outros).

As fronteiras consolidam a hierarquia social, pois definem o lugar de cada um conforme a autenticidade performática (representação da pertença pela diferenciação). As possibilidades ou restrições são encontradas nas fronteiras entre os grupos, por exemplo: um jovem vai atravessando fronteiras durante a sua trajetória até alcançar uma posição na hierarquia social, sua mobilidade ocorre através de aquisição de informação através da passagem entre fronteiras: da família para escola até a universidade e o trabalho. Os limites (fronteiras) grupais definem as possibilidades de mobilidade dos indivíduos entre grupos, as fronteiras são espaços de construção política (algumas identidades favorecem ou impedem a mobilidade dos indivíduos).

As fronteiras representam a dualidade do mundo humano: para ser imigrante é preciso que exista o nacional, para ser homem é preciso que exista a mulher; toda identidade afirma o seu oposto, toda afirmação é uma diferenciação. A tendência do encontro entre fronteiras é que a dualidade identitária se mantenha. Ainda assim, as

posições em que as identidades estão são transponíveis pela troca de informação dos conteúdos que mantêm o seu poder – isso está em evidência na questão do gênero.

Nesse sentido, o “nós” só pode existir com o “eles”; logo, no encontro entre fronteiras podemos desvendar a identidade do indivíduo que se diz membro de um grupo, pois tem que se apresentar autenticamente, e diferenciando-se permite que os outros possam começar a entender quem é este sujeito que se apresenta (pois tem que pertencer a alguma comunidade). Para haver comunicação é preciso reconhecer as diferenças (fronteiras). Quanto mais intenso o encontro de grupos, maiores serão as possibilidades de diferenciação individual. *“The model can be summarised by saying that the interactional construction of (external) difference generates (internal) similarity, rather than vice versa.”* (Jenkins, 2008, p.121)

As fronteiras se tornam mais rígidas por conta de relações de dominação que servem aos interesses de grupos que necessitam de manter as posições sociais fixas (fronteiras sem recrutamento), para favorecer grupos dominantes durante a distribuição dos recursos sociais. Mas nenhuma exclusão é eterna, a tendência é a osmose grupal. Sabemos que as fronteiras são mantidas através da diferenciação grupal, mas a manutenção das diferenças não significa exclusão, as diferenças são produtos da interação. Fronteiras da exclusão só podem se manter através de ideologias fundamentalistas, através da essencialização de identidades, que passam a ser fixadas como conteúdo para a unidade dos grupos, sendo representada em símbolos e práticas de violência visando a marginalização. Em geral, servem aos interesses de grupos dominantes para, por exemplo efetivar a conquista de território e de riquezas através da desestabilização de sociedades, sociedades que são mobilizadas para o conflito grupal (e passam a ser consideradas fronteiras essencializadas); tratam-se de caldeirões étnicos, como costumam dizer os estrategas do imperialismo. Novamente: a rigidez da hierarquia social baseada nas fronteiras só pode ser mantida pela ação fundamentalista de grupos que pretendem manter o poder (movimento realizado constantemente no mundo humano). Suas consequências são as mais devastadoras possíveis, pois no enquadramento fundamentalista do “eu”, as identidades perdem sua riqueza interacional, e logo, os encontros entre fronteiras são ensejados violentamente. Barth

dispõe de pouco arsenal para compreensão desse fenômeno, dado que não foca no conteúdo cultural que permite a semelhança grupal.

A principal limitação de Barth consiste em minimizar o processo de identificação coletiva, de criação da semelhança interna. Barth está centralizado no processo de reconhecimento pela diferenciação, isto é, do encontro das fronteiras. Ele não apresenta um debate dos processos coletivos que se materializam nos comportamentos individuais (na identificação interna), o que é insuficiente, pois os processos identitários podem iniciar tanto das coletividades como das diferenciações individuais (Jenkins, 2008, p.131).

1.1.6. Fronteiras – Representando a Semelhança, a construção das comunidades

No período pós-guerra (1945) o conceito de comunidade esteve em desuso entre as ciências sociais. Contudo, a ideia de comunidade não pertence apenas a um grupo de cientistas, mas a uma parte essencial das formas de organização da vida das pessoas. Viver em comunidade é poder compreender o ambiente em que se vive. Uma comunidade detém o controlo sobre os códigos linguísticos necessários para comunicação e ação no mundo.

É indispensável explorar como as pessoas constroem suas identidades a partir do sentimento de semelhança com os outros, a partir de um “nós” na história que seja pertencente a uma determinada localidade, um “nós” que tem uma longa história que justifica as coisas como devem ser (Jenkins, 2008, p.134).

Uma comunidade depende da materialização da sua construção simbólica, ou seja, de sua eficácia para a proteção, orientação e legitimação das ações individuais. Os símbolos da comunidade são como máscaras da semelhança costuradas pelo espírito da solidariedade, onde todos são iguais e podem contar com a fraternidade dos outros, de forma que seus membros podem estar resguardados e seguir com suas vidas. As semelhanças são imaginadas, são construções históricas para afirmar o coletivo. Quanto mais bem contada a história, mais naturalizadas tornam-se as práticas da comunidade, mais os indivíduos agem naturalmente justificados pela e para a pertença coletiva. Logo,

são imagens simbólicas extremamente importantes na vida das pessoas. As práticas trazem materialidade para esse elo imaginado (Cohen, 1982, apud, Jenkins, 2008, p.133-34).

Para entendermos a construção do sentimento de pertença, é preciso analisar mais a fundo a função dos símbolos. Os símbolos geram o sentimento de pertença, por exemplo, em uma facção de motociclistas quando seus membros vestem as suas jaquetas de couro com seus desenhos e frases motivacionais e estão dispostos a compartilhar experiências e histórias. Compartilhar símbolos significa exercitar a lealdade de estar com seus semelhantes, e assim, contribuir para a unidade do grupo: vestir a jaqueta de couro ou a camisa da empresa significa entrar para a comunidade, estar disposto a agir em conformidade com as regras que remontam à origem e à continuidade daquele coletivo. Além de se materializarem nas práticas individuais e em objetos (bandeiras, jaquetas, coletes, estátuas, desenhos), os símbolos podem também se materializar em rituais coletivos (como casamentos, funerais, iniciação adulta, fecho de ciclos, iniciação grupal, etc). Em síntese, os símbolos são representações da crença dos indivíduos nas regras que ordenam o mundo humano, conforme as histórias de fundação do grupo de pertença; são representações que dependem de sua materialização (seja em objetos, rituais, em práticas, em objetos que servem às práticas e rituais, etc.) e que expõem a crença dos indivíduos na comunidade. Acreditar nos símbolos é agir em conformidade com as regras de comportamento estabelecidas pelo grupo.

“What matters is not that people see or understand things the same, or that they see and understand things differently from other communities, but that their shared symbols allow them to believe that they do.” (Jenkins, 2008, p.136)

Por mais que um símbolo se materialize enquanto um objeto, ainda depende da performance individual para legitimar o seu conteúdo. Mesmo uma camisa, por mais enquadrante que seja, ainda ganha a forma do corpo de um indivíduo. As formas de afirmação experiencial da crença na comunidade (ortopraxia) são moldadas conforme a interação entre os indivíduos, são expressões particulares. São elas que nos fazem

retornar à distinção nominal e virtual: o nome, a descrição e as imagens, que estão no campo simbólico. Os símbolos são a unidade da crença no coletivo. As práticas estão na dimensão das experiências, da relação face a face com os seus pares, são a expressão virtual da identificação coletiva, e elas permitem a unidade, a transformação ou a ruína do grupo.

A semelhança enfatizada por identidades coletivas é uma construção ideológica, um artifício histórico contínuo, semelhante, talvez, ao arbitrário cultural de Bourdieu (2013). Essas construções históricas para crença na coletividade são absorvidas fielmente pelas pessoas, não constituem apenas uma representação simbólica isolada. Os símbolos geram consequências. Se um indivíduo acreditar num símbolo, é porque ele detém alguma expressão em sua vida, a crença na comunidade faz a vida ter sentido, ao mesmo tempo que permite/legitima suas ações no mundo. Por isso, por mais irracional que um símbolo possa parecer, suas consequências são reais, e podem gerar desastres. Isto é, não existe algo apenas como símbolo, ele é imaginado coletivamente e realizado nas experiências. Sua realização detém consequências na história da comunidade e nas identificações fronteiriças (Cohen, 1985, apud, Jenkins, 2008, p.140).

Relações em fronteiras significam relações intergrupais, ou seja, quando os membros de grupos díspares se encontram nos espaços interacionais. A percepção do mundo exterior pelos membros de uma comunidade tende a sofrer mudanças, pois as distâncias entre os grupos e entre as localidades se transformam no devir histórico – logo, novas concepções sobre si e sobre os outros podem emergir. A própria mudança da comunidade é inevitável. A capacidade de poder frente aos outros grupos, ou mesmo o seu tamanho, ou suas características definidas num *a priori* imaginado (construção histórica para crença), também se transformam, os símbolos precisam ser ressignificados, e logo alteram-se também as materializações nas práticas dos indivíduos. Com as mudanças demográficas, aumentam as trocas fronteiriças pelas quais novos imaginários se constroem, se (re)modelam. Os novos símbolos precisam surgir para dar ligação e legitimar as novas práticas comunitárias.

As identidades (coletivas, logo individuais) não são imutáveis, não são internamente homogêneas ou consensuais. Isto quer dizer que as identidades coletivas dependem da interpretação e reflexão para ação de cada pessoa, nas possibilidades ou limitações da persistência dos símbolos e seus valores (crenças construídas na história). As identidades coletivas mudam, variam de contexto a contexto, e se transformam assim como o mundo exterior se transforma.

Anthony Cohen (1985) é enfático ao dizer que a similaridade das identidades coletivas é uma construção histórica. Mas tal similaridade, por mais imaginada e ideológica que seja, depende de indivíduos que compartilhem da crença nos símbolos da comunidade. São indivíduos que compartilham do mesmo repertório simbólico nas afirmações da comunidade nas interações da vida humana.

Os indivíduos acreditam fielmente, como que pela naturalização dos fatos, por uma verdade ontológica, nesse repertório simbólico, nessa similaridade imaginada contida nos símbolos. A partir desse conjunto de representações simbólicas (imagens simbólicas), modulantes de consequências na socialização (causalidades da história?), organizam um referencial para a realização das interações do cotidiano. Ao mesmo tempo que protegem e coagem pela unidade da semelhança, permitem a diversidade das performances corporificadas de seus símbolos.

“[...] that the individuals concerned believe in it – in the sense of organising their lives with reference to it – it is not only ‘socially real’, it is consequential. And sometimes very powerfully consequential. A flag may only be a symbol of national unity, but there are too many historical examples of individuals perishing in its defence to take it anything but seriously.” (Jenkins, 2008, p.140)

As fronteiras devem ser entendidas como conexões entre o externo e o interno, as fronteiras são espaços relacionais, sejam imaginados ou ambientes externos. As fronteiras são a síntese da dialética do interno (tese) e do externo (antítese). A identidade é o limite, é a fronteira do eu com os outros, ora com os seus *in-groups* ora no encontro com os membros dos *out-groups*. A identidade é expressada na

corporificação, na personalidade performativa de cada indivíduo, nas práticas narrativas.

As fronteiras da identificação e os símbolos da comunidade estão intimamente conectados, pois os símbolos só podem fazer sentido num sistema de significados. Esse sistema tem uma série de categorias que ditam quais são mais importantes para cada ritual ou interação; como devem ser as materializações, tanto nas performances individuais como nos objetos simbólicos; quais servem à construção mais autêntica e mais próxima da comunidade e da identidade do eu. Pela apropriação simbólica afirma-se a crença nas próprias atitudes. A simbolização da identidade permite a coexistência da diversidade individual com a semelhança coletiva.

A individualidade é imaginada como qualquer outra identidade. A individualidade é expressa na performance cotidiana, como unidade corporificada das contradições e diversidades da existência. Conforme as transformações do tempo e do espaço e das construções das crenças, as experiências podem apresentar formas contraditórias do indivíduo, assim como sua própria diversidade. O imigrante é um exemplo dessa corporificação performática da diversidade e das contradições da unidade do indivíduo com o mundo humano, pois é um nacional deslocado. Sua identidade perde uma das principais seguranças coletivas do mundo moderno: a cidadania “natural”. Ao mesmo tempo, o fluxo de migrantes traz novas relações entre fronteiras no espaço de acolhida. Em uma outra nação, novas identidades tendem a surgir entre a exclusão e a naturalização, pois “se eu sou brasileiro, meu filho pode ser português”. Ao mesmo tempo, o poder das crenças fundamentalistas continuam circulando e criando símbolos, seja pela manipulação do conteúdo identitário por personagens oportunistas, seja pela distribuição da escassez e de desinformações pelos grupos dominantes. Os símbolos da identidade migratória estão em contato com as identidades locais; as novas e antigas formas estão a se materializar a todo momento, expressas em lutas, em submissões e em abandonos identitários. Formas mais livres e cosmopolitas dependem da ação dos homens no tempo. A construção de uma história que justifique o cosmopolitismo ou o internacionalismo deve ser realizada na crença em humanos que podem romper com as suas tradições.

Encontrar material para a construção de pontes entre fronteiras que sofrem com identidades manipuladas e desmistificar estereótipos são interesses que movem essa dissertação. Como dito acima, para construirmos identidades cosmopolitas é preciso construir identidades críticas de qualquer forma tradicional e fundamentalista. Para tanto, devemos apostar no retorno da vida pública na centralidade do cotidiano das pessoas.

1.1.7. O poder das instituições

As instituições estão entre as variáveis mais importantes para afirmação ou negação das identidades em suas continuidades ou rupturas. O poder de promulgar categorias é uma das armas mais eficazes do monopólio da violência física e simbólica do Estado; ele serve aos interesses dos donos do poder (dos grupos que necessitam da manutenção da ordem, da continuidade das categorias tradicionais e das derivadas identidades nominais, dos grupos que são a combustão e as engrenagens da ordem social). Algumas identidades, inclusive, convém desaparecer. Quem domina o mercado mundial, domina o poder político. Como dito acima, dominação não significa submissão eterna, sempre há aqueles que se voltam contra a servidão, e dentro do próprio Estado existem aberturas para disputa de hegemonia. Para além das ações coletivas para superação da ordem tradicional, devemos notar que até o atual estágio da história humana, as sociedades, sejam elas pós-revolucionárias²⁰ ou tradicionais, dependem de um sistema de classificação para a sua continuidade. Esse sistema é um conjunto de categorias que define posições, designa nomes profissionais, sociais, culturais. Um índice social que permite o “funcionamento” do sistema, distribuindo recursos e premiando quem deve ser premiado. As instituições detêm o poder de legitimar práticas e transformar pequenos grupos em organizações, determinando padrões para as interações. Elas definem como as coisas devem ser feitas ao direcionar modelos organizacionais em espaços restritos, seja no mundo do trabalho (instituições empresas), no mundo da política Estatal (instituições de governo), no mundo do

²⁰ Nas sociedades revolucionárias, em revolução, a ordem social e o sistema de classificação estão suspensos.

entretenimento (instituições midiáticas), no mundo da formação (instituições escola) e nas demais esferas do mundo humano.

O reconhecimento e a construção de práticas grupais informa uma série de aspectos na construção de classificações, as quais criam previsibilidade (estereótipos, categorias) para o devir formal das interações no mundo humano. A própria afirmação do grupo, pelo fortalecimento da identificação interna, passa pelo processo fronteiroiro das categorizações, onde ocorrem apropriações, (re) significações ou submissão à ordem institucional, etc. A ordem institucional ganha relevância através de decretos, premiações e posicionamentos, transformando grupos insignificantes em majoritários. Assim, práticas que eram insignificantes passam a representar um papel central na organização da vida cotidiana.

As instituições são como legisladores que servem para legitimar práticas (formais e informais) através da imposição de um léxico de classificações sociais que define narrativas, posições, status, interações, fronteiras, etc. A construção de posições sociais, práticas coletivas nominadas e legitimadas pela Instituição, e sua distribuição ocorrem para aqueles que se encaixam à ordem categorial estabelecida. Uma posição social requer indivíduos que se encaixem ao enquadramento categórico da posição, ou seja, o indivíduo selecionado deve apresentar suas práticas em conformidade com o cargo assumido. No dia a dia da instituição, pequenos rituais, cerimônias e tarefas organizacionais colocam o desempenho do eu à prova.

A distribuição e a construção de posições é o palco central das lutas sociais. Nota-se que devemos incluir a distribuição de recursos para além de posições sociais, mesmo que esteja implícito que uma determinada posição derive de uma quantidade específica de recursos necessários para a sobrevivência do sujeito que incorpora o título da posição. Para um indivíduo assumir uma posição, é preciso que passe por uma série de organizações que disponham de informações e conteúdo cultural adequados àquela posição, para adquirir a identidade nominal adquirida na experiência (a trajetória pessoal é determinante para consolidar as posições do indivíduo na sociedade). A questão fica mais clara através de perguntas, como: quais bens materiais e provenientes

da fantasia são necessários para a sobrevivência do título profissional “ser médico” na identidade de uma pessoa? E quais os percursos necessários para a aquisição de tal posição? As instituições, as demais organizações e os pequenos grupos trabalham para alocar os recursos ao longo da vida dos indivíduos. A tendência, numa sociedade de classes, é que a alocação dos recursos ocorra conforme a familiaridade dos indivíduos com a tradição da ordem social, logo, as posições de prestígio são alocadas para os abastados, e para os mais pobres restam as posições periféricas.

Identidade é um dos raros conceitos que pode ser utilizado tanto no sentido individual quanto no coletivo. Portanto, é possível evitar a distinção entre estrutura e ação, pois a identificação deve ser entendida como um processo interacional, seja com os outros, seja com as instituições, os grupos, os espaços físicos.

A identidade está ligada a repertórios de intencionalidade. A moral, por exemplo, é uma liga que interfere nas intenções dos indivíduos para ação, assim como as instituições e organizações que produzem valores (um conjunto de valores legitimados e disseminados pelas instituições). A moral permite a influencia das relações de identificação. Em resumo, ela está inserida num campo onde um conjunto de interações depende da forma de distribuição de constrangimentos e possibilidades que estão estabelecidas pela imposição da ordem pelas instituições. Esse ponto é extremamente importante para a compreensão das situações de agência e luta de classes, assim como das consequências das estruturas sociais²¹.

Os processos internos e externos da construção das identidades são a chave mestra para compreender a dualidade do social entre a estrutura e a ação, entre o grupo e o indivíduo. A identidade é a unidade do social em interação. No corpo, o individual e o coletivo estão sobrepostos, porque as identidades estão presentes numa localidade. O processo gerador das identidades depende das interações num dado tempo e espaço, está em relação de construção e de posicionamento em espaços, territórios, regiões

²¹ O poder da classificação do Estado e de outras instituições (tais como a mídia, as organizações, universidades, produções acadêmicas, etc.) interfere e modula as demais organizações e as experiências na interação dos indivíduos.

(que também podem ser espaços imaginados, armazenados na memória), e que mantém seu processo dialético de corporificação (personificação) para interação. É um processo circunscrito a um tempo e espaço, logo, a noção de continuidade permite imaginar identidades, imaginar interações, captar as ações interpeladas pela estrutura e mobilizadas pela agência.

1.1.8. Formas Identitárias no mundo moderno

Após o aprofundamento teórico sobre a teoria das identidades enquanto processo, é necessário o enfoque em formas particulares de identidade, pois mesmo que as pertencas e as diferenciações sejam múltiplas, ainda assim algumas identidades sobrepõem outras. Este tópico visa compreender melhor como funciona a relação entre as identidades que constituem o indivíduo, no que se refere ao poder de manipulação aos quais as identidades são submetidas através das crenças, focalizando, em especial, na identidade nacional. Isso porque o conteúdo ideológico dos grupos nacionais é a principal ferramenta de identificação nas relações entre imigrantes e membros da sociedade receptora.

Para Kwame Appiah (2018) a intensificação da globalização coloca o debate sobre as diásporas e sobre o cosmopolitismo como temas essenciais para a compreensão, reinterpretação e superação dos elos imaginários que unem as identidades sociais contemporâneas. Tal fluxo humano faz aumentar a diversidade de personalidades numa mesma localidade, aumentando o índice de categorias disponíveis para previsibilidade do diverso. O encontro com estrangeiros desperta diálogos sobre a origem das pessoas. As pessoas querem saber “quem é você, quais as suas origens, etc.” A narrativa apresentada nessas interações remonta às identidades mais locais, como os laços de parentesco e o dialeto. Essas identidades podem transcender os espaços locais, conectando as pessoas com o todo da sua realidade social (na relação das comunidades imaginadas e nas interpelações da ordem institucional).

Defendemos que a identidade deslocada do imigrante apresenta oportunidades de superação de categorias essencializadas na sociedade receptora, pois a apresentação desse “eu” deslocado traz o germe da dúvida sobre a naturalização das identidades

tradicionais. Um eu estranho faz emergir novas representações sociais, novas imagens de formas de organização social, novas formas de esperar e de interagir com os outros. Isso traz a ideia de que outras sociedades podem ser moldadas, de que nosso índice de organização da realidade pode ser (re)construído, de que os símbolos sagrados das nossas origens comunitárias não são produtos da natureza nem ordenações divinas (não são verdades ontológicas, por mais que lutem para se posicionar como), mas são construções históricas modeladas para legitimar nossas crenças.

Assim como Jenkins (2008) e Dubar (1997, 2006), Appiah (2018) entende que as identidades são processos de categorização e afirmação diferencial do “eu” com os outros, processos construtivos a partir do conteúdo histórico/cultural do espaço de interação. Para Appiah, as identidades podem ser entendidas como dimensões que se entrecruzam, onde as categorias aparecem como rótulos que devem ser fixados em pessoas específicas; em uma segunda dimensão, essa identidade é colada como um rótulo e atravessa os pensamentos do indivíduo, direcionando como deve ser o seu comportamento adequado à identidade; uma terceira dimensão consiste nos efeitos de como as pessoas passam a tratar quem carrega essa identidade. Por exemplo, ao identificar um bebê desde o nascimento enquanto menino, a identidade irá direcionar o seu comportamento conforme a idade avance, fazendo com que se enquadre na identidade designada e com que se enquadre nos comportamentos dos outros para com as performances expectáveis da identidade masculina. Entende-se que essas dimensões são processos contínuos, sem ordem fixa. As próprias identidades primárias se entrecruzam nos primeiros anos de formação da criança, e continuam se atravessando, e interagindo geram efeitos que não são simplesmente somas umas das outras. Tal dinâmica é ainda mais acentuada pela possibilidade de o indivíduo e suas coletividades contestarem quaisquer momentos dimensionais das identidades (mesmo quando parecem muito firmes e naturais).

Para Appiah, uma identidade representa a posição ocupada por uma pessoa na sociedade, como membro de determinado grupo, como parte de uma coletividade. As posições ocupadas permitem a afirmação do “eu” para com os outros, são mecanismos que criam previsibilidade para as relações. As identidades são, também, constructos da

necessidade humana de prever a ação dos outros, não apenas como uma ação afirmativa do presente, mas passa pela rotulagem, pela classificação realizada pelas observações dos outros, que derivam da fundação de cada comunidade e das relações entre as fronteiras grupais. As classificações sociais (rótulos nos indivíduos) são produto da história.

Tais classificações são apropriadas por cada pessoa enquanto rótulos, títulos. Para reivindicar uma identidade, a pessoa necessita que suas ações coincidam com os títulos de diferenciação; a identidade do “eu” precisa ser autêntica. Todo rótulo é aplicável, tem algum sentido experimental. Tudo depende de como ele será apropriado pelos indivíduos, e de como poderá influenciar as relações futuras dos que carregam o peso do rótulo, i.e., quais as consequências da classificação (entre o reconhecimento e a exclusão).

Identities permitem o direcionamento das práticas do cotidiano, são como bússolas que permitem chegar até um lugar discretamente, se aproximar dos outros ou cercá-los. Indicam como fazer e quando. Uma identidade permite ao sujeito encontrar um lugar na sociedade, e abre espaço para o posicionamento do “eu” conforme a ordem e a tradição, em direção ao reconhecimento, ou para lutar pelo reconhecimento. Como Jenkins (2008) argumenta, a identidade também é um meio de administração dos recursos, por conta da classificação das instituições modernas do Estado e até pela circulação de estereótipos nas esferas do cotidiano, que exercem, pelo poder da crença no sistema simbólico, exclusão e inclusão seletiva, tanto pela violência do Estado quanto pela violência dos indivíduos que afirmam o sistema de símbolos por amor à ordem.

Segundo Appiah, o fenômeno mais importante e significativo que as pessoas fazem com as identidades está em basear a identificação em hierarquias dentro das estruturas de poder que correspondam ao status dominante. No fundo, as identidades são o motor dos sistemas sociais, demonstram a estabilidade da ordem da sociedade e de suas organizações. Uma identidade não dá apenas motivos para fazer coisas (legitimidade para ação), pode dar aos outros motivos para fazer coisas para com um indivíduo ou sobre ele. O mundo está cheio de identidades marginalizadas, cujo preço é

que outras pessoas tratam a alguém com desrespeito, e esse desrespeito ou violência marca as pessoas e altera trajetórias.

Em geral, as identidades marginalizadas são resultados de interpretações distorcidas do encontro dos limites das identidades, consistem na adoção de informações superficiais como verdades ontológicas sobre os outros. Tais distorções podem ser entendidas como estereótipos. Um estereótipo é resultado da existência relacional das identidades, está baseado em algum ponto de vista da observação dos outros, é uma categorização moral sobre os outros. Estereótipos são interpretações comportamentais de uma coletividade sobre outra, mas, por serem deduções do senso comum, constroem muitas distorções da verdadeira realização da identidade dos outros.

1.1.9. Essencialismo, identidades manipuladas

As comunidades imigrantes são, no mundo contemporâneo, um dos grupos que mais sofrem com os mecanismos de produção de desinformação. A identidade imigrante é colocada às margens, a família imigrante sofre com as marcas de identidades estereotipadas. Compreender o processo psíquico que fomenta a fixação de desinformação nas identidades é chave mestra para alcançar os objetivos deste trabalho.

Segundo Appiah (2018), o processo mental humano tem a tendência de essencializar as categorias de organização humana. Podemos perceber esse mecanismo de essencialismos na educação primária: as crianças são educadas para compreender categorias essencializadas, para internalizar aparências como expressões de realidades estruturais. Elas precisam fazer a associação dos comportamentos, características e posições comuns às pessoas. Ao longo do processo educativo, as crianças desenvolvem o pensamento lógico de associação de categorias e comportamentos. Se A é igual a A, A é diferente de B – tal pensamento lógico pode construir falsas premissas. Essas premissas são interpelações ideológicas que condicionam e relacionam aspectos físicos como a cor de cabelo, a cor da pele e o sexo à aspectos comportamentais como as maneiras de ser, de se portar, de se apresentar e de falar. São relações lógicas entre

comportamentos, aparências e categorias, e condições necessárias para o processo de identificação (com a afirmação de si pela semelhança e pela diferença). Em geral, são diferenças superficiais que se encaixam mais facilmente nos rótulos identitários (nas categorias identitárias). Esse processo parte da necessidade humana de categorizar o meio em que se vive. Contudo, os grupos conseguem manter sua unidade para além do tempo de vida de um indivíduo, pela acumulação de saberes categoriais sobre o ambiente, sobre, por exemplo, quem vive no espaço, quem é quem, quais as coisas que fazem parte desse espaço e como devem ser trabalhadas para suprir as necessidades de existência do grupo.

A tendência em essencializar as categorias que dão sentido ao mundo são parte dos processos psicológicos humanos; logo, as pessoas tendem a essencializar suas coletividades (suas identidades coletivas, suas práticas comunitárias). A compreensão lógica da semelhança e da diferença está baseada em aspectos superficiais, mais próximos da aparência, e seus processos de autenticidade na corporificação dependem da crença que legitima as coisas como são. Uma ação correta e autêntica depende da corporificação das regras da coletividade. Quanto mais associações categóricas dos traços superficiais das pessoas, associações genéricas, mais essencializadas se tornam as categorias que unem um grupo, mais habituais se tornam suas práticas. Esse movimento ideológico ocorre tanto para a manutenção do reconhecimento coletivo, quanto para categorizar os membros dos *out-groups*. No caso das associações dos traços comuns, essas passam a ser supervalorizadas e são entendidas como traços essenciais para pertença, ao mesmo tempo que a comunidade trabalha para a manutenção de práticas que correspondam à sua unidade (por exemplo, em seitas, qualquer desvio é sinal de heresia, de não fidelidade às origens do grupo). A forma externa ao grupo está na criação de categorias essencializadas sobre os membros de *out-groups*. Esse movimento aglutinador de traços superficiais em categorias essencializadas sobre os outros tende à construção de estereótipos. No primeiro caso, o que une o *in-group* são semelhanças superficiais; no segundo caso, o que une o *out-group* na imaginação do “nós” são diferenças superficiais. O essencialismo acentua a eficácia desses processos.

Segundo Appiah (2018, p.30), as diferenças superficiais atraem classificações humanas, pois são tão nítidas que são rapidamente relacionadas com os comportamentos. Logo, aparências que naturalizam ações são a base para a imaginação sobre si e sobre os outros no mundo humano. São estratégias básicas do pensamento humano a fim de dar sentido à realidade ("todo sujeito pede um predicado"), tudo deve ter um nome e deve ter um sentido. O processo de generalização das coisas é notável no comportamento de crianças para dar sentido ao mundo ao redor – a captação de sentidos elementares dos objetos animados e inanimados são unificados em frases que dão sentido à forma e à qualidade existencial de tais objetos, mas tal associação de elementos distintivos básicos não significa que tais objetos se realizem universalmente desta forma. A essencialização das identidades está exatamente neste campo, pois, em geral, as pessoas inculcam que tais formas genéricas (superfícies da aparência e do comportamento) são representações universais, i.e., que aquilo que elas vêem e imaginam são verdades incontestáveis.

Está claro que nós humanos tendemos a essencializar nossas semelhanças, assim como tendemos a essencializar as diferenças observadas nos outros. Na formação de *in-groups* e *out-groups* imaginados, são geradas uma série conectada de classificações (índice categorial que organiza os espaços) de distinção grupal que derivam em diversas consequências de habitação do “eu” no devir social. Como continuidade desse processo somos dependentes, e parte essencial, de nossos grupos. A unidade grupal passa a ser essencial para sobrevivência pessoal; portanto, somos criaturas com tendências clanistas (ibid., p.34). A unidade com os outros permite a sobrevivência individual por meio da distribuição das informações e títulos necessários para a captação de recursos nas sociedades organizadas em classes, que abrangem, até hoje, todas as sociedades humanas.

Não podemos deixar de notar que a tendência para a formação de clãs não significa que os clãs estejam em concorrência para a sobrevivência. Pelo contrário, como debatido a partir da teoria da dialética das identificações, as zonas de encontro fronteiriças são fundamentais para a manutenção de um grupo; logo, é mais concreto entender que os grupos, mesmo que antagônicos, se desenvolvem mutuamente – a

opressão e a exploração são produtos de processos de ordenação do mundo que servem aos interesses de grupos dominantes, inclusive que exercem o mando dentro das próprias fronteiras de uma comunidade. Assumir que a tendência de valorização aos clãs significa competição desvairada entre os humanos é deduzir uma essência para a espécie.

A tendência clanista traz em si a dualidade do eu como motor da imaginação sobre os outros, onde um indivíduo separa aqueles que são do seu grupo e aqueles que são de outros grupos. Quando os outros externos são “novos estranhos” o processo de categorização humano trabalha para ordenar essa nova realidade— classificando, criando nomes, observando, criando estereótipos.

O processo de formação grupal ou a propensão para a formação de um clã, não se inicia do nada, está dependente da manipulação de fontes informacionais (construções históricas) que ordenam o mundo. Cada grupo hegemônico ordena o mundo à sua forma, com o objetivo de manter as suas fronteiras, para manter a sua ordem interna e as suas formas de dominação, ao mesmo tempo que necessita dispor os meios mínimos de subsistência para seus asseclas, conforme cada título e significado que estiver subentendido. Sobrevivência não significa liberdade, nem mesmo dignidade, significa dispor das condições necessárias para manter a posição social.

Segundo Appiah, as principais fontes recursivas para a construção das identidades são a religião, a classe, a nação, a raça e a cultura. Seus conteúdos são manipuláveis, são construções históricas, dependem das interações, são fontes recursivas, se entrecruzam, se transformam em grupos e se materializam nas performances individuais.

Ao analisar a identidade religiosa, Appiah desvenda como as práticas de crença são mais importantes do que a crença em si (seu conteúdo). Apenas crer num deus não é suficiente para a manutenção das fronteiras de um grupo religioso. Para um indivíduo ser reconhecido como membro de um grupo religioso, é preciso que suas práticas entrem em conformidade com as práticas de crença (práticas coletivas), com os

direcionamentos normativos estipulados pelo grupo. Tal fenômeno se materializa e depende dos rituais, do poder unificador das cerimônias, pois através de recursos sonoros e visuais o coletivo ganha corpo. Cada ação no ritual é uma expressão do todo que gera sentido a cada um; cada canto, dança e sinais sagrados representam a unidade do eu com os outros, são performances com significados ontológicos, contém em si a promessa de proteção, de salvação e de reconhecimento eterno. Os rituais religiosos têm o poder de preencher o vazio antropológico (o medo da morte e o futuro indefinido). Mesmo os grupos mais racionais e "avançados" ainda estão ligados à essa função primária de dar respostas aos anseios e medos, de dar segurança e sentido à vida humana. Estar com os outros é sentir segurança ontológica, é saber que a espécie vai perdurar.

Essas respostas se iniciaram, podemos supor, em torno da descoberta do fogo, e desse passo em diante os membros do clã estiveram aquecidos, protegidos, melhor alimentados e mais estáveis no espaço; as imagens de proteção e calor nos fazem lembrar de um abraço caloroso não por acaso. As alucinações seguiram nas novas imagens em noites iluminadas, entre festas e sacrifícios da comunhão, e assim surgiram as primeiras representações da comunidade. Desenvolvi essa divagação para dizer que a existência do grupo depende da interação entre os indivíduos e o espaço. A dominação do espaço está nas práticas comuns que permitem o controle das mudanças materiais e depende das posições sociais dos viventes no mesmo ambiente.

A análise etimológica que Appiah faz sobre as palavras ortodoxia e ortopraxia é clarificadora das diferenças entre formação grupal e seitas (que são grupos fundamentalistas, mantidos pela manipulação de informação). Os grupos são maleáveis às mudanças sociais – nenhum grupo pode perdurar sem se adaptar às mudanças demográficas, ambientais e de valores. As próprias crenças, em sua origem eram totalmente de tradição oral, mudavam facilmente de tempos em tempos. Os grupos que querem se manter sem estar abertos às mudanças perdem a qualidade humana de sua formação, se transformam em divindades bárbaras que exercem força irracional para a dominação. Não são grupos, são seitas ortodoxas, qualquer coisa longe do mundo real,

mas que detêm consequências devastadoras ainda mais se conseguem assumir o poder de uma sociedade toda).

A ortodoxia se refere a uma crença imutável que deve ser seguida em todo o seu conteúdo, é dependente de verdades sagradas, imutáveis, divinas. Elas devem ser seguidas fielmente. Em geral, sua base são escrituras sagradas. Grupos ortodoxos, seitas, tentam enquadrar as mudanças do mundo conforme crenças petrificadas (escrituras sagradas, ideias tradicionais), não aceitam práticas diferentes, podem ser extremamente violentos a fim de manter o controle e dominar a realidade em que estão inscritos.

Já a ortopraxia se refere a um agir correto, representa a forma existencial das crenças grupais. As práticas conforme as crenças são ações no mundo e não são controladas pelas verdades imutáveis de escrituras sagradas; pelo contrário, entram em confluência com o processo dialético das identificações, umas implicam nas outras. As práticas se adaptam à medida que o mundo é transformado, e as crenças que formam o grupo se modelam conforme esse devir prático. Cada prática depende da performance corporal de um indivíduo. Os rituais do sagrado-coletivo são realizados pelas práticas, a performance coletiva ressignifica os conteúdos das crenças que mobilizam o próprio grupo; traz novas verdades, novas descobertas sobre a ontologia humana. Em geral, os grupos são ortopráticos, são modelados conforme as mudanças.

As práticas de adoração em geral, tais como as cerimônias para os ancestrais e os rituais de passagem, refletem um leque de práticas comunitárias que se referem a direcionamentos e reconhecimento de posições e a impedimentos e constrangimentos que são semelhantes, por mais racionais que possamos parecer às formas de organização da vida burocrática e industrial do mundo moderno.

Os grupos representam um mundo com histórias, se criam pela construção de regras e normas a partir de saberes armazenados no grande armazém da memória grupal (os mitos orais ou escritos, os contos, as histórias imaginadas de cada organização). Saberes e práticas ancestrais são produtos do mesmo processo, a dialética das identificações. Práticas ancestrais são performances de devoção ao antigo como

forma de manter o saber da prática comunitária, de fazer andar o cotidiano do grupo, o que permite a continuidade do “nós” na história. Nesse contexto, os mortos vêm “puxar as pernas dos vivos”, “nossos ancestrais nos agarram de maneira que nem nos apercebemos”²² (Appiah, 2018, p.61). As práticas estão no reino da ética. Não seguimos apenas as tradições; pelo fato de que também seremos ancestrais, também as (re)criamos.

1.2. Metodologias de investigação construtivista sobre as identidades – *small stories* e ego-ecologia

Neste trabalho, os dados são as narrativas individuais, as memórias, os sentimentos, as categorizações que organizam os espaço, constituindo, ao mesmo tempo, os símbolos “sagrados” dos grupos, numa busca pela persistência das categorias na história e pelo poder de interpelação da ordem, pelas contestações e transformações identitárias. Os fundamentos teóricos da identidade enquanto processo dialético direcionaram, inevitavelmente, esta investigação para a dimensão subjetiva (interna) e interacional (externa) da realidade cotidiana dos estudantes brasileiros na Universidade do Porto.

Como debatido ao longo do primeiro capítulo, a apresentação do eu (a corporificação performativa, as práticas narrativas) ocorre a partir da reflexividade retrospectiva em direção à projeção de si mesmo com os outros, conforme a posição do indivíduo no contexto, em práticas contínuas de construção e reconstrução de si mesmo, ou seja, as identidades emergem das interações dentro e através de eventos comunicativos (Koven, 2015).

As práticas narrativas ocorrem em performances no cotidiano, criando fronteiras da identidade do eu na afirmação de categorias de previsibilidade (reciprocidade) dos acontecimentos com os outros. Podemos notar o movimento desse processo de corporificação fronteiriça já na formação primária do “eu”, através da passagem da fronteira familiar para novas interações do cotidiano (jardim de infância, escola,

²² Tradução livre do autor desta dissertação.

amigos), o que amplia as definições e categorizações contidas na memória da criança sobre o mundo humano para obter reconhecimento e recursos, i.e., o desenvolvimento humano ocorre através de práticas que atravessam fronteiras interacionais.

Nesse sentido, uma das estratégias adotadas nesta investigação consiste, precisamente, em desvendar os aspectos performativos e interacionais (as práticas) das identidades dos estudantes brasileiros no cotidiano da vida universitária.

Para alcançar esses dados, a primeira abordagem metodológica selecionada foi a entrevista semi-estruturada. Adotamos essa prática pela ênfase na aproximação entre o investigador e o objeto de estudo, onde o investigador busca se introduzir com calma nos assuntos que revelam a identidade do entrevistado em seu cotidiano, em sua relação com os grupos de pertença e frente aos mecanismos de diferenciação.

Para seguir com a investigação, coletar os dados e arquivá-los não seria o suficiente. Pois, os relatos pessoais coletados por si só tendem a contribuir para a naturalização das identidades, estão repletos de categorias superficiais do senso comum, logo, foi preciso aplicar análises que agarrem os fragmentos do cotidiano e os contraponham às condições estruturais, a fim de desvendar os mais íntimos detalhes das performances individuais, i.e., aquilo que está entre a estrutura e a agência. Nesse sentido foi preciso encontrar um modelo teórico para analisar as narrativas.

O modelo teórico escolhido para analisar as entrevistas deita sobre os fundamentos do construtivismo social de Anthony Giddens (2002, 2003), onde a identidade do eu é entendida como o resultado de um projeto reflexivo em constante construção e reconstrução. Em síntese, a teoria social construtivista de Giddens apresenta a identidade do eu não como um produto essencializado e determinado pelo indivíduo, mas como uma construção histórica e interacional sujeita às transformações sociais e individuais. Para a análise narrativa o maior contributo da teoria construtivista está no foco sobre as estratégias do narrador (indivíduo) para alcançar, contestar ou reafirmar sua posição (De Fina, 2015a, p.352).

A metodologia selecionada para análise das narrativas coletadas durante as entrevistas foi a da *small stories* (pequenas histórias). O aprofundamento teórico sobre

a metodologia das pequenas histórias, que vem sendo difundida por Anna De fina e Georgakopoulou (2008, 2015), et al., foi posterior à realização das entrevistas, mas, de qualquer forma, seus fundamentos possibilitaram perscrutar as narrativas até que se tornou possível reconstruir as interações do cotidiano em seus enlaces estruturais, que estão contidos nos processos de identificação narrados.

1.2.1. A metodologia da *small stories* (pequenas histórias)

Segundo Vásquez (2011), as narrativas estão intimamente ligadas às identidades, ou melhor, fazem parte das identidades dos indivíduos, pois são as próprias pessoas que estão a narrar suas experiências. As identidades são tanto algo contido no eu (como aquilo que faz parte da auto-identidade), como são produtos relacionais, isto é, aquilo que está contido no eu e que precisa se exteriorizar no processo de falar e agir com os outros. As identidades são performáticas e corporificadas uns com os outros, são intermediadas e direcionadas pelo diálogo, a relação entre autoimagem e imagem pública (reconhecedor e reconhecidos) deve ser entendida como parte necessária do mundo humano. Assim sendo, as pequenas histórias apresentam o contexto e a forma as identidades são construídas em suas variedades performativas do dia a dia humano.

Dessa forma, entende-se que as narrativas podem apresentar as práticas das identidades que compõem a personalidade das pessoas, que elas são descrições da performance particular da identidade do eu; logo, são, também, expressões discursivas e corporificadas dos grupos que circundam a existência humana.

Sabemos que a metodologia das pequenas histórias deve ser aplicada em acontecimentos do cotidiano, com o investigador presente no aqui e agora das interações, isto é, o investigador presente em diálogos acontecendo no momento. De qualquer forma, ainda assim, defendemos ser possível reproduzir tais diálogos e interações a partir de narrativas obtidas através de entrevistas semi-estruturadas. Numa primeira etapa, é possível focar em perguntas que levem o entrevistado a recuperar os contextos e as interações que constituíram o seu “eu”, até aquele momento, e que ainda estejam acontecendo, para numa segunda etapa ser possível reproduzir os cenários que

já são do conhecimento do investigador, tanto pelos estudos do contexto histórico, como pelas informações coletadas em campo.

As pequenas histórias deitam sobre os encontros do cotidiano, em seus diálogos e contextos, sobre os momentos do sujeito no tempo com os outros nalgum lugar do mundo humano. Por isso, intuímos inquirir o sujeito entrevistado até desvendar os mais pequenos detalhes da dualidade do eu no devir interacional.

Nesse sentido, as pequenas histórias podem fazer emergir cenas da vida cotidiana, causos, condições sociais, constrangimentos, performances inusitadas de adaptação ao contexto, ações de empoderamento, conversas situadas, como diálogos nos corredores, encontro em festas e até cenas típicas do cotidiano da sala de aula, no alojamento, no trabalho ou na habitação, num bar ou num laboratório. Isso porque, quando a pessoa começa a narrar, busca em sua memória as imagens e informações das interações que constituem suas representações.

Cada história contada pelo sujeito é um reflexo de suas experiências armazenadas na memória, cada narrativa é uma síntese da dualidade do eu em seu processo de construção das identidades frente a negatividade do indivíduo e do social, do nós e do eles, do eu e do outro. Nota-se, no momento que a pessoa reflete sobre suas imagens e informações (representações), o seu eu e as categorias dos outros podem se transformar.

A análise narrativa foca no processo que gerou a identidade (futuro passado?), isto é, em como ocorreu a experiência construtora da identidade, logo, dispõe de mecanismos para desvendar as performances e as interações no contexto. A análise de narrativas examina mais de perto as características do discurso que identificam o eu em suas situações do cotidiano.

Analisar uma narrativa é como tratar a história do eu a contra-pelo, é colocar à prova as contradições do processo de identificação do eu no mundo humano. Dessa forma, é possível observar as narrativas e perceber uma época toda, pois um pequeno fragmento do cotidiano narrado do eu pode desvendar uma série de relações, condições e categorizações desta realidade. As pequenas histórias são como as rugas e as cicatrizes

no rosto de uma pessoa “nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido” (Koselleck, 2006, p.13). A história da identidade do eu é a narrativa que coloca o eu no tempo, através da reconstrução do passado, organizando as relações do presente. O indivíduo delinea um futuro imaginado, coloca sua personalidade à mostra para análise. Nesse sentido, é possível captar como os sujeitos constroem, interpretam e performam suas identidades de formas particulares em diferentes contextos.

A análise narrativa permite o estudo das pessoas no tempo, afirmando a célebre frase de Jacques Le Goff e Marc Bloch “não estudamos o passado, mas os homens no tempo”. Logo, o interesse dessa investigação são os processos de identificação que constituem cada pessoa. Através das narrativas é possível perceber como as pessoas se identificam no tempo, como pelas questões: quem eu era, quem eu sou, quem eles eram, quem eles são, como estou, como devo fazer, e logo, o que eu posso, o que eu devo, o que eu quero, com quem estou, com quem posso estar, etc. Emergindo assim, também, como as pessoas se colocam nos espaços, quais suas principais crenças e objetivos, quais seus valores e como se desenrolam suas práticas e relações, como por exemplo: o que eu faço para ser quem sou, o que eu não faço para ser quem sou, o que eu acredito que não devo fazer ou que devo fazer, o que os outros fazem para ser quem são, o que os outros devem fazer. Na narrativa, o sujeito apresenta o seu sentido ao mundo, quem é quem, o que é o que, como fazer, com quem fazer, o que esperar, como dizer.

“Narrative analysts are interested in how individuals construct, project, claim, negotiate, or resist various identities, and they closely examine speakers discursive choices in order to do so [...] Narrative analysis sheds light not just on the lived experiences of individuals but also on how individuals use language to make sense of and shape their experiences. In paying close attention to the language used in narratives, narrative analysis can reveal a great deal about how we see ourselves and how we view ourselves with respect to others.” (Vásquez, 2011, p.543).

Segundo Anna de Fina (2015, p.2), quando tratamos de narrativas estamos a falar de práticas narrativas, pois as histórias pessoais são moldadas por práticas sócio-

culturais que ocorreram no cotidiano da pessoa. As narrativas não devem ser entendidas apenas como textos, mas como estruturas enraizadas em práticas sócio-culturais, pois foram elaboradas em sucessivas socializações em contextos específicos. De Fina demonstra como as práticas narrativas são o ponto de partida para a construção e a afirmação dos símbolos comunitários, permitindo a existência de um grupo e selecionando novos asseclas, assim como são o ponto essencial para a construção, (re)significação ou contestação das identidades do eu (são diálogos na esfera pública ou privada). Por isso, o foco da análise das narrativas com a abordagem da *small stories* deve estar sobre o nível local das interações; logo, o investigador deve dar ênfase para o poder de contextualização das narrativas. Nesse sentido, devemos entender como os sujeitos se posicionam nas histórias narradas, como se posicionam nos espaços das interações narradas, e das que ainda estão a ocorrer. O investigador deve dar um passo adentro dos espaços relatados – como num processo de abstração onde imaginamos as interações, as estruturas e o contexto sócio-histórico. Ali estamos observando atentamente como se estivéssemos a ler uma obra de Balzac, Machado de Assis ou de Ernest Hemingway, a diferença é que voltamos da observação para analisar estes casos até a raiz.

Para analisar as interações que construíram a narrativa, é preciso reconstituir a presença do indivíduo com outros nos espaços, pois, tal relação se transformou em memória que nos foi narrada, tais interações entre indivíduos e/no ambiente se refletem nas imagens armazenadas no processamento de informação humano. Um sujeito apreende suas experiências (interações com o ambiente físico e social) transformando-as em memória, a qual se ramifica por todo o circuito motor e emocional humano. Suas ações e sentimentos são consequências de suas diversas experiências miméticas (Zavalloni, 1979). Solicitar que um indivíduo narre situações específicas permite que o investigador tenha acesso a estes momentos interacionais do cotidiano, fazendo emergir, com as suas lentes teóricas e bisturis metodológicos, as razões práticas e imaginárias da existência do eu falante, suas posições e relações de poder, seus grupos e *out-groups*, suas limitações e problemas relacionais (anomias e possíveis patologias sociais), as estruturas que interpelam e as organizações que o acolhem. Dessa

concepção podemos superar as dificuldades que impedem análises concretas sobre a cotidianidade e estrutura social em sua devida relação.

Pensar as narrativas enquanto práticas nos permite desmistificar as identidades e as próprias narrativas, pois é possível desvelar como o indivíduo está a buscar as categorias para organizar sua narrativa nas esferas sociais, demonstrando como aquilo que compõe uma narrativa são categorias socialmente credíveis e validadas pelos grupos que organizam o espaço e que organizam a sociedade. Nesse sentido, podemos visualizar géneros narrativos nos espaços, isto é, um índice de categorias que serve à construção de cada discurso identitário necessário à afirmação da identidade reivindicada do eu, para exclusão ou convocação do outro.

As narrativas são incorporadas nas atividades do cotidiano, ajudam a construir e a manter as práticas comunitárias, fomentando, selecionando e (res)significando as identidades. Dessa forma, as práticas narrativas aparecem como a primeira forma de expressão e o motor das identidades. Portanto, a identidade é produto do fazer, a identidade é uma prática. Mesmo uma narrativa, como demonstrado, depende de práticas. As identidades não são pensamentos guardados para o eu, os pensamentos se exteriorizam em práticas; caso contrário, a identidade não é válida. Logo, as situações que são passíveis de observação estão nesse fazer narrado, nessa rememoração das categorias empregadas que organizam as práticas do eu.

Nenhuma prática pode existir sem espaço. Dessa forma, falamos de uma natureza situada das identidades, ou seja, as identidades podem perder o sentido quando deslocadas dos espaços que dispõem o leque de categorias para a sua reprodução.

As categorias das identidades são produtos da história e da organização do poder de alguns grupos, mas também continuam a emergir através de sequências de conversações, de interações, de performances no cotidiano e de ações de movimentos sociais²³. Elas dependem dos espaços e das estruturas de interação. Os espaços

²³ Imaginemos o conjunto de categorias que ainda move os artistas surrealistas em Paris.

estruturam as relações, assim como os indivíduos estruturam os espaços; logo, estruturam também as suas relações.

O enfoque dos investigadores do *membership categorization analysis* (MCA) para observações do nível local das interações apresentado por De Fina (2015, 2015a, p.353) é bastante importante para o conjunto deste trabalho, pois permite-nos superar as propostas focadas na apresentação biográfica do eu (que tentam traduzir o discurso coletado por si só); a proposta do MCA, ao contrário, busca captar como os sujeitos interpretam, selecionam, negociam e atuam conforme o local, a situação e o contexto, trabalha identidades situadas, não indivíduos que “caíram do espaço”.

Nesse sentido, o investigador deve buscar desvendar as categorias que compõem o índice discursivo-performativo que organiza o contexto onde as narrativas se desenvolveram: quais os principais grupos no espaço e como os indivíduos utilizam o sentimento de pertença para diferenciação positiva. A narração sobre o comportamento dos outros e sua aprovação ou reprovação, por exemplo, apresentam as categorias em jogo no contexto. Em geral, as categorias que organizam o espaço, que indexam os outros, que criam previsibilidade, que designam posições, categorias que são relevantes para a construção do grupo e para definição de pertença ou relação através das fronteiras.

A análise das pequenas histórias como narrativas práticas permite contrapor as identidades apresentadas que são conflitantes em diferentes contextos. Quando o indivíduo narra seus conflitos de apresentação nas mais variadas situações, esta a expressar suas visões sobre os eventos sociais e sobre a estrutura que organiza o contexto. Por exemplo, quando um estudante diz “[...] aqui, quando eu cheguei, eu senti muito essa diferença: os alunos não debatem tanto em sala de aula, não discutem tanto.”, está apresentando uma de suas identidades de estudante, que domina as categorias de ser militante, e como uma pessoa engajada nos debates sociais. Ao mesmo tempo que se diferencia dos alunos portugueses, está a afirmar uma de suas posições.

As identidades narradas expressam as representações do sujeito sobre sua personalidade e sobre a dos outros. São representações compartilhadas no ato da fala,

ou melhor, são o conjunto informacional humano armazenado na memória que está sendo expresso no diálogo.

O conceito de posicionamento de Deppermann (2015) é bastante elucidativo para a análise das identidades desenvolvida nesta dissertação. Posicionamento é um conceito que demonstra como as identidades são situadas, construídas e negociadas através das narrativas. Posicionamento, ou identidade situada, é uma alternativa para estudar o devir do sujeito em sua amplitude multidimensional de identificação que está sendo construída no devir do cotidiano. Posicionamento é um conceito não essencialista e está vinculado às práticas. As práticas são formas rotineiras e habituais de dialogar e inter-agir, as práticas estão atadas conforme um dado tempo e contexto que as compõem em uma comunidade. Posicionamento são ações observáveis, são interações dialógicas. Uma posição não significa estar parado, mas é uma condição, um princípio para ações.

Durante a narrativa, o sujeito cria e distribui rótulos para se posicionar e posicionar os outros, apresentando suas expectativas morais para ação (suas visões de mundo, suas percepções grupais, suas identidades reivindicadas, etc.). As narrativas transformam as relações e as identidades. As funções e os deveres narrados designam o posicionamento interacional em sua dialogia.

Segundo Koven (2015), durante as práticas narrativas, os indivíduos transmitem suas auto-imagens (identidades), isto é, suas figuras pessoais são narradas a partir de um índice social, que condiciona a posição das pessoas em interação no espaço. É como se cada esfera social tivesse em si contida um enunciado de categorias que dispõem as posições e formas de interação adequadas ao contexto. O conceito de dialogismo de Mikhail Bakhtin (1981) entende que o diálogo tem de partir de algum lugar, onde os indivíduos devem concordar, confrontar ou complementar as categorias que estão contidas no enunciado do espaço, modelando as interações; ou seja, são as categorias que permitem o diálogo.

Nesse sentido, durante as narrativas, as identidades emergem através do reconhecimento de performances conforme suas posições e da relação de causalidade

entre a imagem das identidades com as categorias que organizam o espaço. Imagens, figuras da personalidade, estereótipos e categorias são parte desse processo, e inevitavelmente aparecem nas práticas narrativas e performáticas da vida cotidiana.

A partir dessa concepção, cabe notar nas entrevistas as seguintes estratégias narrativas: discursos para afirmação nos espaços, conquista de lugar, manutenção da posição, reivindicação de identidades, reivindicação de posse ou poder. Junto delas, notar também a co-relação de estilos narrativos com os grupos de pertença de cada entrevistado.

Segundo Koven, os estilos narrativos são frequentemente definidos pela nacionalidade, região de origem, classe, raça/etnia ou religião; ou seja, as narrativas são organizadas pelos grupos que dominam as identidades, são parte essencial das práticas comunitárias. Toda comunidade detém um conjunto de práticas que se expressam em identidades nos indivíduos, ela narra e performa para afirmar a identidade do eu.

No cotidiano, as interações são diversas e são diversos os cruzamentos entre as fronteiras; portanto, os recursos interacionais são compartilhados, e as estratégias narrativas se multiplicam nos espaços do mundo moderno. Lembremos: as estratégias narrativas apresentam as expectativas sociais e o sentido que o indivíduo coloca aos eventos do mundo humano.

"It requires a careful examination of the way narrative tellings function as social practices and also within other social practices. This necessitates looking into genres as interconnections between social expectations about narrative form and emergence of meanings in concrete events." (De Fina; Georgakoupoulou, 2008, p.384)

As expectativas e o sentido pela experiência nos apresentam a historicidade das narrativas, por terem os sujeitos como produtores de sua própria história, isto é, por terem sujeitos que são agentes de seu cotidiano, que se subdividem em práticas até constituírem o todo do seu Eu, práticas que constituem o todo social, que erguem ou mantêm as estruturas, e as estruturas voltam a interpelar as interações.

As narrativas do cotidiano também favorecem o processo de reflexão e unidade do eu (personalidade autêntica). Ao contar pequenos eventos particulares, eles se unificam na imagem que o sujeito tem de si, que está sempre num devir construtivo, entre experiências e expectativas (configurando o futuro passado), e que ele pretende expressar nas esferas sociais.

O processo de análise narrativa conecta a prática linguística à performance identitária de um evento singular. Um evento único e distante encontra-se com sua totalidade social. A análise narrativa das pequenas histórias faz a passagem de um espaço de memória pessoal de um evento específico para a sua forma social: a historicidade, a circulação dos homens no tempo. *“Narrative thus ceases to be just a single event, and its historicity and circulation become part of the analysis”* (Georgakopoulou, 2015, p.257)

A partir da análise heurística das pequenas histórias (ibid., p.258), as entrevistas serão exploradas a partir de três dimensões que estão entrelaçadas no mundo humano: as maneiras de dizer, os espaços e os narradores.

Nas maneiras de dizer devemos explorar os enredos escolhidos que estruturam a história narrada pelo sujeito, isto é, os tipos de eventos e as experiências que narram e expressam alguma prática comunitária modelada pelo contexto social. Por exemplo, uma mulher que a todo o momento narra cenas onde as questões de gênero são estruturantes do discurso, ou um rapaz que narra suas expectativas de mobilidade social em cenas onde as categorias de classe legitimam a sua performance e interações pretendidas. Em síntese, as maneiras de dizer refere-se aos enredos.

Nos espaços deve-se perscrutar e reconstituir os lugares em que as narrativas foram desempenhadas, isto é, capturar seu contexto, verificar quais os principais lugares narrados e como eles são. A linguagem e o espaço estão em relação dialética; essa relação espaço-pensamento-discurso permite a construção de determinados pensamentos, delineia as práticas sociais. O espaço define, em seu enunciado, a linguagem e a performance a ser empregada em seu interior; ao mesmo tempo, os

indivíduos podem iniciar diálogos que tomem força pública suficiente para alterar a estrutura que coordena os enunciados e suas práticas.

Os narradores são seres complexos, conhecidos como sabedores (*sapiens sapiens*), participantes de sucessivas atividades comunicativas. Cada eu é a unidade de suas identidades em constante adaptações performativas conforme seus espaços e interações, são produtos do social e de seus grupos. No aqui e agora estão a narrar para o investigador, mas as histórias continuam, o narrador está sendo.

Diferentes (re)contextualizações derivam em novas histórias, em novas maneiras de dizer os causos, tornam-se novas interpretações, novas memórias. Ao narrar, os indivíduos relembram-se de outras memórias, despertando novos sentimentos. Como seres humanos em processo dialético de entendimento do real, quando re-descobrimos a história à contrapelo aprendemos e desvendamos novos sentimentos, criamos expectativas, reformulamos pensamentos, podemos reconstruir a nós mesmos. Olhar para nossas pequenas histórias, para os detalhes do nosso cotidiano, é conhecer a nós mesmos, é poder descobrir novas formas de ser, conosco mesmo e com os outros. Rememorar para narrar é desvendar nossa intersubjetividade, nossa identidade revelada em seus diversos contextos, é revelar nossas representações. As identidades são construídas com os grupos; logo, quando rememoramos sua origem, rememoramos os outros e as categorias que compõe os grupos que a circundam – e rever essas categorias possibilita mudanças do eu e no social. Inevitavelmente, surgem novas narrativas dos mesmos acontecimentos e daquilo que pode ser. A narrativa das cenas da vida cotidiana é uma amostra das identidades em movimento.

Por isso, não é possível falar de uma performance narrativa completa, estática e simétrica, nem de eus imutáveis e fronteiras intransponíveis. O que está em jogo é o constante rememorar das experiências, que permite novas expectativas e maior capacidade de compreensão de si para com o outro. Tal movimento interacional possibilita a continuidade das práticas comunicativas do grupo, possibilita o *continuum* da existência humana – o devir da subjetividade e da intersubjetividade, da objetificação e do retorno ao eu.

1.2.2. Teoria Ego-ecológica – os caminhos para a análise introspectiva, método de contextualização representacional

A segunda abordagem para a recolha de dados foi a aplicação de uma entrevista estruturada num inventário da identidade social feita a partir da teoria ego-ecológica de Marisa Zavalloni (1973, 1979).

Segundo Zavalloni, é preciso renovar as ferramentas para a investigação da articulação existente entre os aspectos psicológicos e sociais. Para tanto, Zavalloni entende ser necessário atentar-nos às modalidades de organização representacional dos indivíduos para ação (seu núcleo sócio-motivacional) na relação dialética da autoimagem (representação de si, identidade do eu) com a imagem dos grupos de pertença e dos *out-groups* – sem deixarmos de analisar o contexto histórico.

Zavalloni propõe um método de contextualização das representações do “eu”. Ele pretende capturar o conteúdo empírico que constituiu as identidades consideradas enquanto estruturas cognitivas (dialética das representações e experiências) que movimentam o mundo simbólico do ambiente interno de cada sujeito, orientando-os para ação.

Para alcançar o conteúdo empírico das identidades, devemos aplicar uma técnica ideográfica de introspecção focalizada, a qual permite alcançar as imagens miméticas da identidade do eu que estão em relação aos atributos sociais de seus grupos de pertença e dos *out-groups*. O foco deve ser avançar sobre a memória dos sujeitos, pois, as memórias são a base e o resultado do processamento de informações humanas, e são o motor para ação (Zavalloni & Louis-Guérin, 1979).

Essa técnica tem como foco as transações entre o ambiente interno (estrutura representacional do eu) e o ambiente externo (contexto social), que retornam como conteúdo mimético armazenado no processo de informação humano. A perspectiva ego-ecológica permite desvendar a relação entre o ambiente interno e externo que está contido nas práticas de cada indivíduo, que formata a unidade corpórea do “eu”, sujeito que está em constante movimento e transformação.

A relação dialética do ambiente interno e externo produz memórias, imaginários e sedimentos psíquicos (imagens, emoções, formas de pensar que estão contidas no sujeito, derivadas da sua relação temporal no mundo humano) – ressaltando, a unidade interna é organizada e funciona a partir dos mecanismos da memória.

Toda experiência se transforma em memória, toda experiência, por mais recente que seja, será interpelada pela memória de longo prazo, sendo (re)adaptada ou transformando a estrutura representacional para ação. Memória, habituação e interação são movimentos inseparáveis. Sendo a interação o motor de todo esse processo [de identificação].

As interações podem ser desvendadas através da descoberta dos símbolos armazenados na memória²⁴ de cada indivíduo. Emerge, assim, o objetivo epistemológico de desenvolver um modelo conceitual capaz de pegar, de segurar, estirpar e dissecar as interações que estão camufladas nas categorias que movem a estrutura representacional de cada indivíduo.

Para tanto, é preciso colocar a memória como a representante do paradigma do pensamento, ao invés da usual concepção de percepção, pois a ideia de percepção coloca o ambiente como algo fora do indivíduo, como se o indivíduo apenas transitasse por um ambiente neutro, sem relação com o conteúdo que move o próprio “eu”. Na concepção de percepção, o indivíduo percebe a realidade fora dele. A ideia de percepção postula um indivíduo maniqueísta que escolhe racionalmente cada movimento corporal para representar conforme as regras dos espaços já acabados e organizados. Essa concepção de percepção retira a dialética do processo de identificação, retira o constante retorno do ambiente externo na formação do eu, bem como elimina as possibilidades de transformação do próprio ambiente externo pelos indivíduos, e a natural ruína dos pilares que estruturam os espaços.

²⁴ O tempo da memória é um tempo que se diferencia do tempo cronológico humano, por isso é tão difícil de captá-la, porque está sempre em transformação, é abruptamente levada pela velocidade da existência que se expressa nas sínteses do cotidiano.

"Yet one might argue that memory would have been a more appropriate source for analogies. Social groups, being abstractions, are not perceived objects. [...] Perception leads us to conceptualize the environment as something out there, possessing objective characteristics obvious to all unless these are distorted by a severe pathology." (Zavalloni & Luis-Guerin, 1979, p.313)

Nesse sentido, o desafio está em como encontrar as formas de organização do conteúdo da memória, isto é, quais os dados que apresentam o conhecimento do indivíduo sobre si mesmo e suas relações do cotidiano. Em outras palavras, a forma como podemos retirar de um indivíduo os dados que expressam a sua consciência cotidiana.

Segundo Zavalloni (1973, p.408), essa exploração do investigador sobre o ambiente interno do eu deve estar focada em descobrir a estrutura simbólica que organiza o mundo de cada entrevistado.

Para descobrir a estrutura simbólica que organiza o mundo do sujeito, deve ser aplicada a técnica de introspecção focalizada através do inventário da identidade social que consiste em, na primeira etapa, o indivíduo responder questões com associações livres de inclusão e exclusão sobre os seus grupos de pertença.

A introspecção se refere a um esforço para analisar como o pertencimento aos grupos (classe, nação, raça, gênero, etc.) modula, interpela, ou transforma os valores e ações do indivíduo, e como o próprio indivíduo interage e organiza a sua realidade representacional com a multiplicidade de pertencimentos contraditórios daquilo que possibilita a existência do seu eu para ação. Zavalloni (1979) define essa ferramenta de introspecção como o método de contextualização representacional.

A técnica de introspecção consiste na aplicação de uma entrevista, o inventário da identidade social, para incitar o sujeito a rememorar categorias da identidade de seu grupo de pertença expressas em associações livres. Tais palavras ou frases são os dados de primeiro grau que devem ser utilizados na segunda etapa da entrevista a fim de construir novos dados. A entrevista deve ser direcionada para a introspecção das categorias gerais de inclusão e de exclusão com o grupo identitário analisado; por isso,

é demasiado oportuno utilizar os pronomes “nós” e “eles”. Esses pronomes estão conectados ao indivíduo e ao social, funcionam como uma das expressões mais gerais da dualidade do eu. O indivíduo faz parte de um grupo, logo, cria suas imagens de pertença que podem ser expressas a partir da construção inicial do “nós-somos”, ao mesmo tempo, a identidade do eu, por ser singular, por ser um corpo, um indivíduo, irá criar modelos de distanciamento dos membros do próprio grupo. O eu na sua forma mais singular precisa se diferenciar do nós, isto é, para dizer quem sou, tenho de compreender quem “eles são”. O “eu” se identifica e se diferencia do grupo a que pertence, não é um ser homogêneo ao grupo; inclusive, por ser um ser social, com tendências clanistas²⁵, pertence a mais de um grupo, assim como os outros membros do grupo, também, pertencem a outros grupos, pois também têm suas particularidades identitárias. Dentro de um grupo podem coexistir muitos subgrupos contraditórios ou complementares em cada “eu-singular”, logo, as diferenças são parte da identidade do eu e compõem a estrutura representacional de cada sujeito.

Resumindo, um indivíduo pode pertencer a múltiplos grupos e um grupo pode conter muitos subgrupos contraditórios-complementares. Isso ocorre normalmente como parte do devir social, e tal processo está ainda mais acentuado com os avanços da globalização. Para Zavalloni, é preciso investigar as consequências desse múltiplo pertencimento na atividade complexa de cada indivíduo. O ponto chave da introspecção das categorias de associação livre está na ideia de que cada grupo de pertença possui uma ramificação de *out-groups* que circulam nas diferentes personalidades que compõem o grupo analisado.

Em síntese, Zavalloni quer aplicar os pronomes Nós e Eles sobre os sujeitos para esmiuçar as imagens representacionais que o “eu” tem do grupo de pertença, contrapondo com o conteúdo representacional do “nós-eles” em suas particularidades subgrupais contidas no “eu” e nos outros. Isso significa incitar o afastamento reflexivo do próprio sujeito no aqui e agora da entrevista.

²⁵ Mesmo em sociedades “primitivas” coexistia a organização de diferentes grupos dentro da grande tribo.

2. Narrativas identitárias de estudantes brasileiros na Universidade do Porto

Estudar as dimensões de construção das identidades entre estudantes estrangeiros e nacionais é demasiado importante para melhor integração, prevenção de discriminação e melhoria do aproveitamento escolar dos grupos em contexto. Sabemos que essa realidade migratória já é conhecida em diversos países. Segundo dados da OCDE (2020), no ano letivo de 2018/2019 Portugal aparece com cerca de 10% de estudantes internacionais inscritos em relação ao total de estudantes no ensino superior, ocupando a 21ª posição, com um contingente de alunos estrangeiros próximo ao de países como Irlanda, França e Alemanha, mas ainda bastante distante de países como a Áustria, Suíça, Reino Unido e Nova Zelândia, que estão na marca dos 20%, e mais distante ainda da Austrália, que supera os 25%, e de Luxemburgo com mais de 45% de alunos estrangeiros inscritos no ensino superior.

Dentro desse contingente migratório, a comunidade que mais cresce e eleva o número de estudantes estrangeiros no ensino superior português é a de brasileiros. Segundo dados do SEF (2020), no ano letivo de 2019/2020, o ensino superior contou com a inscrição de 23.318 estudantes brasileiros, quase 30% do total de estrangeiros, um crescimento exponencial comparado com o ano letivo de 2011/2012 em que o número de estudantes brasileiros inscritos somava 6.950. No ano letivo de 2019/2020 na Universidade do Porto, a comunidade de estudantes brasileiros representou cerca de 70% dos estudantes estrangeiros inscritos na instituição. Dos 5.155 estudantes estrangeiros, 3.567 foram brasileiros. Tal contingente apresenta a oportunidade de conhecermos melhor as dinâmicas das relações entre estudantes brasileiros e portugueses.

Por ser um movimento migratório estudantil recente, conhecemos pouco sobre os paradoxos das relações entre as novas comunidades nacionais que se encontram no dia a dia da universidade. Dessa forma, o desafio está em captar as situações interacionais dessa população, pois para desvendarmos as dimensões da integração,

discriminação e acolhida, dependemos de estudos contextuais, ou seja, de estudos sobre as interações entre os membros das comunidades em seu dia a dia.

Nesse cenário, entendemos que o problema principal desta investigação reside nos conflitos potenciais da realidade migratória dos estudantes brasileiros na Universidade do Porto derivados do relativo desconhecimento entre as comunidades em contexto, o que pode prejudicar o aproveitamento escolar de ambas as partes (nacionais e imigrantes), bem como gerar entraves para a integração, acolhida e recepção legal deste fluxo migratório que vem crescendo exponencialmente nos últimos anos em Portugal.

O conceito de identidades aparece como chave mestra para solucionar os problemas e evitar os conflitos entre as comunidades em contexto. A teoria construtivista das identidades defendida neste trabalho tem fundamentos sólidos para possibilitar a sondagem das dimensões práticas e simbólicas que envolvem os paradoxos da relação entre diferentes comunidades nacionais. Este estudo visa contribuir à comunidade científica com informações detalhadas das práticas narrativas mobilizadas no dia a dia dos estudantes brasileiros, a fim de desvelar as bases estruturais das pontes para o reconhecimento recíproco e solidário entre as fronteiras das comunidades estudantis em contexto.

Os fundamentos da teoria da identidade enquanto processo de socialização, baseados em autores como Dubar (1997, 2006), Jenkins (2008), Giddens (2002, 2003) e Appiah (2018), nos permite alcançar a estrutura simbólica e prática (categorias de reconhecimento e diferenciação para ação) que organiza o mundo humano. Essa estrutura direciona as práticas dos sujeitos nas interações do cotidiano, no encontro com diversos grupos, implicando como as comunidades se definem e se constroem em relação às outras comunidades.

Esse cenário implica que precisamos conhecer melhor como as comunidades se definem e como são imaginadas. Em especial, como os estudantes brasileiros estão (re)construindo suas identidades durante a trajetória migratória, além de quais as categorias que são trabalhadas nas fronteiras das identidades, ou como os grupos

nacionais são (re)construídos dado o encontro crescente entre as fronteiras. Para solucionar essa problemática, foi preciso desvendar os principais processos de identificação presentes na vida cotidiana dos estudantes brasileiros em Portugal, bem como captar as principais categorias que interpelam as relações entre as duas populações.

2.1. Procedimentos metodológicos

A primeira etapa para alcançar o objetivo deste trabalho consistiu na elaboração de um guião de entrevista semi-estruturada; a segunda etapa, em organizar estratégias de seleção dos entrevistados; a terceira, em adaptar o método da *small stories* para analisar as narrativas coletadas nas entrevistas; a quarta, em incluir e adaptar o método de contextualização representacional de Marisa Zavalloni e em operacionalizar a entrevista guiada pelo inventário da identidade social.

A elaboração do guião das entrevistas decorreu com o objetivo de desvendar as zonas de (re)conhecimento da comunidade brasileira em situação migratória em Portugal, tendo em mente a análise dos dados coletados sobre as práticas narradas de cada ser brasileiro entrevistado.

O guião foi dividido em 4 blocos: o primeiro pretendeu adentrar na dimensão biográfica (com o foco em situar e acomodar o entrevistado); o segundo residiu sobre a decisão migratória (focando na retrospecção da identidade visada); e o terceiro sobre as experiências em Portugal (com o foco nas situações de imprevisibilidade e habituação); o quarto bloco, que foi construído após as duas primeiras entrevistas, deitou sobre a dimensão das práticas de apresentação e reconhecimento do eu (foco na performance e nas expectativas de comportamento do outro).

Dadas as restrições de observação no campo ocasionadas pela pandemia do Covid-19, o primeiro contato com interessados em participar das entrevistas foi através das redes sociais virtuais, com o envio de um chamamento em uma página do grupo de residentes da universidade. O conteúdo do chamamento foi bastante apelativo no que se refere à importância da prática científica para a melhor integração das comunidades e para o desenvolvimento social através da divulgação de verdades e do

aprofundamento no conhecimento desta realidade. Outro ponto ressaltado no chamamento foi a ideia de dar voz aos “excluídos”, que especificava a importância das experiências de cada pessoa e a forma como suas histórias poderiam contribuir para a integração, acolhida e desenvolvimento mais harmonioso do processo migratório. Além disso, o chamamento dizia que as entrevistas seriam armazenadas como arquivo para as gerações seguintes de investigadores e para a própria sociedade civil poder ter acesso às histórias contadas por cada imigrante entrevistado.

A adesão de participantes foi em tipo “bola de neve”, onde os próprios sujeitos passaram a divulgar o projeto. A abordagem durante as entrevistas foi guiada com calma, em uma tentativa de construir confiança e proximidade com os sujeitos entrevistados.

2.1.1. Procedimentos para a aplicação do Inventário da Identidade Social

Na segunda etapa da coleta de dados²⁶ foi aplicado o inventário da identidade social²⁷. A metodologia consiste na aplicação da técnica da introspecção focalizada sobre categorias gerais de inclusão e exclusão, coletadas durante uma entrevista durante a qual o entrevistado foi incentivado a rememorar seus grupos de pertença através do pronome “nós”, e os de despertença através do pronome “eles”. Esse instrumento desenvolvido por Marisa Zavalloni permitiu a contextualização representacional do sujeito com o foco em seus grupos de pertença. Foram feitas adaptações conforme os objetivos deste trabalho, situando a identidade nacional dos sujeitos entrevistados em seu devir migratório, e dialogando com o entrevistado durante as associações livres. Todo processo foi acompanhado por um gravador de voz.

Os estágios de aplicação do inventário da identidade social culminaram em uma introspecção focalizada nas categorias das identidades narradas, desvendando as estratégias cognitivas e motivacionais dos sujeitos nos espaços que envolviam seus

²⁶ O inventário da identidade social foi aplicado em seguida da entrevista semi-estruturada. A ideia consistiu em aproveitar os momentos de reflexão e rememoração das práticas narrativas como estímulos para o sujeito desvelar associações livres suficientemente consistentes e repletas de informações de seu processo de identificação.

²⁷ Os inventários aplicados com as respectivas regiões do eu podem ser consultados no Anexo 1.

grupos nacionais. Cada associação livre permitiu desvelar as representações para ação e as interações no contexto dos múltiplos grupos que organizam a identidade do sujeito.

A primeira etapa do inventário consistiu em apresentar uma pergunta a partir da qual o entrevistado pudesse refletir sobre os seus grupos de pertença nacional. Ao refletir sobre si mesmo como parte dos grupos, o entrevistado passava a associar categorias de pertencimento. As perguntas eram construídas através da frase “nós-brasileiros somos”, e a todo o momento, o entrevistado era incitado a imaginar interações com seus grupos nacionais, a imaginar os momentos, os desafios, as posturas, os lugares em que se encontrava, e como ocorreria a performance com seus semelhantes nacionais.

A segunda etapa consistiu em incentivar o distanciamento do sujeito entrevistado da sua comunidade nacional, através da pergunta “eles-brasileiros são”. O entrevistado era então estimulado a imaginar os grupos de brasileiros como se pudesse vê-los do alto de um prédio, ou de um espaço em questão. Em seguida, era solicitado a rememorar situações do cotidiano onde visualizasse “eles-brasileiros”, para que tentasse se distanciar e descrever as principais características observadas. Essas duas etapas permitiram construir dados de primeiro grau. Após essas etapas, foi solicitado que o sujeito designasse cada categoria como positiva, negativa ou indiferente (neutra). Nessa fase seguinte, a ideia foi trabalhar a introspecção focalizada nos dados de primeiro grau, a fim de desvendar as estratégias que o “eu” mobiliza pela informação representacional que cada categoria reflete nas apresentações e interações do eu em seu cotidiano. Em outras palavras, desvendar a forma como tais categorias fazem parte da identidade do entrevistado e como elas direcionam a performance do eu em suas interações enquanto estudante brasileiro em Portugal. Isso significa que o egomorfismo da categoria representa a própria dimensão cognitiva e motivacional do sujeito. Trata-se da dialética das representações.

O passo seguinte da introspecção focalizada consistiu em incentivar o sujeito a descrever os grupos aos quais associava as categorias identitárias narradas. Tal etapa permitiu separar as categorias de inclusão e de exclusão grupal narradas conforme o

nível de egomorfismo, desvendando as regiões da identidade nacional do eu em seu conteúdo informacional para ação, pois ao associar os grupos às categorias, o sujeito narrava situações de pertencimento e de diferenciação.

Através dos grupos associados às categorias, foi possível construir quadros com os grupos de pertença (*in-groups*) e com os grupos de despertença (*out-groups*), a partir do nível de egomorfismo. Isso nos permitiu visualizar os vários grupos que interpelam a vida do sujeito em seu cotidiano, e aprofundar ainda mais a relação entre as categorias narradas e a representação para ação do sujeito entrevistado. O núcleo sócio-motivacional é uma região do eu que representa as modalidades de definição, resposta, adaptação e interação do sujeito para com o ambiente (Zavalloni, 1979). A região do eu foi aqui desvendada através da introspecção focalizada sobre as categorias narradas pois tais categorias refletem a organização informacional da representação para ação do sujeito, isto é, representa a organização mimética das regras e interações do cotidiano do entrevistado.

2.1.2. Amostra

A amostra consistiu em um total de 10 entrevistados: 7 mulheres e 3 homens. Apenas 1 estudante iniciou sua trajetória de formação superior em Portugal (licenciatura em ciências biológicas); 3 estavam em programas de intercâmbio (e aqui duas mulheres prolongaram a estadia, tornando-se imigrantes trabalhadoras); 4 estudantes se inscreveram para cursar o mestrado (mobilidade de grau); havia 1 estudante de doutoramento. Das 10 entrevistas, apenas 6 apresentaram conteúdo suficiente para análise dos processos de identificação.

Tabela 2 - Informações Amostrais dos casos analisados

Nome	Idade	Gênero	Região de Origem	Curso	Nível	Mobili-dade
Frederico	22	Homem	Rio de Janeiro	Ciências Biológicas	Licenciatura	Grau
Jean	36	Homem	Bahia	Geografia	Doutoramento	Grau
Melissa	33	Mulher	São Paulo	Química	Mestrado	Grau
Marcelo	23	Homem	Rio de Janeiro	Relações Internacionais	Mestrado	Grau
Maria	23	Mulher	São Paulo	Gerontologia	Mestrado	Grau
Margarida	26	Mulher	São Paulo	Direito	Licenciatura	Grau

Foram utilizados dois métodos para analisar as entrevistas: o primeiro consistiu de uma adaptação da teoria da *small stories* de De Fina e Georgakopoulou (2008, 2015); o segundo foi a teoria ego-ecológica de Zavalloni (1973, 1979) através da adaptação do inventário das identidades sociais para o caso dos estudantes brasileiros.

2.2. Análise das entrevistas – as práticas narrativas

O primeiro exercício para concretizar a análise das entrevistas foi a elaboração de um enquadramento do processo identitário narrado²⁸. Ele possibilitou situar as identidades a partir das expectativas e imaginários até as suas experiências no contexto migratório. A ideia consistiu em tipificar as trajetórias após a análise do conteúdo, respondendo quais as memórias e representações mais recorrentes nos processos de identificação narrados e como tais memórias e representações interferem nas interações do cotidiano da vida universitária. Com os resultados foi possível perceber padrões identitários, que possibilitaram descrever, então, o cenário e as interações das práticas narrativas coletadas.

Nota introdutória

Dos entrevistados, 3 detêm nacionalidade portuguesa derivada de laços de parentesco direto. Margarida, Marcelo e Maria, legalmente, são luso-descendentes. Margarida é a que apresenta menos manejo entre as comunidades nacionais no contexto universitário, mesmo que seja casada com um português e mantenha laços fraternais com a família do marido. Já Marcelo e “Maria Portuguesa” apresentam performances bastante ativas na desmistificação dos estereótipos que impedem relações mais próximas entre portugueses e brasileiros, constituindo personalidades fronteiriças²⁹. Como disse Amim Maalouf, são pessoas que detêm a vocação e a responsabilidade e tecer laços de união.

²⁸ Os quadros de análise com as identidades situadas podem ser consultados no anexo 5.

²⁹ Penso que podemos fazer uma analogia com o conceito universal de secretário do mundo de Hegel. No sentido que Hegel atribuiu à personalidade de Napoleão como organizadora de práticas modernas em cada espaço que suas regras e categorias se instalavam pela destruição revolucionária das formas de organização nos contextos do antigo regime. Nesse sentido, podemos pensar nas personalidades fronteiriças, identidades de fronteira ou cosmopolitas/internacionalistas, como pessoas com capacidade

2.2.1. Frederico – o antropófago

As práticas narrativas de Frederico são bastante interessantes para serem desveladas nesse trabalho; Um jovem de 22 anos, nascido no Rio de Janeiro, um “carioca da gema”, com aptidões musicais que fazem jus à sua origem. Um estudante recém-formado no ensino médio (secundário) brasileiro, teve sua trajetória de formação e de vida transformadas por influência de uma tia que vive em Londres. Na primeira projeção para realizar a mobilidade de grau, pensou ser impossível a realização do projeto de viver na Europa, dado a conversão do real para o euro. Mas a tia de Frederico continuou a estimulá-lo para procurar informações sobre as faculdades. “E depois de duas semanas, ela [minha tia] falou nisso de novo, e eu falei ‘pronto, vou procurar’”. Nesse ínterim, Frederico encontrou informações sobre a Universidade de Coimbra, mas o preço das propinas o desestimulou; mesmo assim, continuou a pesquisa, e logo encontrou a Universidade do Porto, que estava com valores de propina anual para alunos estrangeiros seis vezes mais baixos do que a Universidade de Coimbra. Juntamente com a imprevisibilidade de um preço acessível para estudar na Europa, Frederico estava estarecido com as notícias de greve nas universidades federais e estaduais a que tinha se candidatado no Brasil. Nesse sentido, sua identidade visada de estudante universitário no Brasil estava em crise, não conseguia construir sentido para sua formação em seu país de origem.

As expectativas de Frederico sobre a vida como estudante em Portugal eram as mais positivas possíveis, ao mesmo tempo, não sofria com as interferências de informações miméticas de uma vida universitária precedente. Sua representação negativa das universidades brasileiras unida com a projeção de obter um diploma de uma universidade europeia foram condições essenciais para formulação da estrutura simbólica que baseou suas práticas ao chegar em Portugal – a vontade de conhecer, a necessidade de se integrar, a possibilidade de estender sua estadia e obter a

de criar pontes entre as culturas separadas por estereótipos. Além de que não devemos pensar nessas personalidades fronteiriças apenas como pessoas com dupla nacionalidade, ou tripla, está para além de títulos nacionais, são pessoas que agem desmistificando estereótipos, apresentando fatos, criando práticas narrativas de união, etc..

nacionalidade portuguesa, dentre outros fatores, são os conjuntos informacionais para ação mais importantes da construção representacional de Frederico.

“Então só achei que seria bom. Minhas expectativas não eram muito grandes, eu sabia que seria bom, não tinha muito jeito de dar errado. Então, bateram as expectativas como eu esperava, até superou muito em termos culturais, nunca pensei que Portugal era tão interessante! Acho que o brasileiro não conhece quase nada dessa cultura.”

Nesse quadro de Frederico, o que fica evidente são as condições de desestabilidade que as informações sobre universidades brasileiras causaram sobre seu imaginário, que passa a conjecturar os grupos universitários brasileiros como inferiores e os grupos universitários europeus como superiores – essa representação está bastante clara já no início da entrevista. Segundo Tajfel (1974), a percepção de inferioridade e superioridade são uma das causas para a mobilidade ou mudança de grupos. No caso de Frederico, o jovem estudante desempenha suas práticas claramente para mobilidade de grupo, ele pretende se integrar à comunidade portuguesa, está aberto a conhecer as regras e o conjunto de categorias que organizam os espaços tradicionais portugueses, Frederico se mostra disposto a aprender e a se reconstruir para ser integrado na sociedade portuguesa.

“Eu era muito aberto, porque eu não sabia o que era normal e o que não era normal.”

Outro fator bastante importante para a disposição para mobilidade de grupo a partir de transformações da identidade do eu de Frederico estão no contexto de sala de aula, onde a presença de brasileiros era reduzida; segundo Frederico, eram apenas três e com trajetórias muito díspares da sua – duas eram mulheres casadas, o outro era um estudante trabalhador.

Frederico chega a se diferenciar dos imigrantes brasileiros por ter essa postura de aproximação com os grupos portugueses. Esse processo de identificação que Frederico narra demonstra as formas internas e externas que Jenkins (2008) apresenta ao longo de sua obra: o processo de reconhecimento interno que Frederico passa a narrar como sendo parte dos grupos de portugueses, mesmo sendo brasileiro,

representa suas práticas de construção de reconhecimento nos traços mais íntimos com os grupos de portugueses, desde o idioma, ao conhecimento da “cultura das terrinhas”, à música e até aos laços de amizade. Aumentando a estrutura simbólica em seu quadro acumulado de informações miméticas da realidade portuguesa, Frederico apresenta suas práticas de reconhecimento com os grupos de portugueses como um meio de refletir sobre sua própria imagem.

“Acho que a diferença entre muitos brasileiros e eu é que muitos brasileiros que vêm para cá, a maioria, eu diria, convive mais com brasileiros. [...] Tipo, amigos meus [brasileiros] dentro da faculdade, têm muito mais amizade com brasileiros do que portugueses. E passam muito mais tempo com brasileiros do que com portugueses. Por isso o meu sotaque é mais português do que o de outros brasileiros que eu conheço [...] eu convivia sempre com portugueses e para mim cada mês novo era uma nova expressão que eu aprendia”

Durante a trajetória de Frederico a participação da praxe já nos apresenta as contradições do processo de identificação, mesmo quando a pessoa está totalmente aberta para adaptação de sua identidade. No começo Frederico adorava frequentar a praxe, pois eram centenas de alunos, de vários cursos diferentes, e foi na praxe que fez seus melhores amigos. Mas a partir do momento em que a praxe se reduziu ao grupo de seu curso, Frederico começou a contestar algumas práticas da ordem e da hierarquia do grupo. Sua contestação ocorreu quando já tinha maiores perspectivas de práticas de integração com outros grupos portugueses, Frederico já estava mais adaptado às regras e já tinha grupos de pertença bastante estabelecidos.

O ingresso ao grupo musical, digo, na Tuna da Faculdade de Ciências, foi uma das oportunidades mais enriquecedoras para a integração de Frederico na sociedade portuguesa. Segundo Frederico, a Tuna permitiu aumentar o seu conhecimento sobre a cultura portuguesa “por ir aos festivais de Tuna, ver as bandas a tocar, o repertório que é um repertório mais animado”. A frequência na Tuna permitiu aprofundar seus laços de amizade, sua participação requeria que cantasse conforme a entonação e ao ritmo dos portugueses, passou a frequentar a casa de seus amigos, eram jantares com as

famílias em que a troca de informações sobre as fronteiras nacionais era potenciada pela curiosidade dos interactantes na mesa.

“[...] viajei para algumas terrinhas para fazer atuações e coisas assim [...] conheci mais pontos em Portugal por conta de ir visitar as casas dos pais de meus amigos [...] daí cada vez mais a conhecer a cultura, porque você está na casa da pessoa, a comer a refeição que eles fizeram, um vinho que eles fizeram, coisas assim.”

As experiências de Frederico demonstram como as identidades nacionais, por mais rígidas e conflitantes que possam ser, estão abertas aos processos de transformação da realidade e de troca de informações entre fronteiras. A pessoa humana tem em si a disposição para adaptação. Outro fator de destaque: o processo de mobilidade pode seguir normalmente quando o sujeito está disposto a adaptar a sua identidade aos grupos que acolhem essa ação de oferta fronteira (de busca por saber).

2.2.2. Jean – o geógrafo, o *flâneur*, o admirador de paisagens

As práticas narradas de Jean são das mais férteis para a compreensão dos paradoxos do devir da dualidade do eu. Jean tem 36 anos, da região nordeste do Brasil, nascido na Bahia, já exercia funções como professor no ensino secundário em escolas do Estado do Piauí. Já mestre em Meio Ambiente no Brasil, decidiu cursar o doutoramento em Geografia na FLUP.

Sua identidade nominal de geógrafo é deveras reivindicada e atravessa suas representações como estudante, modelando seu percurso cotidiano. Seu projeto de realizar o doutoramento no estrangeiro foi atravessado por seu conjunto informacional geográfico, o desejo de conhecer paisagens, de flânar pelas cidades analisando e aproveitando a topografia, de conhecer pessoas de outros lugares, novas culturas.

“Eu não queria passar quatro anos fazendo o doutorado no interior... Eu já tenho uma história toda de morar no interior – eu fiz concurso numa cidade do interior do Piauí, são 30 mil habitantes na cidade... Então, eu queria um lugar que eu pudesse circular mais – que a experiência do doutorado fosse para além da experiência acadêmica. Que desse uma bagagem de experiências com pessoas de outros lugares, de

viagens... e aqui, o Porto é estratégico... é uma cidade que tem tudo que a gente precisa, e com qualidade.”

Os paradoxos da dualidade do eu emergem em sua contradição mais radical exatamente nesse ponto, para Jean os imaginários sobre a vida na cidade do Porto foram correspondidos e até superaram suas expectativas. Segundo o geógrafo, cada passeio pela cidade era um andar maravilhado com a paisagem. Contudo, sua representação geográfica não foi suficiente para trabalhar com as contradições da cultura, da língua, ou seja, dos outros que habitam de forma estabelecida o espaço geográfico que desejava conhecer. Suas expectativas de semelhança cultural para com os portugueses derivou de seus conhecimentos sobre a língua, falar a mesma língua significava, para Jean, falar com os mesmos grupos linguísticos, com os mesmos grupos sociais que encontrava no Brasil. Rapidamente percebeu as contradições contidas nessa representação: primeiro, encontrou grupos de intercambistas que interagiam a partir da língua inglesa, nesse momento, projetou que deveria estudar inglês para poder aumentar suas experiências culturais em Portugal – nesse contexto podemos incluir Jean no modelo de mobilidade no que se refere às escolhas de pertença grupal apresentada por Tajfel (1974), permitindo alterações em sua própria identidade para construir novas interações. Contudo, a representação de Jean sobre os portugueses continuou estereotipada, antes derivava sobre informações superficiais dos grupos linguísticos falantes da língua portuguesa, posteriormente, com a experiência migratória, associou os problemas de comunicação à personalidade dos portugueses. Estando pouco disposto à aplicar aquilo que Dubar (1997, 2006) conceitua como estratégias externas de adaptação aos outros.

“Mas quando eu cheguei aqui e você vai para uma roda de conversa e todos estão falando inglês, e você não entende muito o que está acontecendo... aí acendeu assim, opa, quanto é importante para se comunicar e se locomover. A segunda, pela falsa ilusão de que nós somos tão próximos, de que o brasileiro e o português, pelo encontro da língua, que a gente tivesse semelhanças para além disso.”

Com esse conjunto de informações superficiais, derivada da quebra de expectativas relacionais, Jean começa a desenvolver suas práticas narrativas afirmando como seus grupos de pertença são constituídos por pessoas expansivas; ao mesmo tempo, diferenciava os portugueses como retraídos. No fundo, são estratégias de diferenciação para legitimar suas práticas no contexto migratório como estudante internacional – o que demonstra que tais práticas estratégicas são muito menos organizadas por escolhas racionais maniqueístas, e muito mais definidas por representações organizadas por informações superficiais de suas interações no cotidiano, em que pequenas lembranças interacionais de ruptura com seu imaginário originário sobre a vida com a cultura portuguesa acabam por direcionar suas novas interações no contexto – um pensamento racional-meio-fins do típico empresário protestante superaria as barreiras interacionais derivadas de informações superficiais.

“Eu acho que o que impede a comunicação é a cultura, que é muito diferente. A forma como a gente se comporta, as experiências de mundo, é uma questão cultural mesmo... Eu penso que o português é bem mais retraído, e a gente é muito expansivo. [...] O que acaba sendo suprido, aqui, pela presença de muitos brasileiros.”

Nessa etapa da entrevista Jean passa a se diferenciar e a reconhecer os seus grupos como mais abertos, chega a criar categorias de pertencimento com outros grupos nacionais, como os espanhóis e os italianos, narrando interações de amizade com membros dessas comunidades, criando categorias de semelhança pela condição passageira de turistas ou estudantes de mobilidade. Entende que ter aprendido inglês possibilitou essa aproximação, mas com a comunidade portuguesa, mesmo a “língua sendo a mesma”, não é possível essa aproximação, pois “a cultura é muito diferente”. A questão está exatamente aí, são grupos linguísticos diferentes, é preciso ter um esforço de adaptação linguística, logo, cultural, para conduzir interações e suas trocas informacionais.

“Eu acredito assim, a gente pensa que por falar o mesmo idioma a gente vai se relacionar muito mais facilmente... Mas logo ficou claro que não. Tanto que eu tenho amigos italianos, espanhóis, eu tenho amigos de vários lugares, mas eu não tenho amigo

português... E eu vim para cá com o meu inglês quase zero. Mesmo não falando o mesmo idioma, a gente consegue se comunicar... Por essas nacionalidades estarem como eu estou, somos imigrantes, estamos fora de casa, vamos se abrir mais do que quem está em casa.”

No final da entrevista, na operacionalização do inventário das identidades sociais, Jean chega a narrar a compreensão das diferenças linguísticas entre brasileiros e portugueses, e como esse problema de comunicação pode gerar erros de interpretação do sentido que a pessoa pretende emitir na fala.

“[...] quando eu cheguei aqui me assustava muito o jeito do português, o jeito de falar forte e ríspido. No começo eu achava ríspido, pensava que era grosseria, mas hoje eu percebo como algo normal! Até quando estão dando um conselho, quando estão querendo ajudar, eles falam de uma forma que soa pra gente como grosseria!”

Outro ponto bastante importante para compreensão das práticas estratégicas de interação como mais dependentes do conteúdo mimético superficial que organiza as representações está precisamente nos espaços em que as interações ocorrem. Pois, espaços com a presença de grupos específicos tende a formatar as interações do indivíduo que acessa o lugar, e, ainda mais, existe o empuxo categórico para interações com grupos que detém modos de organização semelhantes ao do eu.

As experiências nos espaços do contexto universitário de Jean foram marcadas para além da sala de aula, pois, o doutoramento tinha poucas aulas por mês. Seus espaços de interação universitária estiveram restritos, a maior parte do tempo, às residências estudantis. Pelo acaso, ou pela organização estratégica das instituições, a primeira residência que Jean habitou tinha muitos grupos de estudantes brasileiros. Logo, “a carência de socializar”, como o próprio diz, foi suprida pelo encontramento com os brasileiros. Contudo, como demonstrado no caso de Frederico e no de Maitê³⁰, essa

³⁰ A entrevista de Maitê não contém narrativas o suficiente para uma análise mais longa. Contudo, suas identidades virtuais em Portugal demonstram como as práticas estratégicas estão muito mais conectadas com a adaptação à organização do espaço do que serem questões de escolha racional com meios fins. Maitê vive na residência universitária do campo alegre I, com menos de 6 meses na residência foi integrada para o grupo de amigas portuguesas do seu apartamento. Nas férias de natal foi convidada por

carência de socializar poderia ter sido aplicada em estratégias de adaptação aos outros diferentes, caso seus espaços de interação estivessem organizados estritamente por grupos de nacionais que não os de brasileiros.

“Quando eu cheguei aqui fui para uma residência universitária com um grupo muito grande de brasileiros, a residência universitária Alberto Amaral, então, essa carência de socializar é suprida pelo grupo de brasileiros que circula.”

Jean já apresenta essa informação, organizada de seu olhar de geógrafo, quando verifica a frequência do grupo de brasileiros que circula no espaço da residência. Numa pergunta sobre os companheiros de turma do doutoramento Jean coloca suas lembranças das interações com o único português da turma, sua representação de Antônio é oposta ao estereótipo apresentado no começo de sua narrativa.

“Nossa, acho que o Antônio – ele era mais velho -, devia ter uns 50 e tantos. Um senhor super agradável! Mas não tivemos tempo para estreitar laços, mas é uma pessoa super agradável.”

2.2.3. Melissa – a cientista

As trajetórias de Melissa são fecundas para a compreensão da construção de sua identidade migratória. Apenas 4 anos mais nova do que Jean, Melissa se formou em química pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). No terceiro ano da graduação decidiu migrar para Washington, nos Estados Unidos da América, a ideia era trabalhar como *aupair*, para, assim, adquirir experiência de viver em outro país e aprimorar seus conhecimentos da língua inglesa. A experiência de viver nos Estados Unidos organizou as principais informações de sua memória que modelaram as representações de viver fora do Brasil, as quais ainda interferem em suas ações como estudante imigrante nas interações do cotidiano. As principais informações que apreendeu do estilo de vida na primeira migração foram as condições de segurança e

uma de suas amigas portuguesas para passar os dias de comemoração na casa da família, onde, segundo Maitê foi “super bem integrada” e muitas conversas sobre as diferenças culturais, sobre as práticas de trabalho e formação ocorreram com a família de sua amiga.

poder aproveitar do bom funcionamento da infra-estrutura urbana. Sua representação sobre o Brasil é bastante negativa, narrando que lá “as coisas não funcionam direito”.

Interessante notar como Melissa diferencia o grupo nacional de americanos e o de portugueses. Melissa entende que os portugueses são mais acolhedores do que os americanos, designa uma categoria positiva à comunidade que inicia sua integração. Ainda assim, diferencia de seu *in-group* nacional de origem, os brasileiros, para ela são mais acolhedores, mas não esperava ter amigos portugueses, e essa recepção dos portugueses a surpreendeu, porque nos Estados Unidos não tinha amigos americanos.

“[...] em várias partes é bastante parecido com o Brasil, mas em outras é bem diferente. Em algumas coisas fiquei bastante surpresa, em outras pensei “que bom que é parecido, que bom que é igual”. [...] São um pouco acolhedores, não como os brasileiros, mas são. Tanto que tenho amigos portugueses, e eu não esperava isso. Por exemplo, nos Estados Unidos eu quase não tinha amigos americanos. [...] Aqui são amigos portugueses do curso, claro, mas, também, amigos que a vida me trouxe.”

A integração aos grupos de portugueses passa a criar categorias de reconhecimento entre Melissa e a comunidade local, suas práticas narrativas definem seus amigos como acolhedores, são trocas informacionais por palavras de afeto e companheirismo que superam as barreiras ideológicas da identidade nacional. Ainda assim as marcas de sua identidade nacional marcam suas práticas narrativas para diferenciação positiva com a comunidade de acolhida.

A força causal dos espaços aparece novamente como primordial para construção das identidades e trocas além fronteiras. Nas interações em um hostel foi integrada à grupos de brasileiros que mantém relações com grupos de portugueses e demais nacionalidades. O hostel se tornou um lugar além da habitação, Melissa frequentava o hostel para festas e almoços, era quando reencontrava seus novos amigos brasileiros mesmo após residir em outra moradia. Nessa frequência num espaço festivo e cosmopolita Melissa encontrou Mariana, uma portuguesa que se tornou uma de suas melhores amigas.

“ela foi uma pessoa super aberta que eu não imaginava encontrar, super com o coração aberto, para tudo o que você precisar.”

A abertura relacional além fronteiras e o percurso formativo de Melissa são determinantes em suas estratégias narrativas de adaptação e ação para integração enquanto estudante em Portugal. Melissa categoriza as pessoas mais velhas (portugueses) como mais fechadas para relações com os brasileiros, representação de Melissa que decorre de sua pertença aos grupos de jovens portugueses que frequentam espaços como um hostel. Ao narrar as formas de sua apresentação no cotidiano, Melissa diz perceber generalizações por ser brasileira em momentos de sua apresentação. Sua identidade enquanto mulher e investigadora brasileira são colocadas diariamente frente às informações superficiais de que as brasileiras são “putas”, que tendem a fazer as coisas erradas e que os brasileiros estão irregulares e vem para trabalhar na restauração – sem dúvida, são estereótipos que devem ser superados.

Melissa narra quando se apresenta enquanto investigadora tem que provar que detém o conhecimento suficiente pela posição que assume, acredita que por ser brasileira as pessoas assumem que ela não pode “saber mais do que elas”. Sabemos que toda identidade reivindicada deve ser provada competência, a condição de mulher e imigrante acentuam as cobranças identitárias por parte dos outros – mas os estereótipos que rondam sua identidade não a impedem de prosseguir em sua vida. Melissa contesta as generalizações e demonstra a fragilidade das informações superficiais que tentam imprimir sobre a sua personalidade. As condições de ser mulher e imigrante, mesmo com todas as pressões para submissão, ganham fôlego em nossos tempos devido as lutas trabalhistas e feministas que se entrecruzaram desde o final do século XIX. Se Melissa pode contestar, e detém um arsenal de práticas para tanto, também, é uma derivação dos acontecimentos históricos que se relacionam com as suas identidades.

“Eu vou demonstrando, através das minhas habilidades. Apresento a segurança de quem eu sou.”

2.2.4. Marcelo – o diplomata, personalidade fronteira

Nascido no Rio de Janeiro, outro carioca da “gema”, Marcelo é graduado em Relações Internacionais na Universidade Veiga de Almeida, sua faculdade fica próxima ao estádio do Maracanã, o estádio do seu time do coração, o flamengo. “Durante as aulas escutava os sons da torcida frequentemente”, lembrou Marcelo, aos risos. Em seu percurso migratório o flamengo se tornou motivo para conversa e amizade com muitos portugueses - a passagem triunfante de Jorge de Jesus na liderança do rubro negro carioca marcou novos imaginários e práticas entre as fronteiras das comunidades brasileiras e portuguesas.

“[...] eu sou do flamengo, sou flamenguista! Eles falavam no Jorge de Jesus, que foi treinador do flamengo e agora está no Benfica... Quando o Jorge de Jesus foi para o flamengo eles se interessaram muito pelo futebol [brasileiro], eu via que o canal 11 de Portugal transmitia jogos do campeonato brasileiro e transmitem até hoje, porque teve um português que foi pra lá.”

Desde o segundo ano da graduação Marcelo já projetava realizar o mestrado no estrangeiro. As motivações mais aparentes da decisão migratória estavam na comparação das propinas entre as universidades particulares brasileiras e a proximidade cultural que tem com Portugal, por ser oriundo de uma família de imigrantes portugueses no Brasil. Marcelo relembra como a sua avó tem o sotaque do português de Portugal, já sua mãe não, mesmo tendo imigrado com 11 anos, pois, se adaptou ao modo de falar no Brasil, e ainda se identifica mais como brasileira do que como portuguesa.

Aos poucos Marcelo começou a narrar outras motivações de seu percurso migratório, e, ao que parece, a principal identidade visada que organiza suas práticas no cotidiano: ser diplomata. Já graduado em Relações Internacionais decidiu realizar um intercâmbio em França, pois a língua francesa é um requisito das provas para se tornar um diplomata no Brasil, e, assim, ser possível realizar o seu sonho.

As práticas de Marcelo são permeadas por interações cosmopolitas, sua narrativa está para legitimar e para construir sua imagem de personalidade de fronteira.

Em França encontrou sua namorada, uma holandesa que já está a viver com ele em Vila Nova de Gaia. Para além de relacionamentos mais íntimos que constroem uma linhagem de parentesco além das fronteiras nacionais, Marcelo narra suas habilidades em superar as dificuldades de comunicação com os franceses, pois, segundo Marcelo, eles, os franceses, são mais fechados em iniciar conversas em inglês, preferem que a pessoa se esforce para falar a língua local. Nesse ponto é interessante perceber como Marcelo cria categorias sobre os franceses num momento inicial de sua trajetória migratória, “eles são mais fechados”, e como esse processo de categorização não é estabelecido como algo concreto e imutável nas suas representações, demonstrando a dinâmica dialética das identificações, pois logo Marcelo diz que depois de se tornar amigo dos franceses “eles se tornam mais abertos”. Essas práticas narrativas de Marcelo desvelam como as informações superficiais dos primeiros encontros entre fronteiras tendem a modelar o processo de categorização de maneira mais negativa, mas com o passar do tempo, desde que o indivíduo trabalhe para se aproximar ou o grupo externo trabalhe para acolher, as trocas entre fronteiras tendem a criar categorias de identificação positiva entre as comunidades, sem deixar de permitir a diferenciação da personalidade que se integrou.

“No início teve a dificuldade da língua, pois eu não falava nada de francês. E os franceses são muito fechados em relação ao inglês; se você tentar falar em francês com eles, vão tentar encaixar um inglês, mas eles gostam mesmo que você tente falar o francês. Se você souber falar com eles, você vai ser muito bem tratado. Depois que você se torna amigo deles, os franceses são muito gente boa! Mas antes tem aquela, aquela.... eles são mais fechados.”

Seguindo a narrativa, Marcelo desvenda cada vez mais sua personalidade fronteiriça, categoriza tanto os brasileiros como os portugueses como pessoas amigáveis. Ao mesmo tempo, nessa primeira categorização do processo migratório em Portugal, desvenda os primeiros *out-groups* criados a partir de informações superficiais, os quais emergem da diferenciação regional de Portugal pela marcante disputa entre Porto e Lisboa. Tais informações superficiais que participam da construção da categorização “pessoas fechadas” derivam de dois processos informacionais contidos na

memória de Marcelo: o primeiro, e talvez o mais poderoso, está na origem de sua família – a referência “são do Norte”, logo no início da entrevista, não é por acaso –; a segunda causalidade está em que seu devir migratório se desenvolve no Porto, seus laços de amizade, de estudos e de trabalho são “com as pessoas do Norte”.

“Sim, acho que os brasileiros são muito mais amigáveis. O pessoal daqui do Norte também é amigável, não é como Lisboa onde as pessoas são um pouco mais fechadas. Mas no Norte as pessoas são mais tranquilas.”

A capacidade de articulação entre as fronteiras emerge nas pequenas cenas do cotidiano narradas, Marcelo demonstra como compreende as diferenças de entonação e de composição frásica do português de Portugal. Chega a dar o exemplo de frases que ressonam para os brasileiros como algo impessoal e grosseiro, mas que afinal são expressões que fazem parte do decoro linguístico do dia a dia dos portugueses.

“quando os meus colegas estão falando no telefone, com um outro português mesmo, e surgem situações em que falam ‘ah, não interessa pra mim’ – esse é um termo que no Brasil se a gente usar se torna um pouco grosso, mas para eles é algo normal. E nós [brasileiros] estando cá pensamos ‘estão tratando um pouco mal a gente’. Mas na verdade é apenas o jeito deles. Existem outros termos que agora não me vêm à cabeça, mas que...”

A capacidade de navegar entre as fronteiras nacionais é marcante nas práticas narrativas de Marcelo. No dia a dia do trabalho relata positivamente a imitação de seu sotaque por parte dos colegas portugueses, pois Marcelo consegue assimilar como uma imitação de uma característica própria de sua personalidade, seu sotaque é um artigo de diferenciação positiva para com os amigos portugueses.

“eles gostam do sotaque do Rio [...] porque eu sou do Rio [...] No meu trabalho, no meu trabalho as pessoas também são muito gente boa. Eles até imitaram o sotaque do Brasil, porque eles gostam muito, ainda mais do Rio. Porque eu sou do Rio, e sempre estou falando... eles são muito simpáticos, muito acolhedores”

As performances identitárias que estimulam as trocas entre fronteiras não aparecem apenas no tom da voz, ou nos hinos das torcidas que atravessam o globo – como no caso da identificação que o Flamengo e o treinador português criaram na trajetória migratória de Marcelo –, mas emergem, também, pela música, literatura, novelas, etc.. A abertura para interações e a disposição em praticar sua personalidade fronteiriça estimulam as trocas informacionais entre culturas, aquela prática narrativa-performativa que era dum povo agora é performada pelos povos de outros lugares. A disseminação das culturas pela intensificação da globalização, nesse caso, facilita a aproximação entre personalidades que *a priori* se diferenciam pelas origens (naturalização do distanciamento). As primeiras interações no cotidiano do trabalho de Marcelo são exemplares.

“Engraçado que, quando eu comecei a trabalhar, meus amigos portugueses que adoram forró, e ao saberem que sou brasileiro, vinham ter comigo ‘Você já foi lá em Matosinhos, no forró? Nós estamos lá todos os finais de semana. Adoramos forró, um pé de santo.’ – adoram a cultura brasileira.”

Mesmo quando ocorrem conflitos no dia a dia do trabalho com colegas que expressam preconceitos e estereótipos, Marcelo desenvolve práticas narrativas de superação dessas postulações, ganhando apoio de colegas portugueses para superar a situação. Para superar tais acontecimentos Marcelo aplica práticas narrativas para distribuir informações concretas que detém sobre as identidades em conflito, sua posição privilegiada permite avançar mais a fundo, ganhando adeptos e reconstruindo categorias, superando estereótipos, ou colocando os estereótipos ao nível de categorias desqualificadas nos ambientes onde deve prevalecer o profissionalismo e a solidariedade.

“Assim, eu sou uma pessoa muito impulsiva, mas até esse momento eu tenho evitado o ‘elitismo’ [intelectual]. Eu tento de alguma maneira falar que isso não é legal, tento mostrar de uma maneira mais educativa, tento falar como muitos portugueses fizeram o mesmo fluxo que os brasileiros, a minha mãe, os meus avós são o exemplo disso.”

São transações que marcam a responsabilidade assumida, sem ser algo racional, em formas rotineiras de falar de Marcelo, ou seja, sua personalidade de fronteira acontece pelo acervo internacionalista, de um diplomata em formação, que compõe suas representações para ação que se realizam em práticas narrativas e performativas do seu cotidiano.

Nesse sentido, cabe lembrarmos a importância da distribuição de informações solidificadas pela verdade científica e pela razão. O papel do cientista social que investiga as identidades migratórias é muito semelhante às ações que constituem as práticas e performances de personalidades de fronteira que agem em conformidade com sua identidade no cotidiano de interações entre comunidades.

2.2.5. Maria “Portuguesa” – a militante metropolitana, personalidade fronteiriça

Maria tem 23 anos, nascida em uma família de imigrantes portugueses residentes em São Paulo, no Tatuapé, na zona leste da cidade – um bairro conhecido pela presença dos novos ricos da cidade. Uma paulistana dentre as mais de 12 milhões de pessoas que habitam a cidade – uma de suas saudades está em poder caminhar entre as multidões, *flanar* entre aquele todo igual e estranho, onde todos são uno e ninguém. Enquanto mulher, sentia maior liberdade para expressar seus desejos numa grande cidade, em São Paulo andava pelas ruas sem o peso moral da família e da vizinhança; numa cidade pequena como a do Porto ou de Aveiro, narra o peso da moral que trabalha para enquadrar sua identidade feminina.

Maria é graduada em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). No final do seu percurso formativo já estava decidida em realizar o mestrado fora do Brasil. Duas condições básicas foram determinantes para a escolha de Portugal como país de acolhida: primeiro, sua dificuldade com o aprendizado de novas línguas; segundo, a sua linhagem de parentesco portuguesa, com a presença da família de sua mãe em Portugal.

Em 2020 fez inscrição no curso de Atividade física para terceira idade na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. No início do segundo ano decidiu

cursar, ao mesmo tempo, uma pós-graduação em Fisiologia e exercício clínico na Cooperativa de Ensino Superior e Universitário de Farmalício.

A identidade de Maria é marcada pela dualidade de sua origem nacional, sua capacidade de atravessar as fronteiras nacionais começa pelo seu conhecimento das diferenças linguísticas entre brasileiros e portugueses.

Maria relembra as conversas desde pequena com seus avós paternos, marcadas pelo sotaque de Portugal. As imagens de suas férias, a comida e as roupas que vestiam também são reivindicadas como parte de sua identidade portuguesa. Mesmo sem perder de vista sua identificação como brasileira, Maria afirma que está mais próxima da cultura portuguesa. Quando pequena, a única ligação que tinha com o Brasil era com seus colegas de escola; nesse encontro com a identidade nacional brasileira, Maria foi adaptando, aos poucos, o seu modo de falar. Essa primeira mobilidade demonstra as transformações da identidade do eu pela corporificação das fronteiras que separam a família da escola; no caso de Maria, fronteiras ainda mais distintas, pois a identidade de sua família foi interpelada por outro nacionalismo para além do brasileiro.

“A única ligação que eu tinha com o Brasil era com os meus amigos da escola, porque, assim, de resto... tanto que minha mãe dizia que eu comecei a pegar o sotaque português por conta dela, mas como na escola tinha aquela zoeira (brincadeiras jocosas) e tudo, eu comecei a me adaptar na escola.”

Nesse cenário de formação primária da identidade do eu pelo encontro das fronteiras da família e da escola, Maria recebe uma de suas primeiras categorizações sociais, para além das institucionais: seus amigos passam, num tom jocoso, a chamá-la de “Maria Portuguesa”.

Ao aprofundarmos nas questões que tangem a dualidade nacional, começaram a surgir as principais categorias de diferenciação na vida universitária em Portugal. Segundo ela, o seu conhecimento sobre a cultura portuguesa estava restrito à sua família, o que queria dizer que as relações na vida universitária em Portugal não foram assim tão fáceis. Nessa primeira diferenciação emergente no contexto da faculdade de Desporto, Maria categoriza os brasileiros como pessoas “com o espírito um pouco mais

aberto”, com o qual se reconhece, pois ela “sempre foi uma pessoa muito fácil de lidar [...] acho que sou uma pessoa bem aberta”. Nessa diferenciação de sua personalidade, Maria apresenta, ao mesmo tempo, sua categoria de identificação nacional portuguesa, em que sua família disponibilizou o conhecimento suficiente da cultura e do comportamento português para que fosse possível construir laços de amizade com os estudantes portugueses.

“Então, eu não tive dificuldades em achar amigos, mas eu acho que a forma que você faz amizades é um pouco diferente: para você pegar confiança das pessoas, ali [com os portugueses] você tem de ter a ‘manha’ [perspicácia, hábito enraizado] que eu já tinha com a minha família, logo, eu já sabia como lidar.”

Foi no contexto da sala de aula da faculdade de Desporto que emergiu da maneira mais autêntica o desempenho corporificado da identidade fronteiriça de Maria. Numa turma composta por vinte brasileiros e apenas quatro portugueses, Maria narra suas práticas de tradução das novas informações que se encontravam nas fronteiras destes grupos em sala de aula.

“No início era muito engraçado, porque como alguns brasileiros estavam de primeira (pela primeira vez em Portugal), eles não entendiam algumas expressões portuguesas e eu que ficava meio de câmbio entre eles. Quando os professores queriam dizer alguma coisa, os brasileiros ficavam olhando para minha cara esperando, como se eu fosse a tradutora.”

As traduções das informações fronteiriças não se resumiram aos significados e diferentes entonações das palavras, mas sua postura e práticas narrativas permitiram a aproximação pela compreensão das diferenças de comportamento e normas de conduta. Devido a sua aproximação com o grupo dos portugueses, Maria desmistificou os estereótipos que fomentavam a separação entre os grupos; a defesa da autenticidade de sua própria personalidade foi um fator de destaque, pois quando Maria legitima a sua conduta como parte de sua identidade autêntica, está incluindo no hall informacional dos portugueses com quem interagiu uma imagem mais coesa e expectável do comportamento dos brasileiros – quando Maria justifica que é simpática

com alguém que não conhece, “porque ela é assim com todo mundo”, está incluindo informações do comportamento dos outros que não eram comuns no acervo informacional dos estudantes portugueses com quem realizou esse tipo de interação.

“Porque eles achavam que a minha simpatia, e a maneira de ser dos brasileiros, eles achavam que era um pouco de falsidade, digamos assim, tanto que eles falavam ‘porque você é tão simpática com alguém que você não conhece’, e eu falava ‘mas eu sou simpática com todo mundo’ [risadas]. Logo, eles perceberam que era a minha maneira de ser, e não a questão de ser falsa ou não ser falsa. E, ao longo do tempo, eu fui mudando essa ideia da cabeça deles, e no final do curso meio que os brasileiros se juntaram ali com os portugueses. Foi engraçado ver essa transição entre os dois grupos.”

Essa desmistificação do conteúdo informacional e do comportamento entre fronteiras não se limitou ao comportamento dos brasileiros que foi apresentado como autêntico para os portugueses, mas as práticas fronteiriças de Maria também fizeram estremecer as representações que os próprios estudantes portugueses tinham sobre a hierarquia nas faculdades e as regras de comportamento para com os professores.

“Quando eu entrei na faculdade, por exemplo, me falaram assim: ‘Olha, quando um professor estiver num bar, quando ele estiver num restaurante, você nunca dirija a palavra pra ele. Porque é só dentro da sala, e existe um respeito muito grande’. E eu sentia que os professores ‘tinham esse respeito’, só até o dia em que eu quebrei esse gelo e falei ‘professor, posso conversar com você?’. E os portugueses arregalaram o olho assim, sabe, como se fosse... então, eles [portugueses] começaram a ver que podia quebrar o gelo, não é preciso ter aquela formalidade toda, sabe?”

No contexto da sala de aula, Maria assumiu claramente uma postura de identidade fronteiriça, suas práticas narrativas atravessaram os grupos de brasileiros e portugueses da sala de aula para os espaços da faculdade. Sua personalidade era motivo de conversas entre os grupos, sua presença abriu caminho para o diálogo entre fronteiras. Sua postura trabalhou para construir previsibilidade entre os grupos, impôs narrativas que permitiram ressignificar mal-entendidos e informações superficiais.

“Por exemplo, às vezes, quando eu sentava na mesa dos brasileiros, os portugueses ficavam ‘Nossa, trocou a gente!’, sabe, ficava aquela coisinha... Eu falava ‘Senta aqui’, eu os chamava, no início ficavam um pouco desconfiados, mas depois de um tempo eles foram se adaptando, e rindo... e no final já chegavam e diziam ‘Ah, eles são legais!’.”

Mesmo uma personalidade de fronteira como Maria acaba por sofrer com os estereótipos da migração e da condição de violência simbólica contra as mulheres, no caso, uma mulher e imigrante. Maria desvela os paradoxos de sua condição nos casos de sua apresentação cotidiana entre amigos, família e novos relacionamentos: nem portuguesa, nem brasileira; nem imigrante, nem nacional. Segundo Maria, seu namorado, um português da faculdade de Desporto, quando a conheceu dizia que “no início não gostava de brasileiros e não se dava com brasileiros”. Mesmo com o relacionamento entre os dois, Maria descreve como sua apresentação para os amigos e família do namorado era sempre mediada pela afirmação de seus laços de parentesco em Portugal. Esse tipo de apresentação por parte de uma pessoa que já se aproximou de Maria demonstra como as pessoas, depois que conhecem aquilo que era estranho, tendem a buscar meios informacionais para construir imagens previsíveis deste outro para os seus semelhantes, numa tentativa de incluir a pessoa ao grupo. Como sabemos, os estereótipos e as barreiras do nacionalismo trabalham para dominar a vida simbólica e prática da família, em que o indivíduo passa a naturalizar sua origem como inseparável do território, da cultura e das histórias contadas sobre a nação. Com a passagem de novas personas além das fronteiras-imaginárias da nação, as pessoas que criam laços de proximidade com esse novo estranho buscam intuitivamente, nos traços familiares deste novo estranho, alguma semelhança para atravessar as barreiras da identidade nacional. No caso de Maria, sua pertença à “linhagem portuguesa” é utilizada como ferramenta que abre um leque de informações para diálogos de reconhecimento que permitem maior previsibilidade e interações com o novo membro não nacional que adentra o círculo da família.

“[...] eu sentia que assim, tanto ele, como os amigos dele, tanto os meus amigos portugueses, na hora de me apresentarem para as outras pessoas sempre mencionavam

o fato de eu ter família aqui... Porque esse lado de eles saberem que eu tenho uma vivência mais portuguesa, uma raiz mais portuguesa, os atrai de alguma forma. Minhas amigas sempre chegavam para os amigos delas ‘Olha, essa é a minha amiga Ana Carolina, ela é brasileira, mas a família dela é daqui’. E eu falava ‘Por que você tem de mencionar que a minha família é daqui?’, ela respondia “Olha, porque é mais fácil você se aproximar deles”. Tipo, chegaram a me falar isso, sabe? Acho que tem isso de saberem da raiz... o meu próprio namorado para a família dele disse ‘Mas a família dela é daqui’.”

A personalidade fronteira de Maria ganha maior destaque performativo por sua posição de militante dos direitos civis. Nas apresentações dentro das fronteiras nacionais portuguesas, Maria age para desmistificar os imaginários fomentados pelas informações superficiais que a identidade nacional projeta sobre os imigrantes, no caso, sobre as imigrantes brasileiras. Essa corporificação da identidade militante permitiu o encontro de Maria com Ana, uma jovem portuguesa com quem Maria se identificou na luta e em ações solidárias para com “as minorias”.

“[...] eu também fui muito de luta, de tipo, bandeira, e essas coisas que as pessoas são zero (aqui). É muito raro você achar pessoas desse tipo, como a Ana Gomes que você conhece – ela é muito assim [de luta, de bandeiras], e eu fiquei, tipo, muito feliz! Porque poucas pessoas que a gente conhece que lutam e tem essa delicadeza para lidar com algum tipo de questões, por exemplo, LGBT, a questão de racismo, enfim...”

Dentro do próprio círculo familiar, Maria demonstra o devir de suas práticas narrativas para superar os estereótipos que pesam sobre a apresentação das mulheres brasileiras na vida cotidiana em Portugal. As informações superficiais que deturpam a postura sexual das mulheres brasileiras foram recorrentemente denunciadas pelas mulheres entrevistadas neste trabalho, e a própria Maria passou por momentos de constrangimento com o peso desse estereótipo. Sua posição fronteira permite que informações mais fidedignas possam desmistificar os antigos estereótipos, mas sua ação fronteira não é o suficiente para superação dessas categorias que servem à marginalização das mulheres brasileiras e imigrantes brasileiros em Portugal. Nesse

cenário é preciso muito trabalho do Estado para divulgação de informações que possam superar esses estereótipos que servem, em grande medida, para subjugar e posicionar o núcleo familiar de imigrantes brasileiros nas margens da hierarquia social.

“Uma vez a minha avó, quando estávamos entrando num taxi, aí minha avó olhou para o homem e disse ‘Olha, ela é brasileira, mas é minha neta’, e eu ‘Vó, nunca mais fala isso, porque só reafirma’, só reafirma do tipo ‘ela é puta, mas é minha neta’. São pequenas coisas que eles não levam a mal, mas que pronto... ‘ela é brasileira, mas é da minha família, ela tem educação’, tipo, como se brasileiros não tivessem. Sabe, então isso me incomoda muito.”

2.2.6. Margarida - feminista e advogada

As práticas narrativas de Margarida são das mais contraditórias e interessantes. Uma jovem brasileira, nascida no litoral do Estado de São Paulo, uma região com presença significativa de migrantes portugueses, como a própria irá referir ao tratar da sua proximidade com o grupo linguístico de Portugal. Margarida foi criada por sua mãe e seus avós, sua narrativa é enfática nessa questão, sua mãe é “mãe solo”, prefere esse termo ao “mãe solteira”. A presença de sua avó é deveras ressaltada, uma mulher que trabalhava e sonhava num tempo em que o lugar da mulher era o trabalho doméstico. O sonho de sua avó tornou-se o seu sonho, ser advogada.

Margarida prossegue com seus objetivos, deixa sua cidade de origem no litoral paulista e parte para a capital, a metrópole de São Paulo. Aluga uma casa num dos bairros mais prestigiados da capital paulista, Pinheiros, na zona oeste da cidade. Foi no contexto desse bairro que conheceu seu marido, um português de meia-idade que tinha amigos em comum em uma rede virtual de relacionamento social. Apaixonados, decidem morar juntos. Ela migra, ele retorna dum ano sabático. No Porto, casam-se num templo budista. Torna-se grande amiga de sua sogra, uma ex-costureira “que trabalhava para grandes estilistas”, que, também, se considera feminista. Mesmo com o imprevisto migratório decide retornar aos estudos, quer prosseguir a trajetória para o seu sonho de ser professora de Direito. Porém, suas expectativas relacionais foram contrárias à realidade que encontrou nos corredores, partições, grupos acadêmicos e na sala de aula

na faculdade de Direito da Universidade do Porto. Margarida relatou preconceitos velados, discriminações linguísticas, hierarquia demasiado rígida, grosseria, etc.

O lar, a formação, o trabalho e a identidade – transformações na estrutura da divisão do trabalho e a luta pelo reconhecimento da mulher na esfera pública.

Margarida tem um passado marcado pela educação de sua avó e de sua mãe, as quais são reconhecidas como mulheres independentes, fortes e trabalhadoras. Margarida exaltou o caso de sua mãe tê-la criado sem a presença paterna, e como seus avós se tornaram presentes na sua formação. Ela destaca que sua avó era bancária, que já exercia profissão, e quando sua avó começou a estudar direito.

“Porque minha mãe foi mãe solteira, foi mãe solo aos 18 anos, então, a minha avó, meu avô e a minha mãe me criaram os três em comunhão. Logo, eu e a minha avó temos um laço muito grande, eu herdei os sonhos dela, porque eu quis herdar, porque eu sou muito igual a ela [...] dentro de todas as opções, o Direito era o que mais me saciava, em todos os sentidos, na minha questão sociológica, na minha questão política, na minha questão do que eu sou, porque eu gosto muito de falar. Mas eu gosto de falar coisas que interessem, e eu quero ajudar as pessoas, tenho muito isso dentro de mim. Mas eu sempre quis ir para o lado acadêmico, sempre quis ser professora. [...] não me vejo em nenhum outro lugar se não for na Faculdade de Direito!”

Essa memória apresenta uma autoimagem de Margarida, a professora de Direito feminista que herdou, de sua avó e mãe, a independência e a vontade de reconhecimento social como mulher. Sua identidade visada de ser professora de Direito sofreu uma ruptura com a trajetória migratória.

“Entrei aqui na faculdade de Direito da Universidade do Porto e eu não encontrei o meu lugar!”

A trajetória na Universidade brasileira – o contexto das universidades públicas e algumas privadas está marcado como um espaço de luta e mobilidade social, onde a mobilidade está associada com as categorias de lutas sociais.

As memórias da vida cotidiana na universidade brasileira são marcantes nas práticas narrativas dos estudantes brasileiros entrevistados – em muitos casos suas categorias estão sendo recuperadas de forma a impedir o aproveitamento da experiência numa universidade estrangeira. Por exemplo, quando Margarida narra sua aproximação com os professores no Brasil.

“Essa questão hierárquica, absolutamente desgastante dos professores com os alunos, sendo portugueses ou não. Mas é óbvio que você sendo brasileiro... Eles não estão nem aí, eles não pensam na saúde mental dos alunos daqui. [...] Ser humilhado pelo professor, ser humilhado pelos colegas? Isso não faz parte! Eu aprendi isso na PUCRS, a universidade vem de universalidade, vem de um lugar que você tem que crescer, que você tem que aprender, eles te fazem sentir bem.”

São barreiras relacionais criadas por um conjunto de expectativas de comportamento dos outros que não se realizaram na experiência como estudante estrangeira de Margarida, seu processo de retrospectção para ação recupera as memórias da vida universitária como nacional no Brasil, ou seja, sua representação do cotidiano da vida universitária é estruturada por informações miméticas das interações nas faculdades em que frequentou no Brasil.

“Os professores no Brasil são muito mais próximos, eles te convidam para tomar um café, eles dão risada com você, eles se tornam seus amigos, de beber cerveja. Alguns são malucos até! [risadas]”

Na vida universitária em Portugal, dois contextos e seus índices categóricos atravessaram a trajetória de Margarida. Primeiro, a sua formação familiar com a presença de duas mulheres independentes facilitou sua aproximação com a consciência feminista, sua identidade enquanto mulher é bastante forte, sua consciência de mulher-para-si age para fazer valer sua posição ou para superar as condições de violência simbólica contra sua identidade feminina e migratória, que, segundo ela, foram constantes nos espaços da U. Porto.

Em segundo lugar, o contexto da sua passagem pelo curso de Direito no Brasil, o qual moldou sua representação das práticas de mobilidade dentro da universidade, as

memórias de relações de proximidade, de relações horizontais e da politização do debate nos espaços acadêmicos.

Os dois contextos e suas identidades emergentes, mulher, feminista, estudante de Direito, militante, foram marcantes em sua trajetória enquanto estudante migrante, pois se unem na sua personalidade militante mobilizada pela identidade visada de advogada e professora universitária.

A coincidência da história, Margarida abandona o curso na Universidade do Porto, retorna para o Brasil com seu marido que recebeu uma proposta de trabalho no Rio Grande do Sul. Na capital, Porto Alegre, decidiu retornar aos estudos, prosseguir a trajetória para conquistar o sonho de ser advogada, seu sonho e o de sua avó. Realiza matrícula na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), na sala de aula diz ter se encontrado novamente, o seu lugar é na faculdade de Direito. Com os imprevistos da história retorna com o marido para Portugal, faz transferência para o curso de Direito na Universidade Lusófona do Porto. Margarida fica decepcionada, suas expectativas sobre o comportamento dos membros do curso são opostas à realidade; semelhante à sua narrativa sobre a vida na U. Porto, encontra distanciamento e pouca horizontalidade. Com a pandemia da Covid-19, tem a opção de retomar o curso à distância na PUCRS. No meio tempo encontra um emprego, em que, diferentemente do contexto universitário, sente-se bem e traz memórias de interações positivas no ambiente de trabalho.

Margarida enquanto trabalhadora imigrante, um novo contexto, uma nova identidade, outra persona.

O mais interessante foi que a mudança de contexto, feita por uma pergunta durante a entrevista, permitiu que Margarida expressasse novas práticas e interações que apresentaram uma outra realidade de sua vida em Portugal – no ambiente de trabalho e familiar podemos falar de uma identidade cosmopolita em construção. Quando solicitado que Margarida retirasse seu pensamento da Universidade e focasse no trabalho, seguimos um momento fabuloso para compreensão da influência do contexto na construção das identidades, e como os contextos podem ser aplicados para

superar os conflitos grupais – uma ideia para construção de espaços estratégicos organizados para interações que trabalhem com categorias de aproximação, solidariedade, profissionalismo e fraternidade.

Quando Margarida começa a narrar sua vida no trabalho, rapidamente faz *insights* sobre a família de seu marido, e sobre como os ama. A nacionalidade deixou de ser uma marca de segregação, rudeza e exclusão – a família foi desmistificada em seu conteúdo nacional. Outras memórias de integração começam a emergir, Margarida interrompe o raciocínio narrativo para relembrar dos amistosos encontros com o grupo de teatro da faculdade de Direito, e como sua experiência com os alunos do curso de Criminologia foi prazerosa, em que as pessoas foram carinhosas e receptivas.

“Ah, eu não posso deixar de falar. Eu participei do teatro universitário, e eu conheci portugueses muito doces. O pessoal do teatro era muito doce, até hoje se eu os encontrar na rua eles são... porque é um pessoal mais sensível, sei lá, uma sensibilidade ali fantástica. Nossa, agora me lembrei de uns, era a Catarina, que era presidente do grupo de teat [não termina a palavra]... e a gente se divertia. [...] Olha, Jorge, uma coisa para te dizer! Existia uma diferença muito grande entre os alunos da Criminologia e do Direito. E os professores e alunos da Criminologia tinham um posicionamento muito diferente dos alunos de Direito, eles eram muito carinhosos, eles aceitavam outras pessoas” *[isso demonstra as expectativas, logo, como ela espera que os outros estudantes e membros do corpo universitário devem agir]*.

Nota-se que o contexto da faculdade de direito causou demasiados problemas no processo de identificação de Margarida, segundo os relatos foram situações impessoais, de desrespeito e de hierarquias desajustadas com o tempo. Ficou claro que, no caso de Margarida, espaços organizados com hierarquias menos rígidas e com maior fraternidade entre os interactantes possibilitaram criações identitárias cosmopolitas e trocas de informação entre as fronteiras – permitindo posicionamentos mais positivos da identidade de Margarida. De qualquer forma, um ponto bastante importante é perceber o despreparo informacional que organiza a representação de Margarida sobre as regras e categorias que organizam a vida nas faculdades de Direito em Portugal. Essa

ruptura de expectativas e o conflito entre os valores de conduta nos espaços impediram o aproveitamento escolar de uma estudante estrangeira. Nesse sentido, é preciso que as faculdades portuguesas trabalhem para divulgar informações mais detalhadas sobre as práticas rotineiras que organizam os seus espaços.

2.3. Análise Comparativa das Práticas Narrativas

Após a análise individual de cada prática narrativa foi possível desvendar modelos de ação dos sujeitos dentro do processo de identificação que constitui a realidade de um estudante brasileiro na U. Porto. O quadro categorial da estrutura simbólica (modelo de ação) utilizado nas práticas narrativas que aparece com mais frequência se estabelece dentro dos recursos discursivos e estratégias (práticas) de diferenciação entre os grupos, revelando uma tendência de aplicação de categorias genéricas para diferenciação positiva da imagem do eu, e aplicação de categorias estereotipadas sobre o comportamento dos outros. O segundo modelo de ação mais frequente se refere à importância estruturante dos espaços sobre as práticas narrativas, sendo evidente como os sujeitos alteram as categorias de reconhecimento e diferenciação conforme cada espaço organizado, surgindo novas categorias e novas integrações grupais conforme a organização de cada espaço e as ações dos sujeitos. O terceiro modelo de ação se estabelece dentro das práticas narrativas que desafiam os estereótipos e as generalizações que fomentam a discriminação entre os grupos, em que os sujeitos buscam reivindicar seus títulos de prestígio durante diálogos em que os estereótipos são empregados sobre seus grupos, demonstrando o processo de resignificação de categorias na afirmação de um grupo para si através de títulos legitimados e reconhecidos em espaços estratégicos. O quarto se refere às práticas narrativas de personalidades fronteiriças, em que os sujeitos trabalham com as categorias das duas comunidades nacionais em interação: personalidade de fronteira, que age pela aproximação das comunidades através de práticas narrativas pela recuperação de categorias de pertença como meio de desmistificar estereótipos e generalizações ora sobre os portugueses, ora sobre os brasileiros. Essas personalidades detêm legitimidade e meios informacionais para dialogar com ambos os grupos, além

de o título de pertença das comunidades derivar em autoridade sobre as informações que coloca nas interações.

2.4. Resultados da Introspecção Focalizada – a Região do Eu

Na página 111, apresento um esquema da organização do espaço interacional. Esse esquema foi construído a partir da análise ego-ecológica dos inventários da identidade social aplicados na segunda etapa das entrevistas. Segundo Zavalloni (1979), o núcleo sócio-motivacional que constitui a Região do Eu representa as modalidades de definição, de resposta, de adaptação e de interação do sujeito com o ambiente. Segundo a autora, é possível desvelar a Região do Eu através da introspecção focalizada sobre as categorias narradas, pois tais categorias refletem a organização informacional da representação para ação do sujeito, ou seja, representam a organização mimética das regras e interações (estrutura simbólica) do cotidiano do entrevistado. No esquema do espaço interacional o leitor encontra uma síntese das categorias e relações grupais que foram alcançadas pelos 06 entrevistados, com pinceladas da teoria das práticas narrativas de De Fina e Georgakopoulou (2008, 2015).

Em outras palavras, o esquema apresenta um padrão de práticas dos estudantes brasileiros em Portugal a partir das categorias que compõem os grupos e que organizam os espaços sociais, entendendo que cada associação livre permitiu desvendar as categorias e os pequenos grupos que organizam as interações dos sujeitos no seu cotidiano. Quando um estudante brasileiro associa seu grupo de pertença nacional enquanto “alegre, solidário, empático, abertos, acolhedores”, está nos apresentando os momentos de interação no cotidiano, como e com quem as práticas do sujeito estão acontecendo, ou seja, o sujeito está rememorando as interações a que se aplicam situações de alegria, de tristeza ou de solidariedade. Dessa forma, ao unificar a Região do Eu de todos os entrevistados podemos alcançar modalidades típicas de ação, resposta, adaptação e de interação dos estudantes brasileiros, revelando as categorias de reconhecimento e diferenciação a partir da identidade nacional pela descrição sentimental dos grupos de pertença e dos *out-groups*; pois nos espaços e nas associações dos grupos às categorias surgem os pequenos grupos e as novas categorias que compõem a dinâmica interacional do cotidiano – dum espaço com os outros que

está sendo. Estamos falando de adaptação de palavras às coisas, entendendo que adaptação é sinônimo de resignificação no mundo interacional. Dar sentido às coisas e aos outros, dar sentido para própria ação, é estar aberto às interações; (res)significar é um fenômeno habitual, logo, o processo cognitivo de memorar grupos por categorias apresenta os detalhes do cotidiano que se passou e está sendo.

A dualidade dos pronomes nós e eles e as seguidas etapas do inventário permitiram alcançar os pequenos grupos e os mecanismos de diferenciação e de habituação do cotidiano dos estudantes brasileiros, em que as categorias identitárias aparecem como organizadoras dos espaços ao mesmo tempo que servem de ferramentas estratégicas para ação. Em geral, as categorias coletadas representam as informações superficiais que compõem a estrutura simbólica para ação dos estudantes brasileiros. O processo motor das práticas narrativas está na procura de diferenciação positiva do grupo de pertença, seja nos processos de manutenção das fronteiras internas, seja nos processos de interação entre as fronteiras.

O conjunto de associações livres coletadas deixou evidente como os grupos procuram construir e reconstruir suas categorias de semelhança para uma diferenciação positiva de seus membros, pois sem categorias positivas o grupo perderia o elo que mantém a sua existência, logo, os indivíduos entrariam em estado de crise de pertencimento, ou seja, não encontrariam uma identidade para visar um futuro. No caso de estudantes estrangeiros, ficou clara a disposição de diferenciação positiva por categorias emotivas que essencializam a imagem do grupo nacional de brasileiros. Essa força essencialista sobre as categorias que compõem a unidade do grupo nacional deriva do deslocamento do espaço e do tempo tradicional (emigração do Brasil) que organiza o mundo simbólico e prático dos estudantes imigrantes. Enquanto estudantes no espaço universitário brasileiro, suas categorias de reconhecimento e de diferenciação eram muito menos reveladas sobre generalizações do grupo nacional, pois estavam muito mais ligadas aos pequenos grupos que compõem o cotidiano da vida universitária brasileira. Com a ruptura migratória – desterritorialização –, os estudantes brasileiros perdem os grupos e categorias tradicionais, são desterrados, sua estrutura simbólica perde a base que a mobiliza, logo, encontram na dimensão da identidade nacional, pelo

reconhecimento de outros brasileiros, categorias emotivas mais gerais e poderosas que permitem a diferenciação positiva pela semelhança geral do ser brasileiro – o único modo de superar essa problemática é encontrar categorias que superem o poder de posicionamento do nacionalismo. Ficou comprovado, no conjunto das entrevistas e análise das práticas narrativas, que os estudantes brasileiros também encontram e constroem novas categorias que superam as fronteiras do nacionalismo. O principal fator para construção e ressignificação das categorias que compõem as identidades está na disposição dos espaços em seus mecanismos que condicionam as interações, como foi o caso da Melissa, que encontra sua melhor amiga, uma portuguesa, em um hostel. Esse encontro interacional em seus sucessivos diálogos e trocas de informação atravessa a estrutura simbólica da estudante brasileira, criando novas categorias sobre a comunidade portuguesa e ressignificando as categorias de diferenciação dessa estudante que continuam a se espalhar no índice relacional dos brasileiros através das sucessivas práticas performativas narrativas da Melissa. A questão que fica são os conflitos informacionais e a disputa de discurso frente aos essencialismos e estereótipos que circulam entre as duas comunidades.

Em síntese, o esquema do espaço interacional pretende apresentar ao leitor a dinâmica do processo de identificação, pois tratamos de diversos grupos e categorias que se entrecruzam no cotidiano, sendo que nesses encontros novos grupos e categorias se desvelam, ou melhor, são desvelados. Essas são práticas narrativas que afirmam e negam, que reconhecem e diferenciam, que generalizam e estereotipam a partir do contexto em constante transformação. Entendemos que nesse processo dialético de identificações surgem novas categorias e novos grupos conforme as práticas narrativas e interações entre sujeitos e espaço.

No anexo 1 deixo ao leitor quadros de análise dos inventários com os 06 casos dos estudantes com indicações de cada Região do Eu em seus grupos de pertença e os pequenos grupos que compõem a consciência cotidiana de cada sujeito entrevistado. No inventário constam as associações livres adaptadas pelo autor numa espécie de tradução do que o entrevistado pretendia expressar. Sem perder o sentido original - mesmo sabendo do risco do *traduttore, traditore* - a adaptação do sentido à palavra foi

empregada durante a própria entrevista para que os grupos e categorias fossem melhor descritos e relacionados, possibilitando revelar os detalhes das categorizações (definições), das adaptações, das interações, modelações e respostas dos sujeitos ao ambiente.

2.4.1. Os grupos e o contexto através da Região do Eu

Com o conjunto de associações livres em seus apontamentos grupais foi possível reconstruir os contextos e os momentos de interação típicos dos estudantes brasileiros em Portugal. Demonstrando como o processo de identificação, em sua força dialética do interno-externo das práticas de afirmação da semelhança e da diferença, como disse Jenkins (2008) e Appiah (2018), são fenômenos necessários para manutenção dos elos que constituem os grupos e permitem a diferenciação positiva dos sujeitos.

Os grupos associados às categorias mais positivas foram os grupos de imigrantes brasileiros, revelando como a condição migratória condiciona os estudantes brasileiros à valorizarem sua identidade situada³¹, ou seja, a posição ocupada que lhes permite valorização, autenticidade e possibilidades de ação nos espaços interacionais. Logo, quando os entrevistados associam as categorias “solidários, guerreiros, empáticos, aventureiros, desafiadores e liberais”, estão nos apresentando a identidade que pretendem apresentar nas interações, utilizando de categorias gerais (superficiais) para valorizar a sua própria condição de estudante estrangeiro. Outras categorias positivas que foram associadas aos grupos imigrantes de brasileiros foram “barulhentos e liberais”; estas duas categorias positivas foram associadas ao pronome “eles”, representando um certo distanciamento do entrevistado, mas que permitiram visualizar os pequenos grupos que compõem as identidades dos sujeitos. A categoria “barulhentos” demonstra o processo de ressignificação de estereótipos, movimento de conscientização de um grupo para si, conceito apresentado por Jenkins (2008) em sua crítica precisa à Howard Becker (2008). A associação da palavra “barulhentos” foi

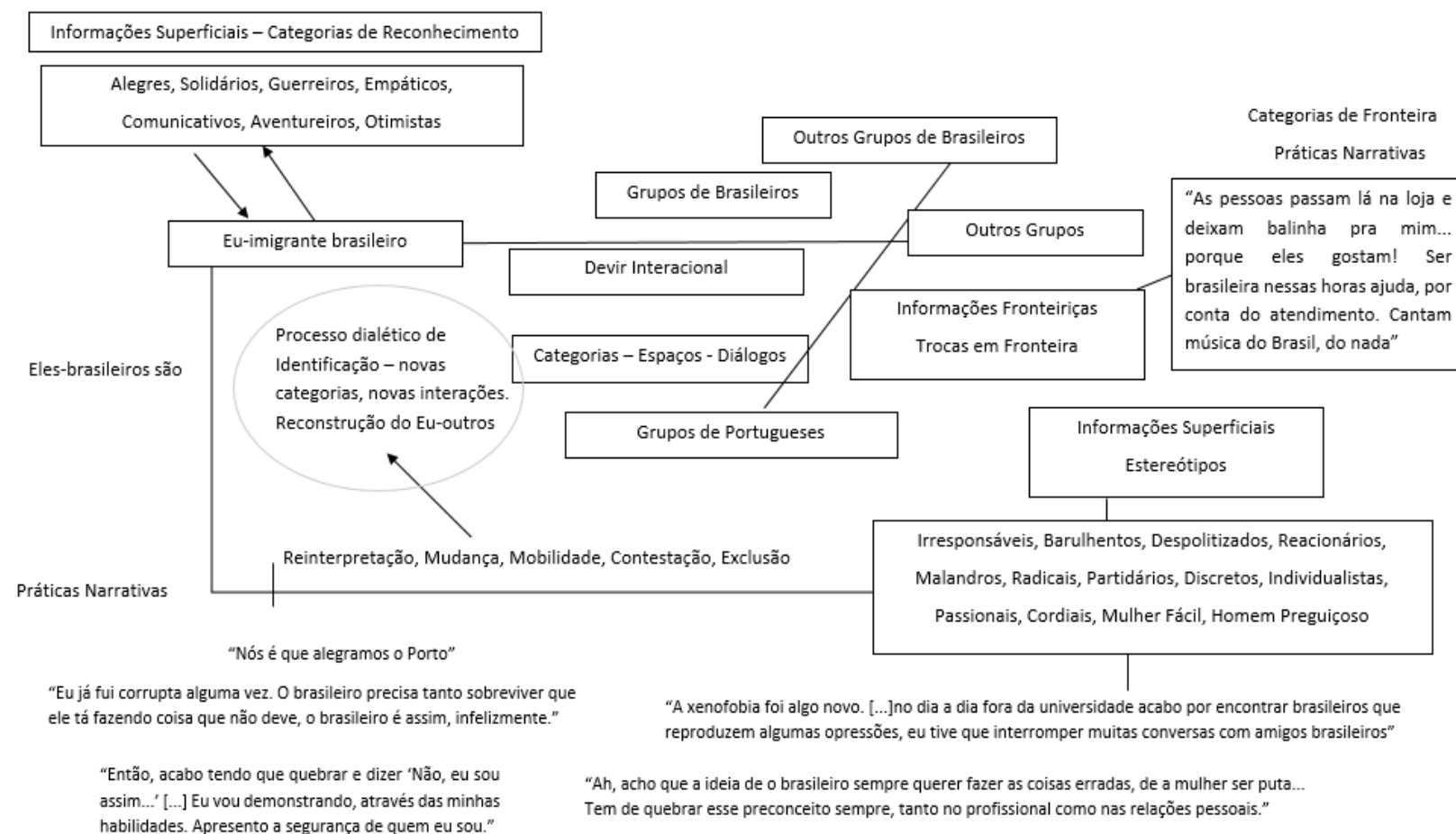
³¹ O conceito de identidade situada aparece como parte essencial da metodologia de análise das narrativas apresentada como posicionamento por Depperman (2015), e na metodologias das *small stories* de De Fina e Georgakopoulou (2008, 2015) enquanto condição situada da identidade através das interações entre sujeitos e ambientes, pois falamos em práticas narrativas que constroem as identidades.

iniciada numa narrativa que apresentava a visão discriminatória externa sobre os imigrantes brasileiros, por (eles) serem barulhentos na rua. Com o prosseguir da entrevista, avançando com a introspecção focalizada, o entrevistado apresentou momentos de interação em que a categoria “barulhentos” foi revertida positivamente, valorizando a condição do grupo migrante de brasileiros, logo, a própria imagem da entrevistada. A positivação da categoria se referiu aos momentos de interação dos grupos de brasileiros enquanto pessoas que alegram a cidade do Porto, como se a cidade ganhasse maior dinâmica cultural e festividade com a presença dos grupos de brasileiros – essa narrativa posiciona a identidade da pessoa em suas interações em espaços restritos. A categoria “liberais” apresenta a primeira diferenciação interna entre os imigrantes brasileiros, desvelando outros grupos que compõem essa realidade. Essa associação foi feita por Marcelo, que pretendeu se diferenciar do grupo de imigrantes mais velhos que, segundo ele, são mais mais conservadores e não valorizam a cultura brasileira – chegando a definir uma categoria negativa para essa identidade de brasileiros mais velhos enquanto “complexo de vira-lata³²”. Esse processo de diferenciação interna entre o grupo de imigrantes brasileiros também foi narrado por Jean, o qual vai definir três categorias negativas para grupos de imigrantes brasileiros, dentre elas estão “reacionários e preconceituosos”, designa essas categorias para o grupo de imigrantes brasileiros bolsonaristas. Jean vai definindo as categorias negativas dos imigrantes bolsonaristas em interações com personalidades deste grupo em que sofreu situações de preconceito e violência. A outra categoria negativa foi “despolitizados”, em que Jean separa o grupo de imigrantes brasileiros fora da universidade; nessa categorização Jean narra momentos de interação com imigrantes brasileiros que não frequentam a Universidade, apresentando sua identidade de militante e de professor de Geografia em destaque, em que apresenta as práticas narrativas de uma pessoa que conversa e trabalha para ressignificar os preconceitos, os estereótipos e as desinformações políticas que esse grupo de imigrantes brasileiro carrega.

³² O termo complexo de vira-lata foi empregado pelo dramaturgo Nelson Rodrigues, em que o autor da tragédia carioca define o brasileiro como um narciso às avessas.

Em geral, as categorias acima detalhadas foram as mais ricas em informação sobre os grupos e momentos interacionais dos estudantes brasileiros em Portugal. As demais categorias se referem à condição do ser brasileiro em geral, fortemente ligadas à identidade nacional, que representam o processo de diferenciação positiva que os imigrantes utilizam do hall categorial do nacionalismo – o que foi melhor explicado na apresentação ao esquema do espaço interacional do estudante brasileiro na U. Porto. Para mais, fica o intuito de aplicar, num próximo trabalho, outras dimensões das identidades nas entrevistas guiadas pelo inventário da identidade social mobilizado pela teoria ego-ecológica de Zavalloni (1979), em especial as identidade de género, classe, parentesco, religião, profissão e estado civil, na expectativa que novas práticas narrativas desvelem a identidade do sujeito entrevistado em seus grupos e interações em contexto.

Esquema 1 - Organização do Espaço Interacional – Resultados da Introspecção Focalizada



Considerações Finais

A definição do conceito de identidades como categorias que emergem nas interações do cotidiano dentro e através de eventos comunicativos, em que a identidade do eu está sendo construída e reconstruída em constantes movimentos reflexivos do eu com os outros (do interno e do externo, entre a semelhança e a diferença)³³, mostrou-se essencial para desvendar os processos de construção das identidades dos estudantes brasileiros na U. Porto. Em outras palavras, compreender as dimensões da identidade enquanto produtos de sucessivas socializações direcionou nossa atenção para os eventos comunicativos do eu com os outros em determinados contextos sócio-culturais (espaços organizados pelos grupos), em que as relações externas (res)significam a estrutura simbólica para ação (práticas narrativas) do sujeito através do processo reflexivo eu-outros, prática narrativa resultante da luta por afirmar positivamente a identidade do eu no cotidiano – como unidade contraditória dos processos de diferenciação e semelhança. Essa perspectiva construtivista da identidade permitiu um diálogo com a teoria ego-ecológica de Zavalloni (1979), que defende a substituição do paradigma da percepção pelo da memória para pensarmos a relação indivíduo e sociedade (psicologia e sociologia), pois, ao inserirmos a dialética do interno-externo no processo interacional do eu-espaço-outros, defendemos um processo reflexivo do sujeito que está sendo constantemente organizado pela acumulação de informações na memória que constitui o todo das representações (estrutura simbólica) para ação nas interações do cotidiano.

Essa interação eu-espaço-outros depende da corporificação de narrativas específicas dos grupos de pertença em relação com a estrutura social e os outros grupos. Os grupos detêm um índice de categorias que direcionam as práticas do sujeito, dispondo de autenticidade e segurança para o sujeito expressar comunicativamente sua identidade, ou seja, os grupos dispõem de potencialidades para diferenciação positiva

³³ Esses fundamentos teóricos são o resultado da interpretação das obras de Jenkins (2008, 2008a), Dubar (1997, 2006), Appiah (2018), e, principalmente, da tradição construtivista de Giddens (2002, 2003), que influenciou a perspectiva para análise das narrativas enquanto identidades (Koven, 2015) ou como identidades situadas (Depperman, 2015). São tradições de análise de narrativas que estão sintetizadas na metodologia de *small stories* de Georgakopoulou (2008, 2015).

dos sujeitos nas interações do cotidiano. Essa concepção permitiu focalizarmos nossa atenção para as estratégias narrativas (performances dramáticas das identidades) dos estudantes brasileiros em seu cotidiano, isto é, quais as narrativas específicas (identidades reivindicadas, diferenciações categóricas, afirmação de categorias de pertença, etc.) que os estudantes empregam nas suas interações do cotidiano.

Esse arsenal teórico dispôs das melhores ferramentas e concretizou habilidades suficientes para o manuseio de metodologias que atrelam a perspectiva construtivista a análises dos processos de identificação que englobam o dia a dia dos estudantes brasileiros em Portugal, e, mais restritamente, nos espaços da U. Porto. A recolha de dados através de entrevistas abriu a possibilidade de se aplicar duas metodologias distintas, mas que se encontram nos fundamentos construtivistas da identidade do eu enquanto produto de um processo contínuo de construções e reconstruções reflexivas e interacionais com o ambiente (espaços sociais). A escolha de duas metodologias, *small stories* e o inventário da identidade social da teoria ego-ecológica, a princípio emergiu como um desafio, contudo, conseguimos fazer comunicar os resultados das duas análises. A confluência entre as duas metodologias ocorreu tanto no momento das entrevistas, em que a entrevista semi-estruturada deixava a relação investigador-entrevistado mais próxima e acentuava a atenção do entrevistado para seu cotidiano interacional, permitindo avançar com a segunda entrevista guiada tanto pelo inventário da identidade social, quanto pelos fundamentos construtivistas. Tanto a metodologia de *small stories* como a perspectiva ego-ecológica confluem na importância do contexto sócio-cultural como fonte categorial (conjunto de classificações que dinamiza a estrutura simbólica de cada sujeito para ação) para as interações entre os sujeitos.

Por meio da metodologia de *small stories* foi possível analisar as narrativas dos estudantes enquanto práticas que envolvem interações com os grupos, os espaços e suas categorias, colocando a identidade do eu como algo dependente de sucessivas interações dialógicas (práticas narrativas dentro de eventos comunicativos). Em outras palavras, a definição do conceito de identidade como práticas narrativas implica identidades que estão sendo trocadas, performadas, representadas e definidas entre as pessoas e seus grupos, isto é, são processos dialógicos performáticos de afirmação da

semelhança e da diferença que estão acontecendo nos espaços interacionais. Com essa concepção construtivista de identidades como práticas narrativas reconstruímos as cenas do cotidiano dos estudantes em seus ínfimos detalhes – que passam do sentimento de autenticidade e potencialidade da pertença a um grupo às modalidades de diferenciação e até aos detalhes do contexto sócio-cultural.

O primeiro movimento de análise incidiu em desvendar as identidades situadas de cada sujeito através das narrativas, isto é, desvendar como os entrevistados se posicionam nas interações narradas de cenas do cotidiano. Com esse foco ao nível local das interações foi possível adentrarmos no contexto em que as identidades são narradas, praticadas, e reconstruir a cena em seus pormenores do processo de identificação, seja na descrição que os sujeitos fazem do comportamento entre os grupos, seja nas afirmações da identidade do eu, nas identidades visadas, na mobilidade entre grupos, na resistência ou resignificação às categorias e estereótipos, situações que aconteceram e estão acontecendo através da comunicação entre os sujeitos nos espaços.

Após reconstruirmos as histórias narradas em seus enlaces interacionais, seguimos analisando comparativamente as práticas narrativas. Com a comparação foi possível tipificar os modelos de ação que constituem os processos de identificação mais frequentes dos estudantes brasileiros na U. Porto. O modelo de ação mais típico se estabeleceu dentro dos recursos discursivos e estratégias (práticas) de diferenciação entre os grupos, desvelando tendências para generalizações e essencialismos; o segundo se referiu à importância estruturante dos espaços sobre as práticas narrativas, ou seja, grupos que organizam o hall categorial para ação previsível no espaço; o terceiro se estabeleceu dentro das práticas narrativas que desafiam e resignificam os estereótipos e as generalizações de discriminação entre grupos; o quarto se referiu às práticas narrativas de personalidades fronteiriças, em que os sujeitos trabalham com as categorias das duas comunidades nacionais, portuguesas e brasileiros, criando pontes entre os grupos e desmistificando estereótipos.

O segundo movimento de análise dos dados incidiu sobre as informações coletadas nos inventários da identidade social, da teoria ego-ecológica de Zavalloni (1979), sendo possível definir um padrão de práticas dos estudantes brasileiros dentro de espaços organizados. Ficou marcante como a condição de desterritorializados (ser imigrante) condiciona as modalidades de definição, resposta, adaptação e interação dos estudantes no contexto sócio-cultural português, em específico no ambiente universitário. A desterritorialização desvela um sujeito deslocado das categorias de reciprocidade, entre representações e interações, que organizavam o seu mundo. Enquanto imigrante, o conjunto de categorias da identidade nacional aparece como ferramenta mais segura para afirmação de sua identidade; nele, o grupo nacional dispõe de símbolos e de práticas narrativas construídas a partir de categorias genéricas para diferenciação positiva do estudante brasileiro.

A partir das categorias coletadas no inventário foi possível construir um esquema da organização do espaço interacional do estudante brasileiro na U. Porto. Apoiados nas categorias que desvelam as modalidades de definição, de resposta, de adaptação e de interação do sujeito com o ambiente, aquilo que Zavalloni (1979) define como núcleo sócio-motivacional constituinte da Região do Eu, em que sintetizamos as categorias e os grupos dos entrevistados no esquema do espaço interacional, indicando um padrão de práticas dos estudantes brasileiros na U. Porto. Ao unificar a Região do Eu de todos os entrevistados, alcançamos modalidades típicas de representações para ação. As principais práticas desveladas incidiram sobre generalizações categóricas da identidade nacional para avaliar positivamente os sujeitos nos espaços da U. Porto e demais espaços de sociabilidade em Portugal. A identidade nacional brasileira aparece como um “guarda-chuva para um sujeito longe de sua casa” (desterritorializado das categorias de reciprocidade que dispõem de reconhecimento e diferenciação).

A continuidade do processo de introspecção da metodologia ego-ecológica através do aprofundamento da dualidade dos pronomes nós-eles permitiu alcançarmos os pequenos grupos e os mais sutis mecanismos de diferenciação e habituação dos estudantes em seu cotidiano. Podemos concluir que o processo motor das práticas narrativas (representação para ação) está na procura de diferenciação positiva do grupo

de pertença, seja nos processos de manutenção das fronteiras internas, seja nos processos de interação entre as fronteiras. Na interação entre fronteiras ficou evidente a disposição para habituação dos sujeitos conforme as modalidades de organização do espaço, onde, em espaços mais cosmopolitas, profissionais, de lazer ou familiares, as fronteiras nacionais são substituídas por categorias de semelhança mais gerais, como as de reconhecimento de laços de amizade, de amor e fraternidade que envolvem as pessoas humanas – essa alteração de práticas entre fronteiras ficou evidente no caso de Margarida, quando submetida a perguntas sobre o contexto do trabalho em Portugal e que remeteram às relações com a família do marido português. Nesse enquadramento local das identidades de Margarida surgiram práticas narrativas de solidariedade, profissionalismo e fraternidade, práticas narrativas opostas de quando situadas na experiência nos cursos de Direito no ensino superior português.

Dessa forma, indicamos como as seguidas socializações entre fronteiras nacionais podem se desmembrar e serem substituídas por categorias que definem semelhanças e diferenciações entre grupos humanos (categorias gerais, mas extremamente íntimas) quando os espaços de encontro entre brasileiros e portugueses são organizados por categorias que desloquem a importância da nacionalidade. Dessa forma, uma das conclusões incidiu que o principal fator para alcançarmos categorias que superem a rigidez essencialista da identidade nacional está na disposição dos espaços, isto é, na maneira como os espaços são organizados; em outras palavras, como os grupos definem a organização do espaço e como os sujeitos agem (re)construindo e (res)significando as identidades que emergem no devir interacional.

Por fim, entendemos que muito ainda precisa ser investigado a respeito das dimensões interacionais das práticas narrativas (identidades) dos estudantes brasileiros em Portugal. Sabemos que para continuarmos a investigação, novas estratégias seriam tomadas durante o processo de recolha de dados, principalmente no enfoque dado às dimensões interacionais e de luta pelo reconhecimento em detrimento de perguntas que remetem à dimensão biográfica. Nesse sentido, o guião da entrevista semi-estruturada ficaria organizado por dimensões que compõem as práticas narrativas de que envolvem descrições sobre o comportamento dos outros, situações de aprovação

ou reprovação, em geral, situações que incitem o entrevistado a descrever o espaço e suas interações com os outros. Para além da reestruturação do guião, algumas estratégias devem ser tomadas para obtermos melhores resultados: adentrar o mundo das interações do aqui e agora, sendo mais fiéis à metodologia de *small stories*; adentrar as salas e acompanhar aulas com grupos significativos de brasileiros; ou acompanhar informantes privilegiados nos corredores e encontros dentro dos espaços estratégicos da U. Porto. Entendemos que o inventário da identidade social, construído através da teoria ego-ecológica, também deverá sofrer alterações. No sentido de introduzir outras dimensões da identidade, buscando reconstruir a Região do Eu a partir da introspecção sobre categorias que sejam associadas às dimensões da identidade de género, familiar, religiosa, classe social e profissional. Acreditamos que essas alterações nas duas metodologias poderão nos levar a respostas mais profundas e satisfatórias.

Referências Bibliográficas

Livros

Anderson, B. (2005). *Comunidades Imaginadas. Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70.

Appiah, K. (2018). *The Lies that Bind. Rethinking Identity. Creed, Country, Color, Class, Culture*. New York: Liveright Publishing Corporation.

Bakhtin, M. (1981). *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press.

Barth, F. (1976). *Los Grupos Étnicos y sus Fronteras. La organización de las diferencias culturales*. México: Fondo de Cultura Económica.

Becker, H. (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bourdieu, P. (2008). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.

Bourdieu, P., Passeron, L. (2013). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis: Vozes.

Cohen, A. (1985). *Symbolic construction of community*. London : Routledge.

De Fina, A., Georgakopoulou, A. (2015). *The Handbook of Narrative Analysis*. West Sussex: Blackwell Handbooks, John Wiley & Sons.

Dubar, C. (2006). *A Crise das Identidades. A interpretação de uma Mutação*. Porto: Ed. Afrontamento.

Dubar, C. (1997). *A Socialização. Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Porto Editora.

Durkheim, É. (2010). *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.

- Durkheim, É. (2012). *A educação moral*. Petrópolis: Vozes.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar.
- Giddens, A. (2003). *A constituição da sociedade*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Goffman, E. (1963). *Stigma*. Chicago: Prentice Hall.
- Goffman, E. (1985). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- Hegel, F. (2010). *As idades da vida: determinação da diferença*. In: Pleines, J. E., Rosa, F. (orgs.). *Friedrich Hegel, textos selecionados*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.
- Honneth, A. (2011). *Luta pelo Reconhecimento. Para uma Gramática Moral dos Conflitos Sociais*. Lisboa: Edições 70.
- Jenkins, R. (2008). *Social Identity*. Cambridge: Taylor & Francis.
- Jenkins, R. (2008a). *Rethinking Ethnicity*. London: SAGE Publications.
- Koselleck, R. (2006). *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, Self and Society. From the Standpoint of a social behaviorist*. London : The University of Chicago Press.
- Mills, W. (1959). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Piaget, J. (1932). *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris : PUF.
- Sainsaulieu, R. (1988). *L'indentité au travail. Les effets culturels de l'organisation*. Paris: Troisième, Fondation Nationale des Sciences Politiques.
- Stanislavski, C. (2016). *A construção da personagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Weber, M. (2004). *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Capítulos de Livros

Azevedo, J. (2007). *Identidade, género e comunidades de aprendizagem: algumas considerações conceptuais e sua relevância empírica*. In: Aires, L., Azevedo, J., Gaspar, I., Teixeira, A. (coords.). *Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Identidades no Ensino Superior* (pp.81-88). Projecto @prende.com. Santa Maria da Feira: Universidade Aberta.

Balibar, É. (2021). *A forma nação: história e ideologia*. In: Balibar, É., Wallerstein, I. *Raça, Nação, Classe* (pp.150-177). *As identidades ambíguas*. São Paulo: BOITEMPO.

De Fina, A. (2015a). *Narrative and Identities*. In: De Fina, A., Georgakopoulou, A. *The Handbook of Narrative Analysis. Part V Performing Self, Positioning Others* (pp. 351-368). West Sussex: Blackwell Handbooks, John Wiley & Sons.

Deppermann, A. (2015). *Positioning*. In: De Fina, A.; Georgakopoulou, A. *The Handbook of Narrative Analysis. Part V Performing Self, Positioning Others* (pp.369-387). West Sussex: Blackwell Handbooks, John Wiley & Sons.

Georgakopoulou, A. (2015). *Small Stories Research - Methods – Analysis – Outreach*. In: De Fina, A., Georgakopoulou, A. *The Handbook of Narrative Analysis. Part III Narrative Interaction* (pp. 255-272). West Sussex: Blackwell Handbooks, John Wiley & Sons.

Koven, M. (2015). *Narrative and Cultural Identities. Performing and Aligning with Figures of Personhood. Part V Performing Self, Positioning Others*. In: De Fina, A.; Georgakopoulou, A. *The Handbook of Narrative Analysis. Part V Performing Self, Positioning Others* (pp.388-407). West Sussex: Blackwell Handbooks, John Wiley & Sons.

Zavalloni, M. (1973). *L'identité psychosociale, un concept à la recherche d'une science*. In : Moscovici, S. (Dir.) (pp.246-263). *Introduction à la psychologie sociale II*. Paris: Librairie Larousse.

Artigos

Azevedo, J. (1992). *Perspectivas psicossociais no estudo da identidade*. Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2(1992), 111-119. Disponível em : <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/238.pdf>

De Finna, A., Georgakopoulou, A. (2008). *Analysing narratives as practices*. Los Angeles: SAGE Publications, Qualitative Research, 8(3), 379–387. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1468794106093634>

Tajfel, H., Billig, M. et al. (1971). *Social Categorization and intergroup behaviour*. European Journal of Social Psychology, 1 (2), 149-178. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/ejsp.2420010202>

Tajfel, Henri; Billig, Michael (1973). *Social categorization and similarity in intergroup behaviour*. European Journal of Social Psychology, 3 (1), 27-52. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/ejsp.2420030103>

Tajfel, H. (1974). *Social identity and intergroup behaviour*. European Journal of Social Psychology, 13 (2), 65-93. Disponível em : <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/053901847401300204>

Vásquez, C. (2011). *TESOL, Teacher Identity, and the Need for “Small Story” Research*. Florida: TESOL QUARTERLY, 45(3), 535-545. Disponível em: <https://www.istor.org/stable/41307700>

Zavalloni, Marisa; Louis-Guerin, C. (1979). *Social psychology at the crossroads: its encounter with cognitive and ecological psychology and the interactive perspective*. European Journal of Social Psychology, 9(3), 307-321. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ejsp.2420090308>

Anexos

Anexo 1 - Inventários da Identidade Social e Região do Eu com indicação dos Grupos

Caso 1 – Frederico, o antropófago

Região do Eu
Não pertence ao Eu



Nós-brasileiros somos – Eles-brasileiros são

Nível de Egomorfismo

I (centro do círculo)

Completamente aplicável

Associações livres – identidade nacional

II

Parcialmente aplicável

III

Um pouco aplicável

Introspecção Focalizada

Categorias de Associação Livre - Nós Somos	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Amplamente Diversos	1			I
Otimistas			1	I
Solidários	1			I
Persistentes	1			I
Felizes	1			I
Divididos e Unidos	1			II

Categorias de Associação Livre - Eles são	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Perdidos		1		Não pertence ao Eu
Passionais	1			II
Miscigenados	1			I
Individualistas		1		Não pertence ao Eu
Voláteis Politicamente		1		Não pertence ao Eu

Região do Eu, Frederico

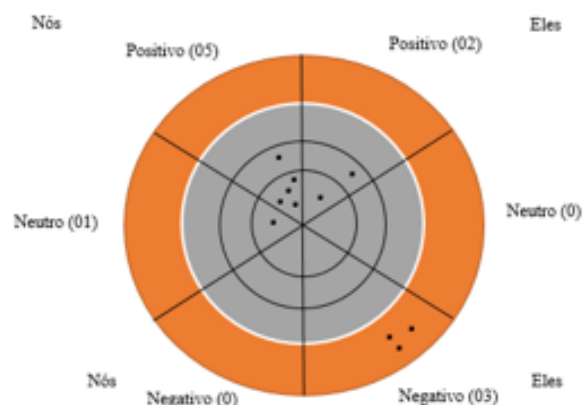


Tabela - Grupos identificados por cada associação livre, o caso de Frederico

Associações Livres – Nós somos	Grupos Associados	Egomorfismo
Amplamente Diversos, Otimistas, Solidários, Persistentes, Felizes	Classes populares, quando pensa nessa classe se sente mais brasileiro (cultura popular que descobriu com seu amadurecimento)	I (Completamente aplicável)
Felizes	Ricos e Pobres (da favela)	I (Completamente aplicável)
Divididos e Unidos	Brasileiros em geral (unidos pela nacionalidade, separados pelos grupos políticos)	II (Parcialmente Aplicável)

Associações Livres – Eles são	Grupos Associados	Egomorfismo
Perdidos	Pobres, classes populares	Não pertence ao Eu
Passionais	Brasileiros em geral	II (Parcialmente Aplicável)
Miscigenados	Brasileiros em geral	I (Completamente aplicável)
Individualistas	Classes altas, os ricos	Não pertence ao Eu
Voláteis Politicamente	Classes altas, os ricos	Não pertence ao Eu

Práticas Narrativas sobre os Grupos

“Eu diria que todo brasileiro é um pouco individualista. Ele prefere o próprio bem do que um bem geral. Pelo sentimento que tudo vai mudar, no sentido de que as coisas não vão mudar, que as coisas são muito fixas. Nesse sentido aparece mais a ganância.”

“Cara, quando eu falo nisso, consigo pensar nas **classes populares**, a que abrange a maior parte da população. Eu acho que, mesmo que eu não esteja integrado nessa classe, eu acho que me sinto mais brasileiro a pensar que eu vim do mesmo lugar que essas pessoas. E é uma coisa que eu aprendi com o tempo, na adolescência eu não tinha um apreço tão grande com essa cultura [de classe], **mas ao vir para cá eu adquiri um apreço maior com o brasileiro, com a cultura, até por estar distante** – eu diria assim.”

Caso 2 – Jean, o flâneur militante

Região do Eu
Não pertence ao Eu



Nós-brasileiros somos – Eles-brasileiros são

Nível de Egomorfismo

I (centro do círculo) Completamente aplicável
II Parcialmente aplicável
III Um pouco aplicável

Associações livres – identidade nacional

Introspecção Focalizada

Categorias de Associação Livre - Nós Somos	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Felizes	1			I
Abertos	1			I
Solidários	1			I
Politizados	1			I
Guerreiros (desejo de vencer)	1			I

Categorias de Associação Livre - Eles são	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Despolitizados		1		Não pertence ao Eu
Irresponsáveis (falta de compromisso)			1	Não pertence ao Eu
Preconceituosos (racistas/homofóbicos)		1		Não Pertence ao Eu
Reacionários		1		Não pertence ao Eu

Região do Eu, Jean

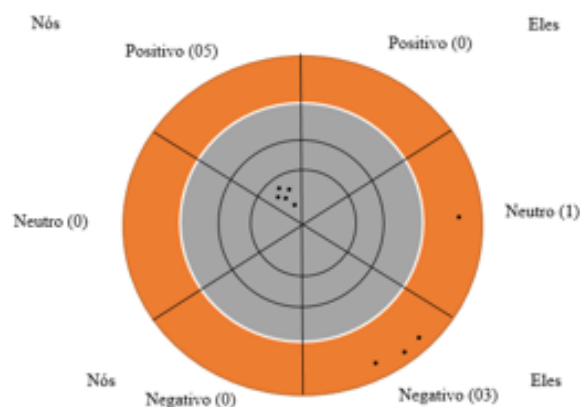


Tabela - Grupos identificados por cada associação livre, o caso de Jean

Associações Livres – Nós somos	Grupos Associados	Egomorfismo
Felizes, Abertos	Brasileiros em geral	I (completamente aplicável)
Solidários, Guerreiros	Imigrantes, trabalhadores pobres	I (completamente aplicável)
Politizados	Universitários	I (completamente aplicável)

Associações Livres – Eles são	Grupos Associados	Egomorfismo
Despolitizados	Imigrantes fora do contexto universitário	Não pertence ao Eu
Irresponsáveis (falta de compromisso)	Jovens trabalhadores, imigrantes trabalhadores	Não Pertence ao Eu
Preconceituosos	Imigrantes bolsonaristas	Não pertence ao Eu
Reacionários	Imigrantes bolsonaristas	Não pertence ao Eu

Práticas Narrativas sobre os Grupos

“A xenofobia foi algo novo. Os próprios brasileiros, **agora vou conseguir me distanciar um pouco, pelas minhas discussões, como estou acostumado no ambiente universitário, da educação, um ambiente politizado**, então, no dia a dia fora da universidade acabo por encontrar brasileiros que reproduzem algumas opressões, eu tive que interromper muitas conversas com amigos brasileiros.”

“Agora vou colocar um limiar, porque é uma linha muito tênue entre sair do trabalho alegre, ir beber, ir brincar. É uma linha muito tênue com a **irresponsabilidade**. **Principalmente aqui, para o português vai soar como irresponsável.**”

“Eu fiquei muito desapontado com um grupo, com um grupo considerável de **brasileiros** que estão aqui, num país como Portugal, que tem a experiência política que Portugal tem, fiquei decepcionado com esse grupo de brasileiros que votou em massa em Bolsonaro.”

Caso 3 – Melissa, a cientista

Região do Eu
Não pertence ao Eu



Nós-brasileiros somos – Eles-brasileiros são

Nível de Egomorfismo

I (centro do círculo) Completamente aplicável
II Parcialmente aplicável
III Um pouco aplicável

Associações livres – identidade nacional

Introspecção Focalizada

Categorias de Associação Livre - Nós Somos	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Sonhadores	1			I
Alegres	1			I
Otimistas	1			I
Empáticos	1			I
Solidários	1			I

Categorias de Associação Livre - Eles são	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Barulhentos			1	II
Não levam desaforo	1			III
Anti-éticos (jeitinho malandro)		1		III

Região do Eu, Melissa

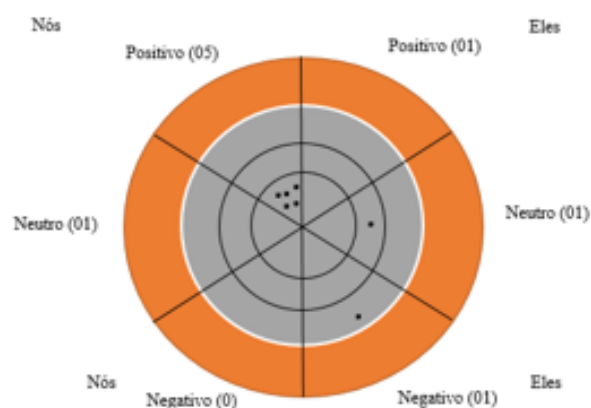


Tabela - Grupos identificados por cada associação livre, o caso de Melissa

Associações Livres – Nós somos	Grupos Associados	Egomorfismo
Sonhadores, Alegres, Otimistas	Brasileiros em geral	I (Completamente aplicável)
Empáticos, Solidários	Imigrantes	I (Completamente aplicável)

Associações Livres – Eles são	Grupos Associados	Egomorfismo
Barulhentos	Imigrantes	II (parcialmente Aplicável)
Não leva desaforo	Brasileiros em geral, imigrantes	III (Um pouco Aplicável)
Antiéticos (jeitinho malandro)	Brasileiros em geral	III (Um pouco aplicável)

Práticas narrativas sobre os Grupos

Empáticos, Solidários – cenas da imigração, ajuda mútua

Alegres, Barulhentos – “nós que alegamos o Porto”

Antiéticos (jeitinho malandro) – de início se exclui, mas em seguida diz que faz parte da cultura

Não levam desaforo – não se identifica, mas gostaria de agir dessa forma, e vem trabalhando para falar quando se sente incomodada.

Caso 4 - Marcelo, o diplomata

Região do Eu
Não pertence ao Eu



Nós-brasileiros somos – Eles-brasileiros são

Nível de Egomorfismo

I (centro do círculo)

Completamente aplicável

II

Parcialmente aplicável

III

Um pouco aplicável

Associações livres – identidade nacional

Introspecção Focalizada

Categorias de Associação Livre - Nós Somos	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Coletivos, sociáveis	1			I
Abertos	1			I
Bem-humorados			1	I
Acolhedores	1			I

Categorias de Associação Livre - Eles são	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Individualistas		1		Não pertence ao Eu
Cordiais		1		Não pertence ao Eu
Abertos, bem humorados	1			I
Complexo de Vira-lata		1		Não pertence ao Eu
Liberais	1			I

Região do Eu, Marcelo

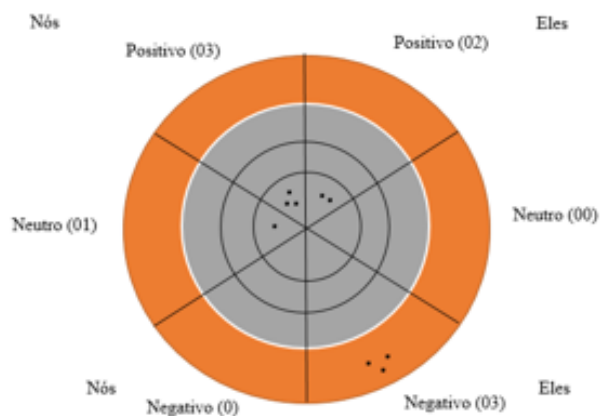


Tabela - Grupos identificados por cada associação livre, o caso de Marcelo

Associações Livres – Nós somos	Grupos Associados	Egomorfismo
Coletivos, sociáveis, abertos, bem-humorados, acolhedores	Brasileiros em geral	I (Completamente aplicável)

Associações Livres – Eles são	Grupos Associados	Egomorfismo
Individualistas, cordiais	Brasileiros em geral	Não pertence ao Eu
Abertos, bem humorados	Brasileiros em geral	I (completamente aplicável)
Complexo de Vira-lata	Brasileiros em geral, imigrantes mais velhos	Não Pertence ao Eu
Liberais	Jovens imigrantes	I (completamente aplicável)

Práticas narrativas sobre os Grupos

Complexo de Vira-lata – brasileiros em geral, imigrantes mais velhos

Liberais – jovens imigrantes, que descobrem a cultura brasileira e passam a valorizá-la

“Eu vou mudar aqui, porque os brasileiros de coletivos não têm nada. Eles são bem **individualistas**. [...] **Cordiais**, no sentido do Sergio Buraque de Holanda... nessa caso se relaciona com o individualistas... e isso está se refletindo com a população que continua saindo às ruas mesmo com as restrições da covid-19. [...] **São sociais** [...] **abertos**, sim [...] Agora, eu não sei como colocar isso em palavras [...] acho que aquela teoria do **complexo de vira-lata**, acho que os brasileiros acabam diminuindo a própria cultura, e a cultura brasileira é maravilhosa.”

Liberais e Conservadores – Jovens Imigrantes, imigrantes mais velhos

“Os jovens que saem do Brasil são mais liberais, e os mais velhos são conservadores. E no Brasil a maioria é conservadora. O Brasil é um país muito conservador – temos uma **bolha que é liberal, essa bolha dos jovens que saem e vão para outros países**. Mas os mais velhos são muito conservadores, eu consigo perceber isso pegando UBER com brasileiros, [de trabalhadores imigrantes brasileiros] – e eu consigo perceber, apenas na conversa, que muitos deles votaram no atual presidente.”

Imigrantes

“Eu acho que eu dividiria nesse sentido das pessoas que estão lá e das pessoas que estão aqui. Acho que a maioria dos jovens que estão aqui são mais liberais, os mais velhos são conservadores. Eu me considero também [no grupo dos] individualistas, como a maioria dos brasileiros, **mas eu me considero... eu tirei um pouco do nós** porque eu acho que **quando os brasileiros saem do país têm uma tendência a valorizar mais a cultura [nacional] – eu sou assim**. É aquilo: o brasileiro pode falar mal do seu país, mas o estrangeiro não pode falar mal do Brasil [risadas]...”

“Mais uma vez, os mais antigos [os mais velhos] sim. Acho que saíram do Brasil exatamente por isso, dizem que ‘o Brasil não dá certo’, ‘que as coisas são perdidas lá’, ‘existe muita libertinagem’. Mas acho que **os mais jovens, pelo menos eu, e acho que as pessoas ao meu redor**, gostam muito de valorizar aquilo que é nosso – aquilo que são as nossas origens: são europeias, mas também são africanas, indígenas, e pronto, são árabes, também...”

Região do Eu
Não pertence ao Eu



Caso 5 – Maria Portuguesa

Nós-brasileiros	somos	–	Eles-brasileiros	são	I (centro do círculo)	Completamente aplicável
Associações livres – identidade nacional					II	Parcialmente aplicável
					III	Um pouco aplicável

Introspecção Focalizada

Categorias de Associação Livre - Nós Somos	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Abertos a conhecer oportunidades	1			I
Empáticos	1			I
Desafiadores	1			I
Aventureiros	1			I
Ligados	1			I
Atentos	1			I
Simpáticos	1			I
Comunicativos			1	I

Categorias de Associação Livre - Eles são	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Radicais			1	II
Partidários		1		Não pertence ao Eu
Discretos, Incuriosos	1			I

Região do Eu, Maria Portuguesa

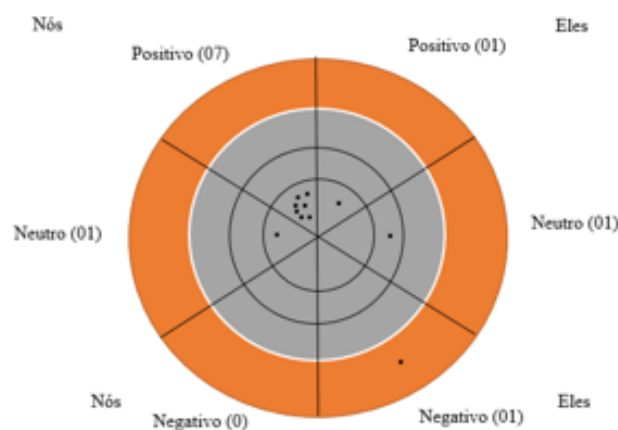


Tabela - Grupos identificados por cada associação livre, o caso de Maria Portuguesa

Associações Livres – Nós somos	Grupos Associados	Egomorfismo
Abertos a conhecer oportunidades, Empáticos, Simpáticos, Comunicativos	Brasileiros em geral	I (completamente aplicável)
Atentos (esperto, malandro), Ligados	Brasileiros em geral (o anti-herói)	I (completamente aplicável)
Desafiadores, Aventureiros	Imigrantes	I (completamente aplicável)

Associações Livres – Eles são	Grupos Associados	Egomorfismo
Radicais	Grupos acadêmicos	III (Um pouco aplicável)
Radicais	Feministas (na universidade) Movimento Negro, LGBT	I (completamente aplicável)
Partidários	Grupos acadêmicos	Não pertence ao Eu
Partidários	Família	Não pertence ao Eu
Discreto, Incuriosos	Habitantes de São Paulo, metropolitanos com a vida agitada, o eu na multidão	I (completamente aplicável)

Práticas narrativas sobre os Grupos

“Acho que são um pouco... radicais. Sabe aquela pessoa que é 8 ou 80? Se, tipo, se é direita é muito direita e se é esquerda é muito esquerda. Você não pode ser em cima do muro. Eu sinto, assim, se você não tem uma decisão, pelo menos na minha vida acadêmica eu tinha que ter uma decisão – se eu não falasse que era de direita ou de esquerda, eu não era ninguém... Então, sabe, acho que você tem que se colocar muito em lados, e eu nunca fui muito assim...

Grupos Radicais

“Então, acho que tem os dois lados... em algumas situações... então, acho que é neutro. Porque em alguns acontecimentos extremos é necessário, como em **alguns atos feministas...** porque eu acho que é preciso de alguns atos meio exagerados para as pessoas se tocarem.”

“Então, acho que tem os dois lados... em algumas situações... então, acho que é neutro. Porque em alguns acontecimentos extremos é necessário, como em **alguns atos feministas...** porque eu acho que é preciso de alguns atos meio exagerados para as pessoas se tocarem.”

“Já... assim, meu pai, por exemplo, não aceita de eu ser de outro lado de política a não ser o dele. Até porque ele deixa muito claro ‘eu te sustento, então se você não é do meu lado...’. Sabe, é muito assim... é bastante forte.”

“[...] eles têm a permissão de morar lá como imigrantes, mas não têm o RG (registro geral), chama-se RNE (Registro Nacional do Estrangeiro). Então, eles não têm... com isso, o meu pai fala ‘O meu voto é o seu’, e eu falo ‘Não, o meu voto é o meu – tipo, se você não vota o problema é seu’. Ele nunca vai saber o que eu coloquei lá na urna... mas ele não concordava... minha mãe não, ela não liga muito. Mas **o meu pai é bem radical, meu pai e meus avós... são empresários.** Então, claro que tem a visão deles, o que é de se compreender... Acho que líderes são radicais, eles têm de ser... então acho que meu pai e meus avós são radicais.”

Caso 6 – Margarida, advogada e feminista

Região do Eu
Não pertence ao Eu



Nós-brasileiros somos – Eles-brasileiros são

Nível de Egomorfismo

I (centro do círculo)

Completamente aplicável

II

Parcialmente aplicável

III

Um pouco aplicável

Associações livres – identidade nacional

Introspecção Focalizada

Categorias de Associação Livre - Nós Somos	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Guerreiros	1			I
Felizes	1			I
Engraçados	1			I
Batalhador	1			I

Categorias de Associação Livre - Eles são	Positivo	Negativo	Neutro	Nível de Egomorfismo
Sem vergonha (corruptos)		1		Não pertence ao Eu
Cordiais (jeitinho malandro)		1		III
Enganadores		1		Não pertence ao Eu
Conservadores		1		Não pertence ao Eu

Região do Eu, Margarida

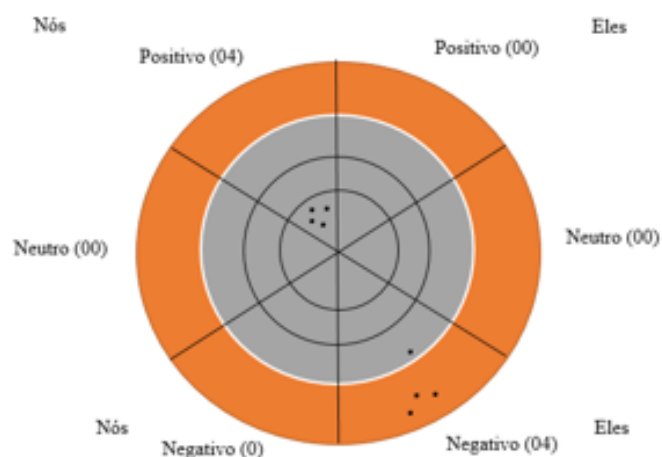


Tabela - Grupos identificados por cada associação livre, o caso de Margarida

Associações Livres – Nós somos	Grupos Associados	Egomorfismo
Guerreiros, Batalhadores, Engraçados	Brasileiros em geral	I (Completamente aplicável)

Associações Livres – Eles são	Grupos Associados	Egomorfismo
Sem-vergonhas, Corruptos	Brasileiros em geral	Não pertence ao Eu
Enganadores	Brasileiros em geral	Não Pertence ao Eu
Jeitinho malandro	Brasileiros em geral	III (Um pouco aplicável)

Práticas Narrativas sobre os Grupos

“Eu tenho a frase pra isso, porque... é a frase de uma música do Calle 13, conhece? ‘É um povo sem pernas, mas que caminha’ – é, é isso!”

“Corrupção do pequeno ao grande: fura fila, mal-educados, não respeitam os outros, não tem amor ao próximo [risadas].”

“O jeitinho é o típico – passar a perna... O problema é que isso até é inconsciente, a pessoa é boa e faz. Eu já fui corrupta alguma vez. O brasileiro precisa tanto sobreviver que ele tá fazendo coisa que não deve, o brasileiro é assim, infelizmente.”

Anexo 2 - Guião Entrevista Semi-Estruturada – zonas de (re) conhecimento dos estudantes brasileiros em situação migratória em Portugal

1º Bloco – Biografia

- Fale um pouco sobre você, seu nome, sua idade, seus sonhos e metas – quem é você?
- Como estava a sua vida antes de migrar, estava estudando ou trabalhando?
- Tem algum familiar português ou já tinha algum contato aqui em Portugal?
- Há quanto tempo decidiu migrar?
- Há quanto tempo está em Portugal?
- Quais os principais motivos da migração?

2º Bloco – Decisão Migratória (Identidade Visada)

- Aconteceu algo que lhe fez decidir migrar para Portugal?
- Como imaginava Portugal, tinha algum aspecto cultural, social, económico ou político que chamava a sua atenção e influenciou a sua escolha?
- Quais as situações, lugares ou possibilidades que esperava encontrar em Portugal?
- Imaginava ser tão diferente da sua cidade de origem, e, hoje, pode dizer que essas diferenças são tão grandes?
- Esperava que a língua fosse um fator facilitador?
- Tinha noção das diferenças linguísticas?
- Imaginava as diferenças culturais, sociais e políticas?
- Fez algum plano, tinha alguma informação privilegiada que lhe ajudou a organizar o projeto de estudar na U. Porto?
- Por que a U. Porto?

- Ao escolher estudar na U. Porto (especificar a faculdade e o curso) quais foram as suas expectativas para a sua carreira?

3º Bloco - Experiência em Portugal

- Esperava alguma recepção ao chegar no Porto? Como foram seus primeiros dias aqui?
- O que mais lhe surpreendeu?
- Em algum momento precisou de ajuda e não obteve, ou estava preparada(o) para imprevistos?
- Aliás, aconteceu algo que não esperava?
- Atualmente, em quais atividades está mais empenhada(o) – mantém uma rotina semelhante à que tinha no Brasil?
- Fale um pouco mais sobre sua vida na Universidade do Porto. Como está sendo a experiência na sala de aula, com os novos colegas, o aprendizado?
- O que vem percebendo de mais transformativo na sua performance acadêmica?
- Como foi o início do ano letivo, digo, como foram os primeiros contatos com a turma, com os professores, quais foram as suas primeiras impressões no ambiente da faculdade?
- A vida como estudante da U. Porto correspondeu às suas expectativas?
- Como é a relação com os seus colegas de turma? Tem amigos de outros cursos?
- Tem alguma relação mais significativa e que não esperava construir?
- Como percebe o nível de instrução da população portuguesa? É muito diferente do nível dos estudantes brasileiros?
- Acredita que tem mais saídas profissionais em Portugal do que no Brasil?

4º Bloco – Fronteiras do Reconhecimento

- Notou que as diferenças (sociais, culturais, etc.) diminuíram ou aumentaram? Como está lidando com tantas diferenças?

- Como as pessoas respondem quando você se apresenta como brasileira(o)?
- Na faculdade tem alguma dificuldade de apresentação ou de relação? E fora da universidade?
- Como está sendo a sua adaptação, isto é, mudou sua apresentação, melhorou a sua postura, está mais desenvolta(o) para conhecer pessoas e outras culturas, sente-se mais confiante para afirmar a si mesmo nos espaços?
- O que mudou em si que entende ser melhor para sua performance daqui para frente?
- Quem é você?

Anexo 3 - Transcrição das Entrevistas

Entrevistado 1: Frederico, o Antropófago

Curso: Licenciatura em Ciências Biológicas na FCUP – ingresso ano letivo 2018-2019

Idade: 22

Parte I – Imaginários e Experiências

***Investigador:** Assim, vamos começar simples. Fala o seu nome, o nome completo e se tem algum significado para você*

Frederico: Meu nome é Frederico Soares Morim. Tipo o que, o que eu acho do meu nome?

***Investigador:** Se você tem algum familiar português...*

Frederico: Eu, teoricamente... meu bisavô por parte de pai era português, ele foi para o Brasil quando era pequeno. Só que não existem documentos que comprovem que ele nasceu aqui [Portugal]. Por parte de mãe meu trisavô, também, eu acho, veio de Portugal.

***Investigador:** Suas origens são mais portuguesas do que...*

Frederico: Sim! Inclusive meus pais fizeram teste de DNA, e basicamente 60%, 70% europeia.

***Investigador:** Tem traços genéticos de nativos brasileiros, também?*

Frederico: Tem, tem. 3% acho, muito pouco, e 9% africano. E o resto quase tudo europeu.

***Investigador:** Fale sobre a sua cidade de origem.*

Frederico: Eu nasci no Rio de Janeiro, assim como meus pais. Minha família já vive no Rio de Janeiro a gerações... eu nasci numa família com boa qualidade de vida, digamos, classe média; meu avô tinha um pouco mais de dinheiro porque trabalhou na Petrobras.

Investigador: *Você estava estudando antes de vir?*

Frederico: Não, eu só conclui o ensino médio. Fiz o ENEM, também, e descobri em Janeiro de 2017 que tinha uma possibilidade de vir para cá [Portugal].

Investigador: *Como foi essa descoberta?*

Frederico: Basicamente, foi um bocado aleatório. Tem a minha tia, ela mora em Londres. E ela foi para o Rio nos visitar, e, ela tinha uma amiga que foi para a praia e falou que queria que a filha dela estudasse aqui em Portugal. Só que ela disse [para a tia] que não conseguia porque a filha dela tinha nacionalidade portuguesa, e mesmo sendo brasileira ela só podia se candidatar aqui sendo portuguesa e pelo exame nacional português. Com isso, minha tia pensou: o Frederico pode se candidatar pelo ENEM. Nisso ela me falou uma primeira vez e eu falei tipo “tá maluco, impossível! Ir para Europa não é possível, deve custar muito muito caro”. E pronto, depois disso nunca mais falei sobre. E depois de duas semanas, ela [minha tia] falou nisso de novo, e eu falei “pronto, vou procurar”. Logo, encontrei a Universidade de Coimbra, e era 7 mil euros por ano. E eu falei “ah, é realmente impossível de pagar isso”. E pesquisando mais achei a Universidade do Porto, daí eu vi que era só 1.500 euros por ano. Nisso eu vi que era possível, ainda mais na época em que o euro estava em 3 € e alguma coisa. Pronto, e aí, basicamente, foi muito rápido. Eu não estava mesmo à espera. Já tinha me candidatado para duas faculdades [no Brasil], tinha passado. Só que uma das faculdades em que eu estava [inscrito] e poderia ingressar, que era a UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), estava em greve há mais de seis meses. Então, eu não tinha uma oportunidade de ensino nessa faculdade, um futuro. E na outra, eu tinha, mas sabia que a qualidade não seria muito boa e quando descobri que o valor aqui era mais barato do que pagar uma Universidade privada no Brasil, eu falei “pronto, vamos pensar”.

Investigador: *Então, a sua tia que mora na Inglaterra foi mais importante do que o seu conhecimento sobre Portugal?*

Frederico: Sim, eu não tinha muito conhecimento. Eu acho que os brasileiros em geral não sabem muito o que se passa com as coisas aqui em Portugal. E eu acho que as coisas no Brasil: a crise, e a questão política que [foram fatores] começou a levar pessoas para

Portugal, e aí começou a ficar muito famoso quando “deixaram os estudantes virem também”.

Investigador: *Com o ENEM a fim de facilitar os processos?*

Frederico: Exatamente!

Investigador: *Sobre as informações, você focou mais nos valores?*

Frederico: Eu pensei nisso, e, obviamente, era muito bom ter uma experiência aqui na Europa, num outro país, num outro tipo de educação, pois acredito ser melhor do que a educação no Brasil. Até porque a faculdade que eu poderia ir [no Brasil] estava em greve há seis meses, inclusive vi uma entrevista na televisão, na época, de um estudante de Ciências Biológicas a falar que não sabia nada do curso e ele já estava a um semestre na faculdade. Então, isso me impactou assim tanto, que eu falei “ai, isso é uma ótima oportunidade para mim” [estudar em Portugal]. Ter um diploma europeu, não só pelo valor, mas por possibilidades futuras por ter diploma aqui na Europa, ou mesmo já uma nacionalidade portuguesa ficando alguns anos.

Investigador: *Você tinha alguma outra imaginação sobre Portugal, digo, quando escolheu Portugal você começou a pensar em como era Portugal, ou já tinha um imaginário típico?*

Frederico: Eu não sabia quase nada de Portugal, para falar a verdade o Porto eu nem sabia o que era. Eu sabia que o Porto existia por causa da Revolução lá do Porto, a Revolução Liberal do Porto – que a gente tem isso na História [do ensino básico brasileiro]. Fora isso eu não sabia nada de Portugal. Agora, quando eu comecei, quando eu me candidatei, eu já comecei a procurar muito [informações], porque assim em termos: eu não sabia que existia isso, essa oportunidade, e três meses depois eu já estava matriculado na faculdade, já estava me preparando para ir para Portugal. Foi muito rápido! E eu comecei a pesquisar muito, logo eu achei canais [do Youtube] brasileiros aqui do Porto, para ajudar a ter uma ideia de como seria a vida, o custo, a adaptação, e comecei a procurar uma casa para morar – também foi importante isso, olha...

Investigador: *E essas informações que você buscou nos canais do Youtube, ou mesmo outras informações da internet, coincidiram com aquilo que você tinha pesquisado?*

Frederico: Até que sim, porque aquilo que vi eram pessoas que estavam passando por aquilo que estou passando.

Investigador: *Você viu vídeos de estudantes?*

Frederico: Sim, de um estudante e de um casal que veio para trabalhar mesmo, que eram do Rio. [...] Bom, eu não sabia muito o que ia acontecer. Sabia que era uma coisa nova, e, portanto, sei lá, independentemente, conhecer gente nova, sabe? Eu queria mudar os ares. Então só achei que seria bom. Minhas expectativas não eram muito grandes, eu sabia que seria bom, não tinha muito jeito de dar errado. Então, bateram as expectativas como eu esperava, até superou muito em termos culturais, nunca pensei que Portugal era tão interessante! Acho que o brasileiro não conhece quase nada dessa cultura.

Investigador: *Quais aspectos?*

Frederico: Tradições, a cultura mesmo do português: aquelas terrinhas em volta das cidades, as tradições, as datas importantes do ano. A praxe, por exemplo, é uma coisa que ninguém sabe o que é, que é uma coisa super antiga, grupos musicais como as Tunas (agrupamento musical estudantil). O próprio fado não é bem conhecido no Brasil, tem algumas cantoras [conhecidas], mas não se entende muito, sei lá.

Investigador: *O que você esperava da língua, digo do falar português de Portugal?*

Frederico: Eu sabia que seria complicado. Porque todos os vídeos que eu vi os brasileiros falavam “no começo você não vai entender nada”. O português usa um tom diferente, a entonação é diferente, a maneira como fala as coisas, digo, a maneira como pensa as coisas é diferente, então, *yeah*, no começo foi difícil, eu não entendia, como as pessoas não entendiam muitas vezes. Principalmente em mercado, era o mais difícil – foi engraçado. Em amizade, no começo meus amigos eram sempre assim “olha, não estou entendendo o que você está falando” e eu respondia “também não estou entendendo o que você está falando”. Então, era sempre repetir várias vezes para manter a conversa.

Investigador: *E você foi superando essas diferenças no início?*

Frederico: Sim, sim.

Investigador: *Como foi essa superação?*

Frederico: Acho que a diferença entre muitos brasileiros e eu é que muitos brasileiros que vem para cá, a maioria, eu diria, convive mais com brasileiros. Encontra outros brasileiros e convive com eles.

Investigador: *Mesmo dentro da faculdade?*

Frederico: Acho que sim! Tipo, amigos meus [brasileiros] dentro da faculdade, tem muito mais amizade com brasileiros do que portugueses. E passam muito mais tempo com brasileiros do que com portugueses. Por isso o meu sotaque é mais português do que o de outros brasileiros que eu conheço. Porque quando eu cheguei aqui, eu não conhecia ninguém – eram mais três brasileiros no meu curso, uma casada, outra também casada, todos trabalhando, então não convivia muito com eles. Então, eu convivia sempre com portugueses e para mim cada mês novo era uma nova expressão que eu aprendia e coisas assim. Aí depois de um ano já percebi, quando fui ao Brasil, de férias, que já tinha mudado muito o sotaque, assim, em um ano!

Investigador: *Seus amigos [do Brasil] comentaram?*

Frederico: Nossa, assim, zoando [em tom jocoso] até. Nossa, tudo, assim, meus amigos [do Brasil] achavam muito engraçado a maneira como eu falava. Principalmente o “foda-se”, a expressão assim, que é mais estranha para os brasileiros.

Investigador: *E quando você chegou, esperava alguma recepção?*

Frederico: Sim, assim, eu esperava, porque já tinha visto no canal da U Porto. Porque a U Porto tem um marketing muito bom, ela sabe se vender – uma coisa de atrair o estudante. Não só pelo valor financeiro, [...] que até usam a praxe como um incentivo, como uma questão de melhor se integrar com os estudantes, né. Qual era mesmo a pergunta?

Investigador: *O que esperava da recepção?*

Frederico: Assim, eu esperava que ocorresse pelo menos um evento na reitoria com estudantes internacionais – e teve esse evento. E fui, deram kit, aquela coisa normal aqui do Porto.

Investigador: *E na faculdade?*

Frederico: E, depois, na faculdade, logo no primeiro dia em que fui me matricular, fui abordado por um estudante trajado falando da praxe. E eu já sabia que isso ia acontecer, já tinha visto vídeos de brasileiros falando sobre a praxe em diversos outros lugares. Eu não sabia como era a praxe do Porto – que era uma coisa que realmente eu não sabia como ia ser. Porque eu estava até nervoso, sabia que tem aquela coisa de inferiorizar o aluno mais novo, mas eu queria me integrar, achei que tinha que me integrar porque era o melhor pra mim. Porque como que você vai ficar sozinho num país, sem sua família, sem seus amigos, sem se integrar? Daí era uma possibilidade de eu não ficar aqui, por exemplo.

Investigador: *E como foi essa relação com a praxe?*

Frederico: A praxe [risadas], assim, eu entrei na praxe logo naquele primeiro dia, o estudante [da abordagem] levou-me até um lugar onde estava acontecendo a praxe, deu um livrinho com as regras de caloiro. Eu achei aquilo muito engraçado, porque o brasileiro não está muito acostumado com isso. Porque a praxe, tipo o [nosso] trote, geralmente, dura pouquíssimo tempo. [...] e a praxe aqui foi, basicamente, a maneira como usavam essa questão dos anos que as pessoas têm em curso para fazer uma hierarquia. [...] é meio sinistro, porque no começo é um ciclo de doutores trajados com você lá no meio, e basicamente o que estão fazendo são vários jogos e com todas as regrinhas deles. Você tem que falar “sim, senhor doutor”, “não, senhor doutor”. E eu fiquei tipo “ok, vamos lá!”. Eu era muito aberto, porque eu não sabia o que era normal e o que não era normal. Mas quando eu descobri que tinham frases para saudar as pessoas, e a frase era em latim [...] essas coisas tinham que fazer. E eu fui conhecendo. E, sem dúvida, a questão de eu ser brasileiro me ajudou, por falar coisas que eles não têm aqui, eles achavam engraçado.

Investigador: *Como assim? Dê um exemplo.*

Frederico: Por exemplo, teve uma vez, por conta desse dia muitas pessoas me reconhecem no cotidiano da faculdade, e dizem “ah, você é o menino que foi assaltado tantas vezes”. Porque eu contei uma história que eu fui assaltado várias vezes lá no Rio, e eles acharam engraçado isso por ser extremamente diferente da realidade deles, por eu normalizar aquela situação.

Investigador: *Como foi o seu tempo na praxe, digo, como foi a integração?*

Frederico: A praxe funciona assim, basicamente todos os dias [...] o que é engraçado. Mas, ao mesmo tempo, a praxe tem aquela coisa de hierarquia e de botar disciplina... [...] No começo eu ia bastante, e a praxe por não ser apenas do meu curso era uma coisa gigantesca, com centenas de pessoas, então era muito legal. E depois, quando foi apenas a praxe do meu curso, achei que já não foi tão legal, que eu não estava me integrando como na outra. Mesmo assim continuei, e o engraçado que conheci meus melhores amigos na praxe, e que no futuro me possibilitou entrar na Tuna (no segundo semestre).

Investigador: *E a Tuna alterou completamente sua aproximação com a comunidade portuguesa, digo, culturalmente?*

Frederico: Sim, sim, *yeah*. Conheci coisas muito estranhas. Quando eu voltar para o Brasil, qual vai ser o brasileiro que vai ter passado por essa experiência?

Investigador: *Consegue citar essa experiência? Você falou da música, do fado, etc., consegue citar algo dessa experiência?*

Frederico: Tem um amigo meu que é muito próximo que disse para eu ir a um ensaio da Tuna, como ele só me falava coisas boas daquilo eu falei “pronto, vou dar uma chance” [...] basicamente, eu entrei na Tuna, com aquele nervosismo de não saber o que vai ser, como serão as pessoas, se vou me integrar ou não... mas consegui me integrar, achei que a praxe da Tuna foi mais pesada do que a praxe normal, e isso na real a todo momento, vou voltar um pouco... quando na praxe falaram para eu ficar de quatro... e nesse momento eu falei pra mim “brother, o que está acontecendo?”. Eu saí olhando para o gajo que tinha mandado isso, e disse “que decepção, eu vindo toda hora aqui e vocês fazem isso”. Daí eu notei que para o português essa questão de um pouco de

inferioridade a outras coisas, digo, submissão, é muito mais comum do que para um brasileiro. Para um brasileiro é muito mais difícil dizer “ah, vou entrar ali”, porque muitas coisas não são da cultura dele. Para o brasileiro, isso, em geral, não faz sentido. [...] a praxe se transformou numa coisa que as pessoas estão ali e só querem praxar as pessoas. [...] Já na Tuna eu comecei a estar muito mais presente, conheci muita gente, eram dois ensaios semanais – de três a quatro horas.

Sebastião: Isso, três horas.

Investigador: *E vocês se conheceram na Tuna?*

Sebastião: Sim, mas depois dos anos começamos a andar mais juntos.

Frederico: Foi mais a Tuna que nos aproximou.

Sebastião: *Yeah.*

Frederico: Muita gente que eu conheço aí que anda na faculdade que eu conheço é por causa da Tuna. Inclusive acabei por deixar a faculdade mais de lado, naquele momento eu acreditava que usufruir de uma vida acadêmica melhor era mais importante para meu futuro mesmo aqui em Portugal.

Investigador: *Em que sentido?*

Frederico: Porque, tipo, meu pai veio comigo [para Portugal], tentou arranjar emprego e não conseguiu (em engenharia química). Quando meu pai foi embora eu senti: “agora estou sozinho aqui e vai ser difícil, porque não tenho ninguém aqui, nenhum familiar, não conheço ninguém praticamente, agora preciso me esforçar.” Porque, sabe, ficar sozinho é complicado nessas situações. Porque você vai passar por dificuldades, como passa em qualquer lugar, e não vai ter o apoio de ninguém. Então, eu estava procurando integração, e sabia que seria natural conhecer pessoas que eu iria gostar. E a Tuna possibilitou eu conhecer lados da cultura portuguesa, digamos, por ir aos festivais de Tuna, ver as bandas a tocar, o repertório que é um repertório mais animado, ou que pode puxar para um fado, mais ou menos.

Sebastião: Uma serenata!

Frederico: Uma serenata, coisas que eu não sabia, eu não conhecia nenhuma dessas músicas. Para mim, a experiência de ter de cantar em português foi uma coisa muito engraçada, porque até ajudou, facilitou, porque foi logo no primeiro ano que eu estava cá. Facilitou muito eu aprender a falar de maneira específica, por exemplo, se eu quiser ir a uma padeira agora eu posso ir falar em português e ele não vai saber que eu sou brasileiro. E essas coisas me ajudaram, na época, a perceber as expressões e até a emoção da música, coisas assim, sabe quando se cantam daquela maneira, e você percebe. Sabe, foi interessante. E viajei para algumas terrinhas para fazer atuações e coisas assim [...] conheci mais pontos em Portugal por conta de ir visitar as casas dos pais de meus amigos [...] daí cada vez mais a conhecer a cultura, porque você está na casa da pessoa, a comer a refeição que eles fizeram, um vinho que eles fizeram, coisas assim.

Investigador: *E aconteceu de apresentar a sua cultura [nacional] também? Por exemplo, você toca violão. Isso possibilitou a troca cultural e de outros traços culturais, digo, os traços que você se identifica enquanto brasileiro?*

Frederico: Todo mundo pergunta coisas do Brasil, mesmo a minha personalidade é evidente que eu sou brasileiro. E as pessoas acham engraçado, assim como a gente acha engraçado a maneira como eles falam. Então é sempre engraçado, a diferença. No começo. Mas geralmente não vai muito mais a fundo que a própria linguagem, seria mais uma questão do Brasil que são estereotipadas, por exemplo, a questão da violência, depois com o Bolsonaro, muitas coisas ligadas sobre o Bolsonaro. [...] A questão do violão, eu só fui aprender com um amigo português que me ensinou a tocar violão, mas nunca mais o vi. O meu interesse musical, assim, eu já gostava de música, mas minha visão sobre música mudou quando eu comecei a tocar violão. E eu só comecei a tocar violão porque eu entrei na Tuna, e eu pedi para esse amigo ensinar porque eu queria aprender alguma coisa para poder ficar na Tuna. Depois que eu saí da Tuna, por perceber que iria ficar muito desgastante para eu subir na hierarquia daquele grupo eu teria que saber um instrumento, eu sabia que isso ia demorar, e o meu intuito naquele grupo era socializar, beber e ir para festa. Daí eu comecei a aprender violão, e minha mentalidade da música mudou muito. Porque eu entendi o que era uma nota, o

que são intervalos, foi um progresso [...] e eu fui indo para o repertório brasileiro. Então com meus amigos isso é bom, pois toco as músicas tanto quanto ouço as músicas portuguesas. Mas na Tuna não cheguei a fazer essa troca, porque ainda não tocava guitarra.

Investigador: *Você não está mais na Tuna?*

Frederico: Não, mas foi mais pacífico. Tanto a praxe, como a Tuna, eu saí. Primeiro eu saí na praxe, mais por um desentendimento [...] mesmo me tornando doutor, depois de um ano, ainda somos praxados pelos mais velhos.

Investigador: *No seu desempenho, digo, na sua performance enquanto estudante, enquanto biólogo, o que você percebe de acréscimo de suas habilidades?*

Frederico: Eu diria que não tenho muito contato com estudantes brasileiros da mesma área. Eu posso dizer que nunca tinha ido a um laboratório na minha vida, em todos os colégios em que estudei não tinham laboratórios, pelo menos não entrei nele. Isso já quer dizer alguma coisa, os portugueses todos já tinham entrado num laboratório. Isso quer dizer que eu estava com menos preparo do que eles naquela altura. Em matemática, por exemplo, eles tinham mais preparo, eles sabiam o que é cálculo e nós não sabíamos o que é cálculo – coisas assim. E basicamente, primeiro foi difícil. Nas aulas, se um professor falasse muito rápido ou muito baixo, não entendia o que ele falava. No começo eu tinha tanto esforço para não tirar tanto proveito acadêmico, uma performance acadêmica. Depois da Tuna, veio o segundo ano e veio a coisa na cabeça que eu deveria melhorar, e melhorei. [...] Por outro lado, acho que a relação que os alunos têm com o professor, aqui em Portugal, é diferente da que existe no Brasil. Tipo, os professores aqui são “senhor doutor”...

Sebastião pergunta se pode interromper

Sebastião: *Tavas a falar na Tuna, um ano um professor entrou na Tuna. E não faz sentido um professor na Tuna, nos princípios deles não fazia sentido eles praxarem um professor universitário. Então o professor é considerado caloiro anores causa, [...] não és praxado*

e é um caloiro, não tá no mesmo nível dos aprendizes. A praxe inicialmente estava mais ligada ao seu aproveitamento acadêmico do que outras coisas...

Investigador: *Em geral, existe alguma diferenciação no tratamento para com os brasileiros na praxe?*

Frederico: Não senti, pelo menos no meu caso.

Sebastião: Não existe, o que existe é oficialmente uma cena para Erasmus: o conhecido caloiro paraquedista. Mas isso é tipo, de Erasmus que sabem [os membros da praxe] que vem passar um ano e vai embora.

Investigador: *Em geral os brasileiros gostam de participar da praxe?*

Frederico: Não, por ser muito diferente. Pra mim sempre foi a questão dos prós e contras, e mantive isso na balança, até o ponto de sair.

Investigador: *Questão sobre trabalho: como você compara oportunidades de trabalho aqui e no Brasil?*

Frederico: Primeiro, é preciso notar que pelo euro ter subido tanto, a minha perspectiva sobre trabalho mudou. Pelo menos para quem é suportado por algum parente, isso, junto com a pandemia, é muito impactante. Mas mesmo assim, minha perspectiva de trabalho era fazer o mestrado primeiro para conseguir um trabalho bom. Assim, é possível conseguir sem mestrado, na área clínica, por exemplo. Mas o que temos em mente é preciso ter mestrado para seguir como investigador, ou até um professor universitário, por exemplo, precisa fazer um mestrado e até um doutorado. E depois – ou um professor normal [do secundário] precisa fazer mestrado. Então eu tinha, basicamente, na cabeça, de fazer um caminho, para conseguir encontrar durante o curso a área que eu desejava encontrar como investigador. Mas é uma coisa que ainda não está certa na minha cabeça, e que falha um bocado, às vezes, a faculdade, em passar experiência profissional, em apresentar como vai ser a sua vida [do estudante] num laboratório [enquanto investigador].

Investigador: *Você está em qual ano do curso?*

Frederico: Na licenciatura há quatro anos, no terceiro ano do curso com estágio e mais algumas cadeiras.

Investigador: *Como está a experiência do estágio?*

Frederico: Estou aprendendo muita coisa, e uma delas é que não quero isso para o futuro. Mesmo assim vale muito a pena, o que não gosto é do lugar onde se situa o centro de investigação, pela questão da pandemia. E por ser um grupo muito profissional, são investigadores, mestres, doutores. Cheguei lá como o menorzinho, é natural, mas não consegui perceber o que tinha esse mestrado (conectado com o estágio) e nem tanto apoio quanto eu esperava – e isso me decepcionou.

Investigador: E também você ainda vai ingressar no mestrado, e tem muita expectativa com essa fase?

Frederico: Assim, justamente pela questão da Universidade do Porto, pelo aumento das propinas, terei de decidir o lugar onde eu vou. Se calhar aqui é muito caro, mais concorrido, aqui é muito caro. Se calhar em Braga é mais barato. Eu prefiro ficar aqui do que voltar para o Brasil.

Investigador: *Então pensa em ir para Braga, ingressar na Universidade do Minho?*

Frederico: Não vou ingressar no mestrado já para o próximo ano, pelo aumento para 2800 € para alunos estrangeiros. Logo a minha ideia é conseguir algum trabalho no ano que vem e esperar completar cinco anos aqui em Portugal, para solicitar a nacionalidade portuguesa e poder ingressar como estudante nacional, pagando assim o mesmo valor de propinas.

Investigador: *Fale um pouco sobre o seu trabalho na biblioteca, como está essa experiência?*

Frederico: Então, a U Porto tem uma bolsa, a bolsa de colaboradores. [...] Para mim o trabalho na biblioteca está a ser ótimo. Estou sendo muito bem tratado, estou aprendendo muita coisa em relação a livros em geral, aprendendo muito da própria área

da faculdade (como aquilo funciona por dentro). Não sabia como era difícil manejar [organizar] uma biblioteca.

Investigador: *Para o mercado de trabalho português, quais os seus principais destaques?*

Frederico: Eu acho que é difícil de arranjar emprego no mercado de trabalho português, agora ainda mais pela situação pandêmica. Eu acho que os brasileiros sofrem em geral [aqui no mercado de trabalho], principalmente porque muitos brasileiros chegam irregulares – todos os brasileiros que conheço, que vieram de maneira ilegal, todos sofreram abusos por parte dos empregadores. [...] desde a não ganhar o dinheiro que um trabalhador deveria ganhar, mesmo não ter folgas. E coisas absurdas que já me disseram. [...] Eu, à parte, acho que estou num lugar muito específico, acadêmico, e tal, estudante. Mas acho que vou sofrer num outro espaço.

Investigador: *Essa visão advém das pessoas que moram com você? Eles relataram isso?*

Frederico: Sim, já passaram por experiências traumáticas mesmo. Chegaram em Portugal com uma promessa de trabalho e no final se encontram morando num lugar horrível, dormindo num colchão no chão, sem acesso a água quente. Sendo explorados, por chegarem ilegais, no meio da pandemia, e ficaram sujeitados à vontade do empregador.

Entrevistado 2: Jean, o flâneur militante

Idade: 36

Curso do Entrevistado: Licenciado em Geografia, 2007; Mestre em Meio Ambiente 2008-2010; doutorando em geografia na FLUP

Parte I – Imaginários e Experiências

***Investigador:** Diga o seu nome, sua região de origem.*

Jean: Meu nome é Jaques, tenho 36 anos. Sou nascido e criado na Bahia. Mas antes de Portugal eu estava trabalhando, e é o meu trabalho até hoje, sou concursado no Estado do Piauí. Minhas experiências são do nordeste brasileiro, com ressalva agora com uma participação (co-tutela) no doutorado na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), no ano de 2017.

***Investigador:** Em qual área você está concursado?*

Jean: Eu estudo educação, trabalho no instituto federal do Piauí - sou professor do ensino médio, técnico e tecnológico.

***Investigador:** Pode falar mais um pouco sobre sua formação de origem...*

Jean: Eu fiz licenciatura [habilitação para docência] em Geografia, concluí a licenciatura em 2007. Em 2008, entrei para o mestrado em Meio Ambiente, o qual concluí em 2010. A partir daí fui para o mercado de trabalho, fazer concurso, ganhar experiência na área – tive um hiato, bem grande, para iniciar o doutoramento. Iniciei o doutoramento em 2017 na Faculdade de Letras da U Porto, no final de 2018 eu comecei o processo de co-tutela na Unicamp, para eu obter dupla diplomação, ter orientador lá... uma série de vantagens... [...] Desde agosto de 2019 que eu sou aluno das duas instituições.

***Investigador:** Como foi a sua decisão pela FLUP, pela U Porto?*

Jean: Então, quando eu prestei para a seleção eu fiquei com um pouco de dúvida, porque eu queria o doutorado em Geografia – que é a minha área –, pois eu já tinha

saído um pouco da área, mesmo o mestrado em Meio Ambiente sendo interdisciplinar, eu queria focar o doutorado em Geografia. Analisando as possibilidades aqui [Portugal] eu fiquei na dúvida entre Coimbra e o Porto. Porque a propina lá [Coimbra] é muito mais barata, e o Porto eu já tinha aquela ideia de ser uma cidade maior, uma cidade com maior movimento, que tem mais vida. Eu não queria passar quatro anos fazendo o doutorado no interior... eu já tenho uma história toda de morar no interior – eu fiz concurso numa cidade do interior do Piauí, são 30 mil habitantes na cidade... Então, eu queria um lugar que eu pudesse circular mais, que a experiência do doutorado fosse para além da experiência acadêmica, que desse uma bagagem de experiências com pessoas de outros lugares, de viagens, e aqui o Porto é estratégico... é uma cidade que tem tudo que a gente precisa, e com qualidade.

Investigador: *Você tem algum laço de parentesco europeu?*

Jean: Eu tenho o meu avô, que é suíço – ele mora lá ainda. Mas eu não tenho cidadania, não tenho nada, só o nome estranho aí [risos].

Investigador: *Então a escolha por Portugal não foi por nenhuma semelhança?*

Jean: A escolha por Portugal, em 2017, foi quando eu estava já aprovado em Campinas no doutorado – mas como eu te falei, eu queria que o doutorado fosse para além da academia. Na Unicamp eu teria uma instituição fantástica, eu teria publicações, congressos, eventos... e tudo aquilo que tange o universo acadêmico, mas eu iria ficar restrito nas experiências que eu queria, que é a experiência de mundo – porque eu sou geógrafo! Eu queria ter contato com culturas, com paisagens diferentes... eu falo nas minhas aulas das paisagens, dos climas, etc. Eu queria ter essa oportunidade aqui para vivenciar, para mergulhar mesmo nessa variedade de culturas. Só que a escolha por Portugal... [...] porque eu poderia ter ido para Espanha, eu poderia ter ido para outro país. Na altura, eu pensei Portugal, primeiramente, pelo idioma, hoje eu tenho uma base de inglês, mas quando eu cheguei o meu inglês era zero, zero, zero. Fiz o inglês aqui pela necessidade, porque nas minhas realidades brasileiras o inglês não era algo que me incitava, porque eu não tinha contato com pessoas de outra cultura – leitura era esporadicamente. Mas quando eu cheguei aqui e você vai para uma roda de conversa e

todos estão falando inglês, e você não entende muito o que está acontecendo... aí acendeu assim, opa, quanto é importante para se comunicar e se locomover. A segunda, pela falsa ilusão de que nós somos tão próximos, de que o brasileiro e o português, pelo encontro da língua, que a gente tivesse semelhanças para além disso. Mas eu acho que é um equívoco muito grande! Nós temos um abismo cultural muito grande. Acredito que nós nos assemelhamos muito mais a alguns outros países, algumas outras nacionalidades, por exemplo, espanhóis, italianos [...] eu fui perceber isso aqui, porque antes eu pensava “Ah, fala português...”.

Investigador: *Você sabia das diferenças de dialeto?*

Jean: Eu não falo nem do dialeto, porque, assim, pela língua em si, pela língua portuguesa, mesmo com as variantes, nada impede a comunicação. Eu acho que o que impede a comunicação é a cultura, que é muito diferente. A forma como a gente se comporta, as experiências de mundo, é uma questão cultural mesmo... Eu penso que o português é bem mais retraído, e a gente é muito expansivo. [...] O que acaba sendo suprido, aqui, pela presença de muitos brasileiros. Porque eu não tenho amigos portugueses, estou aqui desde 2017 e não tenho nenhum amigo português que eu saia, que eu vá jantar, que eu me relacione... e, querendo ou não, aqui em Portugal, como tem um grupo muito grande de brasileiros... Quando eu cheguei aqui fui para uma residência universitária com um grupo muito grande de brasileiros, a residência universitária Alberto Amaral, então essa carência de socializar é suprida pelo grupo de brasileiros que circula.

Investigador: *Como foi o encontro com os grupos de brasileiros na Alberto Amaral, e mesmo na sua turma?*

Jean: Então, na minha turma é curioso porque são apenas seis alunos, e cinco são brasileiros! Apenas um português na turma, com o qual não tenho contato. Tem um grupo no doutorado, mas o português não está – também, no doutorado a nossa relação foi muito instantânea. Nós tivemos aula por quatro meses, no doutorado inteiro. Então, nesses quatro meses, que a gente se via na sexta e no sábado, não foi suficiente para criar um vínculo de turma. Porque, pronto, a gente cumpriu o protocolo de sexta e

sábado, apresentar os trabalhos, assistir às aulas, mas depois cada um ia para a sua vida, para os seus afazeres. E os brasileiros, por ter essa questão de abordar “Ah, hoje vamos tomar uma geladinha [cerveja]”, com os brasileiros chegamos a ter oportunidade de sair e tal, mas não foi criada aquela sensação de turma, aquela sensação de “turma do doutorado do ano de 2017.18”

Investigador: *Qual a idade do estudante português?*

Jean: Nossa, acho que o Antônio – ele era mais velho –, devia ter uns 50 e tantos. Um senhor super agradável! Mas não tivemos tempo para estreitar laços, mas uma pessoa super agradável.

Investigador: *Vamos retornar a como você imaginava Portugal. Além do idioma existia algum outro imaginário em que esperava encontrar semelhanças?*

Jean: Eu acredito assim, a gente pensa que por falar o mesmo idioma a gente vai se relacionar muito mais facilmente... Mas logo ficou claro que não. Tanto que eu tenho amigos italianos, espanhóis, eu tenho amigos de vários lugares, mas eu não tenho amigo português... E eu vim para cá com o meu inglês quase zero, mesmo não falando o mesmo idioma a gente consegue se comunicar... Por essas nacionalidades estarem como eu estou, somos imigrantes, estamos fora de casa, vamos nos abrir mais do que quem está em casa. [...] Além da questão cultural, tem esse fato de que eles [os portugueses] não estão aqui de passagem, por seis meses... estão aqui a vida inteira.

Investigador: *Você não pensa em construir vida aqui em Portugal?*

Jean: Não, eu não penso. Porque eu sou concursado no Brasil, e o meu trabalho me liberou para poder estudar – o chamado período de capacitação. E pelo contrato após esse período vou precisar retornar, pois nesse período continuei recebendo o salário para manter os estudos (capacitação), então, por eu não ter bolsa, eu trago o meu salário do Brasil. Assim que acabar o período de formação aqui vou ter que cumprir o tempo de capacitação.

Investigador: *Quando você decidiu fazer o doutoramento aqui, você procurou informações sobre a Universidade do Porto?*

Jean: Primeiro eu procurei pela cidade, porque o lugar importava muito. Eu não queria Lisboa, porque já é uma cidade grande demais para o que eu queria, digo no sentido da dinâmica – eu não queria uma cidade do interior nem uma cidade com um fluxo tão grande como Lisboa. O Porto é esse meio termo, e fora que a cidade é muito linda – eu sou encantado pela cidade. Eu posso sair 300 vezes e as 300 vezes vou sair elogiando e achando a coisa mais linda do mundo. [...] Sobre a universidade, o meu orientador de Campinas fez pós-doutorado com a minha orientadora daqui, essa parceria prévia possibilitou que eu fosse apresentado a uma professora antes de chegar – tipo, olha, a linha de pesquisa é essa, etc. [...] Como eu queria trabalhar com o tema do meu orientador do Brasil e ele já tinha trabalhado com essa professora daqui, que é uma professora fantástica! A gente tem uma relação muito boa, muito saudável. E, pronto, foram essas duas questões, a da cidade e da orientadora, por isso não optei pelo doutoramento em Coimbra, mesmo sendo metade do valor daqui. [...] **Na época** falei com um amigo que estava no doutorado em Coimbra, e ele disse “Jean, se o seu propósito no doutorado é a questão de aproveitar a vida fora da universidade, então não escolha Coimbra”. **Então ele explicou como era Coimbra:** “Coimbra é uma cidade com muitos jovens que retornam para as suas casas”, logo, eu teria uma vida de interior, e esse não era o meu propósito.

Investigador: *Para além da cidade, o que mais lhe surpreendeu ao chegar no Porto?*

Jean: A gente sai de um país em que o abismo social é muito grande, então, assim, quem é rico você percebe que é rico, porque as casas, o bairro, é tudo muito, gigante, luxuoso. E os mais pobres também é muito perceptível, são as favelas, os barraquinhos, áreas de ocupação irregular. Então esse abismo que a gente vive no Brasil, que não permita que todos possam circular, segurança e saúde e coisa e tal. Não tem como não se chocar! Esse choque que a gente tem da pobreza do Brasil [...] Quando eu cheguei aqui em Portugal essa pobreza não gritava na paisagem, eu passava num bairro pobre, mas não tinha ideia que fosse um bairro pobre, porque a ideia que temos no Brasil é de uma pobreza extrema. [...] Então, assim, você andar numa cidade pelas duas da manhã, pelas três da manhã, como se estivesse na sala da sua casa, sem essa preocupação com a violência, não tem como não ficar fascinado. É pra mim uma experiência nova! Eu morei

em cidades como Salvador, e até cidades menores, como Itabuna, que é a cidade dos meus pais, que é uma cidade extremamente violenta. (continuar aos 27 min – sobre a performance acadêmica ele chega a dizer o que esperava do doutoramento ao comparar a formação no Brasil)

Investigador: *O que o doutoramento trouxe de aprimoramento na sua performance acadêmica?*

Jean: Além da atividade do doutorado, eu cheguei a fazer o curso de inglês durante dois semestres na U Porto – é um curso com muita qualidade. Em termos do doutorado eu esperava mais, eu acho que existe diferença da pós-graduação aqui e no Brasil. E, claro, existem as diferenças entre os cursos, por exemplo, tenho uma amiga que cursou o doutorado em História na U Porto. Ela, sim, teve um ano de disciplinas... e o que chamamos de disciplina no Brasil é diferente do que acontece aqui; lá é um professor que trabalha conceitos, autores, métodos durante um período. O que aconteceu comigo na Geografia foram aulas com professores diferentes que apresentavam seus estudos. Foi bom, mas não era aquilo que eu esperava de poder pegar uma disciplina, por exemplo, de bacia hidrográfica e com a disciplina poder conhecer autores, metodologias na área, etc., etc. Então, teve essa diferença, pelo menos na Geografia. [...] Com a oportunidade da co-tutela eu me senti contemplado com a abordagem das disciplinas que eu esperava. Quando eu voltei para a Unicamp, eu peguei três disciplinas obrigatórias, o que me ajudou muito.

Investigador: *Quando retornou ao Brasil para a co-tutela na Unicamp?*

Jean: Em agosto de 2019. A ideia era realizar trabalho de campo em 2020, mas com a pandemia alterei a metodologia. Por ter alterado para entrevistas remotas, foi possível ponderar ficar em Campinas ou voltar para o Porto. Como Campinas tem um custo de vida muito alto, equiparado ao Porto, mesmo com a conversão ao euro... eu falei “Bom, vou voltar ao Porto. Porque a pandemia vai ser controlada mais fácil, a vacina vai chegar primeiro, e a saudade mesmo que eu já estava de alguns amigos.” Eu cheguei em outubro, depois de sete meses em confinamento, sozinho, em um apartamento em Campinas.

Investigador: *Como ocorreu a diminuição das diferenças? Sei que você teve poucos contatos com alunos portugueses, mas mesmo assim, com o tempo, como foi a aproximação depois que percebeu a existência das diferenças culturais?*

Jean: Isso é muito relativo... mas como é a minha experiência, eu acho que não. Nesse sentido a gente não pode deixar de falar na xenofobia, mesmo com todos os recortes “homem branco, que não precisa trabalhar, etc”. Muito do que existe de opressão em Portugal é muito velado, no Brasil estamos em outro patamar na discussão sobre isso – talvez porque estamos em outro patamar, digo pela violência dessas opressões... que a resistência precisa ser maior, logo, fomenta as discussões no ambiente universitário, a entrega dos professores nessa abordagem, dos alunos. Eu acho aqui tudo isso muito silencioso, como se não tivesse acontecendo nada. Mas eu acho que precisamos tocar na questão da xenofobia, precisamos tocar na questão da relação do colonizador e do colonizado, mesmo após 500 anos. Existem referências na memória dos portugueses sobre outras migrações brasileiras, essa memória é muito forte, eles não tiram da cabeça essa memória do “brasileiro que vinha pra cá para enganar, para roubar”, da “brasileira que vinha para se prostituir”, mesmo com o volume crescente de brasileiros, hoje, trabalhando, estudando, que deixam dinheiro em mercados, bares, e espaços universitários – que não são baratos para gente. Ainda assim é preciso tocar nessa questão! Eu já fui barrado, por exemplo, em bares. [...] Quando eu cheguei, o português não soava tão bem aos ouvidos, porque eles estão acostumados com o nosso sotaque – pelas novelas, etc –, a gente não tem esse costume com o sotaque português. Então, assim, na primeira semana, no primeiro mês, até para entender os professores não era tão simples, eu tinha que ficar muito atento para não perder o raciocínio.

Investigador: *Sobre a sua apresentação, você alterou sua forma de apresentação, digo, não apenas por uma postura para submissão, mas, também, pela perspectiva de estratégias de posicionamento para destaque – por exemplo, como foi aprimorar o seu conhecimento de língua inglesa e fazer amigos de outras nacionalidades?*

Jean: Assim, como eu te falei, quando eu percebi que a língua era uma barreira para conhecer outras culturas, eu fui me dedicar ao inglês, eu fui fazer intercâmbio em Malta

para acelerar o processo. Quando eu voltei de Malta, eu percebi que podia mergulhar em outros universos, acabei não sentindo tanta falta [de relações]... Acho que temos de fazer aquilo que estamos com vontade, temos de fazer conforme o que as outras pessoas querem e podem. Então, assim, a gente não pode forçar nenhum tipo de relação. Se você está num ambiente, chegar uma pessoa para conversar e você gostar do diálogo, pronto. Falar inglês aqui foi fundamental para chegar nesses espaços e poder criar relações. Por exemplo, estou na residência, ao chegar na cozinha tem uma indiana, ou tá um chinês, ou alguém de algum outro país, logo, é impossível que você entenda o idioma deles e que ele entenda o seu... nesse sentido, a língua inglesa é o encontro. Para coisas básicas, para perguntar se está tudo bem, como está a vida. Senão meu grupo ficaria, basicamente, entre brasileiros.

Entrevistado 3: Melissa

Idade: 32

Curso do Entrevistado: Graduação em Química na Unicamp (2010-2017); Mestrado em Métodos avançados em análise clínica e acreditação de resultados na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (2019-2021), em conclusão.

Parte I – Imaginários e Experiências

Investigador: *Fale seu nome, sua idade e região de origem, por favor.*

Melissa: Meu nome é Melissa Santos, tenho 32 anos e sou de uma região do interior de São Paulo, a cidade de Campinas.

Investigador: *Fale um pouco da sua formação acadêmica...*

Melissa: Sou bacharel em Química na Unicamp, cinco anos cursados (2010-2017).

Investigador: *Como foi a decisão em estudar Química?*

Melissa: Durante o ensino médio eu já fiz o colégio técnico na área de Química. Em seguida, fiz outro curso técnico em Bioquímica. Como estava gostando muito da área, acabei por ir para graduação. Até o 9º ano estudei em escolas particulares, a partir do ensino médio fui para o técnico em Química.

Investigador: *Já realizou alguma experiência internacional?*

Melissa: No final de 2014 eu fiz um intercâmbio nos Estados Unidos, fiquei um ano e três meses lá. Tranquei a graduação para fazer *aupair*, com o objetivo de ter a experiência de viver em outro país, de aprimorar a língua inglesa, e por eu gostar de crianças escolhi a oportunidade de fazer o *aupair* – então deu certo. Voltei em 2017, terminei a graduação em Química e comecei a trabalhar.

Investigador: *Quando você decidiu migrar?*

Melissa: Na verdade, eu não tinha certeza que viria para cá. Eu só sabia que queria sair do Brasil.

Investigador: *Algum motivo em especial?*

Melissa: Ah, porque eu gostei de morar fora. A experiência nos Estados Unidos foi muito boa, infelizmente não consegui ficar mais tempo porque precisava terminar o curso na faculdade e pela dificuldade de visto para se manter regularizada – então, acabei voltando.

Investigador: *Como foi a escolha pela U Porto?*

Melissa: Até então estava querendo ir para o Canadá, mas era só para trabalhar. Mas o processo estava bem lento, eram muitas coisas para conciliar, precisava do visto antes de sair... Em dezembro de 2018 comecei a procurar mestrados na Europa. Na Alemanha já estava fechado, olhei em outros países e já tinha passado o processo de inscrição. Como aqui abria em janeiro aqui em Portugal, gostei bastante do curso da U Porto, o programa de acesso como membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) também chamou minha atenção, isso ajuda um pouco na questão financeira.

Investigador: *Como foi a sua pesquisa sobre a U Porto?*

Melissa: Pesquisei mais a fundo só depois que fiz a matrícula! Era dezembro quando vi pela primeira vez o programa da U Porto, e já em janeiro abria as inscrições. Assim, comecei a juntar a documentação, e só depois que já estava dentro do prazo, com a documentação organizada, que fui pesquisar com mais calma.

Investigador: *O que mais te tocou durante a experiência nos Estados Unidos, ao ponto de decidir continuar na trajetória migratória?*

Melissa: Eu acho que mais pela organização, ver as coisas funcionarem, o sistema funcionar, a segurança (principalmente) – mais por ser mulher, porque no Brasil tem muita violência contra mulher. Tanto nos Estados Unidos como aqui eu sinto que posso andar à noite. E, claro, as possibilidades de crescimento social, em poder trabalhar e ter um salário para construir uma vida mais confortável.

Investigador: *Você esperava encontrar algo aqui em Portugal que fosse semelhante nos Estados Unidos?*

Melissa: Não, eu já imaginava que fosse diferente. Até porque eu nunca tinha visitado a Europa. Mas eu achava que no quesito das coisas funcionarem eu já achava que seria melhor do que o Brasil, nesse sentido imagina igual aos Estados Unidos.

Investigador: *As coisas funcionarem em qual sentido?*

Melissa: Ah, transporte público, serviços em geral, infraestrutura.

Investigador: *Você pensou na língua ao escolher Portugal?*

Melissa: Não... Na verdade eu até esperava que o meu curso fosse em inglês, para eu continuar praticando, mas falam português mesmo.

Investigador: *Quando chegou sentiu alguma dificuldade com a língua?*

Melissa: Sim, porque eles têm muito sotaque. No começo eu não conseguia entender nada [risos], eles falam muito rápido (os portugueses). Mas com o tempo você vai se adaptando...

Investigador: *Quando chegou em Portugal esperava alguma recepção?*

Melissa: Não, eu estava sozinha – não conhecia ninguém. Quando começaram as aulas é que fui fazer as amizades, e as pessoas acabaram por me ajudar.

Investigador: *Tinha algum aspecto cultural, político ou econômico que chamava a sua atenção em Portugal?*

Melissa: Apesar de querer que a língua fosse inglesa, a questão de ser o português ajudou bastante na adaptação. Do resto acho que... eles não são tão acolhedores quanto os brasileiros, mas não são tão frios quanto os americanos – achei um meio termo.

Investigador: *Você esperava que Portugal fosse tão diferente do Brasil?*

Melissa: Não... É que em várias partes é bastante parecido com o Brasil, mas em outras é bem diferente. Em algumas coisas fiquei bastante surpresa, em outras pensei “que bom que é parecido, que bom que é igual”. [...] São um pouco acolhedores, não como os brasileiros, mas são. Tanto que tenho amigos portugueses, e eu não esperava isso. Por exemplo, nos Estados Unidos eu quase não tinha amigos americanos. [...] Aqui são amigos portugueses do curso, claro, mas, também, amigos que a vida me trouxe.

Investigador: *Sobre o curso, como foi o início? Tem algum brasileiro na sua turma ou você é a única?*

Melissa: Não, eram quatro brasileiras (contando comigo). Nós éramos em 12, a maioria era português. No início formamos um grupo entre as brasileiras, depois tivemos que quebrar a barreira com os portugueses. Mas assim que a gente começou a falar, a puxar assunto, eles acabaram sendo bem receptivos. Nós brasileiras éramos mais velhas, eles mais novos.

Investigador: *Você disse que encontrou pessoas muito especiais na sua trajetória aqui em Portugal, onde foi esse encontro?*

Melissa: Dentro do curso teve, mas a principal pessoa foi fora da faculdade. A principal pessoa é uma portuguesa, a conheci por um grupo de amigos brasileiros, ela foi uma pessoa super aberta que eu não imaginava encontrar, super com o coração aberto, para tudo o que você precisar. Ela trabalhava de recepcionista no hostel em que fiquei

hospedada quando cheguei, mas o engraçado foi que não a conheci nessa época. Eu a conheci por uma amiga que também trabalhava lá, e eu frequentava o hostel para almoçar e em festas, num dia, a conheci. [...] No curso agora estamos mais distantes, mas é pelo momento da dissertação... cada um está com um projeto, alguns estão em estágio em empresas, são poucos que ficam aqui nos laboratórios da faculdade. Mas estamos sempre nos falando pelo whatsapp.

Investigador: *Como foi o decorrer do curso de mestrado?*

Melissa: Olha, foi bastante exigente. Eu senti que estava na graduação, porque eram aulas de segunda a sexta, das 9 da manhã às 6 da tarde. Eu imaginava o mestrado com poucos créditos e já começar a tese. Eu tinha percebido a grade, mas não imaginava tão puxado.

Investigador: *Sobre o seu desempenho, sente que conseguiu aprimorar as suas capacidades?*

Melissa: Muitas cadeiras eram bastante parecidas com as do Brasil, foi bom para dar uma revisão. Mas aqui focaram na parte de programas que a gente acaba usando nos laboratórios, mesmo que teoricamente fosse uma revisão nessa parte de laboratório, foi muito boa.

Investigador: *Como você percebe o mercado de trabalho em Portugal?*

Melissa: É bem menor do que no Brasil, pelo menos na parte de química analítica. Mas eu quis sair do Brasil porque na minha área, na segunda empresa em que fui trabalhar, foram muitos casos antiéticos, com falta de profissionalismo – tanto da empresa como dos funcionários. Na avaliação de remédios deixavam passar as regras...

Investigador: *Quando você se apresenta como brasileira, como você se sente e como é a recepção?*

Melissa: Depende da faixa etária, normalmente as pessoas mais velhas ficam mais fechadas. Às vezes percebo uma ou outra diferença no tratamento pela generalização

dos brasileiros, mas sei que vai ter isso no resto do mundo, porque não é a nossa terra – seremos estrangeiros de qualquer forma.

Investigador: *Em qual sentido a generalização?*

Melissa: Ah, acho que a ideia de o brasileiro sempre querer fazer as coisas erradas, de a mulher ser puta... Tem de quebrar esse preconceito sempre, tanto no profissional como nas relações pessoais. Porque sempre que falo que sou brasileira, as pessoas não esperam que eu saiba mais que elas, ou só acham que estamos aqui irregulares para trabalhar em serviços da restauração, etc. Então, acabo tendo que quebrar e dizer “Não, eu sou assim...”

Investigador: *Como funciona essa ruptura?*

Melissa: Eu vou demonstrando, através das minhas habilidades. Apresento a segurança de quem eu sou.

Entrevistado 4: Marcelo, o diplomata ou o internacionalista

Idade: 23

Curso do Entrevistado: Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Veiga de Almeida (UVA), graduado em dezembro de 2018; cursando o mestrado em História e Relações Internacionais na FLUP – ingresso ano letivo 2019-2020

Parte I – Imaginários e Experiências

Investigador: *Vamos começar do simples, diga o seu nome, a sua região de origem e sua formação universitária.*

Marcelo: Meu nome é Marcelo. Eu nasci no Rio de Janeiro, sou nascido e criado lá. Fiz a minha graduação no Rio, em Relações Internacionais. Assim que eu terminei a graduação, eu decidi fazer o mestrado aqui na Universidade do Porto.

Investigador: *Fez a graduação em qual universidade?*

Marcelo: Na Universidade Veiga de Almeida, uma universidade privada do Rio de Janeiro.

Investigador: *Está localizada em qual região?*

Marcelo: Próximo ao Maracanã [estádio], na capital – era ruim que, às vezes, na hora dos jogos (eu queria ir ver), eu sou flamenguista... eu queria ir lá, mas não dava porque tinha aula [risadas].

Investigador: *Como foi a escolha para fazer o mestrado na U Porto?*

Marcelo: Eu sempre pensei em fazer o mestrado, sempre quis fazer uma pós-graduação. E queria fazer uma pós-graduação no exterior. Primeiro porque a minha área não é tão, vamos dizer assim, não é tão desenvolvida ainda no Brasil – tem algumas universidades que são muito boas como a UNB (Universidade de Brasília), e a própria PUC (Pontifícia Universidade Católica), mas a PUC é muito cara... e às vezes, vale mais estudar no exterior do que na própria universidade [brasileira]. E eu queria ter uma experiência profissional e estudantil no exterior, até pela graduação que eu fiz. [...] eu já estava decidido, e pronto. Na metade da graduação eu já decidi fazer o meu mestrado... não sabia onde, mas decidi por Portugal – primeiro pela similaridade na cultura, também, porque uma boa parte da minha família é daqui do norte mesmo de Portugal. Então, decidi vir aqui para o Porto, é uma universidade muito conhecida na Europa, acho que é uma das mais antigas, uma das melhores em educação, por exemplo, no mestrado de Educação – então, eu decidi vir, olhei a ementa e pronto.

Investigador: *A sua família vive no Porto?*

Marcelo: Não, não... a família da minha avó é toda da ilha da Madeira. Da minha vó em diante foram todos para... àquela parte do Gêres, em Ponte da Barca. Eles migraram para o Brasil há cerca de 35 anos [...] Na época o Brasil era o país do futuro, tinha muitas oportunidades de emprego.... e migraram para o Rio...

Investigador: *Você vivia muito próximo deles?*

Marcelo: Sim, sim. Mas não fizemos muitas viagens a Portugal. Vim uma vez, antes disso [do mestrado]. A minha vida quase toda foi no Brasil mesmo.

Investigador: *Mas você já tinha um conhecimento da cultura, da língua?*

Marcelo: Sim, sim. A minha vó ainda tem o sotaque... minha mãe não, minha mãe já perdeu. Faz muito tempo que ela está lá, ela se sente mais brasileira do que portuguesa.

Investigador: *Faz quanto tempo que está no mestrado?*

Marcelo: Estou no Porto desde agosto de 2019, eu tive um hiato entre a minha graduação (terminou em dezembro de 2018) e o meu mestrado, que começou em setembro de 2019. Nesse intervalo eu estive em França, para estudar francês, fiquei lá 6 meses. E depois fui para o Rio para passar as férias, e vim pra cá de vez para fazer o mestrado.

Investigador: *Como foi a sua experiência em França?*

Marcelo: Foi muito boa, muito boa. Eu gosto muito de conhecer culturas, foi um dos motivos de eu ter estudado Relações Internacionais. O francês [a língua] nunca me encheu os olhos, eu fui para lá para aprender o francês, porque tenho em minha cabeça um sonho de ser diplomata. E no concurso eles pedem a língua francesa. E eu fui para lá, e não sabia nada... Para nós que somos brasileiros é uma língua bem mais fácil de aprender do que outras anglo-saxônicas, como o alemão... então, eu acabei por me sair muito bem e logo vim para o Porto. Foi muito bom, foi uma experiência muito boa...

Investigador: *Culturalmente também?*

Marcelo: Também! Conheci a minha namorada lá, ela está até hoje comigo – ela é da Holanda. Ela foi estudar francês, e pronto.

Investigador: *Vocês estão vivendo juntos?*

Marcelo: Sim, estamos. Ela veio morar comigo em meados de janeiro [2021].

Investigador: *Foi uma experiência muito enriquecedora?*

Marcelo: Sim, enriquecedora em todos os sentidos!

Investigador: *Teve alguma dificuldade?*

Marcelo: No início a dificuldade da língua, pois, eu não falava nada de francês. E os franceses são muito fechados em relação ao inglês; se você tentar falar em francês com eles vão tentar encaixar um inglês, mas eles gostam mesmo que você tente falar o francês. Se você souber falar com eles, você vai ser super bem tratado. Depois que você se torna amigo deles, os franceses são muito gente boa! Mas antes tem aquela, aquela.... eles são mais fechados.

Investigador: *Sobre o mestrado, você esperava algo a mais do curso? E da cidade esperava algo?*

Marcelo: A cidade tem tudo o que eu preciso, as coisas são perto uma da outra. E eu moro em Gaia, não moro no Porto. Em Gaia é um pouco diferente, no Porto o transporte público é um pouco mais estruturado, em Gaia, onde eu moro, fica um pouco a desejar em transporte público... mas eles estão se estruturando. [...]

Em relação à Universidade, eu não sei o que dizer. Pronto, os professores foram muito bons, teve um ou outro que não era lá..., mas sempre tem essa exceção. Mas no geral cumpriu todas as minhas expectativas – só essa questão da pandemia que atrapalhou um pouco...

Investigador: *Foi tão diferente do Rio de Janeiro?*

Marcelo: O Porto para o Rio? Sim, acho que os brasileiros são muito mais amigáveis. O pessoal daqui do Norte também é amigável, não é como Lisboa onde as pessoas são um pouco mais fechadas. Mas no Norte as pessoas são mais tranquilas. Mas o que mais eu sinto falta é a temperatura, o clima, porque aqui chove muito, sempre está meio cinza, como hoje. E o tamanho da cidade, porque adoro cidade grande, sou nascido e criado numa, então, o Porto fica a desejar em relação a isso, mas isso não tem nada a ver com a cidade né...

Investigador: *E a faculdade, comparando as duas?*

Marcelo: Assim, a minha graduação foi a segunda ou terceira turma de Relações Internacionais da Universidade. Então, o passo a passo com a coordenação foi muito próximo, a minha própria professora era coordenadora. Tive professores muito bons na graduação e tudo foi muito próximo. Tínhamos um contato muito próximo com os professores. Eu não sei em outras universidades, porque a única experiência que eu tive foi lá na Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro. Mas, por exemplo, aqui eu sinto que não existe tanto essa proximidade. Nosso coordenador de curso, o professor x (Luis Grosso), ele sim, ele é muito acessível. Ele é muito ocupado, mas sempre que dá ele tenta nos ajudar de alguma maneira. Inclusive na época em que tive problema na minha tese, pois eu quis trocar [o tema] e ele foi muito atencioso. Mas de modo geral os professores são mais fechados, não gostam dessa relação aluno e professor. Acho que essa é a maior diferença.

Investigador: *Como você fez para superar isso?*

Marcelo: Sempre correndo atrás dos professores, né. Sempre que eu preciso, nunca tive medo dessas coisas [relações hierárquicas], sempre perturbava eles por e-mail ou até procurava eles durante as aulas... Procurava e no final dava certo! Podia ser melhor, mas...

Investigador: Uma coisa sobre a chegada, você veio com a sua mãe?

Marcelo: Sim, sim. Eu vim com a minha mãe porque nós não tínhamos um apartamento aqui, minha família vendeu tudo. Ela veio para comprar um apartamento e deixar no nome dela. [...] não é um problema central, mas foi o que deu... Esse também é um dos problemas do Porto! Se você for depender de um aluguel, o que eles chamam de arrendamento, vai ser impossível, você tem de trabalhar ou ter condições muito boas no Brasil. Porque os arrendamentos aqui no Porto estão subindo exponencialmente! E esse foi um dos motivos até d'eu comprar um apartamento, eu já sabia, já imaginava que os preços no Porto estavam subindo muito. [...] mas eu sei que muita gente sofre [...] principalmente a comunidade brasileira. [...] Eu sei que eles supervalorizam para quem é estrangeiro...

Investigador: *Mesmo amigos seus, estudantes?*

Marcelo: Sim, sim... Isso acontece, são muitos relatos que não arrendam, até mesmo porque dizem que “são brasileiros, vão fazer muita bagunça” e tudo o mais. Sempre não, né, às vezes acontece. Mas, assim, os preços são muito elevados.

Investigador: *Como é a sua relação com a vizinhança?*

Marcelo: A minha vizinhança é muito boa, eu moro num prédio. Eu tenho uma vizinha que é brasileira, até ela acabou de abrir um restaurante, ela é casada com um português – são super gente boa. A minha vizinha de frente é portuguesa, também é muito gente boa – não conversa muito, mas acho que é da personalidade dela. E com os outros, eu conheço uma das pessoas que administram o prédio, porque eles têm um café entre um prédio e outro – também são muito gente boa, sempre recebem minhas encomendas quando não estou, são super atenciosos.

Investigador: *Você acredita que o seu grupo familiar ser de origem portuguesa ajuda nessas relações?*

Marcelo: Acho que ajuda no sentido de entender melhor como eles se expressam. Eu digo mesmo no modo de falar, porque os portugueses têm uma maneira de falar, algumas palavras, alguns termos que não utilizamos no Brasil, ou que no Brasil são um pouco “grossos”. Por exemplo, eu trabalho na UPS (United Parcel Service) aqui perto da FLUP, e os meus colegas estão falando no telefone com um outro português mesmo, e surgem situações em que falam “ah, não interessa pra mim” – esse é um termo que no Brasil se a gente usar se torna um pouco grosso, mas para eles é algo normal. E nós [brasileiros] estando cá pensamos “estão tratando um pouco mal a gente”. Mas na verdade é apenas o jeito deles. Existem outros termos que agora não me vêm à cabeça, mas que...

Investigador: *Você já sabia disso?*

Marcelo: Sim, sim. Já tinha uma noção. Mas eu entendo que muitos brasileiros não sabem, eu entendo muito isso.

Investigador: *Sobre trabalho...*

Marcelo: No meu trabalho, no meu trabalho as pessoas também são muito gente boa. Eles até imitaram o sotaque do Brasil, porque eles gostam muito, ainda mais do Rio. Porque eu sou do Rio, e sempre estou falando... eles são muito simpáticos, muito acolhedores. Graças a Deus eu tive bons colegas. Só tem uma colega que ela já se mostrou um pouco, como vou dizer, vou dizer preconceituosa. Porque teve uma vez, estávamos trabalhando e comentamos que nós, do nosso setor, trabalhamos muito. E do setor, por exemplo, de exportação, que é outro setor já não trabalham tanto – e ela me soltou essa pérola: “Nós é que somos os negros”, ali eu já percebi... e até mesmo uma menina portuguesa falou: “Isso não é uma piada que se faça”, ela ficou calada, em silêncio. E eu lembro que, logo no início, ela fez como uma piada, mas uma piada que, você percebe, que tem um fundo de verdade... que é o que muitos brasileiros ouvem, “Volta para o seu país”, ela falou brincando comigo, mas eu percebo que...

Investigador: *Isso foi localizado?*

Marcelo: Sim, de uma pessoa só. Mas eu já percebi, mesmo por esse tom jocoso para com os negros que ela cometeu, eu percebi que ela não é lá uma pessoa que tem uma boa moral. Assim, foi esse caso isolado, no geral ela me trata bem. Mas ficou a desejar nessa questão cívica.

Investigador: *Mesmo você sabendo dessas diferenças linguísticas, das expressões [e significados], etc., mesmo você sabendo que elas ainda existem, como você faz para superá-las? Inclusive em sala de aula.*

Marcelo: Assim, eu sou uma pessoa muito impulsiva, mas até esse momento eu tenho evitado o “elitismo” [intelectual]. Eu tento de alguma maneira falar que isso não é legal, tento mostrar de uma maneira mais educativa, tento falar como muitos portugueses fizeram o mesmo fluxo que os brasileiros, a minha mãe, os meus avós são o exemplo disso.

[...] Eu tenho uma coisa a dizer que o presidente de Portugal tem um papel muito importante nesse sentido, ele é um presidente muito conciliador. Ele é um presidente que recebe muito bem os imigrantes, as minorias em geral. O primeiro ministro também, ele é um exemplo de uma família imigrante, se não me engano, é filho de um

indiano, e hoje está no governo, como chefe do poder executivo. Mas na educação Portugal tem muito a melhorar, com certeza.

Investigador: *Quando você chegou, você esperava alguma recepção na Universidade?*

Marcelo: Teve, assim, aquele dia inaugural, em que recebemos um kit de boas vindas, e tudo mais. Teve lá o reitor da universidade. Foi bem legal, teve música e tudo mais, foi bom para confraternizar com os colegas [...] no dia eu fui sozinho, não conhecia ninguém. Conhecia uma menina, mas ela era de outra faculdade... a Ingrid, brasileira também, ela veio e ficamos juntos naquele momento. [...] Eu já a conhecia no Brasil, ela estudava na U Veiga de Almeida, ela fazia Engenharia... ela é ex-namorada de um amigo meu. Ela veio para Portugal também...

Investigador: *Vocês conversaram antes de migrar, antes dessa mobilidade estudantil?*

Marcelo: Quando eu estava na França, ela me perguntou, porque ela sabe que tenho familiares portugueses, e ela perguntou como é que funcionava aqui na Universidade do Porto, como eu fiz a inscrição, ela já sabia que eu tinha sido aceito no mestrado. Nisso eu a ajudei, na forma como eu pude.

Investigador: *Você fez a inscrição como nacional e ela como aluna estrangeira?*

Marcelo: Acabam por pagar um valor absurdo de propina... Ela faz Arquitetura na FAUP.

Investigador: *Aconteceu algo que não esperava durante o curso do mestrado?*

Marcelo: Ah, a pior coisa que aconteceu foi a questão do coronavírus... Eu perdi muita, muita aula mesmo...

Investigador: *O que o mestrado trouxe de melhoria para a sua performance acadêmica?*

Marcelo: Acho que eu me especializei, como era a minha ideia. Consegui aprofundar estudos em assuntos que eu gosto. E, sim, eu diria que consegui desenvolver bastante minha capacidade intelectual, digamos assim.

Investigador: *Por ser outra cultura?*

Marcelo: Por ser uma visão diferente, eu tive uma matéria, Problemáticas de política internacional, que na minha graduação [no Brasil] foi dividida em diferentes disciplinas ao longo do curso, aqui foi uma cadeira específica. Mas com uma visão diferente, estilo diferente e tudo mais... uma visão mais eurocêntrica, digamos.

Investigador: *E a relação com os colegas de turma?*

Marcelo: A minha relação sempre foi muito boa, a maior parte da turma era de brasileiros. Por volta de 30 alunos, apenas três ou quatro portugueses, um alemão, um ganês, um angolano. Já de Erasmus uma ucraniana e um polonês, que também foi uma relação muito boa. Os portugueses da minha sala também eram muito gente boa! Uma era ativista política, e a outra era de Viana do Castelo, se não me engano a mãe é francesa.

Investigador: *Vamos falar um pouco sobre o “civismo”. Nesse sentido, como percebe o nível de instrução da população portuguesa?*

Marcelo: Eu vejo muito na Europa, no geral aqui em Portugal, muita gente se forma [...] foi um equilíbrio na justiça social [...] muitos portugueses tiveram acesso ao ensino superior, mas a oferta de trabalho não supriu essa demanda, então são muitos profissionais que não conseguiram trabalhar na sua área. [...] eu vejo assim, na própria empresa [que trabalho], os meus superiores, eles não têm ensino superior.

Investigador: *E para as Relações Internacionais, tem perspectivas?*

Marcelo: Não, Portugal é um país exportador de serviços, seja a consultoria, o turismo. Portugal não é lá um país tão aberto às relações internacionais. Acho que seria mais Bélgica, ou a própria Holanda. Claro, muitas das coisas são voltadas à Lisboa – a maior parte das vagas em Relações Internacionais estão em Lisboa.

Entrevistado 5: Maria “Portuguesa”, a metropolitana

Idade: 23

Curso do Entrevistado: Gerontologia na EACH, USP, graduação; mestrado na FADUEP, curso de Atividade Física para terceira idade – inscrita no ano letivo 2019-2020.

***Investigador:** Peça que diga seu nome, a região de origem.*

Maria: Eu sou a Maria Carolina Lopes, de São Paulo, capital – Estado de São Paulo – Zona Leste. Eu fiz faculdade de gerontologia, na Universidade de São Paulo, na EACH (Escola de Artes, Ciências e Humanidades). Eu me formei em 2019 (início em 2015).

***Investigador:** O que é gerontologia?*

Maria: Gerontologia é o estudo do processo do envelhecimento. É uma área de formação nova... depois posso falar mais sobre isso [...]

[...] Logo que eu acabei o curso (bacharelado em Gerontologia), eu queria continuar os estudos, mas fora do Brasil. Como minha família já é daqui de Portugal – tanto a parte da minha mãe como do meu pai –, logo era mais acessível para mim. Como não falo inglês nem espanhol fluente... Então achei um pouco mais fácil vir para Portugal, pois tinha todos os pontos favoráveis. Nisso eu me inscrevi no mestrado, na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto em Atividade Física para Terceira Idade, no letivo de 2020-21. Daí eu fiz o primeiro ano, e no final do primeiro ano, início do segundo ano, eu decidi iniciar uma pós graduação simultaneamente [com o mestrado]. Na CESPU (Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário) Farmacologia em Fisiologia e Exercício Clínico. Então, agora, em maio, estarei finalizando a pós-graduação, ao mesmo tempo em que estou fazendo a dissertação do mestrado nessa área da terceira idade e do envelhecimento ativo.

[...] É interessante falar que, por mais que a família de meu pai e de minha mãe sejam portuguesas, a família do meu pai mora no Brasil, e a da minha mãe na região de Aveiro. Então, aos finais de semana, e agora na quarentena, eu fico na casa dos meus

avós (da minha família), e durante algumas semanas eu venho para o Porto – tenho um quarto ali na região de Paranhos.

Investigador: *Você vivia em qual região da Zona Leste?*

Maria: No Tatuapé, perto da região do Carrão, Mooca.

Investigador: *Como foi a sua decisão em estudar Gerontologia?*

Maria: Então, quando eu saí do ensino médio, eu não sabia. Eu sempre fui uma pessoa muito indecisa. Então, eu conheci, através da amiga da minha prima, a profissão de gerontologia – a qual tinha as três áreas: da psicologia, área social e da saúde. E soube que durante o percurso da graduação eu poderia escolher a minha área e trabalhar mais a fundo. Por que os idosos? Porque eu sempre quis trabalhar ajudando pessoas, e cuidando de pessoas – e para mim, na minha cabeça né, as pessoas mais fragilizadas seriam os idosos, crianças ou pessoas com deficiência. Daí eu acabei optando pela área do idoso, porque daí eu achei que o país está envelhecendo, que o mundo está envelhecendo, daí eu deduzi que é uma profissão do futuro, logo, arrisquei fazer gerontologia – e nunca me arrependi, se fosse hoje faria de novo.

Investigador: *Foram quantos anos de estudo?*

Maria: São quatro anos, mas eu fiz em quatro anos e meio, porque meu TCC (trabalho de conclusão de curso) acabou atrasando um pouquinho.

Investigador: *Como foi a sua decisão em fazer esse curso na USP?*

Maria: Então, ele só tem na USP e na Federal de São Carlos (UFSCAR). Então, como eu não queria sair ali de casa, ainda mais que eu tinha 17 anos quando entrei na USP. Como eu não queria sair de casa tão cedo, como eu tinha muito acesso à capital [São Paulo], eu escolhi fazer na USP, assim, mas eu nunca achei que fosse passar. Ao mesmo tempo que eu me inscrevi no vestibular da USP, eu me inscrevi para o Mackenzie – mas no dia da prova do Mackenzie não consegui chegar até o local, e, logo, entrei na USP. Nos primeiros seis meses de curso fiz um cursinho [intensivo com disciplinas direcionadas para provas no vestibular], mas acabei ficando em Gerontologia mesmo.

Investigador: *Como foi surgindo a vontade de estudar no estrangeiro?*

Maria: No meio do curso, em 2017, surgiu a oportunidade de fazer intercâmbio para Portugal – porque a Gerontologia tem muita filial aqui em Portugal, devido aos estudos do envelhecimento que são um pouco mais avançados na Europa, ou na Califórnia, mas como o meu problema linguístico é muito grande, tenho muita dificuldade em aprender inglês, eu sempre descartei a hipótese de ir para a Califórnia. Quando minhas amigas se inscreveram eu não me senti segura, daí pensei “prefiro fazer um mestrado ou uma pós-graduação depois da faculdade, ficar mais tempo do que só seis meses. Então, foi crescendo a vontade da área acadêmica, que no final do curso eu me apaixonei por alguns professores e pela área do ensino. Então, daí eu falei “olha, eu acho que vou fazer um mestrado que é mais a área acadêmica”, pelo menos no Brasil, aqui a gente sabe que é diferente, pois é uma certa continuação do curso [licenciatura]. Depois eu resolvi fazer a pós-graduação.

Investigador: *Agora, quero retomar a conversa para sua família, e principalmente sobre a questão da língua. Você já tinha uma noção da língua portuguesa?*

Maria: Já, já. A minha mãe... o meu pai, assim, ele foi um pouco mais novo para o Brasil, tinha uns 18 ou 20 anos, então ele perdeu o sotaque. Mas a minha mãe, os meus tios mais velhos nunca perderam o sotaque. E eu sempre viajava uma vez por ano para Portugal, em junho ou no natal. Então eu já tinha essa convivência diariamente com a minha mãe, com quem eu falo em português até hoje, e com meus avós com quem sempre tive facilidade em me comunicar com o português de Portugal. Porque sei que muita gente tem aquela dificuldade no início, mas eu não tive não. Porque minha mãe só foi para o Brasil quando ficou grávida de mim...

Investigador: *Seus pais se conheceram aqui na região do Aveiro?*

Maria: Não, meu pai é aqui da região de Trás dos Montes, e a minha mãe é de Aveiro. E a família de meus pais se conheceram em Angola, quando eles foram trabalhar, então as famílias já eram amigas.

Investigador: *Então tem uma identidade com a população portuguesa?*

Maria: Sim, culturalmente eu sempre fui mais ligada à cultura portuguesa. Porque por mais que eu tenha essa nacionalidade brasileira, e claro que eu considero as minhas raízes brasileiras, ao mesmo tempo eu fui criada por culturas portuguesas: a comida que eu comia em casa, as roupas que eu vestia, a maneira de falar e a maneira até de escrever foram muito mais ligadas com as maneiras de Portugal do que com as do Brasil. A única ligação que eu tinha com o Brasil era com os meus amigos da escola, porque, assim, de resto.... tanto que minha mãe dizia que eu comecei a pegar o sotaque português por conta dela, mas como na escola tinha aquela zoeira (brincadeiras jocosas) e tudo, eu comecei a me adaptar na escola.

Investigador: *Você sentiu essa diferenciação devido a seu sotaque e maneiras culturais portuguesas frente à escola brasileira?*

Maria: Senti um pouco, tanto que eu era a “Maria Portuguesa”, porque todo mundo sabia, mas não pelo sotaque em si, mas pela maneira de falar: a conjugação do verbo, sempre no infinitivo, ou a maneira de se escrever, ou a forma de se expressar sempre foram à portuguesa. Então, sempre teve aquela coisa: “não estou entendendo o que você está falando”... então, eu sempre fui puxada para esse lado. [...] Então, de raiz, assim, eu sempre fui portuguesa. Então, quando eu cheguei aqui comecei a viver uma realidade que eu sempre vivi. [...] Claro, que, assim, na parte acadêmica, na parte de amizades sempre é um pouco mais difícil... porque sempre eu mantinha só contato com a minha família...

Investigador: *Quer dizer que na vida acadêmica mudou bastante, então, a concepção que você adquiriu da Universidade brasileira? É muito diferente da Universidade Portuguesa?*

Maria: Assim, o que eu achei mais diferente é a forma de fazer amizades... vou começar por aí depois entro na parte acadêmica.

Investigador: *Claro!*

Maria: Eu sempre fui uma pessoa muito fácil de lidar, eu não acho que sou uma pessoa fechada, acho que sou bem aberta, eu acho que o brasileiro tem esse espírito um pouco

mais aberto. Então, eu não tive dificuldades em achar amigos, mas eu acho que a forma que você faz amizades é um pouco diferente: para você pegar confiança das pessoas, ali [com os portugueses] você tem de ter a “manha” [perspicácia, hábito enraizado] que eu já tinha com a minha família, logo, eu já sabia como lidar. E, na parte acadêmica, sim, é um pouco diferente, mas eu acredito que seja com relação a USP e a Universidade do Porto. E não Brasil e Portugal. Porque eu converso com os meus amigos brasileiros com origem em faculdades particulares brasileiras e o ensino é um pouco parecido com o ensino que eu sinto aqui. Sendo que o ensino que eu recebi da EACH é um ensino diferente. Eu acho que a forma de ensinar é um pouco diferente. Por exemplo, lá na USP, a EACH foi criada com uma ideologia de ensino com uma forma mais construtivista. Por exemplo, todo curso na EACH tem um ciclo básico, em que todos os cursos, os 11 cursos da EACH, são as mesmas disciplinas. Depois, nos três anos restantes, você se especializa na sua área. Então eu sinto que lá o conhecimento era mais crítico, menos decorar e mais construtivo através da nossa própria opinião, em que você constrói o seu pensamento [...]

Investigador: *Quando você chegou aqui para estudar, nesse “retorno ao ensino médio”, você conseguiu se readaptar?*

Maria: Consegui. Eu sempre fui uma pessoa muito... não me considero inteligente, mas sempre muito esforçada! Independente dos desafios, eu sempre passava noites e dias, não me importava de estudar. Eu sofri muito mais no ensino médio do que em minha faculdade toda... porque era essa forma mais densa de estudar, e eu sinto que voltou um pouco isso. Mas, assim, não quer dizer que todas as matérias da USP eram construtivistas, mas 60% eram...

Investigador: *Sobre a sua aproximação com seus colegas de mestrado, como foi?*

Maria: Foi bem interessante! Porque a minha sala tem 20 brasileiros e 4 portugueses. Então, parece, assim, que eles que estão fazendo intercâmbio na nossa sala. E no início era muito engraçado porque como alguns brasileiros estavam de primeira (pela primeira vez em Portugal), eles não entendiam algumas expressões portuguesas e eu que ficava meio de câmbio entre eles. Quando os professores queriam dizer alguma coisa, os

brasileiros ficavam olhando para minha cara esperando, como se eu fosse a tradutora. [...] Então, mas é um público bem mais velho, eu sinto que os brasileiros que vêm fazer o mestrado aqui... eu era a mais nova de todas... eu entrei com 22 e o mais novo tinha 28, a maior parte dos brasileiros tinha entre 30 e 40 anos. Já os portugueses que saíram da licenciatura para o mestrado eram mais novos do que eu.

Investigador: *Com quem você se aproximou mais, com o grupo dos brasileiros ou com o dos portugueses?*

Maria: Foi muito engraçado, porque ficou um grupo só de brasileiros e um grupo só de portugueses. E no início, no primeiro dia de aula, os portugueses olharam logo pra mim e me chamaram. Sem perguntar se eu era brasileira ou portuguesa – porque os brasileiros não estavam. Então, no princípio, eu me aproximei dos portugueses. Mas, então, passada uma semana ou duas, eu comecei a me relacionar com os brasileiros também. Logo, eu era a única da sala que mantinha relação com os dois grupos.

Investigador: *Os grupos ficaram muito fechados, muito distintos uns dos outros?*

Maria: Sim, sim.

Investigador: *Você acha que devido à idade ou nacionalidade?*

Maria: Exato, foi a coisa que mais eu senti dúvida. Mas depois eu senti pelos portugueses, que sempre tinham um pé atrás com os brasileiros, no sentido de não serem brasileiros, mas serem de uma cultura diferente – eu acredito que se eles fossem espanhóis aconteceria a mesma coisa. Porque às vezes eu sinto que o português é um pouco desconfiado. Até o ponto em que você mostra e dá confiança para ele, a relação fica incrível, ele vira o seu amigo. Foi isso que eu senti no início também, assim, tirando uma pessoa do meu grupo de portugueses, assim, todos eu sentia que tinham o pé atrás comigo. E ao longo de um tempo, passado um mês, os portugueses chegavam e diziam “olha, no início eu não gostava de você, mas agora eu gosto”

Investigador: *Interessante, bastante diretos.*

Maria: Sim, muito diretos! Porque eles achavam que a minha simpatia, e a maneira de ser dos brasileiros, eles achavam que era um pouco de falsidade, digamos assim, tanto que eles falavam, “porque você é tão simpática com alguém que você não conhece”, e eu falava, “mas eu sou simpática com todo mundo” [risadas]. Logo, eles perceberam que era a minha maneira de ser, e não a questão de ser falsa ou não ser falsa. E, ao longo do tempo, eu fui mudando essa ideia da cabeça deles, e no final do curso meio que os brasileiros se juntaram ali com os portugueses. Foi engraçado ver essa transição entre os dois grupos.

Investigador: *No final do curso se juntaram, acha que foi a dinâmica dos professores?*

Maria: Não, acho que na verdade fui eu mesma. Porque os brasileiros não tinham uma trava com os portugueses... era o contrário, os portugueses que tinham aquela trava “ah, eles são chatos”, “ah, eles perguntam muito”, porque aqui não tem o costume de fazer muitas perguntas, né, “ah, eles querem interagir muito e isso me irrita”, sabe, essas coisas. E, ao longo do tempo, eu fui explicando, eu falei “gente, pensa, vocês estão aqui, na casa de vocês, vocês não tiveram que se mudar de país, eles [os brasileiros] tiveram que mudar tudo só para isso... então, o que eles querem é aproveitar o curso”. Então, lá, eles começaram a entender, e eu comecei a ver que eles deram uma chance para os brasileiros. Mas foi engraçada essa divisão que estavam no início, mas no final já estavam amigos!

Investigador: *Quais fatores você acredita que fizeram diminuir essas diferenças?*

Maria: Acho que eles começaram a entender um pouco mais o lado deles, porque eles [os brasileiros] eram assim. Por exemplo, no início a gente teve muitas brigas em como tratar o professor... porque, pelo menos no Brasil, a gente não tem aquela formalidade em tratar o professor na faculdade... Mas, pelo menos, lá na FADEUP todos os portugueses tinham [o hábito de falar] “senhor professor doutor”, tipo, na hora de fazer uma pergunta! E a gente [brasileiros] não entendia. E os brasileiros não entendiam... e durante as aulas [os brasileiros] chamavam os professores de “José, Magalhães...”, com isso, os alunos [portugueses] ficavam bravos. Uma vez uma menina [portuguesa] se

levantou e falou: “Se vocês não tratarem o professor com respeito, vocês podem se retirar da sala”.

Investigador: *E a atitude do professor com esse tipo de situação?*

Maria: O professor ficava calado. Porque o professor disse que ele entendia a postura dos brasileiros de não terem esse costume. Mas os meus amigos [portugueses] não entendiam isso, achavam que era falta de respeito. Eu expliquei para eles “olha, que vocês não têm de brigar com as pessoas, mas explicar o porquê. Porque se a gente está na terra de vocês, a gente tem de respeitar o teu costume. Eu também concordo, mas explica direito de uma maneira diferente. Não precisa xingar...”. Ocorreram alguns episódios de diferenças entre culturas, mas eu fui meio que mostrando o outro lado, para eles entenderem também que a gente [brasileiros] não tinha tanto o costume de tanta formalidade. Quando eu entrei na faculdade, por exemplo, me falaram assim: “Olha, quando um professor estiver num bar, quando ele estiver num restaurante, você nunca dirija a palavra pra ele. Porque é só dentro da sala, e existe um respeito muito grande”. E eu sentia que os professores “tinham esse respeito”, só até o dia em que eu quebrei esse gelo e falei “professor, posso conversar com você?”. E os portugueses arregalaram o olho assim, sabe, como se fosse... então, eles [portugueses] começaram a ver que podia quebrar o gelo [romper uma barreira emocional], não é preciso ter aquela formalidade toda, sabe? Então, eles meio que aprenderam com a gente. [...] No Brasil a gente tinha o contato do WhatsApp dos professores, você chamava, por exemplo, ao invés de professora Rosa, chamava-a de “Rosinha”. Não era preciso ter toda essa formalidade.

Investigador: *Os alunos portugueses eram de alguma região específica?*

Maria: Do Porto.

Investigador: *Todos do Porto?*

Maria: Uma Penafiel, os outros do Porto, e uma de Santa Maria da Feira, mais ali Aveiro, mais ali a minha região. Ah, desculpa, tinha um da Madeira, e a outra era de Guimarães. Mas eram costumes bem enraizados.

Investigador: *Da onde tiram isso? Do colégio?*

Maria: Eu acho que sim, acho que aqui tem muita hierarquia, em todos os tipos de profissão. Aqui jamais você pode chamar um médico pelo nome, tem de ser Senhor Doutor. Claro que no Brasil chamamos “Dr. Fabio”, por exemplo, mas ninguém fica chocado caso você chame alguém por “tio”, por exemplo. Em São Paulo eu tenho o costume de chamar quem eu não conheço de “tio”. E aqui jamais você poderia falar isso. Então, aqui eu sinto que a educação é muito hierarquizada – em todos os sentidos, desde na família, isso eu sei muito bem, como fui criada, sei muito bem a posição do meu avô, do meu pai, a posição dos meus primos. Mas, principalmente, com profissões de prestígio, eles colocam em um patamar muito elevado. Que no Brasil eu não sinto tanto isso. Tanto que em estágios que eu fiz com médico, eles me tratavam de igual para igual. Aqui um médico para você chegar perto dele é como se você estivesse chegando num pedestal, assim, você tem que baixar a cabeça, sabe, o que eu não concordo. Eu acho que temos de chamar pelo nome que ele merece, tipo doutor e tudo, mas não de forma alguma num sentido de superioridade a outra pessoa – só porque você tem estudos a mais?

Investigador: *O que você esperava encontrar aqui no estrangeiro, o que esperava adquirir para aprimorar a sua performance acadêmica?*

Maria: Assim, na minha vida eu sempre gostei de sair da minha zona de conforto para ver como eu me adapto àquilo. Então nunca me mantive aqui [passiva], então, pensava, vou fazer só a licenciatura não, eu sempre participei de todos os projetos e associações acadêmicas possíveis. Desde de 2015 eu participo de voluntariados, de atléticas, enfim, sempre participei, porque eu gosto de sair da minha zona de conforto. Como eu mudei de país, mesmo sabendo que era uma cultura muito próxima da minha, eu sabia que haveria desafios. Em questão, principalmente na parte de morar sozinha, não tanto acadêmica, porque acadêmica eu já esperava que não fosse uma coisa tão mais absurda, né, porque eu já tinha o contato com os meus primos aqui [previsibilidade], e sabia mais ou menos como era o ensino, logo, isso não me assustava tanto. Mas a parte de morar sozinha me assustava um pouco. Porque como eu sempre morei debaixo da asa dos

meus pais, porque eu nunca trabalhei, assim, eu já trabalhei muito – eu fiz vários voluntariados –, mas nunca ganhei dinheiro, logo, sempre dependi muito dos meus pais. Então, saber manusear o dinheiro, saber cozinhar, me virar sozinha, foi o meu maior desafio. E que, assim, eu tive, mas, ao mesmo tempo, não 100%. Porque querendo ou não, eu sabia que tinha a minha avó ali para me acudir, tinha a minha tia para me acudir. Então, se por acaso me faltasse dinheiro, eu sempre poderia recorrer a elas, a minha avó sempre me mandava comida. Então, é um pouco diferente de se mudar para um país 100% diferente, né – tem esse lado bom! Mas eu esperava também mais calma, porque a cidade de São Paulo só o Japão para ser pior [risadas], só Tóquio mesmo. Eu sabia que seria mais calmo, porém eu pensava que não iria me acostumar – porque eu não gosto de calma. Mesmo o Porto sendo cidade, eu falei assim “meu, acho que vou tentar ir para Lisboa, porque eu quero algo o mais movimentado possível.” Só como eu gostava mais do Porto, e estar mais perto da família, e afinal, gostei. Assim, eu gostei da calma, mas do Porto pra cima. A cidade da minha avó, que é uma cidadezinha de Aveiro, é tipo interior, então eu já não me acostumo. Estou lá de quarentena há um ano e não me acostumo, e acho que nunca vou me acostumar. Então, eu gostei, assim, do meio termo do Porto. Apesar de eu querer ter aproveitado muito mais, mas daí veio a quarentena, só deu para aproveitar ali assim nas saídas, e no Porto mesmo de outubro (2019) até março (2020). Porque depois entrou a quarentena. Só que assim, eu aproveitei muito o verão, eu vou muito à praia, durante três meses assim. Mas só que, então, não foi a experiência do Porto, mais a experiência de Aveiro, eu só venho para o Porto quando tenho aula.

Investigador: *Então, toda essa aproximação entre o grupo de brasileiros e o de portugueses ocorreu em seis meses?*

Maria: Exato! Assim, claro que eles não são tipo melhores amigos como os brasileiros são entre eles, e os portugueses entre eles. Mas eu senti que deram maior abertura uns para os outros. Assim, principalmente os portugueses para os brasileiros, deram maior abertura na hora de conversar durante os intervalos. Por exemplo, às vezes, quando eu sentava na mesa dos brasileiros, os portugueses ficavam “Nossa, trocou a gente!”, sabe, ficava aquela coisinha... Eu falava “Senta aqui”, eu os chamava, no início ficavam um

pouco desconfiados, mas depois de um tempo eles foram se adaptando e rindo... e no final já chegavam e diziam “Ah, eles são legais!”. Mas eu acho que esse choque de culturas, principalmente da maneira de você abordar, de você conversar, de ter intimidade, eram as situações que os portugueses ficavam mais chocados. Eles diziam “Nossa, ela me conhece há dois dias e já conta essas coisas”, eu respondia “Gente, é o jeito das pessoas”. É porque aqui as pessoas são bem mais fechadas, acho que mais por isso.

Investigador: *E a questão do trabalho, você pensa em construir a sua carreira aqui?*

Maria: Então, eu ainda não sei o que vou fazer da minha vida. Mas, eu meio que decidi, mais ou menos, se eu quiser seguir a área acadêmica, tipo doutorado, eu fico aqui – eu não pretendo fazer doutorado no Brasil. Eu preferiria continuar minha tese de mestrado aqui, e ir para frente. Agora, se eu desistir da área acadêmica e toda essa parte e parar de estudar, eu pretendo voltar para o Brasil. Logo, fazer a parte mais prática, a vida profissional no Brasil. Porque eu acho que no meu curso e no meu caso eu tenho mais oportunidades.

Investigador: *No Brasil, mesmo aqui tendo uma população mais envelhecida?*

Maria: Exato! É engraçado isso porque aqui a gerontologia é muito diferente, o curso, tudo é muito diferente. Aqui é muito voltado para a assistência social para idosos – é como se você fizesse o curso de assistente social para idoso. Não envolve a parte de saúde, logo, como eu estou na parte de saúde... as pessoas ficam chocadas quando eu falo “eu sou gerontóloga e estudo a área da saúde, faço estágio no hospital”, todo mundo fica “O que você faz lá?”. Essa parte que o gerontólogo faz no Brasil de gestão hospitalar, gestão de caso, consulta gerontológica, aqui é feita por médicos. Então tudo é médico, tudo é médico e enfermeiro. Aqui não abrem um pouco a chance e lugar para essas pessoas novas que estão entrando [áreas profissionais].

Investigador: *Os grupos profissionais são muito rígidos?*

Maria: Muito rígido e, como eu disse, “hierarquizados”. Então jamais você poderia entrar. Por exemplo, você não pode fazer parte da mesma equipe multidimensional do

hospital junto com um médico... Não, ali são os médicos, os enfermeiros, os psicólogos... tipo, aqui eu sinto que a interação, assim, não é tão grande quanto nos é dada a chance no Brasil. Acho que lá, como eles precisam muito mais, eles te dão espaço. Eles falam “meu, desde que você me tire trabalho, faça!”... aqui já é muito fechado... Agora estou num projeto do mestrado de reabilitação cardíaca, é um projeto da câmara de Farmacêutica, em que a reabilitação cardíaca para pacientes idosos que tiveram algum evento cardíaco, e ali só tem médicos na coordenação, médicos e educadores físicos da parte do desporto. Como eu não sou nenhum dos dois, eu não poderia entrar, só que eu entrei porque meu professor que é médico pediu para eu entrar como coordenadora adjunta. Se não fosse esse professor, que é médico, eu nunca conseguiria entrar... Aqui tem muito aquela coisa de cunha, né, muito mais do que no Brasil. Cunha que é aquilo de tipo eu te indico, você indica o outro, sinto que aqui não é só por qualidade...

Investigador: *Então a área acadêmica você acha que é mais promissora?*

Maria: Pra mim sim... não tem um motivo, mas eu sinto.

Investigador: *Talvez pelo mestrado e pela orientação?*

Maria: Sim, eu acho que aqui eu sinto mais destaque da minha forma de estudar, da minha forma de mostrar o meu conhecimento, do que eu sinto no Brasil. Não só em notas, mas eu sinto que a minha forma, que veio muito da minha faculdade [EACH]: a minha forma de explicar, a minha forma de estudar e tudo se destacam muito mais aqui do que lá...

Investigador: *A sua bagagem da EACH trouxe vantagens para a sua performance acadêmica no mestrado em Portugal?*

Maria: Eu sinto que no mestrado eu fui muito destacada, não por questão de hierarquia, até porque eu sou contra isso, não é me achando [gabando] nem nada disso, é no sentido que eu sinto que sou mais valorizada. No sentido, por exemplo, durante as aulas eu participava, eu fazia as provas e ia super bem. Só que eu acho que no Brasil eu nunca seria chamada por um professor para fazer parte de um projeto dele, ou ele me fazer um convite. Aqui eu recebi diversos convites, para diversas coisas, então, por exemplo,

um professor que é catedrático da minha faculdade, que me convidou pra escrever um livro com ele. Tipo, eu falei “O quê?”, ele respondeu “É, sim, eu gostaria que você me ajudasse a escrever um livro que eu estou escrevendo”. E, tipo, eu ajudei ele a escrever, esse professor disse: “Olha Maria, eu gostaria que você fosse fazer o projeto junto comigo”. Então, as pessoas chegavam até mim. Eu sinto que lá no Brasil, como eu acho que é muito mais concorrido por ter mais gente...

Investigador: *Talvez por ser mais hierarquizado?*

Maria: Também, também. Aqui eu penso que por ter pouca gente interessada e com vontade de estudar, então, eles aproveitam essas pessoas. Por exemplo, com os portugueses que eu tive a experiência, a maior parte, não são pessoas ali que estão para estudar, eles só querem terminar o curso para ir trabalhar na área profissional. Poucos têm aquilo de querer aprender, querer estudar... Já lá no Brasil muita gente quer ir para o acadêmico. [...] Eu sou muito esforçada [...] Por isso meu foco é sempre tirar 20, meu foco é para ser o melhor na minha versão e não para ser o melhor da sala. Se eu estou num curso, por que não fazer o melhor para me destacar? Então, eu penso que os professores valorizam o esforço, mais do que a pessoa que é muito inteligente e não quer saber... então, isso eu posso falar “que sou esforçada, mas inteligente nem tanto”, talvez por isso que eu me destaque. [...]

E também, eu esqueci de falar, que tem outros mestrados lá na faculdade que também tinham essa diferença entre portugueses e brasileiros, e eu acabei conhecendo. Inclusive, o meu namorado, que é português, de outro mestrado e no início falava que não gostava de brasileiros, e não se dava com brasileiros... e eu falei “Olha, telhado de vidro, porque agora você namora com uma brasileira”, e ele falou “Meu, mudei totalmente a minha visão”.

Investigador: *Como foi essa mudança que seu namorado teve sobre os brasileiros?*

Maria: Foi bem engraçado, assim. Teve um episódio em que ele estava no bar da faculdade junto com os portugueses da sala dele que começaram a combinar um jantar, aí um deles falou “Ah, vamos só os portugueses, os brasileiros não”, mas na mesa do lado estavam todos os brasileiros da minha sala e as pessoas não gostaram, só como ele

[o namorado] estava nesse meio, ele veio falar comigo. Olha, desculpa, a gente falou isso, mas não foi na intenção. Então, eu senti que aos poucos eu fui mudando a cabeça dele, mas através de um processo...

Investigador: *A turma dele também tem muitos brasileiros?*

Maria: Sim, mas é mais meio a meio. O curso é de atividade física para pessoas com deficiência. Na sala dele são todos educadores físicos, já na minha sala eram todos educadores físicos menos eu (gerontóloga) e uma fisioterapeuta, eram apenas duas profissões diferentes. Na sala dele era apenas educação física (desporto). Mas eu senti que foi um processo, igual com meus amigos [de turma], de ter de explicar o lado dos outros, explicar que a cultura é diferente. E eu também fui muito de luta, de tipo, bandeira, e essas coisas que as pessoas são zero (aqui). É muito raro você achar pessoas desse tipo, como a Ana Gomes que você conhece – ela é muito assim [de luta, de bandeiras], e eu fiquei, tipo, muito feliz! Porque poucas pessoas que a gente conhece que lutam e tem essa delicadeza para lidar com algum tipo de questões, por exemplo, LGBT, a questão de racismo, enfim... Eu sinto que aqui não, eles lidam muito naturalmente, e não querem saber. E, aos poucos, eu fui percebendo que consegui colocar algumas sementinhas na cabeça deles, sabe?

Investigador: *Essa delicadeza, essa capacidade em trazer essas bandeiras, em dialogar sobre temáticas tão delicadas e necessárias (a pauta LGBT, o que é ser imigrante, como entender o outro, o que é ser brasileiro e ser português), você adquiriu isso onde?*

Maria: Na EACH. A EACH é muito conhecida por luta! [...] por mais que eu não fizesse parte de todos os coletivos, eu fui captando as ideias, as questões, eu e todo mundo [os estudantes]. Por mais que você não quisesse, alguma hora iria chegar em você. Então, eu senti que foi lá. Porque eu entrei muito crua [sem essa sensibilidade social], sai de lá um pouco mais construída. Não sou assim, ninguém perto de estudantes que lidam com essa área. Mas eu sinto que tenho mais conhecimento nessa área do que a maior parte das pessoas que eu conheci aqui. A Ana é uma pessoa que é super instruída nessa parte de voluntariados, de movimentos... e é a única pessoa que eu conheço, acho eu.

Investigador: *Isso tanto por parte dos portugueses como dos imigrantes brasileiros?*

Maria: Os brasileiros que estão aqui, por acaso, eu nunca conversei muito sobre isso. Eu converso mais com os portugueses. Não por querer, mas algumas falas, que para eles não tem mal nenhum, e que para mim eu tenho de arrumar alguma forma didática para explicar porque eles não deveriam utilizar tais falas. Tanto que às vezes o Pedro, que é o meu namorado, diz “lá vem você com as suas palestrinhas”, [leves risadas enquanto fala] e eu digo “é só com a insistência que você vai mudar o seu jeito” [...] e com a minha avó que é mais idosa, que é um pouco mais difícil, mas que ela, por exemplo, já não fala de certos assuntos comigo, porque ela sabe que eu não gosto. E, também, não é por eu ser brasileira, penso que vem de mim e de minha formação na faculdade. Lá [no Brasil] essas pautas são muito mais vividas, tipo Bigbrother, do que aqui. Aqui no bigbrother as mulheres que beijam dois são super julgadas, então eu tenho altas discussões na minha família como a defensora dos oprimidos, sabe?

Investigador: *Como é a relação com a sua família portuguesa que vive aqui, frente a algum imaginário que eles tenham dos brasileiros?*

Maria: Culturalmente, eu sei que na década de 70, 80, as brasileiras e os brasileiros vinham aqui a maior parte para se prostituir. Então, tem uma frase, principalmente aqui na região norte e na região do centro, em Aveiro, de “que as brasileiras vinham para roubar os maridos das portuguesas”. E tinha uma confusão muito grande. E eu acho que é por isso que os portugueses têm essa imagem que brasileira é dada, é puta, não sei se posso falar isso. Então, essa ideia dos mais velhos é muito enraizada nisso. Tanto que quando a gente entra em UBER, a gente conversa, e na minha própria família tem isso. Mas que mudou, porque eles sabem que nem todas as pessoas são assim, mas existe aquela raiz ainda... “Se é brasileira, ela é fácil”, aquela cultura toda que a gente sabe que acham que é [estereótipos]. Mas que não, é só uma cultura diferente, como todas as culturas, e que nem todo mundo é dado, e nem todo mundo é isso, e se tiver de ser dado, é o que eu falo “deixa a pessoa ser dada” [risadas], qual o problema, não é? [...] Uma vez, a minha avó, quando estávamos entrando num taxi, aí minha avó olhou para o homem e disse “Olha, ela é brasileira, mas é minha neta”, e eu “Vó, nunca mais fala isso, porque só reafirma”, só reafirma do tipo “ela é puta, mas é minha neta”. São pequenas coisas que eles não levam a mal, mas que pronto... “ela é brasileira, mas é da

minha família, ela tem educação”, tipo, como se brasileiros não tivessem. Sabe, então isso me incomoda muito. Mas que é o choque de culturas que eu tive também, por mais que a minha família seja toda portuguesa, a do Brasil está um pouco mudada nesse sentido. Até porque já começaram a nascer filhos lá, e tudo. Então ninguém ia dar o tiro no próprio pé...

Investigador: *Eles já escutam samba, comem feijoada?*

Maria: Os mais velhos não, é um pouco mais difícil. A parte do meu avô, dos meus tios avós, ainda é muito enraizada.

Investigador: *Vivem todos no Tatuapé?*

Maria: Não, não. A minha família é toda da zona norte – Vila Maria, Vila Guilherme. Só eu da minha família e uma tia que somos do Tatuapé.

Investigador: *A primeira migração saiu de Portugal e foi para a Zona Norte?*

Maria: Exato. Porque acho que ali é mais uma região de portugueses. Se não me engano ali, no Tatuapé é um pouco mais de italianos e espanhóis. Porque eu estudei na Mooca... no São Judas, o mesmo da faculdade.

Investigador: *O conhecimento que você tinha da sua família e o conhecimento que você tinha de Portugal, das viagens, etc., se alterou muito com a experiência de estudante imigrante?*

Maria: Um pouco, o contato que a gente tem com a nossa família um mês é um pouco diferente de dois anos. Mudou um pouco no sentido mais desse último assunto de pautas, na maneira de pensar, aqui, não sei se é... mas acho que é do português mesmo, tem muito a mania de falar da vida do outro, sendo que na cidade de São Paulo eu não sentia isso. Pode ser na cidade da minha avó ou no Porto, se alguém no metrô estiver vestido de maneira estranha todo mundo vai olhar, todo mundo vai comentar. Não é no lado da fofoca, porque fofoca é no lado da maldade, não acho que as pessoas falam com maldade... elas comentam, parece uma necessidade de comentar tudo – e isso me incomoda. [...] Mesmo aqui na cidade tudo é muito pequeno, todo mundo se conhece, e

isso acho que é a coisa mais pavorosa que eu achei aqui em Portugal – você não ter a liberdade de fazer o que quiser, por exemplo, eu estou aqui a pessoa ali do lado pode ser primo da minha avó, sabe? Coisas assim, eu não gosto. Eu gosto de ter identidade [resguardada, velada], é muito bom, só na rua da minha casa são milhares de pessoas. [...]

Entrevistado 6 : Margarida, a militante na universidade, a cosmopolitana no mundo do trabalho

Idade: 26

Curso do Entrevistado: Graduação não concluída na Universidade Anhembi Morumbi em Direito (2012-2014); Licenciatura não concluída em Direito na Universidade do Porto, de 2015-2016, cursou três semestres; Graduação em Direito, em conclusão, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017-2021.

Parte I – Imaginários e Experiências

Investigador: *Fale seu nome...*

Margarida: Eu sou a Margarida, tenho 26 anos. Moro em Portugal desde 2015.

Investigador: *Você morava em qual região de São Paulo?*

Margarida: Na Zona Oeste, mas sou natural de Santos, mudei para a Zona Oeste quando conheci o meu marido – eu o conheci em São Paulo. Eu comecei os meus estudos em 2012, e já parei várias vezes a faculdade... estava a toda hora a me mudar [de residência]... Eu comecei na Anhembi Morumbi, terminei o segundo ano. Mas foi quando conheci o meu marido, que é português, viemos para cá [Porto].

Investigador: *Onde você o conheceu?*

Margarida: Eu o conheci por amigos em comum na internet, no Facebook.

Investigador: *Amigos da faculdade?*

Margarida: Não, não – ele é 20 anos mais velho do que eu... foram amigos das artes, amigos em comum de São Paulo. Ficamos amigos e em agosto de 2014 começamos a namorar.

Investigador: *Você já conhecia Portugal?*

Margarida: Foi a minha primeira experiência em outro país enquanto imigrante. Mas já visitei a Argentina. Assim, Portugal nunca foi um objetivo de vida pra mim... estou aqui puramente porque ele é português. Se eu fosse escolher uma opção de outro país eu, com certeza, migrava para a América, Japão... algo assim, que é mais a minha cara. Mas estou aqui por amor.

Investigador: *Você conheceu Portugal através do seu marido?*

Margarida: Sim, foi através do meu marido. O que eu conheço de Portugal foi através dele, e hoje eu também conheço porque na segunda vez que estive aqui fui enganada numa entrevista que era para eu ser vendedora numa empresa de telefonia e acabou por me colocarem para bater de porta em porta em Portugal, o que fez eu conhecer o interior de Portugal... fiquei nesse trabalho durante dois meses.

Investigador: *Vamos voltar a São Paulo, fale um pouco sobre seus estudos na Anhembi e como isso influenciou você continuar estudando Direito?*

Margarida: Assim, a minha avó, ela fazia Direito... dentro de todas as opções, o Direito era o que mais me saciava, em todos os sentidos, na minha questão sociológica, na minha questão política, na minha questão do que eu sou, porque eu gosto muito de falar. Mas eu gosto de falar coisas que interessem, e eu quero ajudar as pessoas (eu tenho muito isso dentro de mim). Mas eu sempre quis ir para o lado acadêmico, sempre quis ser professora. As interrupções que houveram durante o meu percurso acadêmico foram derivadas de muitas coisas, por exemplo, eu tenho lúpulos. Então, às vezes, eu tinha de parar porque eu estava muito cansada, daí trancava um semestre, e isso foi atrasando... Mas não foi, em momento nenhum, porque eu queria desistir do curso, pelo contrário! (Eu) não me vejo em nenhum outro lugar se não for na Faculdade de Direito!

Investigador: *Na Universidade do Porto você encontrou essa continuidade?*

Margarida: Eu, quando cheguei cá, nenhuma das minhas equivalências são aproveitadas... e começo do zero. O que aconteceu? Entrei aqui na faculdade de Direito da Universidade do Porto e eu não encontrei o meu lugar lá! Porque foi uma trajetória muito difícil, foi uma trajetória muito desestimulante, deixou uma marca muito profunda na pessoa que eu sou hoje. Tanto que eu nem consigo passar em frente daquela faculdade. Quando eu volto para o Brasil em 2017, eu faço transferência para a PUCRS, e lá eu encontro o meu lugar. Eu volto pra cá, tento acabar o curso na Lusófona, para acabar o curso de uma vez, mas não consigo... não me adapto ao ensino daqui, não tem nada a ver comigo, e eu consigo, por conta da pandemia (foi uma coisa positiva que veio nessa pandemia), continuar o curso de direito na PUCRS online – a qual vou terminar no final deste ano.

Investigador: *Como foi a decisão de vir para Portugal?*

Margarida: Por ele ser português, a mãe dele já tem uma certa idade... e a casa dele é aqui. Então, ele falou assim: “Amor a gente vai ter uma qualidade de vida muito superior lá, vamos ter tranquilidade e tudo”. Nós voltamos por essas razões, porque sim, de fato, Portugal é um país muito mais agradável a nível de qualidade de vida – e voltamos por conta disso, por meu marido ter as raízes dele aqui.

Investigador: *Mesmo comparando ali com a Zona Oeste, que é uma zona relativamente desenvolvida?*

Margarida: Sim, sim. Mas assim eu morava na Zona Oeste e trabalhava na Zona Sul – ao invés de ter um metrô para fazer o percurso em 15 minutos, eu tinha que dar a volta até o parque D. Pedro II e pegar mais um ônibus (autocarro), o que levava cerca de 2 horas... 2 horas para ir e 2 horas para voltar. Uma coisa que se tivesse a linha lilás [linha de metrô], que agora tem lá, eu faria em 15 minutos! E, assim, eu ainda estudava no centro [da cidade de São Paulo]... chegava em casa pelas 1:00 ou 2:00 da manhã... depois de todo esse percurso, já nem tinha ônibus...

Investigador: *E o seu marido ficou todo esse tempo no ano sabático?*

Margarida: Sim, 2014 foi o ano sabático dele.

Investigador: *Sobre sua escolha de curso, na Anhembi, a sua avó é formada em Direito?*

Margarida: A minha avó começou a estudar Direito, mas ela foi bancária. Ela começou a estudar por volta dos 40 anos de idade. [...] Porque minha mãe foi mãe solteira, foi mãe solo aos 18 anos, então, a minha avó, meu avô e a minha mãe me criaram os três em comunhão. Logo, eu e a minha avó temos um laço muito grande, eu herdei os sonhos dela, porque eu quis herdar, porque eu sou muito igual a ela. E ela herdou muitos sonhos meus, e a continuidade disso é a realização de um sonho meu e dela.

Investigador: *Iniciar o curso na Anhembi foi um passo para esse sonho?*

Margarida: Sim, sim.

Investigador: *O que definia o curso de Direito na Anhembi como o lugar certo, como o seu lugar, era a didática dos professores, o que definia lá como o seu lugar?*

Margarida: Os professores no Brasil são muito mais próximos, eles te convidam para tomar um café, eles dão risada com você, eles se tornam seus amigos, de beber cerveja, alguns são malucos até [risadas], eles te fazem sentir bem. Eles não te põem para baixo, eles não dizem assim “você não tem condição, vou te dar um zero”, isso é uma falta de respeito para com a intelectualidade de qualquer pessoa. Eu tive uma professora, na PUCRS, que foi a única cadeira em que eu reprovei... que foi processo civil, depois disso ela me deu um abraço e ela chorou. Porque ela disse assim: “Você só não passou porque você não tinha feito um trabalho e eu não posso fazer isso”. Quando eu fui embora da PUCRS, no ano passado (2020), professores choraram por me verem indo embora. Eles davam material para eu ler, eles fazem isso para te trazer uma familiaridade, segurança do caminho, do percurso. Infelizmente aqui há uma coisa que é a vaidade acadêmica, existe lá, existe, mas aqui é muito maior.

Investigador: *Você pensa que é pelo método de ensino?*

Margarida: Assim, Jorge, o que eu posso te falar é pelo curso de Direito. Acredito que os professores das artes, assim, devem ser diferentes! Isso tem que ficar muito claro, que estou a falar do curso de Direito. O curso de Direito atrai um tipo de pessoa que tem o ego muito inflado, aqui [em Portugal] também. Eles se sentem superiores às demais

pessoas da sociedade, e não é só aqui. Atenção que essa visão de se sentir superiores está presente em outros lugares, “Ah, eu sou doutora”, “Ah, eu sou advogada” [...]

Investigador: *Fale um pouco sobre a sua experiência no curso de direito da U Porto.*

Margarida: [...] Essa questão hierárquica, absolutamente desgastante dos professores com os alunos, sendo portugueses ou não. Mas é óbvio que você sendo brasileiro... Eles não estão nem aí, eles não pensam na saúde mental dos alunos daqui. [...] Ser humilhado pelo professor, ser humilhado pelos colegas? Isso não faz parte! Eu aprendi isso na PUCRS, a universidade vem de universalidade, vem de um lugar que você tem que crescer, que você tem que aprender [demonstra o que ela espera de uma universidade].

Investigador: *Qual era a quantidade de alunos estrangeiros na sua sala?*

Margarida: Eu acho que eram 14 por ano, numa turma de 60 alunos que se dividiam em duas salas.

Investigador: *Como que era a relação com esses estrangeiros?*

Margarida: Se juntavam todos! Não é que ficavam fechados, nós ficávamos unidos.

Investigador: *A maior parte de brasileiros?*

Margarida: Não, de Africanos (caboverdianos em sua maioria).

[...]

Margarida: Assim, Jorge, vou falar uma coisa que sempre falo para o meu marido. O brasileiro tem um sonho dourado de Portugal, em todos os níveis, em nível acadêmico, em segurança... tem muita coisa boa aqui, senão não estaríamos aqui. Mas isso não é o paraíso que as pessoas pensam que é, a faculdade é, volto a repetir, a de Direito pelo menos, é uma faculdade que mexe com o seu psicológico, sem respeito nenhum ao que o ser humano é antes do aluno, e as pessoas não aceitam que se diga isso. Eu vejo a tua pesquisa como forma de colocar isso para fora.

Investigador: *Como foi a decisão de voltar para o Brasil?*

Margarida: Meu marido recebeu uma proposta para abrir uma empresa em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. E dentre todas as opções, a faculdade mais preparada para fazer a integração de um aluno com formação no estrangeiro foi a PUCRS.

Investigador: *Como você conheceu a Diana [a pessoa que indicou a entrevista]?*

Margarida: Ela frequenta a loja de roupas em que eu trabalho, a cosmopolitana. Eu a conheci lá, e acabamos ficando amigas, temos muitos assuntos em comum. Daí ela falou “Nat, olha, tem um amigo precisando fazer uma entrevista”, eu disse “tá bem, pode mandar”, eu já tinha contado a ela sobre a minha experiência... ela já sabia meio por cima.

Investigador: *Sobre a língua, você sabia que seria uma dificuldade?*

Margarida: Não acho difícil. Eu sempre gostei muito de português – obviamente que nós temos o nosso dialeto, quase, não sei se é... mas eu gosto de português e isso não é um problema para mim. Nem para me expressar, nem para escrever, nesse caso.

Investigador: *Então você já tinha um conhecimento da língua portuguesa de Portugal? Se sim, como?*

Margarida: Sim. Santos é uma cidade portuguesa, nós usamos o tu, nós temos uma influência portuguesa muito grande lá. É normal você ter um vizinho que é português.

Investigador: *Ah, então você já conhecia outros portugueses além do seu marido?*

Margarida: Já, eu sou descendente de italianos e portugueses. Inclusive eu sou mais ibérica do que o meu marido [...] eu tenho ascendentes dos Açores e, acho, da região Norte de Portugal Continental. O meu avô era português, o meu bisavô era português.

Investigador: *Então a sua nacionalidade é derivada dos seus avós e não do seu marido?*

Margarida: Sim, eu não preciso disso. Se fosse por isso, casava com um americano pra ter o greencard e não com um português [risadas]. As pessoas dão risada, mas é verdade – América! *American dream!*

Investigador: *Como que é essa sua visão sobre a América?*

Margarida: Eu gosto! Porque lá se você é faxineiro tá a ganhar bem, você consegue crescer na América. Agora com o Biden então, eu amo o Biden. É a América que eu quero ir!

Investigador: *Ainda tem esse sonho?*

Margarida: Não, já não tenho mais.

Investigador: *Você pensa em entrar na sua área de trabalho aqui, o que se abre do Direito?*

Margarida: Olha, o que provavelmente vá acontecer quando eu me formar é que eu vá fazer a prova da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) no Brasil. Daí eu vá ter que fazer a equivalência da prova daqui, muito provavelmente eu vá fazer só para exercer para ajudar imigrantes que não tenham condições, ajudar com imigração.

Investigador: *Quando vocês decidiram vir, você já imaginava encontrar dificuldades na universidade?*

Margarida: Não. [ela diz que não de uma forma muito seca... mas a forma como ela descreve o que a universidade, a didática dos professores, etc., e a questão da avó dela e o seu sonho herdado, apresenta uma imagem específica, logo, é normal que as expectativas para o curso de Direito na U Porto fossem as mesmas]

Investigador: *Você pesquisou alguma coisa na Universidade do Porto?*

Margarida: Ahh, pesquisei. Eu entrei pela cota de estudante internacional, mas foi uma surpresa desagradável.

Investigador: *E fora da Universidade, pelo que estou percebendo parece que a vida fora da Universidade você tem mais interação com os portugueses.*

Margarida: Sim, no meu trabalho eu amo a minha chefe, me divirto muito. A minha vizinha arquiteta que ninguém no prédio se dá com ela, já comigo eu a abraço e nos adoramos. Na loja em que eu trabalho está indo super bem, antes de eu entrar as vendas eram sempre as mais baixas frente às outras lojas... agora, comigo é sempre a primeira em vendas! As pessoas passam lá na loja e deixam balinha pra mim... porque eles

gostam! Ser brasileira nessas horas ajuda, por conta do atendimento. Cantam música do Brasil, do nada [risadas]. Teve uma cliente que falou assim “Olha, escuta, tá a ouvir essa música?”, eu disse “Tou”, ela respondeu “Muito feia na voz de um português! Agora canta você”, e eu comecei a cantar para ela. A senhora respondeu “Olha só, você é a minha cantora”. E assim, não posso falar mal de Portugal, porque o meu marido é português, a minha sogra é portuguesa, o meu sobrinho é português, a minha cachorra Lorca, que está latindo, é portuguesa [risadas]. [engraçado como o tom da entrevista se alterou, ao retirar o debate da faculdade de Direito surgiram memórias de relações muito amistosas com portugueses. Em seguida, chega a relatar uma experiência positiva no teatro universitário do curso de direito da U Porto, além das pessoas (outros imigrantes) que conheceu no curso e aprendeu muito “conheceu outro continente”]

Margarida: Ah, eu não posso deixar de falar. Eu participei do teatro universitário, e eu conheci portugueses muito doces. O pessoal do teatro era muito doce, até hoje se eu os encontrar na rua eles são... porque é um pessoal mais sensível, sei lá, uma sensibilidade ali fantástica. Nossa, agora me lembrei de uns, era a Catarina, que era presidente do grupo de teat [não termina a palavra]... e a gente se divertia.

Investigador: *Todos do Direito?*

Margarida: Todos do Direito! Ou da Criminologia. Olha, Jorge, uma coisa para te dizer! Existia uma diferença muito grande entre os alunos da Criminologia e do Direito. E os professores e alunos da Criminologia tinham um posicionamento muito diferente dos alunos de Direito, eles eram muito carinhosos, eles aceitavam outras pessoas *[isso demonstra as expectativas, logo como ela espera que os outros estudantes e membros do corpo universitário devem agir]*

Não posso deixar de dizer, uma professora maravilhosa que eu tive no direito da U Porto. Porque no dia que eu falei pra ela “Professora, está havendo caso de xenofobia, tá havendo racismo”, ela parou a aula dela e ela falou “Estou sabendo que está havendo casos de xenofobia, racismo aqui dentro. Isso aqui não é lugar pra isso. Todo mundo aqui é igual e eu sou igual a vocês”. A prova dela era justa, essa professora é um ícone, o que todos deveriam ser!

Investigador: *Fale um pouco sobre o seu atual trabalho.*

Margarida: Sou muito grata aos meus chefes, me sinto realizada em estar lá, me sinto feliz em conseguir fazer minha faculdade, na PUCRS, daqui. Minha chefe me apoia, quando eu preciso de alguma coisa ela está ali pra mim, tenho um carinho enorme por ela.

Investigador: *Aumentando a proximidade, aprendendo com as diferenças?*

Margarida: Sim, com certeza. Por exemplo, antes da faculdade de Direito, eu fiz o curso técnico de moda. Eu achava que ia chegar na loja sabendo tudo de moda, e minha chefe começou a me explicar conceitos que eu nunca tinha visto. E eu falava “Mas no Brasil a gente não faz assim”, e ela respondia “Mas eu vou te ensinar”. De fato, o visual merchandising daqui, o público daqui... Ela me chama pra almoçar, me incentivou para cuidar mais de mim mesma, me incentivou a fazer exercícios físicos, a comer melhor.

Investigador: *Ela tem quantos anos?*

Margarida: 44 anos. E ela assim, antes tinha vergonha de colocar fotos no instagram, mas eu a incentivei, falei “Nossa, você parece a Julia Roberts! Anda lá” – uma ajuda a outra sabe, sororidade!

Anexo 4 - Formulário de Consentimento Informado

Investigação para Dissertação no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Identidades, entre a pertença e a diferenciação. O caso dos estudantes brasileiros na Universidade do Porto.

Autor: Jorge José Queiroz Corsi – tel.: 911862365 – e-mail: jorge.corsi92@hotmail.com

O actual trabalho de investigação insere-se num estudo para dissertação, para obtenção do grau de mestre em sociologia, que tem como principal objectivo compreender as relações de (re)conhecimento entre os estudantes brasileiros e portugueses na Universidade do Porto.

Pretende-se contribuir para um melhor conhecimento sobre as identidades sociais dos estudantes brasileiros, entre as expectativas e experiências migratórias, sendo necessário, para tal, ouvir as narrativas e histórias de vida dos estudantes brasileiros. A fim de pensar formas mais coesas de integração e acolhimento dos estudantes migrantes, assim como, criar pontes nas relações entre brasileiros e portugueses. Por isso sua contribuição será essencial. As informações recolhidas serão efectuadas através de entrevistas que deverão ser gravadas para permitir uma melhor compreensão dos factos.

O resultado da investigação, orientada pelo Professor Doutor José Manuel Azevedo, será apresentado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto no final de 2021, o entrevistado poderá, se desejar, contactar o autor (Jorge Corsi) para se inteirar dos resultados obtidos.

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Assinatura de quem pede consentimento: _____

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para fins científicos e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Anexo 5 - Enquadramento das Identidades

Enquadramento das Identidades – Frederico

Informações Superficiais			Identidade Virtual - estratégias e adaptações	
Identidade Nominal	Identidade Visada	Previsibilidade	Imprevistos	Identidade Situada
Brasileiro, estudante de ciências	Estudar na Europa [...] obviamente era muito bom ter uma experiência aqui na Europa, num outro país, num outro tipo de educação [...] Diploma, Naturalização: Ter um diploma europeu, não só pelo valor, mas por possibilidades futuras (por ter diploma aqui na Europa, ou mesmo já uma nacionalidade portuguesa ficando alguns anos).	E depois de duas semanas, ela [minha tia] falou nisso de novo, e eu falei “pronto, vou procurar”. Logo, encontrei a Universidade de Coimbra, e era 7 mil euros por ano. E eu falei “ah, é realmente impossível de pagar isso”. E pesquisando mais achei a Universidade do Porto, daí eu vi que era só 1.500 euros por ano. Nisso eu vi que era possível [...] pois, acredito ser melhor do que a educação no Brasil. Até porque a faculdade que eu poderia ir [no Brasil] estava em greve há 6 meses	Fora isso eu não sabia nada de Portugal. Agora, quando eu comecei, quando eu me candidatei eu já comecei a procurar muito [informações], porque assim em termos: eu não sabia que existia isso, essa oportunidade, e três meses depois eu já estava matriculado na faculdade, já estava me preparando a ir para Portugal. Foi muito rápido! E eu comecei a pesquisar muito, logo, eu achei canais [do Youtube] brasileiros aqui do Porto, para ajudar a ter uma ideia de como seria a vida, o custo, a adaptação, e comecei a procurar uma casa para morar	Porque eu não tenho amigos portugueses, estou aqui desde 2017 e não tenho nenhum amigo português que eu saia, que eu vá jantar, que eu me relacione... e, querendo ou não, aqui em Portugal, como tem um grupo muito grande de brasileiros... Quando eu cheguei aqui fui para uma residência universitária com um grupo muito grande de brasileiros, a residência universitária Alberto Amaral, então, essa carência de socializar é suprida pelo grupo de brasileiros que circula.
Estudante estrangeiro, brasileiro em Portugal	Diploma universitário, naturalização, conhecer novas realidades	Só que a escolha por Portugal... [...] porque eu poderia ter ido para Espanha, eu poderia ter ido para outro país. Na altura, eu pensei Portugal, primeiramente, pelo idioma, hoje eu tenho uma base de inglês, mas quando eu cheguei o meu inglês era zero, zero, zero. [...] Então só achei que seria bom. Minhas expectativas não eram muito grandes, eu sabia que seria bom, não tinha muito jeito de dar errado [com as expectativas]	Então, bateram as expectativas como eu esperava, até superou muito em termos culturais, nunca pensei que Portugal era tão interessante!	Acho que o brasileiro não conhece quase nada dessa cultura. [...] Tradições, a cultura mesmo do português: aquelas terrinhas em volta das cidades, as tradições, as datas importantes do ano [...] A praxe, por exemplo, é uma coisa que ninguém sabe o que é (que é uma coisa super antiga), grupos musicais como as Tunas (agrupamento musical estudantil). O próprio fado não é bem conhecido no Brasil, tem algumas cantoras [conhecidas], mas não se entende muito, sei lá.

Enquadramento das Identidades – Frederico

Informações Superficiais

Identidade Virtual - estratégias e adaptações

Identidade Nominal	Identidade Visada	Previsibilidade	Imprevistos	Identidade Situada
Estudante brasileiro, estudante de ciências na U Porto, vivente em Portugal	Naturalização, aderência aos grupos de estudantes portugueses, amizades locais,	Eu sabia que seria complicado. Porque todos os vídeos que eu vi os brasileiros falavam “no começo você não vai entender nada”. O português usa um tom diferente, a entonação é diferente, a maneira como fala as coisas, digo, a maneira como pensa as coisas é diferente, então, <i>yeah</i> , no começo foi difícil, eu não entendia, como as pessoas não entendiam muitas vezes	Principalmente, em supermercados era o mais difícil – foi engraçado. Em amizade, no começo meus amigos eram sempre assim “olha, não estou entendendo o que você está falando” e eu respondia “também não estou entendendo o que você está falando”. Então, era sempre repetir várias vezes para manter a conversa	Acho que a diferença entre muitos brasileiros e eu, é que muitos brasileiros que vem para cá, a maioria, eu diria, convive mais com brasileiros. Encontram outros brasileiros, e convivem entre eles. E passam muito mais tempo com brasileiros do que com portugueses. Por isso o meu sotaque é mais português do que o de outros brasileiros que eu conheço. Porque, quando eu cheguei aqui eu não conhecia ninguém – eram mais 3 brasileiros no meu curso, uma casada, outra também casada, todos trabalhando, então não convivia muito com eles. Então, eu convivia sempre com portugueses e para mim cada mês novo era uma nova expressão que eu aprendia e coisas assim. Aí depois de um ano já percebi, quando fui ao Brasil, de férias, que já tinha mudado muito o sotaque, assim, em um ano!
	Estudante, pertencimento à localidade, integração	<i>na</i> faculdade, logo no primeiro dia em que fui me matricular fui abordado por um estudante trajado falando da praxe. E eu já sabia que isso ia acontecer, já tinha visto vídeos de brasileiros falando sobre a praxe em diversos outros lugares. Eu não sabia como era a praxe do Porto – que era uma coisa que realmente eu não sabia como ia ser. Porque eu estava até nervoso, sabia que tem aquela coisa de inferiorizar o aluno mais novo, mas eu queria me integrar, achei que tinha que me integrar porque era o melhor <i>pra</i> mim. Porque como que você vai ficar sozinho num país, sem sua família, sem seus amigos, sem se integrar.	<i>é</i> meio sinistro, porque no começo é um ciclo de doutores trajados com você lá no meio, e basicamente o que estão fazendo são vários jogos e com todas as regrinhas deles. Você tem que falar sim senhor doutor, não senhor doutor. [...] Mas quando eu descobri que tinham frases para saudar as pessoas, e a frase era em latim [...] essas coisas tinham que fazer. E eu fui conhecendo	E eu fiquei tipo “ <i>ok vamos lá!</i> ” Eu era muito aberto, porque eu não sabia o que era normal e o que não era normal. [...] E, sem dúvida, a questão de eu ser brasileiro me ajudou, por falar coisas que eles não têm aqui eles achavam engraçado. [...] No começo eu ia bastante, e a praxe por não ser apenas do meu curso era uma coisa gigantesca, com centenas de pessoas, então era muito legal. E depois, quando foi apenas a praxe do meu curso achei que já não foi tão legal, que eu não estava me integrando como na outra. Mesmo assim continuei, e o engraçado que conheci meus melhores amigos na praxe, e que no futuro me possibilitou entrar na Tuna (no segundo semestre)

Enquadramento das Identidades – Frederico

Informações Superficiais

Identidade Virtual - estratégias e adaptações

Contexto	Expectativas	Experiências	Identidade Situada
Faculdade de Ciências, grupos tradicionais, TUNA, Praxe	Quando meu pai foi embora eu senti: “agora estou sozinho aqui e vai ser difícil, porque não tenho ninguém aqui, nenhum familiar, não conheço ninguém praticamente, agora preciso me esforçar.”	Então, eu estava procurando integração, e sabia que seria natural conhecer pessoas que eu iria gostar. E a Tuna possibilitou eu conhecer lados da cultura portuguesa, digamos, por ir aos festivais de Tuna, ver as bandas a tocar [...] Uma serenata, coisas que eu não sabia, eu não conhecia nenhuma dessas músicas. Para mim a experiência de ter de cantar em português, foi uma coisa muito engraçada, porque até ajudou, facilitou porque foi logo no primeiro ano que eu estava cá	Para mim a experiência de ter de cantar em português, foi uma coisa muito engraçada, porque até ajudou, facilitou porque foi logo no primeiro ano que eu estava cá [...] Facilitou muito eu aprender a falar de maneira específica, por exemplo, se eu quiser ir a uma padaria agora eu posso ir falar em português e ele não vai saber que eu sou brasileiro. E essas coisas me ajudaram na época a perceber as expressões e até a emoção da música, coisas assim, sabe quando se cantam daquela maneira, e você percebe. Sabe, foi interessante. E viajei para algumas terrinhas para fazer atuações e coisas assim [...] conheci mais pontos em Portugal por conta de ir visitar as casas dos pais de meus amigos [...] daí cada vez mais a conhecer a cultura, porque você está na casa da pessoa, a comer a refeição que eles fizeram, um vinho que eles fizeram, coisas assim.
Faculdade de Ciências, grupos tradicionais, TUNA		Cosmopolitismo Todo mundo pergunta coisas do Brasil, mesmo a minha personalidade é evidente que eu sou brasileiro. E as pessoas acham engraçado, assim como a gente acha engraçado a maneira como eles falam. Então é sempre engraçado, a diferença. No começo. Mas geralmente não vai muito mais a fundo que a própria linguagem, seria mais uma questão do Brasil que são estereotipadas , por exemplo, a questão da violência, depois com o Bolsonaro, muitas coisas ligadas sobre o Bolsonaro. [...] Então com meus amigos isso é bom, pois, toco as músicas quanto ouço as músicas portuguesas. Mas na Tuna não cheguei a fazer essa troca, porque ainda não tocava guitarra.	E eu só comecei a tocar violão porque eu entrei na Tuna, e eu pedi para esse amigo ensinar porque eu queria aprender alguma coisa para poder ficar na Tuna. Depois que eu saí da Tuna, por perceber que iria ficar muito desgastante para eu subir na hierarquia daquele grupo eu teria que saber um instrumento, eu sabia que isso ia demorar, e o meu intuito naquele grupo era socializar, beber e ir para festa. Daí eu comecei a aprender violão, e minha mentalidade da música mudou muito. Porque eu entendi o que era uma nota, o que são intervalos, foi um progresso [...] e eu fui indo para o repertório brasileiro
Estudante em Portugal	Diploma europeu, reconhecimento experiência internacional, melhor desempenho como profissional	Eu posso dizer que nunca tinha ido a um laboratório, na minha vida, em todos os colégios em que estudei não tinham laboratórios, pelo menos não entrei nele. Isso já quer dizer alguma coisa, os portugueses todos já tinham entrado num laboratório. Isso quer dizer que eu estava com menos preparo do que eles naquela altura. [...] Por outro lado, acho que a relação que os alunos têm com o professor, aqui em Portugal, é diferente da que existe no Brasil. Tipo, os professores aqui são: “senhor doutor”	Nas aulas, se um professor falasse muito rápido ou muito baixo não entendia o que ele falava. No começo eu tinha tanto esforço para não tirar tanto proveito acadêmico, uma performance acadêmica. Depois da Tuna, veio o segundo ano e veio a coisa na cabeça que eu deveria melhorar, e melhorei. [...] Mas é uma coisa que ainda não está certa na minha cabeça, e que falha um bocadinho, às vezes, a faculdade em passar experiência profissional em apresentar como vai ser a sua vida [do estudante] num laboratório [enquanto investigador]

Enquadramento das identidades - Jean

Identidade Nominal	Identidade Visada	Previsibilidade	Imprevistos	Identidade Situada
Brasileiro, homem, geógrafo, professor de geografia no Piauí, Doutorando na em geografia [...] eu já tenho uma história toda de morar no interior – eu fiz concurso numa cidade do interior do Piauí, são 30 mil habitantes na cidade...	Experiência no estrangeiro, estudar na Europa, adquirir mais conhecimento (são identidades virtuais projetadas) [...] Então, eu queria um lugar que eu pudesse circular mais – que a experiência do doutorado fosse para além da experiência académica. Que desse uma bagagem de experiências com pessoas de outros lugares, de viagens, e aqui o Porto é estratégico... é uma cidade que tem tudo que a gente precisa, e com qualidade.	Analisando as possibilidades aqui [Portugal] eu fiquei na dúvida entre Coimbra e o Porto. Porque a propina lá [Coimbra] é muito mais barata [...] o Porto eu já tinha aquela ideia de ser uma cidade maior, uma cidade com maior movimento, que tem mais vida. Eu não queria passar 4 anos fazendo o doutorado no interior... Muita socialização, expectativas em torno da vida movimentada da cidade grande	Nós temos um abismo cultural muito grande [...] pela falsa ilusão de que nós somos tão próximos, de que o brasileiro e o português, pelo encontro da língua que a gente tivesse semelhanças para além disso	Porque eu não tenho amigos portugueses, estou aqui desde 2017 e não tenho nenhum amigo português que eu saia, que eu vá jantar, que eu me relacione... e, querendo ou não, aqui em Portugal, como tem um grupo muito grande de brasileiros... Quando eu cheguei aqui fui para uma residência universitária com um grupo muito grande de brasileiros, a residência universitária Alberto Amaral, então, essa carência de socializar é suprida pelo grupo de brasileiros que circula.
Geógrafo	a experiência de mundo – porque eu sou geógrafo! Eu queria ter contato com culturas, com paisagens diferentes... eu falo nas minhas aulas das paisagens, dos climas, etc. Eu queria ter essa oportunidade aqui para vivenciar, para mergulhar mesmo nessa variedade de culturas.	Só que a escolha por Portugal... [...] porque eu poderia ter ido para Espanha, eu poderia ter ido para outro país. Na altura, eu pensei Portugal, primeiramente, pelo idioma, hoje eu tenho uma base de inglês, mas quando eu cheguei o meu inglês era zero, zero, zero.	Fiz o inglês aqui pela necessidade, porque nas minhas realidades brasileiras o inglês não era algo que me incitava, porque eu não tinha contato com pessoas de outra cultura – leitura era esporadicamente. Mas quando eu cheguei aqui e você vai para uma roda de conversa e todos estão falando inglês, e você não entende muito o que está acontecendo... aí acendeu assim, opa, quanto é importante para se comunicar e se locomover.	

Enquadramento das identidades - Jean

Identidade Nominal	Identidade Visada	Previsibilidade	Imprevistos	Identidade Situada
Estudante, imigrante	Nesse sentido a gente não pode deixar de falar na xenofobia, mesmo com todos os recortes “homem branco, que não precisa trabalhar, etc”.	Muito do que existe de opressão em Portugal é muito velado, no Brasil estamos em outro patamar na discussão sobre isso – talvez porque estamos em outro patamar, digo pela violência dessas opressões... que a resistência precisa ser maior, logo, fomenta as discussões no ambiente universitário, a entrega dos professores nessa abordagem, dos alunos.	Quando eu cheguei o português não soava tão bem aos ouvidos, porque eles estão acostumados com o nosso sotaque – pelas novelas, etc -, a gente não tem esse costume com o sotaque português. Então, assim, na primeira semana, no primeiro mês, até para entender os professores não era tão simples, eu tinha que ficar muito atento para não perder o raciocínio.	Mas eu acho que precisamos tocar na questão da xenofobia, precisamos tocar na questão da relação do colonizador e do colonizado, mesmo após 500 anos. Existem referências na memória dos portugueses sobre outras migrações brasileiras, essa memória é muito forte, eles não tiram da cabeça essa memória do “brasileiro que vinha pra cá para enganar, para roubar”, da “brasileira que vinha para se prostituir”
Comparação Brasil e Portugal		A gente sai de um país que o abismo social é muito grande, então, assim, quem é rico você percebe que é rico, porque a casa, o bairro, é tudo muito, gigante, luxuoso. E os mais pobres também é muito perceptível, são as favelas, os barraquinhos, áreas de ocupação irregular. Então esse abismo que a gente vive no Brasil, que não permita que todos possam circular, segurança e saúde e coisa e tal. Não tem como não se chocar! Esse choque que a gente tem da pobreza do Brasil [...]	Quando eu cheguei aqui em Portugal essa pobreza não gritava na paisagem, eu passava num bairro pobre, mas não tinha ideia que fosse um bairro pobre, porque a ideia que temos no Brasil é de uma pobreza extrema. [...]	Então, assim, você andar numa cidade pelas 2 da manhã, pelas 3 da manhã, como se estivesse na sala da sua casa, sem essa preocupação com a violência, não tem como não ficar fascinado. É pra mim uma experiência nova!

Enquadramento das identidades - Jean

Contexto	Expectativas	Experiências	Identidade Situada
Estudante, geógrafo, Porto	Primeiro eu procurei pela cidade, porque o lugar importava muito. Eu não queria Lisboa, porque já é uma cidade grande demais para o que eu queria, digo no sentido da dinâmica – eu não queria uma cidade do interior nem uma cidade com um fluxo tão grande como Lisboa.	O Porto é esse meio termo, e fora que a cidade é muito linda – eu sou encantado pela cidade. Eu posso sair 300 vezes e as 300 vezes vou sair elogiando e achando a coisa mais linda do lundo	
U Porto	O meu orientador de campinas fez pós doutorado com a minha orientadora daqui, essa parceria prévia possibilitou que eu fosse apresentado a uma professora antes de chegar – tipo, olha, a linha de pesquisa é essa, etc [...] Como eu queria trabalhar com o tema do meu orientador do Brasil, e ele já tinha trabalhado com essa professora daqui	é uma professora fantástica! A gente tem uma relação muito boa, muito saudável. E, pronto, foram essas duas questões, a da cidade e da orientadora, por isso não optei pelo doutoramento em Coimbra, mesmo sendo metade do valor daqui.	
Cursos na U Porto	Em termos do doutorado eu esperava mais, eu acho que existe diferença da pós-graduação aqui e no Brasil [...] Foi bom, nas não era aquilo que eu esperava de poder pegar uma disciplina, por exemplo, de bacia hidrográfica e com a disciplina poder conhecer autores, metodologias na área, etc, etc	O que aconteceu comigo na geografia foram aulas com professores diferentes que apresentavam seus estudos. [...] Assim, como eu te falei, quando eu percebi que a língua era uma barreira para conhecer outras culturas, eu fui me dedicar ao inglês, eu fui fazer intercâmbio em Malta para acelerar o processo. Quando eu voltei de Malta, eu percebi que podia mergulhar em outros universos, acabei não sentindo tanta falta [de relações]...	Com a oportunidade da co-tutela eu me senti contemplado com a abordagem das disciplinas que eu esperava. Quando eu voltei para a Unicamp eu peguei 3 disciplinas obrigatórias, o que me ajudou muito. [...] Além da atividade do doutorado, eu cheguei a fazer o curso de inglês durante 2 semestres na U Porto – é um curso com muita qualidade. Falar inglês aqui foi fundamental, para chegar nesses espaços e poder criar relações. Por exemplo, estou na residência, ao chegar na cozinha tem uma indiana, ou tá um chinês, ou alguém de algum outro país, logo, é impossível que você entenda o idioma deles e que ele entenda o seu... nesse sentido, a língua inglesa é o encontro. Para coisas básicas, para perguntar se está tudo bem, como está a vida. Senão meu grupo ficaria, basicamente, entre brasileiros.

Enquadramento das Identidades – Melissa

Identidade Nominal	Identidade Visada	Previsibilidade	Imprevistos	Identidade Situada
Brasileira, do interior de São Paulo, bacharel em química na Unicamp		Na verdade eu até esperava que o meu curso fosse em inglês, para eu continuar praticando, mas falam português mesmo	No começo eu não conseguia entender nada [risos], eles falam muito rápido (os portugueses). Mas com o tempo você vai se adaptando...	Apesar de querer que a língua fosse inglesa, a questão de ser o português ajudou bastante na adaptação. Do resto acho que... eles não são tão acolhedores quanto os brasileiros, mas não são tão frios quanto os americanos - achei um meio termo
Estudante Imigrante	Experiência Internacional. Ah, porque eu gostei de morar fora. A experiência nos Estados Unidos foi muito boa, infelizmente não consegui ficar mais tempo porque precisava terminar o curso na faculdade e pela dificuldade de visto para se manter regularizada – então, acabei voltando	Como aqui abria inscrição em janeiro aqui em Portugal, gostei bastante do curso da U Porto, o programa de acesso como membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) também chamou minha atenção (isso ajuda um pouco na questão financeira). Mas eu achava que no quesito das coisas funcionarem eu já achava que seria melhor do que o Brasil, nesse sentido imagina igual aos Estados Unidos.	Em algumas coisas fiquei bastante surpresa, em outras pensei “que bom que é parecido, que bom que é igual”. [...] São um pouco acolhedores, não como os brasileiros, mas são. Tanto que tenho amigos portugueses, e eu não esperava isso.	Eu acho que mais pela organização, ver as coisas funcionarem, o sistema funcionar, a segurança (principalmente) – mais por ser mulher, porque no Brasil tem muita violência contra mulher. Tanto nos Estados Unidos como aqui eu sinto que posso andar à noite. E, claro, as possibilidades de crescimento social, em poder trabalhar e ter um salário para construir uma vida mais confortável.
Brasileira, imigrante		Às vezes percebo uma ou outra diferença no tratamento pela generalização dos brasileiros, mas sei que vai ter isso no resto do mundo, porque não é a nossa terra – seremos estrangeiros de qualquer forma. [...] Ah, acho que a ideia de o brasileiro sempre querer fazer as coisas erradas, de a mulher ser puta... Tem de quebrar esse preconceito sempre, tanto no profissional como nas relações pessoais.	Porque sempre que falo que sou brasileiras as pessoas não esperam que eu saiba mais que elas, ou só acham que estamos aqui irregulares para trabalhar em serviços de restauração, etc	Então, acabo tendo que quebrar e dizer “Não, eu sou assim...” [...] Eu vou demonstrando, através das minhas habilidades. Apresento a segurança de quem eu sou.

Contexto	Expectativas	Experiências	Identidade Situada
Estudante, mestranda	Eu imaginava o mestrado com poucos créditos e já começar a tese. Eu tinha percebido a grade, mas não imaginava tão puxado	Olha, foi bastante exigente. Eu senti que estava na graduação, porque era aulas de segunda a sexta das 9 da manhã às 6 da tarde	Muitas cadeiras eram bastante parecidas com as do Brasil, foi bom para dar uma revisão. Mas aqui focaram na parte de programas que a gente acaba usando nos laboratórios, mesmo que teoricamente fosse uma revisão nessa parte de laboratório foi muito boa.

Enquadramento das identidades - Maria

Identidade Nominal	Identidade Visada	Previsibilidade	Imprevistos	Identidade Situada
Brasileira, de São Paulo, graduada em gerontologia pela EACH;	Pós-graduação no exterior;	Logo que eu acabei o curso (bacharelado em Gerontologia), eu queria continuar os estudos, mas fora do Brasil.	Só que eu acho que no Brasil eu nunca seria chamada por um professor para fazer parte de um projeto dele, ou ele me fazer um convite. Aqui eu recebi diversos convites, para diversas coisas	<u>aqui</u> eu sinto mais destaque da minha forma de estudar, da minha forma de mostrar o meu conhecimento, do que eu sinto no Brasil. Não só em notas, mas eu sinto que a minha forma, que veio muito da minha faculdade [EACH]: a minha forma de explicar, a minha forma de estudar e tudo se destacam muito mais aqui do que lá...
Ascendência Portuguesa (naturalização por linhagem de parentesco)	Identidade nacional reivindicada	Como minha família já é daqui de Portugal [...] mais que eu tenha essa nacionalidade brasileira, e claro que eu considero as minhas raízes brasileiras, ao mesmo tempo eu fui criada por culturas portuguesas: a comida que eu comia em casa, as roupas que eu vestia, a maneira de falar e a maneira até de escrever foram muito mais ligadas com as maneiras de Portugal do que com as do Brasil.	Claro, que, assim, na parte acadêmica na parte acadêmica, na parte de amizades sempre é um pouco mais difícil... porque sempre eu mantinha só contato com a minha família...	a família do meu pai mora no Brasil, e a da minha mãe na região de Aveiro. Então, aos finais de semana, e agora na quarentena, eu fico na casa dos meus avós (da minha família), e durante algumas semanas eu venho para o Porto [...] <u>eu</u> era a "Maria Portuguesa", porque todo mundo sabia, mas não pelo sotaque em si, mas pela maneira de falar: a conjugação do verbo, sempre no infinitivo, ou a maneira de se escrever, ou a forma de se expressar sempre foram à portuguesa. Então, sempre teve aquela coisa: "não estou entendendo o que você está falando"... então, eu sempre fui puxada para esse lado. [...] Então, de raiz, assim, eu sempre fui portuguesa. Então, quando eu cheguei aqui comecei a viver uma realidade que eu sempre vivi.
Identidade Acadêmica	Diploma no estrangeiro	Eu sempre fui uma pessoa muito fácil de lidar, eu não acho que sou uma pessoa fechada, acho que sou bem aberta, eu acho que o brasileiro tem esse espírito um pouco mais aberto. [...]	<u>Aqui</u> a gerontologia é muito diferente, o curso, tudo é muito diferente. Aqui é muito voltado para a assistência social para idosos – é como se você fizesse o curso de assistente social para idoso.	Na área profissional [...] <u>eu</u> meio que decidi, mais ou menos, se eu quiser seguir a área acadêmica, tipo doutorado, eu fico aqui [...] Agora, se eu desistir da área acadêmica e toda essa parte e parar de estudar, eu pretendo voltar para o Brasil. Logo, fazer a parte mais prática, a vida profissional no Brasil. Porque eu acho que no meu curso e no meu caso eu tenho mais oportunidades no Brasil.
Ascendência Portuguesa, linhagem e identidade nacional	Identidade Nacional Atribuída	... Porque esse lado de eles saberem que eu tenho uma vivência mais portuguesa, uma raiz mais portuguesa, os atrai de alguma forma.		Minhas amigas sempre chegavam para os amigos deles "Olha essa é a minha amiga Ana Carolina, ela é brasileira, mas a família dela é daqui". E eu falava "Porque você tem de mencionar que a minha família é <u>daqui</u> ?" ela respondia "Olha, porque é mais fácil você se aproximar deles". Tipo, chegaram a me falar isso, sabe... Acho que tem isso de saberem da raiz... o meu próprio namorado para a família dele <u>disse</u> "Mas a família dela é daqui".

Enquadramento das identidades - Maria

Contexto	Expectativas	Experiências	Identidade Situada
U Porto e EACH - a unidade é a identidade situada, narrada	Sendo que o ensino que eu recebi da EACH é um ensino diferente. [...] Eu acho que a forma de ensinar é um pouco diferente. Por exemplo, lá na USP, a EACH foi criada com uma ideologia de ensino com uma forma mais construtivista	na parte acadêmica, sim, é um pouco diferente, mas eu acredito que seja com relação a USP e a Universidade do Porto. E não Brasil e Portugal.	Porque eu converso com os meus amigos brasileiros com origem em faculdades particulares brasileiras e o ensino é um pouco parecido com o ensino que eu sinto aqui [...] Eu sempre fui uma pessoa muito..., não me considero inteligente, mas sempre muito esforçada!
Sala de Aula; identidade de fronteira		Porque a minha sala tem 20 brasileiros e 4 portugueses . Então, parece, assim, que eles que estão fazendo intercâmbio na nossa sala.	alguns brasileiros estavam de primeira (pela primeira vez em Portugal) eles não entendiam algumas expressões portuguesas e eu que ficava meio de câmbio entre eles. Quando os professores queriam dizer alguma coisa os brasileiros ficavam olhando para minha cara esperando, como se eu fosse a tradutora
Sala de aula, identidade de fronteira	Eu acredito que se eles fossem espanhóis aconteceria a mesma coisa. Porque as vezes eu sinto que o português é um pouco desconfiado (um estereótipo).	eu senti pelos portugueses, que sempre tinham um pé atrás com os brasileiros, no sentido de não serem brasileiros, mas serem de uma cultura diferente – [...] E ao longo de um tempo, passado um mês, os portugueses chegavam e diziam “olha, no início eu não gostava de você, mas agora eu gosto” [...] os portugueses que tinham aquela trava “ah, eles são chatos”, “ah, eles perguntam muito”, porque aqui não tem o costume de fazer muitas perguntas, né, “ah, eles querem interagir muito e isso me irrita”, sabe, essas coisas. E, ao longo do tempo, eu fui explicando, eu falei “gente, pensa, vocês estão aqui, na casa de vocês, vocês não tiveram que se mudar de país, eles [os brasileiros] tiveram que mudar tudo só para isso... então, o que eles querem é aproveitar o curso”.	no primeiro dia de aula, os portugueses olharam logo p’ra mim e me chamaram. Sem perguntar se eu era brasileira ou portuguesa – porque os brasileiros não estavam. Então, no princípio, eu me aproximei dos portugueses. Mas, então, passada uma semana ou duas, eu comecei a me relacionar com os brasileiros também. Logo, eu era a única da sala que mantinha relação com os dois grupos. [...] E, ao longo do tempo, eu fui mudando essa ideia da cabeça deles, e no final do curso meio que os brasileiros se juntaram ali com os portugueses. Foi engraçado ver essa transição entre os dois grupos
Sala de aula	Relação aluno professor como no Brasil [...] No Brasil a gente tinha o contato do whatsapp dos professores, você chamava, por exemplo, ao invés de professora Rosa chamava-a de “Rosinha”. Não era preciso ter toda essa formalidade	no início a gente teve muitas brigas em como tratar o professor... porque, pelo menos no Brasil a gente não tem aquela formalidade em tratar o professor na faculdade...	E os brasileiros não entendiam... e durante as aulas [os brasileiros] chamavam os professores de “José, Magalhães...”, com isso, os alunos [portugueses] ficavam bravos. Uma vez uma menina [portuguesa] se levantou e falou “Se vocês não tratarem o professor com respeito, vocês podem se retirar da sala” [...] ...”. Ocorreram alguns episódios de diferenças entre culturas, mas eu fui meio que mostrando o outro lado, para eles entenderem também que a gente [brasileiros] não tinha tanto o costume de tanta formalidade

Enquadramento das identidades - Maria

Contexto	Expectativas	Experiências	Identidade Situada
Sala de Aula, corredores, bar da faculdade	Quando eu entrei na faculdade, por exemplo, me falaram assim “Olha, quando um professor estiver num bar, quando ele estiver num restaurante, você nunca dirija a palavra p’ra ele. Porque é só dentro da sala, e existe um respeito muito grande”. E eu sentia que os professores “tinham esse respeito”,	até o dia em que eu quebrei esse gelo e falei “professor, posso conversar com você”. E os portugueses arregalaram o olho assim, sabe, como se fosse... então, eles [portugueses] começaram a ver que podia quebrar o gelo [romper uma barreira emocional], não é preciso ter aquela formalidade toda, sabe.	Então, eles meio que aprenderam com a gente.
Corredores, bar da faculdade; identidade de fronteira	porque aqui as pessoas são bem mais fechadas, acho que mais por isso. (estereótipos) [...]	Mas eu senti que deram maior abertura uns para os outros. Assim, principalmente os portugueses para os brasileiros, deram maior abertura na hora de conversar durante os intervalos. Por exemplo, as vezes quando eu sentava na mesa dos brasileiros, os portugueses ficavam “Nossa, trocou a gente!”, sabe, ficava aquela coisinha... Eu falava “Senta aqui”, eu os chamava, no início ficavam um pouco desconfiados, mas depois de um tempo eles foram se adaptando, e rindo... e no final já chegavam e diziam “Ah, eles são legais!”. Eles diziam “Nossa, ela me conhece a 2 dias e já conta essas coisas”, eu respondia “Gente é o jeito das pessoas”.	alguns brasileiros estavam de primeira (pela primeira vez em Portugal) eles não entendiam algumas expressões portuguesas e eu que ficava meio de câmbio entre eles. Quando os professores queriam dizer alguma coisa os brasileiros ficavam olhando para minha cara esperando, como se eu fosse a tradutora
Bar da faculdade, identidade de fronteira	Integração	Teve um episódio em que ele estava no bar da faculdade junto com os portugueses da sala dele que começaram a combinar um jantar, aí um deles falou “Ah, vamos só os portugueses, os brasileiros não”, mas na mesa do lado estavam todos os brasileiros da minha sala e as pessoas não gostaram	só como ele [o namorado] estava nesse meio, ele veio falar comigo. Olha, desculpa, a gente falou isso, mas não foi na intenção. Então, eu senti que aos poucos eu fui mudando a cabeça dele, mas através de um processo...
Corredos, Faculdade, movimento estudantil	Debate público sobre questões sociais, movimentação política entre jovens	E eu também fui muito de luta, de tipo bandeira, e essas coisas que as pessoas são zero (aqui), é muito raro você achar pessoas desse tipo, como a Ana Gomes que você conhece – ela é muito assim [de luta, de bandeiras],	g eu fiquei, tipo, muito feliz, por conhecer a Ana! Porque poucas pessoas que a gente conhece que lutam e tem essa delicadeza para lidar com algum tipo de questões, por exemplo, LGBT, a questão de racismo, enfim... Eu sinto que aqui não, eles lidam muito naturalmente, e não querem saber. E, aos poucos, eu fui percebendo que consegui colocar algumas sementinhas na cabeça deles, sabe. [...] Tanto que às vezes o Pedro, que é o meu namorado diz “lá vem você com as suas palestrinhas”, [leves risadas enquanto fala] e eu digo “é só com a insistência que você vai mudar o seu jeito” [...] e com a minha avó que é mais idosa, que é um pouco mais difícil, mas que ela, por exemplo, já não fala de certos assuntos comigo, porque ela sabe que eu não gosto

Enquadramento das identidades - Maria

Contexto	Expectativas	Experiências	Identidade Situada
Espaço Público, família – o retorno da identidade nacional de origem	Representação da mulher brasileira, estereótipos Então, tem uma frase, principalmente aqui na região norte e na região do centro, em Aveiro, de “que as brasileiras vinham para roubar os maridos das portuguesas”. E tinha uma confusão muito grande. E eu acho que é por isso que os portugueses têm essa imagem que brasileira é dada, é puta [não sei se posso falar isso].	São pequenas coisas que eles não levam a mal, mas que pronto... “ela é brasileira, mas é da minha família, ela tem educação”, tipo, como se brasileiros não tivessem. Sabe, então isso me incomoda muito. Mas que é o choque de culturas que eu tive também, por mais que a minha família seja toda portuguesa a do Brasil está um pouco mudada nesse sentido. [...] Uma vez a minha avó quando estávamos entrando num taxi, aí minha avó olhou para o homem e disse “Olha, ela é brasileira, mas é minha neta.”, e eu “Vó, nunca mais fala isso, porque só reafirma”, só reafirma do tipo “ela é puta, mas é minha neta”.	Então, essa ideia dos mais velhos é muito enraizada nisso [...] “Se é brasileira ela é fácil”, aquela cultura toda que a gente sabe que acham que é [estereótipos]. Mas que não, é só uma cultura diferente, como todas as culturas, e que nem todo mundo é dado, e nem todo mundo é isso, e se tiver de ser dado, é o que eu falo “deixa a pessoa ser dado” [risadas], qual o problema, não é? [...]
			<u>alguns</u> brasileiros estavam de primeira (pela primeira vez em Portugal) eles não entendiam algumas expressões portuguesas e eu que ficava meio de câmbio entre eles. Quando os professores queriam dizer alguma coisa os brasileiros ficavam olhando para minha cara esperando, como se eu fosse a tradutora
Bar da faculdade, identidade de fronteira	Integração	Teve um episódio em que ele estava no bar da faculdade junto com os portugueses da sala dele que começaram a combinar um jantar, aí um deles falou “Ah, vamos só os portugueses, os brasileiros não”, mas na mesa do lado estavam todos os brasileiros da minha sala e as pessoas não gostaram	só como ele [o namorado] estava nesse meio, ele veio falar comigo. Olha, desculpa, a gente falou isso, mas não foi na intenção. Então, eu senti que aos poucos eu fui mudando a cabeça dele, mas através de um processo...
Corredos, Faculdade, movimento estudantil	Debate público sobre questões sociais, movimentação política entre jovens	E eu também fui muito de luta, de tipo bandeira, e essas coisas que as pessoas são zero (aqui), é muito raro você achar pessoas desse tipo, como a Ana Gomes que você conhece – ela é muito assim [de luta, de bandeiras],	e eu fiquei, tipo, muito feliz, por conhecer a Ana! Porque poucas pessoas que a gente conhece que lutam e tem essa delicadeza para lidar com algum tipo de questões, por exemplo, LGBT, a questão de racismo, enfim... Eu sinto que aqui não, eles lidam muito naturalmente, e não querem saber. E, aos poucos, eu fui percebendo que consegui colocar algumas sementinhas na cabeça deles, sabe. [...] Tanto que às vezes o Pedro, que é o meu namorado diz “lá vem você com as suas <u>palestrinhas</u> ”, [leves risadas enquanto fala] e eu digo “é só com a insistência que você vai mudar o seu jeito” [...] e com a minha avó que é mais idosa, que é um pouco mais difícil, mas que ela, por exemplo, já não fala de certos assuntos comigo, porque ela sabe que eu não gosto

Enquadramento das identidades - Marcelo

Identidade Nominal	Identidade Visada	Previsibilidade	Imprevistos	Identidade Situada
Brasileiro, bacharel em relações internacionais, Ascendência portuguesa	Mestre na U Porto <u>sempre</u> quis fazer uma pós-graduação. E queria fazer uma pós-graduação no exterior – <u>conhecer</u> culturas, ser diplomata, falar línguas	Primeiro porque a minha área não é tão, vamos dizer assim, não é tão desenvolvida ainda no <u>Brasil</u> . <u>mas</u> decidi por Portugal – primeiro pela similaridade na cultura, também, porque <u>uma boa parte da minha família é daqui do norte mesmo de Portugal</u> . Então, decidi vir aqui para o Porto, é uma universidade muito conhecida na Europa [...] A minha vó ainda tem o sotaque... minha mãe não, minha mãe já perdeu. Faz muito tempo que ela está lá, ela se sente mais brasileira do que portuguesa.	Cosmopolitismo Conheci a minha namorada lá [em França], ela está até hoje comigo – ela é da Holanda. Ela foi estudar francês, e pronto [...] No início a dificuldade da língua, pois, eu não falava nada de francês. E os franceses são muito fechados em relação ao inglês, se você tentar falar em francês com eles vão tentar encaixar um inglês, <u>mas eles gostam mesmo que você tente falar o francês</u> .	<u>a</u> minha graduação (terminou em dezembro de 2018), e o meu mestrado que começou em setembro de 2019. <u>Nesse intervalo eu estive em França, para estudar francês, fiquei lá 6 meses</u> [...] Eu gosto muito de conhecer culturas, foi um dos motivos de eu ter estudado relações internacionais. O francês [a língua] nunca me encheu os olhos, eu fui para lá <u>para aprender o francês, porque tenho em minha cabeça um sonho de ser diplomata</u> . [...] Se você souber falar com eles, você vai ser <u>super</u> bem tratado. Depois que você se torna amigo deles, os franceses são muito gente boa! Mas antes tem aquela, aquela.... eles são mais fechados.
Ascendência Portuguesa (naturalização por linhagem de parentesco, identidade nacional reivindicada)	Diploma universitário, naturalização, conhecer novas realidades	<u>mesmo</u> no modo de falar, porque os portugueses têm uma maneira de falar, algumas palavras, alguns termos que não utilizamos no Brasil, ou que no Brasil são um pouco “grossos”. <u>eu</u> já tinha uma noção. Mas eu entendo que muitos brasileiros não sabem, eu entendo muito isso.	[<u>uma</u> colega de trabalho] ela me soltou essa pérola “nós é que somos os negros”, ali eu já percebi... e até mesmo uma menina portuguesa falou “Isso não é uma piada que se faça”, ela ficou calada, em silêncio. E, eu lembro, que logo no início, ela fez como uma piada, mas uma piada que, você percebe, que tem um fundo de verdade... que é o que muitos brasileiros ouvem “Volta para o seu país”, ela falou brincando comigo, mas eu percebo que...	<u>ajuda</u> no sentido de entender melhor como eles se expressam. [...] Eu digo Por exemplo, [...] <u>os meus colegas estão falando no telefone com um outro português mesmo, e surgem situações em que falam “ah, não interessa pra mim” – esse é um termo que no Brasil se a gente usar se torna um pouco grosso, mas para eles é algo normal</u> . E nós [brasileiros] estando cá pensamos “estão tratando um pouco mal a gente”. Mas na verdade é apenas o jeito deles. Existem outros termos que agora não me vem <u>a</u> cabeça, mas que... [<u>no</u> meu trabalho, no meu trabalho as pessoas também são muito gente boa. Eles até imitaram o sotaque do Brasil, porque eles gostam muito, ainda mais do Rio. Porque eu sou do Rio, e sempre estou falando... eles são muito simpáticos, muito acolhedores. [...] Identidade de Fronteira Eu tento de alguma maneira falar que isso não é legal, tento mostrar de uma maneira mais educativa, tento falar como muitos portugueses fizeram o mesmo fluxo que os brasileiros, a minha mãe, os meus avós são o exemplo disso.

Enquadramento das identidades - Marcelo

Contexto	Expectativas	Experiências	Identidade Situada
Porto, Vila Nova Gaia	Esse também é um dos problemas do Porto! Se você for depender de um aluguel, o que eles chamam de arrendamento, vai ser impossível, você tem de trabalhar ou ter condições muito boas no Brasil.	A cidade tem tudo o que eu preciso, as coisas são perto uma da outra. E eu moro em Gaia, não moro no Porto. Em Gaia é um pouco diferente, no Porto o transporte público é um pouco mais estruturado, em Gaia, aonde eu moro, fica um pouco a desejar em transporte público... mas eles estão se estruturando	os brasileiros são muito mais amigáveis. O pessoal daqui do Norte também é amigável, não é como Lisboa onde as pessoas são um pouco mais fechadas. Mas no Norte as pessoas são mais tranquilas [...] Mas o que mais eu sinto falta é a temperatura, o clima, porque aqui chove muito, sempre está meio cinza (como hoje). E o tamanho da cidade, porque adoro cidade grande, sou nascido e criado numa, então, o Porto fica a desejar em relação a isso, mas isso não tem nada a ver com a cidade né [...] A minha vizinhança é muito boa, eu moro num prédio. Eu tenho uma vizinha que é brasileira, até ela acabou de abrir um restaurante, ela é casada com um português – são super gente boa. A minha vizinha de frente é portuguesa, também é muito gente boa – não conversa muito, mas acho que é da personalidade dela. E com os outros, eu conheço uma das pessoas que administram o prédio, porque eles têm um café entre um prédio e outro – também são muito gente boa, sempre recebem minhas encomendas quando não estou, são super atenciosos
Faculdade de Letras, curso de história e relações internacionais	Na graduação no Brasil [...] o passo a passo com a coordenação foi muito próximo, a minha própria professora era coordenadora. Tive professores muito bons na graduação e tudo foi muito próximo. Tínhamos um contato muito próximo com os professores. Eu não sei em outras universidades, porque a única experiência que eu tive foi lá na Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro.	aqui eu sinto que não existe tanto essa proximidade. Nosso coordenador de curso, o professor x, ele sim, ele é muito acessível. Ele é muito ocupado, mas sempre que dá ele tenta nos ajudar de alguma maneira. Inclusive na época em que tive problema na minha tese, pois, eu quis trocar [o tema] e ele foi muito atencioso. Mas de modo geral os professores são mais fechados, não gostam dessa relação aluno e professor. Acho que essa é a maior diferença.	Sempre correndo atrás dos professores, né. Sempre que eu preciso, nunca tive medo dessas coisas [relações hierárquicas], sempre perturbava eles por e-mail ou até procurava eles durante as aulas. Procurava e no final dava certo! Podia ser melhor, mas...
Estudante em Portugal, recepção U Porto, sala de aula, Identidade de Fronteira	no dia eu fui sozinho, não conhecia ninguém. Conhecia uma menina, mas ela era de outra faculdade... a Ingrid, brasileira também, ela veio e ficamos juntos naquele momento. [...] Eu já a conhecia no Brasil, ela estudava na U Veiga de Almeida, ela fazia engenharia...	aquele dia inaugural, que recebemos um kit de boas vindas, e tudo mais. Teve lá o reitor da universidade. Foi bem legal, teve música e tudo mais, foi bom para confraternizar, com os colegas [...]	Quando eu estava na França, ela me perguntou, porque ela sabe que tenho familiares portugueses, e ela perguntou como é que funcionava aqui na Universidade do Porto, como eu fiz a inscrição, ela já sabia que eu tinha sido aceite no mestrado. Nisso eu a ajudei, na forma como eu pude [...] A minha relação sempre foi muito boa, a maior parte da turma era de brasileiros. Por volta de 30 alunos, apenas 3 ou 4 portugueses, 1 alemão, 1 ganês, 1 angolano. Já de Erasmus 1 ucraniana e um polonês, que também foi uma relação muito boa. Os portugueses da minha sala também eram muito gente boa! Uma era ativista política, e a outra era de Viana do Castelo (se não me engano a mãe é francesa).

Enquadramento das identidades - Margarida

Identidade Nominal	Identidade Visada	Previsibilidade	Imprevistos	Identidade Situada
Brasileira, de Santos, São Paulo. Estudante de direito, Casada, marido português.	Professora de direito, identidade migratória-cosmopolita	dentro de todas as opções o direito era o que mais me saciava, em todos os sentidos, na minha questão sociológica, na minha questão política, na minha questão do que eu sou, porque eu gosto muito de falar. Mas eu gosto de falar coisas que interessem, e eu quero ajudar as pessoas (eu tenho muito isso dentro de mim) . Mas eu sempre quis ir para o lado acadêmico, sempre quis ser professora (no direito). [...] (Eu) não me vejo em nenhum outro lugar se não for na Faculdade de Direito!	Entrei aqui na faculdade de direito da Universidade do Porto e eu não encontrei o meu lugar lá!	Quando eu volto para o Brasil em 2017 eu faço transferência para a PUC-RS, e lá eu encontro o meu lugar. [...] Eu volto pra cá, tento acabar o curso na Lusófona, para acabar o curso de uma vez, mas não consigo... não me adapto ao ensino daqui, não tem nada a ver comigo, e eu consigo, por conta da pandemia (foi uma coisa positiva que veio nessa pandemia), continuar o curso de direito na PUC-RS on line – a qual vou terminar no final desse ano. Olha, o que provavelmente vá acontecer quando eu me formar é que eu vá fazer a prova da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) no Brasil. Daí eu vá ter que fazer a equivalência da prova daqui, muito provavelmente eu vá fazer só para exercer para ajudar imigrantes que não tenham condições, ajudar com imigração.
Brasileira, de Santos, São Paulo. Estudante de direito,	Professora de direito	Os professores no Brasil são muito mais próximos, eles te convidam para tomar um café, eles dão risada com você, eles se tornam seus amigos (de beber cerveja, alguns são malucos até [risadas]) [...]	Essa questão hierárquica, absolutamente desgastante dos professores com os alunos, sendo portugueses ou não. Mas é óbvio que você sendo brasileiro...	o que eu posso te falar é pelo curso de direito. Acredito que os professores das artes, assim, devem ser diferentes! Isso tem que ficar muito claro, que estou a falar do curso de direito. O curso de direito atrai um tipo de pessoa que tem o ego muito inflado, aqui [em Portugal] também. Eles se sentem superiores às demais pessoas da sociedade, e não é só aqui. Atenção que essa visão de se sentir superiores está presente em outros lugares, “Ah, eu sou doutora”, “Ah, eu sou advogada” [...]
Casada, laço de parentesco e identidade migratória	Identidade-cosmopolita	Por ele ser português, a mãe dele já tem uma certa idade... e a casa dele é aqui. Então, ele falou assim “Amor a gente vai ter uma qualidade de vida muito superior lá, vamos ter tranquilidade e tudo” . Nós voltamos por essas razões, porque sim de fato Portugal é um país muito mais agradável a nível de qualidade de vida – e voltamos por conta disso, por meu marido ter as raízes dele aqui.		Já, eu sou descendentes de italianos e portugueses. Inclusive eu sou mais ibérica do que o meu marido [...] eu tenho ascendentes dos Açores e, acho, da região Norte de Portugal Continental. O meu avô era português, o meu bisavô era português

Enquadramento das identidades - Margarida

Contexto	Expectativas	Experiências	Identidade Situada
No trabalho, loja na cedofeita		As pessoas passam lá na loja e deixam balinha pra mim... porque eles gostam! Ser brasileira nessas horas ajuda, por conta do atendimento. Cantam música do Brasil, do nada [risadas]. Teve uma cliente que falou assim “Olha, escuta, tá a ouvir essa música?”, eu disse “Tou”, ela respondeu “Muito feia na voz de um português! Agora canta você”, e eu comecei a cantar para ela. A senhora respondeu “Olha só, você é a minha cantora”. E assim, não posso falar mal de Portugal, porque o meu marido é português, a minha sogra é portuguesa, o meu sobrinho é português, a minha cachorra Lorca, que está latindo, é portuguesa [risadas].	Na loja em que eu trabalho está indo super bem, antes de eu entrar as vendas eram sempre as mais baixas frente as outras lojas... agora, comigo é sempre a primeira em vendas! [...] , antes da faculdade de direito eu fiz o curso técnico de moda. Eu achava que ia chegar na loja sabendo tudo de moda, e minha chefe começou a me explicar conceitos que eu nunca tinha visto. E eu falava “Mas no Brasil a gente não faz assim”, e ela respondia “Mas eu vou te ensinar”. De fato, o visual merchandising daqui, o público daqui... Ela me chama p’ra almoçar, me incentivou para cuidar mais de mim mesma, me ensinou a fazer exercícios físicos, a comer melhor. Identidade cosmopolita
Teatro Universitário		Ah, eu não posso deixar de falar. Eu participei do teatro universitário, e eu conheci portugueses muito doces. O pessoal do teatro era muito doce, até hoje se eu os encontrar na rua eles são... porque é um pessoal mais sensível, sei lá uma sensibilidade ali fantástica	Identidade cosmopolita
Sala de Aula Faculdade de direito; vida privada (restaurante com o marido)	Proximidade com os professores, horizontalidade nas relações profissionais e de formação (aversão a hierarquia)	Não posso deixar de dizer, uma professora maravilhosa que eu tive no direito da U Porto. Porque no dia que eu falei p’ra ela “Professora, está havendo caso de xenofobia, tá havendo racismo”, ela parou a aula dela e ela falou “Estou sabendo que está havendo casos de xenofobia, racismo aqui dentro. Isso aqui não é lugar pra isso. Todo mundo aqui é igual e eu sou igual a vocês”. A prova dela era justa, essa professora é um ícone, o que todos deveriam ser!	Porque eu queria servir o meu país, eu queria servir como profissional ao meu país – no direito, como professora. Aqui eu não tenho carinho pela legislação, eu não tenho proximidade com isso [...] aqui é Sr. doutor, Sr. Arquiteto, Sr. Engenheiro. Meu marido, esses dias.... as pessoas por me verem mais nova acham que sou filha dele, ou que estou me aproveitando dele e se dirigem a ele como “Sr. Doutor”... ele fez enologia, mas não chegou a se formar. E, um dia, uma pessoa o tratava como “Sr. Doutor” e seu como “tu” [...] Na quarta vez que a pessoa falou isso eu falei “Olha, quem tem graduação aqui sou eu, ele não.” [...] daí a pessoa ficou olhando assim... Se ele falasse “Posso te chamar de tu?” eu teria dito “Claro, pode me chamar de Nat. Pode ir pegar um açúcar em casa...”, eu sou assim. Mas ele estava a me tratar “menos” do que o meu marido, inclusive – por ser mulher, por ser brasileira? Não sei, mas daí eu tive que “subir no salto”, entendeu.

Anexo 6 - Quadro para Análise de Conteúdo a partir do esquema teórico de Dubar (1997, 2006)

Trajectoria da Dualidade do Eu

Trajectorias Sociais – biografia, cenas da vida cotidiana, luta pelo reconhecimento – percursos identitários	Identidade Nominal Categorias, classificações, rótulos, estereótipos	Identidade Virtual Experiências Interacionais	Identidade para si (Auto-Identidade) – biográficas, marcadas pela trajetória	Identidade para os Outros – contexto histórico – variam conforme o contexto (e.g., sou brasileiro, mas...)
			Estratégias Internas – Identidades Herdadas e Identidades Visadas – transação subjetiva	Estratégias externas (Adaptações aos Outros – práticas estratégicas) – transação objetiva
			aceitação ou negação conforme a força do contexto, a capacidade de reflexão e poder do grupo	aceitação ou negação conforme a força do contexto, a capacidade de reflexão e poder do grupo
			Atos de pertença – que tipo de persona o indivíduo quer ser – identidades herdadas e visadas, dependem da validação	Atos de apresentação – quem o indivíduo é no cotidiano (apresentação da personalidade, performance dialógica)

Anexo 7 - Observando as Identidades

